



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ENTRE BORDADOS, CADERNOS E ORAÇÕES: A EDUCAÇÃO DE
MENINAS E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ORFANATO DE SÃO CRISTÓVÃO E
NA ESCOLA DA IMACULADA CONCEIÇÃO (1922-1969)

JOSINEIDE SIQUEIRA DE SANTANA

**São Cristóvão –SE
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ENTRE BORDADOS, CADERNOS E ORAÇÕES: A EDUCAÇÃO DE
MENINAS E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ORFANATO DE SÃO CRISTÓVÃO E
NA ESCOLA DA IMACULADA CONCEIÇÃO (1922-1969)**

Josineide Siqueira de Santana

Dissertação submetida à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe, em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e coorientação da Prof^a. Dr^a. Verônica dos Reis Mariano Souza.

**São Cristóvão- SE
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S232e Santana, Josineide Siqueira de
Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas educativas no Orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922-1969) / Josineide Siqueira de Santana. – São Cristóvão, 2011.
149 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2011.

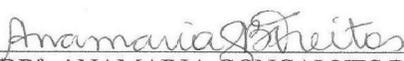
Orientador: Prof^a Dr^a Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas.

1. Educação – São Cristóvão (SE) – Sergipe. 2. Educação feminina. 3. Cultura. I. Título.

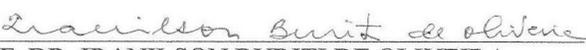
CDU 37(813.7)(091)

“ENTRE BORDADOS, CADERNOS E ORAÇÕES: A EDUCAÇÃO DE
MENINAS E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ORFANATO DE SÃO
CRISTÓVÃO E NA ESCOLA DA IMACULADA CONCEIÇÃO (1922-1969)”

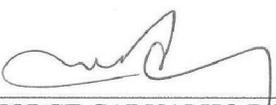
APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
01 DE ABRIL DE 2011



PROF.^a. DR.^a. ANAMARIA GONÇALVES BUENO DE FREITAS



PROF. DR. IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA



PROF. DR. JORGE CARVALHO DO NASCIMENTO

SUPLENTE

Para Mainha,
Que me ensinou a amar.

Para Tia Lia,
Que me ensinou a estudar.

Faça poucas coisas, mas as faça bem.

Cântico Franciscano

AGRADECIMENTOS

Chegar aqui hoje exigiu paciência, dedicação e compromisso. Tiveram dias de angústia e medo, outros de imensa alegria. Novas descobertas, novos companheiros de viagem, em uma turma tão diversa. Enfim, em todos os momentos nunca me senti só. Sempre contei com gente amada e querida que acreditava “naquela menina que queria ser professora”. Para vocês o meu agradecimento e a certeza de que foi muito bom compartilhar esse momento da minha vida.

O meu profundo agradecimento à Professora Doutora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas que abraçou desde o primeiro momento o meu estudo. Não poupou esforços para me orientar, sempre com um livro novo, sugestões e um comprometimento sem igual. Com ela compartilho todos os frutos desse trabalho.

À Professora Doutora Verônica dos Reis Mariano Souza que mesmo com muitas tarefas assumiu minha co-orientação, sempre contribuindo para que o trabalho fosse o melhor possível. Para ela, amiga de caminhada e de viagens historiográficas, o meu agradecimento mais profundo.

Ao Professor Doutor Jorge Carvalho do Nascimento pelas contribuições dadas bem antes de minha aprovação no Mestrado. Pela leitura atenta e pelas sugestões. Suas preleções são um espetáculo à parte.

Ao Professor Doutor Iranilson Buriti pela disponibilidade, sensibilidade e atenção na leitura de meu texto. E por me mostrar que História, saber e sensibilidade podem ser bons amigos.

Às Professoras Doutoras Josefa Eliana de Souza e Yolanda Dantas pela leitura atenciosa e pelas contribuições que me foram apresentadas.

Às Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus da Província de Santa Cruz (Sergipe/Bahia), em especial: Ir. Dolores Oliva, minha companheira de aventura nos arquivos da congregação; Ir. Lourdes Rodrigues que apoiou a pesquisa desde o momento que a conheceu, abrindo as portas do Lar da Imaculada Conceição para “uma garota curiosa”; Ir. Celestina Rodrigues (In Memoriam), que queria ser equilibrista e se tornou educadora e religiosa. Nunca esquecerei de nossas conversas nas tardes quentes de São Cristóvão; Ir.

Tereza Mendonça que me falou sobre o cotidiano daquela casa de educação e dos anos em que esteve à frente do Orfanato da Imaculada Conceição.

Ao Frei Roberto Oliveira, OFM (Província Santo Antônio do Brasil- Recife/PE) que generosamente me concedeu os necrológios dos frades fundadores do Orfanato de São Cristóvão.

As minhas queridas “meninas/mulheres do Orfanato de São Cristóvão”: Marieta, Maria Aparecida, Madalena, Eliene, Joelina que não só abriram suas casas, mas uma parte de suas vidas e compartilharam comigo suas alegrias, tristezas, derrotas e vitórias, para elas, o meu agradecimento e certeza de dias melhores.

À Professora Delfina Couto, secretária da Escola do Lar da Imaculada Conceição pela receptividade com que me acolheu e proporcionou a realização dessa pesquisa.

Aos amigos da turma do Mestrado de 2009, pela alegria nas aulas, pelo convívio sempre construtivo e pela possibilidade de estender minha relação de amigos.

Às amigas Nadja Bonifácio e Mariângela Dias que compartilharam comigo tantas viagens, tantos congressos, e o enorme desejo de aprovação no Mestrado.

Ao querido Alexnaldo Neres, um apaixonado por História e por São Cristóvão, foi elo importante que me uniu as histórias do orfanato. Depois de tantas conversas, e muitos dias ensolarados, eu terminei. E aqui registro o meu profundo agradecimento e carinho.

Aos queridos Helder Tavares, Patrícia Batista e Hosenilde Vasconcelos. Muito obrigada pela amizade em dias de “sol e chuva”.

A minha querida Cícera que muitas vezes foi conselho certo nas horas mais incertas.

À Dr^a Márcia Aragão que cuidou de minha saúde e me passou a confiança necessária para seguir na seleção do Mestrado.

Aos meus colegas de trabalho Jossineide Souza (A Pequena Notável), Erivanaldo Costa, Joana Paula, Maryane Silveira, Arlenclay Couto e Valdenice Protázio, pela torcida de vocês e como eram solidários quando depois de horas de aula na Universidade, nos encontrávamos na sala dos professores e vocês me davam força para continuar no caminho que no final tudo daria certo.

Aos irmãos e irmãs da Fraternidade Monte Alverne de Aracaju pelo carinho e torcida constante. Em especial aos amigos de toda uma vida: Linalva, Rafael, Gilva, Fernando, Sílvia Crisóstomo, Maria José, Elísio Mariano, Raimunda e Marta Simone.

Ao meu irmão Marcelo que sempre torceu por mim, “chovesse ou fizesse sol”.

A Amanda, minha irmã, que muito me ajudou, quando o cansaço já não deixava que eu entendesse as palavras escritas no computador, era dela a mão amiga. Serei grata eternamente.

A Rose, que se encontrou nas linhas da História da Educação. Essa história também é para você.

Aos meus amados Pedro e João Antônio que sempre me esperavam ao final de cada dia com um gostoso “oi tia!”. A eles, o meu profundo desejo de sonhos realizados e dias de paz.

A Deus, Senhor e Pai de minha História.

RESUMO

O presente trabalho discute a educação feminina nas instituições católicas Orfanato de São Cristóvão e Escola da Imaculada Conceição. O Orfanato de São Cristóvão foi fundado em 1911 e tinha como objetivo o acolhimento de meninas desvalidas, em 1922 devido à necessidade de criação de uma escola, a instituição recebeu as Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus que chegavam com o objetivo de dirigir ambas as instituições. Tem como objetivo principal investigar as práticas educativas desenvolvidas nestas instituições, no período de 1922 a 1969, por representar dois momentos de relevante importância: a chegada das religiosas missionárias e a mudança da nomenclatura da instituição que passou de Orfanato de São Cristóvão para Lar da Imaculada Conceição. O trabalho investiga a cultura escolar católica feminina no decorrer de 47 anos, com base nos documentos produzidos pela própria instituição, no Instituto Histórico Geográfico de Sergipe (IHGS), Setor de Documentação Sergipana da Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe (BICEN), no Arquivo Público de Sergipe (APES), Arquivos das Províncias Religiosas de Santa Cruz das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus e Santo Antônio do Brasil dos Frades Menores Franciscanos e nas memórias de ex-interna, ex-professoras e religiosas.

Palavras-chave: História da Educação, Orfanato, Educação Feminina, Cultura Escolar, São Cristóvão.

ABSTRACT

This paper discusses the education women in the catholic institutions São Cristóvão Orphanage and Imaculada Conceição School. The São Cristóvão Orphanage was founded in 1911 and aimed to accommodate abandoned girls, in 1922 due to the necessity to start a school, the institution received the “Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus” that come with the intention to manage both institutions. Its main objective was to investigate the educational practices developed in these institutions during the period 1922 to 1969, represented by two moments of great significance: the arrival of religious missionaries and change in the name of the institution that moved from “São Cristóvão Orphanage” to “Lar da Imaculada Conceição”. The paper investigate the school culture in the teaching women catholic over 47 years, based on documents produced by the institution itself, in the Instituto Histórico Geográfico de Sergipe de Sergipe (IHGS), in Arquivo Público de Sergipe (APES), Arquivo das Províncias Religiosas de Santa Cruz das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus and Santo Antônio do Brasil dos Frades menores Franciscanos and in the memories of ex-boarders, ex-teachers and religious.

Keywords: Education History, Orphanage Women Education, Culture School, São Cristóvão City.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: A Leitura de Renoir.....	15
Figura 2: Limpando os Metais de Armando Vianna.....	32
Figura 3: Primeiras crianças abrigadas no Orfanato de São Cristóvão.....	40
Figura 4: Dom Amando Balhamnn.....	47
Figura 5: Madre Maria Imaculada.....	49
Figura 6: Conjunto Urbanístico de São Cristóvão.....	51
Figura 7: Irmã Batista da Silva.....	56
Figura 8: Irmã Úrsula Luttig.....	56
Figura 9: Irmã Scholástica Hilmer.....	57
Figura 10: Dom José Thomaz.....	59
Figura 11: Vista Frontal da Escola da Imaculada Conceição.....	63
Figura 12: Mapa de Procedência das internas do Orfanato de São Cristóvão.....	72
Figura 13: Vista Frontal do Lar da Imaculada Conceição.....	77
Figura 14: Plano Urbanístico da Cidade de São Cristóvão.....	79
Figura 15: Hall de entrada do Lar da Imaculada Conceição.....	80
Figura 16: Professora Maria P. Monteiro e alunas do Orfanato de S. Cristóvão.....	95
Figura 17: Capa de obra João Bolinha.....	115
Figura 18: Desfile Cívico.....	119

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Fundações Educacionais das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição no Brasil.....	50
Quadro II – Sócios efetivos da Sociedade Orfanato de São Cristóvão.....	61
Quadro III – Disciplinas oferecidas nas instituições católicas.....	64
Quadro IV – Mobiliário, utensílios e material didático de uso permanente da Escola da Imaculada Conceição.....	86
Quadro V – Rotina das Internas do Orfanato de São Cristóvão.....	101
Quadro VI – Festas Cívicas comemoradas no Orfanato de São Cristóvão.....	120
Quadro VII – Festas Religiosas comemoradas no Orfanato de São Cristóvão.....	123
Quadro VIII – Relação de saídas e expulsões do Orfanato de São Cristóvão.....	128

LISTA DE SIGLAS

APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe

BICEN – Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe

BPED – Biblioteca Pública Epifâneo Dórea

FEBEM – Fundação de Bem-Estar do Menor

FUNABEM – Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor

FAO – Organização para alimentação e Agricultura

IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

OFM – Ordem Frades Menores

PRM – Partido Republicano Mineiro

PRP – Partido Republicano Paulista

SAM – Serviço de Atendimento ao Menor

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Fontes para a História da Educação.....	1
---	---

CAPÍTULO I – “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.....

1.1 – Fontes para a História da Educação Feminina.....	16
1.2 – Aspectos da educação/instrução das mulheres.....	22
1.3 – “Menina que sabe muito, é menina atrapalhada. Para ser mãe de família saber pouco ou quase nada.”.....	32

CAPÍTULO II – “FREIRINHAS DE OLHOS DE CONTAS AZUIS”: AS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO E EDUCAÇÃO FEMININA NO ORFANATO DE SÃO CRISTÓVÃO E NA ESCOLA DA IMACULADA CONCEIÇÃO.....

2.1 – D. Amando Bahlmann, a criação da congregação e trajetória das pioneiras.....	46
2.2 – Meninas que chegam e freiras também...:criação do Orfanato de São Cristóvão e a chegada das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.....	52
2.3 – “Ensino Científico e Ponto de Marca”: a escola para meninas órfãs.....	63
2.4 – Perfil familiar das internas.....	70
2.5 – Da administração do Orfanato e da Escola da Imaculada Conceição.....	79

CAPÍTULO III – MEMÓRIAS DE MENINAS: REVIVENDO AS HISTÓRIAS DE VIDA AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ORFANATO DE SÃO CRISTÓVÃO.....

3.1 – “Tenho comigo as lembranças do que eu era”: memórias de menina.....	98
3.2 – “Todo dia ela faz tudo sempre igual”: educação feminina, sexualidade e casamento.....	108
3.3 – “A cada pirueta que você dá”: práticas educativas, travessuras e brincadeiras.....	113
3.4 – É dia de festa...: as comemorações no Orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição.....	120
3.4.1 – “Marcha soldado, cabeça de papel”...: as celebrações cívicas na Escola da Imaculada Conceição.....	121
3.4.2–Orai por nós: celebrando a religiosidade.....	126
3.5 – “Começaria tudo outra vez”...: a vida longe de casa.....	130

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	138
ANEXOS.....	152

INTRODUÇÃO

O presente trabalho inclui-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Nova História e História Cultural e tem sua fundamentação teórica nas pesquisas relacionadas à História da Educação, Educação Feminina e Cultura Escolar produzidas por pesquisadores, tais como: Almeida (1998, 2007); Souza (2000); Lopes e Galvão (2001); Nunes (2008); Freitas (2002); Julia (2001), dentre outros. Neste estudo pretendeu-se analisar a educação feminina no âmbito da orfandade, observando, sobretudo, a educação transmitida às meninas no Orfanato de São Cristóvão em Sergipe e o que essa educação significou para aquelas órfãs.

Nosso marco temporal está definido entre os anos de 1922, ano da chegada das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus a Sergipe; e 1969, ano em que Orfanato de São Cristóvão sofre a mudança de nomenclatura e passa a se chamar “Lar da Imaculada Conceição”. Torna-se necessário, para uma melhor compreensão das práticas educativas existentes na referida instituição, um estudo sobre a Escola da Imaculada Conceição, criada em 1923 com o objetivo de educar as órfãs que ali viviam.

Na busca pelo entendimento das questões que envolviam a educação de órfãs, pensamos nas escolas confessionais católicas, tendo em vista que um grande número delas se estabeleceu no estado de Sergipe no início do século XX¹. Congregações como os Salesianos,

¹ Criada em 03 de janeiro de 1910, a Diocese de Aracaju teve como seu primeiro bispo o potiguar Dom José Thomaz Gomes da Silva. Foi justamente durante sua estada que a maioria das congregações religiosas chegaram a Sergipe e com elas trouxeram seus modelos educacionais. A criação dessas escolas, bem com a chegada dessas congregações só foi possível através da ação do então bispo. Apenas os colégios Nossa Senhora de Lourdes e o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora não foram criados durante seu bispado. Vale informar que neste período a Igreja vinha colocando em prática o chamado Projeto Romanizador, ou seja, desde o Concílio de Trento (1545), a instituição tentava buscar novas orientações para os seus fiéis e ministros. Problemas como o desregramento do clero, atividade clerical remunerada, tráfico de objetos sagrados, faziam com que a Igreja perdesse um número significativo de fiéis. A falta de seminários e ação dos leigos junto a realizações dos cultos populares também endossavam a lista de problemas elencados pela Sé Romana. Apesar dos esforços, os problemas continuaram e houve a necessidade da convocação do Concílio Vaticano I (1869-1870). Neste concílio foi definido entre outras coisas: o dogma da infalibilidade papal. No Brasil o referido movimento foi abraçado pela Igreja Católica na segunda metade do século XIX, tomando corpo na Primeira República, ficando conhecido como Ultramontanismo ou Romanização. A partir desse momento, o Papa seria o centro da Igreja Católica Apostólica Romana. Nesse processo a Igreja apresentava o desejo de ter o mundo guiado por seus ensinamentos e para isso, faria uso das cartas pastorais, cerimônias litúrgicas, exaltação de novas devoções como a do Sagrado Coração de Jesus, divulgada pelos jesuítas desde o século XV, propagação do Apostolado da Oração, combate a determinadas devoções como Santo Antônio Casamenteiro (passou a ser Doutor da Igreja), Nossa Senhora, passou de madrinha a intercessora. A necessidade de estabelecer uma fé católica “pura” constituiu em excluir elementos do catolicismo luso-brasileiro, pois apesar do mesmo não apresentar oposição à prática sacramental e à autoridade clerical, legava-os a um segundo plano. É nesse contexto que chegam ao Brasil novas ordens e congregações religiosas, masculinas e femininas, para o estabelecimento das novas formas devocionais, agora europeizadas e distantes do que o povo estava acostumado. Em Sergipe todas essas mudanças

Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo (Camilianas), Congregação de Santa Teresinha (As Teresinhas), a Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Bom Conselho e as Irmãs Religiosas do Santíssimo Sacramento (Sacramentinas) deixaram marcas do seu modo de educar. Até em algumas escolas não confessionais, o modo católico de ensinar vigorou por muitos anos; mesmo no período republicano em que se pregava uma escola laica, a presença da Igreja Católica se fazia visível e determinante. Após detectarmos a presença das referidas congregações e suas respectivas instituições, passamos a observar quais se dedicavam apenas à educação feminina, desvalida no início do século XX. Assim chegamos a duas: o Oratório Festivo São João Bosco, em Aracaju, e o Orfanato de São Cristóvão, no município de mesmo nome.

No caso do Oratório Festivo São João Bosco, fundado por Dona Genésia Fontes em 1914 e dirigido atualmente pelas Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo, sua criação partiu:

[...] da iniciativa da Associação das Damas de Caridade de Aracaju no início do século XX sob a orientação do Pe. Salesiano Aníbal Lazzari com o intuito de oferecer orientação religiosa a meninas aos domingos e dias santificados. [...] A instituição era parte integrante da Congregação Salesiana, e como tal, estava sob sua direção geral, seguindo os preceitos de D. Bosco em seus ensinamentos e atividades festivas.²

Quanto ao Orfanato de São Cristóvão sua fundação ocorreu em 1911, graças à iniciativa da enfermeira Dona Josefa Felizarda e dos frades franciscanos Frei Cornélio Neises e Frei Elias Essafeld, ambos da Ordem dos Frades Menores (OFM). A instituição apresentava como objetivo primordial “amparar crianças órfãs, preferencialmente meninas.”³ Em 1922 a casa de educação passou a ser dirigida pelas Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. As irmãs em São Cristóvão também se encarregaram da criação do Colégio Nossa Senhora do Carmo, estabelecimento destinado à educação feminina de elite.

Sob a competente direção das beneméritas Irmãs Clarissas Concepcionistas, desde o ano passado, já vem funcionando em São Cristóvão, esse estabelecimento de instrução. Os mais eficazes resultados fazem sentir entre

foram acolhidas e incentivadas pelo então bispo diocesano D. José Thomaz, inclusive no tocante à implantação dos colégios confessionais. Essas instituições educacionais priorizavam: as práticas religiosas dando ênfase aos cultos oficiais, as novas devoções e o cumprimento dos sacramentos, dentre outros. Maiores informações ver: SANTANA, Josineide Siqueira de. **Em novos tempos de Fé...:** aspectos das mudanças da Igreja e religiosidade popular católica em São Cristóvão: SE (1911-1926). São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2000. (Monografia). p. 1-7.

²BONIFÁCIO, Nadja Santos, SANTANA, Josineide Siqueira de. Leitura, Escrita, Cantos e Orações: A formação de meninas no Oratório Festivo São João Bosco. In: **II Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão. Anais do II Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão: UFS, 2008, p.03

³ MONTEIRO, Maria Paiva. Relato escrito, datilografado e assinado pela professora. São Cristóvão: s.n.t, 24 de novembro de 1993.

a mocidade da ex-capital. Este ano, além de externato, as dignas religiosas recebem um limitado número de alunas internas. Encarecidamente, recomendamos aos senhores pais de família este educandário religioso onde se lecionam todas as matérias dos institutos oficiais, além da música e prendas. As religiosas que o dirigem, verdadeiras heroínas do trabalho, impõem-se a admiração de todos que visitam o estabelecimento⁴.

A referida escola funcionou no prédio do Convento do Carmo e uma parcela renda obtida pelo pagamento das mensalidades era utilizada para as despesas da instituição e outra parcela revertida ao Orfanato de São Cristóvão. Assim, notamos um movimento através do qual primeiro surge à instituição voltada para meninas pobres e depois outra, cujo foco será a educação de elite. O Colégio do Carmo, como era conhecido, encerrou suas atividades em 1º de outubro de 1949, época em que o prédio fora destinado ao noviciado da referida congregação.

Vale ressaltar que essa era uma prática bem comum na maioria das escolas confessionais voltadas à educação feminina da elite: dispor de uma escola em anexo, destinada às meninas pobres e desvalidas; porém, essas escolas não se configuravam em asilos ou orfanatos, pois a ajuda de algumas se resumia apenas à concessão de vagas para um número resumido de meninas. Esse modelo é visível, em diversas regiões do Brasil, como por exemplo, no Colégio Nossa Senhora das Neves⁵, coordenado pela Diocese da Paraíba, em 1897 e, segundo o que informa o artigo 6º do seu regulamento nos informa que “na classe das internas, poderia haver admissão gratuitamente de duas órfãs desvalidas; na classe das semi-pensionistas, três, e na das externas, seis.”⁶ Assim também ocorreu nas instituições estabelecidas em Sergipe, como o Colégio Nossa Senhora de Lourdes que manteve a Escola Nossa Senhora do Bom Conselho, cuja finalidade era a “oferta de formação mínima às

⁴ Jornal A Cruzada em 24 de fevereiro de 1924. Ano VI nº 09 p. 03. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Pública Epifâneo Dórea.

⁵ O Colégio Nossa Senhora das Neves da Parahyba do Norte foi fundado em 1858, pelo então Presidente de Província Henrique de Beaurepaire Rohan e diferentemente do Lyceu Parahybano (direcionada a educação masculina) estava voltado à educação das meninas da elite. Embora seu decreto de fundação o classificasse enquanto escola pública, o mesmo era subsidiado pelo governo, mas atendia prioritariamente a elite feminina da província. Para dirigir a instituição foram convidadas as religiosas da Ordem das Damas do Coração Eucarístico, mas no início do século XX a direção da casa de educação passou para a Ordem da Sagrada Família. Maiores informações consultar: EGITO, Philipe H. Teixeira A Instrução feminina na capital da Província da Parahyba do Norte. PINHEIRO, Antônio Carlos F. FERRONATO, Cristiano. **Temas sobre a Instrução no Brasil Imperial (1822-1889)**. João Pessoa: Editora Universitária, 2008. p.125-144.

⁶ EGITO, Philipe H. Teixeira. A Instrução feminina na capital da Província da Parahyba do Norte. PINHEIRO, Antônio Carlos F; FERRONATO, Cristiano. **Temas sobre a Instrução no Brasil Imperial (1822-1889)**. João Pessoa: Editora Universitária, 2008 p. 127

meninas pobres”⁷, sendo o mesmo identificado no Colégio Nossa Senhora das Graças, em Propriá/SE onde:

[...] as irmãs foram, logo no ano de 1916, abrindo a Escola Santo Antônio, uma instituição gratuita. O problema, então, estendeu-se para a separação: de um lado, as filhas da elite e, do outro aquelas, mais desprovidas socialmente. Ao que tudo indica, as alunas das duas instituições eram educadas por membros da mesma congregação; porém, de maneira diferenciada, acabavam não mantendo muito contato e deixando transparecer, atualmente, que as oportunidades, os cuidados e as atenções derivavam da condição social de cada aluna.⁸

Quanto ao Colégio da Imaculada Conceição de Capela, dirigido pelas mesmas irmãs responsáveis pelo Orfanato de São Cristóvão, a princípio se voltou à educação feminina das filhas da elite capelense, dois anos depois abriu para a educação mista, recebendo meninos em seu quadro discente. Para as alunas menos favorecidas “o colégio mantinha uma cota de bolsas de estudo oferecidas as que tinham dificuldades financeiras para fazer os pagamentos”⁹. Dessa maneira percebemos que

As medidas censitárias faziam com que poucas pessoas tivessem acesso ao ensino, principalmente as mulheres, que sempre foram marginalizadas com relação às letras, numa sociedade em que elas eram educadas para serem boas mães e boas donas de casa e não pessoas letradas. Esse aspecto era ainda mais eloqüente quando se tratava de meninas/mulheres advindas das classes menos favorecidas economicamente.¹⁰

Tendo em vista esse percurso, observamos a preocupação existente em educar a elite feminina sergipana, silenciando acerca da educação feminina desvalida, que esteve à margem, esperando por uma oportunidade nas escolas onde apenas a elite deveria ter acesso. Entretanto, não devemos esquecer que essas instituições apresentam como característica principal a formação de boas mães, esposas e donas de casa exemplares.

A opção pela instituição sãocristovense, aconteceu devido à percepção de que havia muito a compreender sobre a infância desvalida em Sergipe, e pelo fato do Orfanato de São Cristóvão ter sua atuação, marcadamente, na educação de meninas. Outro passo importante para a pesquisa se processou em uma visita que realizamos ao orfanato, com o intuito de

⁷ COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ UFS, 2003. (Dissertação de Mestrado) p. 36

⁸ MELO, Valéria Alves. **As Filhas da Imaculada Conceição**: um estudo sobre a educação católica (1915-1970). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado) p. 65

⁹ SANTOS, Sandra Maria. **A Trajetória Educacional em Capela**: a experiência das Missionárias da Imaculada Conceição (1929-1954). São Cristóvão: Departamento de História/ UFS, 2002. (Monografia) p. 65.

¹⁰ EGITO, Philipe H. Teixeira. A Instrução feminina na capital da Província da Parahyba do Norte. PINHEIRO, Antônio Carlos F; FERRONATO, Cristiano. **Temas sobre a Instrução no Brasil Imperial (1822-1889)**. João Pessoa: Editora Universitária, 2008 p. 128

entrevistar a professora Maria Paiva Monteiro sobre a inauguração da Imagem do Cristo Redentor de São Cristóvão; na ocasião realizávamos nosso trabalho monográfico¹¹ sobre a construção da referida imagem. Por esse motivo, seu depoimento seria de grande importância para nós, pois a mesma teria participado do ato de inauguração que ocorreu em 1926. Essa entrevista aconteceu no prédio da instituição, onde a professora residia há pelo menos cinquenta anos. Com uma conversa muito agradável e muito lúcida, Dona Maria Paiva começou a nos contar sobre sua vida naquela casa: das alunas que educou, como a educação atual era diferente da dos tempos por ela vividos, da congregação; enfim, emprestei-lhe “os ouvidos e ela o coração”. Naquele momento, iniciou a nossa relação com aquela instituição, e, por consequência, com todos aqueles que fizeram parte de sua história. Então, começamos nossa caminhada para desvendar a vida cotidiana de uma casa de educação quase centenária, que se dedicou à educação de meninas pobres e órfãs da cidade de São Cristóvão.

A partir desse encontro amistoso, imaginamos que teríamos muita facilidade em encontrar os documentos, fazer os contatos, mas com o passar do tempo percebemos que ultrapassarmos “aquelas portas” estava se tornando cada dia mais difícil. As dificuldades pareciam intermináveis. O contato com as Irmãs responsáveis pela casa a princípio foi muito complexo. Muitos encontros marcados que acabaram por não acontecer, diálogos incompletos, informações que teimavam em não vir. Entre idas e vindas e alguns desânimos, conseguimos nosso primeiro contato com a secretária da Escola do Lar da Imaculada Conceição, a Professora Delfina Couto, grata surpresa, pois chegamos a lecionar juntas no Grupo Escolar Luiz Guimarães, em São Cristóvão. A partir desse encontro passamos a ter acesso a todo o material referente à instituição. Então, após dois anos de insistência, exercitando a paciência, virtude que deve ser bem alimentada, por todo pesquisador, demos início às nossas descobertas. Cada livro encontrado se convertia em vitória; nomes foram aparecendo, endereços, informativos da congregação, fotografias e assim vieram os primeiros textos e também as primeiras entrevistas.

Muitos telefonemas e tentativas depois, conseguimos entrevistar uma das ex-alunas. Assim, uma indicava outra e fomos tecendo uma pequena rede de contatos. Cada história contada remontava a um personagem, uma lembrança, àquela professora, uma brincadeira, uma melhor amiga. Porém, nosso objetivo ainda estava longe, pois tínhamos que chegar ao

¹¹ SANTANA, Josineide Siqueira de. **Em novos tempos de Fé...:** aspectos das mudanças da Igreja e religiosidade popular católica em São Cristóvão: SE (1911-1926). São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2000. (Monografia)

arquivo do Lar da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão), e levantar os documentos relevantes à pesquisa, tarefa árdua, pois não conseguíamos nenhuma abertura.

Mediante tantas dificuldades resolvemos marcar uma reunião com a Superiora da Congregação em Sergipe e numa conversa muito interessante foi possível expor o projeto e sua importância. Conversamos sobre a ausência daquela casa de educação nos livros de História de Sergipe e como seria interessante que essa história fosse contada, afinal, estávamos diante de uma instituição prestes a comemorar seu centenário cuja história estava inteiramente ligada à educação da infância pobre em Sergipe. Cremos que depois desse diálogo tudo ficou mais claro; a superiora ficou surpresa com o número de informações sobre o orfanato, coisas que segundo ela eram, até aquele momento desconhecidas.

Depois de tantos obstáculos, começamos a nos dedicar à pesquisa acerca da educação de meninas desvalidas em Sergipe, de um modo muito especial, às meninas do Orfanato de São Cristóvão que compartilharam comigo suas histórias, tristezas e alegrias. Cada entrevista era sempre marcada por uma grata surpresa, fosse um dote culinário, um bordado, uma confissão “de gravador desligado”. Assim também ocorreu com as professoras entrevistadas, com a religiosa que dirigiu a instituição por trinta anos, enfim, todas elas deixaram em mim um aprendizado importante: como é bom fazer parte da memória de lugares que marcaram nossa vida. Durante as entrevistas nos deparamos com mulheres fortes: algumas carregando seus fardos e mágoas, outras procurando tirar boas lições de tudo. Mas todas sempre me receberam sorrindo, apesar das histórias e das dores vividas por um passado de orfandade.

A partir de então nossa motivação sobre o estudo da Infância Pobre Feminina e seu universo ficou mais aguçado e fomos percebendo algumas questões que nos inquietaram, como por exemplo: o motivo pelo qual havia um silenciamento sobre essa categoria de infância, uma vez que muitos dos trabalhos defendidos pelo Núcleo de Pós –Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – NPGED/UFS que se reportavam à infância, prioritariamente, dão ênfase as instituições masculinas ou estão voltadas à educação feminina de elite.

No campo da educação masculina podemos citar a dissertação de Joaquim Tavares Conceição “**A pedagogia de internar**: uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão/SE (1934-1967),” que investigou os sujeitos e suas variações históricas, além da configuração e espaço específico do Internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, especialmente as cerimônias e o exercício do poder disciplinar. Tratando do mesmo ambiente encontramos o trabalho de Marco Arlindo Amorim

Nery que apresenta em sua dissertação o tema “**A Regeneração da Infância Pobre Sergipana do século XX: o Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas.**” O autor buscou compreender o processo de implementação, os objetivos e as práticas educativas do Patronato Agrícola de Sergipe no período de 1924 a 1934.

Outra investigação que merece destaque é a de Alessandra Barbosa Bispo que trabalha “**A Educação da Infância Pobre em Sergipe: a Cidade dos Menores Getúlio Vargas (1942-1974).**” O presente estudo buscou compreender a história da infância pobre, principalmente a infância masculina abandonada e delinquente, na faixa etária de sete aos dezoito anos de idade, em regime de internato.

Aproveitamos para citar o trabalho de Solange Patrício, “**Educando para o Trabalho: a Escola de Aprendizes Artífices em Sergipe (1911-1930)**”. A autora realizou um estudo sobre a trajetória histórica da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe, discutindo a questão das fontes e destacando os aspectos da cultura escolar na perspectiva da educação cívica e de formação para o trabalho, no período de 1911 a 1930.

Quanto à Educação feminina de elite, podemos registrar alguns estudos: o de Rosemeire Marcedo Costa, intitulado “**Fé, Civilidade e Ilustração: as memórias das ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903 -1973)**” no qual a autora buscou apresentar desde a organização do Colégio em 1903, até as memórias de suas ex-alunas; e o trabalho de Valéria Alves Melo “**As Filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915-1970)**”, discute a educação feminina católica em Sergipe, tomando como base o colégio Nossa Senhora das Graças, fundado em 1915, na cidade de Propriá, pela Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, para instruir as moças da região a partir dos princípios da fé e da moral cristã. A autora se debruçou, principalmente, nas práticas educativas realizadas na referida instituição.

Outro estudo de importante relevância é o de Simone Paixão Rodrigues, cujo título “**Por uma Educação Católica: um estudo sobre a Disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha (1947-1968)**” enfoca a disciplina Ensino Religioso ministrada no Ginásio Santa Teresinha no município de Boquim, buscando inferir sobre o uso desse componente curricular enquanto instrumento de propagação da fé católica. Embora seja um trabalho que tenha como foco o estudo das Disciplinas Escolares, a autora apresenta de forma significativa a história da Congregação Religiosa bem como da instituição escolar administrada pela mesma.

Nas pesquisas monográficas identificamos a presença de estudos ligados à educação feminina como “**A Educação da Mulher no Colégio de Senhora Santana (1848- 1898)**,” de

Luciana de Santana Raimundo; o estudo buscou discutir a trajetória e analisar a cultura escolar de uma instituição privada de ensino feminino que funcionou na cidade de Laranjeiras e tinha por objetivo formar a mulher para o triplo papel: a boa filha, esposa e mãe. Em “**A Trajetória Educacional em Capela:** A experiência das Missionárias da Imaculada Conceição (1929-1954),” a autora Sandra Maria dos Santos descreveu a trajetória do Colégio da Imaculada Conceição, no período compreendido entre 1929 a 1954; sua fundação buscou evitar a migração das filhas da elite para os colégios de Aracaju.

Assim, começamos a perceber a necessidade de trabalhar com a infância feminina desvalida, buscando entender, dentre outras coisas, como viviam, quais eram suas expectativas, qual a trajetória das instituições que abrigavam essas meninas e como elas chegaram até esses locais. Por isso, ao conhecermos um pouco da história do Orfanato de São Cristóvão (Atual Lar da Imaculada Conceição) e ao mantermos alguns contatos com ex-internas e ex-professoras, passamos a enveredar por esse caminho procurando a compreensão das práticas educativas e cultura escolar que ocorriam naquele espaço. Para uma melhor compreensão da Cultura Escolar, observamos alguns conceitos apresentados por autores como Viñao Frago e Dominique Julia. Eis que, para Antonio Viñao Frago, a cultura escolar se volta aos aspectos institucionalizantes da escola. O que inclui:

Conjunto de aspectos institucionalizados-incluye prácticas y conductas, modos de vida, hábitos y ritos-la historia cotidiana del hacer escolar-objetos materiales-función, uso, distribución em El espacio, materialidade física, simbología, introducción, desaparición...- y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas. La cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes e cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer.¹²

Este conceito coloca em destaque o cotidiano e as formas vivenciadas na vida educacional; desse modo, enfatiza não só as práticas, mas a materialidade e seus significados.

Em Dominique Julia encontramos a seguinte elaboração:

Conjunto de normas que definem os saberes a ensinar e as condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses saberes e a incorporação desses comportamentos, saberes e práticas estão ordenadas de acordo com as finalidades que podem marcar segundas as épocas, as finalidades religiosas, sócio-políticas ou simplesmente de socialização. Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional, os agentes que são obrigados a obedecer essas normas e portanto a pôr em obra os dispositivos pedagógicos encarregados a facilitar a sua aplicação, a, a saber, os professores.¹³

¹² FRAGO, Antonio Viñao. Historia de La educación y historia cultural: posibilidades, problemas e cuestiones. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: n° 0 Set/Out/Nov/Dez. 1995. p. 68-69.

¹³ JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico” In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados. N° 01 jan/jun.2001. p. 10 e 11.

Observamos que em Dominique Julia, o presente conceito traz a ênfase nos processos de transmissão cultural que ocorrem na escola.

Desse modo, ao tomarmos por base a Cultura Escolar como “objeto de estudo”, estamos diante do desafio de examinar os processos de produção escolar, apropriação de modelos culturais, sua circulação, bem como sua imposição. A investigação a partir da Cultura Escolar implica em não nos atermos apenas aos “dispositivos de imposição onde os agentes estão ligados às forças do Estado e aos responsáveis pelo ensino, mas às práticas e à apropriação de modelos pelos agentes educacionais.”¹⁴ Ou seja, um novo olhar que se desprende dos acontecimentos externos relacionados à escola para uma análise de seus processos internos.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito à forma como cada interna concebeu o momento vivido naquela instituição e quais representações que moldaram o caráter daquelas meninas. Enfim, quais as contribuições do Orfanato de São Cristóvão e da Escola da Imaculada Conceição¹⁵ para a formação e educação feminina em Sergipe. Dessa maneira, faz-se necessária a utilização do conceito de Representação que segundo Roger Chartier diz respeito à

imagem que remete à idéia e à memória os objetos ausentes, que os pinta tais como são. Neste primeiro sentido, a representação mostra o “o objeto ausente” (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma “imagem” capaz de representá-lo adequadamente.¹⁶

As representações são importantes à medida que nos levam à compreensão dos mecanismos ou meios pelos quais um grupo impõe ou tenta impor sua concepção de mundo, seus valores e o seu domínio aos outros. A Representação nos remete, por sua vez, ao conceito de Apropriação:

A “apropriação social dos discursos” como um dos procedimentos maiores pelos quais os discursos são assujeitados e confiscados pelos indivíduos ou pelas instituições que se arrogam seu controle exclusivo. [...] A apropriação tal como entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações,

¹⁴ SOUZA, Rosa Fátima de. Itinerário de Pesquisa sobre Cultura Escolar. IN: CUNHA, Marcus Vinícius. **Ideário e Imagens da Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados. Araraquara: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. p. 05

¹⁵ O estudo sobre o Orfanato de São Cristóvão só seria possível com o estudo da Escola da Imaculada Conceição, uma vez que a mesma surgiu para educar as meninas internas. A inauguração da Escola consta de 1923, um ano após a chegada das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, congregação que administra o Lar da Imaculada Conceição até os dias atuais.

¹⁶ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 165

relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem.¹⁷

A partir da explicação anterior vislumbramos que apropriar-se passa pela forma como os indivíduos fazem uso e reinterpretam os modelos culturais que lhes foram impostos em determinado momento de suas vidas.

Fontes para a História da Educação

Atualmente, segundo alguns autores, podemos considerar “Histórias da Educação”¹⁸ por sua diversidade de objetos e fontes. É inegável afirmar que com o advento da Escola dos *Annales*¹⁹ tanto a visão de História como a concepção de fontes sofreram profundas mudanças, ou melhor, ocorreu uma abertura para as novas fontes. A História ligada aos vultos históricos e aos documentos escritos vai dar passagem às novas formas de se apreender sobre o homem e o que por ele foi produzido, lançando, assim, novos olhares para os objetos que até então estiveram mudos. O que se buscava era uma “história que não se limitava a guerras e à política, mas preocupava-se com as leis e o comércio, a moral e os costumes”²⁰.

O que antes se resumia a estudos relacionados à escola, ao ensino e seus procedimentos sofreram uma ampliação que proporciona estudos diversos, a saber: crianças, jovens, o livro, a leitura, as mulheres, a violência, dentre outros.

Fazer História da Educação consiste, entre outras coisas, em aprender a ler o homem, e nele ler o mundo, os seres humanos e seus vestígios. Não podemos ficar presos a uma história educacional que priorize programas em vez de pessoas, pois esses instrumentos não nos permitem alcançar como viviam, pensavam, agiam os indivíduos de outros tempos. Assim, “é preciso também tentar penetrar no dia-a-dia da escola de outros tempos- os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor(a)/aluno(a) e aluno(a)/aluno(a), os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliação e punições”²¹ Embora alguns sistemas não

¹⁷ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 67 e 68.

¹⁸ A citada expressão foi apresentada por LOPES, Eliane M. T.; GALVÃO Ana M. de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 12

¹⁹ Essa escola tem suas origens no legado de Lucien Febvre, Marc Bloch e seus seguidores, tem chamado atenção, principalmente pelos estudos realizados por Roger Chartier. O presente autor nos mostra a necessidade de conhecimento dos objetos culturais em sua materialidade, restabelecendo os processos implicados em sua produção, circulação, consumo, práticas, usos e apropriações. LOPES, Eliane Marta T; GALVÃO, Ana M. de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 40

²⁰ BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 17

²¹ LOPES, Eliane M.T. ; GALVÃO Ana M. de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 52

apresentem mudanças, apesar do grande volume de normas e regulamentações, é através do estudo do cotidiano que muitas dessas práticas podem ser estudadas e avaliadas.

Torna-se relevante dizer que além de todo este aparato para o estudo da História da Educação, se debruçar sobre os materiais escolares, também nos oferecem subsídios para um melhor entendimento das práticas educativas, assim:

O estudo histórico dos materiais escolares pode ser um instrumento valioso para se decifrar a cultura escolar à medida que as práticas são mediatizadas, em muitos sentidos, pelas condições materiais. Alguns materiais como o quadro-negro, os cadernos, as carteiras e os livros inscrevem-se na lógica interna da organização da escola constituindo-se como dispositivos do modo escolar de transmissão da cultura.²²

O estudo da cultura material escolar nos possibilita a compreensão dos modos de pensar de outros tempos. Afinal, os móveis utilizados, os materiais, os espaços; enfim, tudo o que compõe o ambiente escolar nos informam, através de suas marcas, sobre as formas de viver a educação em um determinado período. Desse modo, a lousa, materiais de uso nas aulas, mapas, livros e demais artefatos, nos mostram que concepções eram usadas, quais os saberes e práticas eram vivenciados e como os mesmos influenciavam nas práticas educativas.

Em História tudo fala. Seria possível imaginar que historiadores se debruçassem sobre o mobiliário escolar? Ou sobre sua arquitetura? Há algum tempo? Talvez não. Porém, hoje contamos com uma gama de estudos que nos trazem todos esses objetos: e fontes. “[...] quadros murais, bancos e mesas para todos os alunos, ponteiro e estrados para os monitores, campainhas e matracas para sinais sonoros, caixas de areia para escrita [...]”²³ ou ainda os materiais didáticos como “globos, cartazes, coleções, carteiras, cadernos e livros”²⁴. A arquitetura pensada com relação ao número de alunos, com pavimentos, nichos previstos para a biblioteca escolar, museu escolar, sala de professores [...] entradas laterais diferentes para cada sexo”²⁵. Os exemplos são apenas para ilustrar a gama de objetos e fontes de que dispõe o historiador da educação para contar com maestria, ciência e sensibilidade os passos percorridos não só pelos alunos, mas por todos que de alguma forma contribuíram e construíram a educação brasileira.

²² SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.,p.180

²³ VIDAL, Diana G.; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 49

²⁴ VIDAL, Diana G.; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 51

²⁵ VIDAL, Diana G.; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 53

Nos arquivos do orfanato tivemos acesso às fontes, como o **Livro de Crônicas** da Congregação no qual são narrados desde a chegada e estabelecimento das Irmãs até os anos 50 do século XX. Nele encontramos, ainda, anotações referentes às festas, número de alunas admitidas, expulsões, inquéritos sobre desvio das esmoladas direcionadas à instituição, visitas pastorais, entre outras.

Também contamos com o **Livro de Atas** em que estão relatados o andamento e as decisões tomadas pela Congregação do Orfanato de São Cristóvão.

No **Livro de Ponto Diário** encontramos a frequência das alunas, número de matrícula, mês em curso, número de dias letivos, classe, total de faltas, aproveitamento, conduta, observações, registro da atuação da professora e a série lecionada por ela, enfermidades e registros de óbitos.

Quanto ao **Livro de Matrícula e Aparelhamento Escolar**, nele foi possível observar os mapas nos quais constam itens de extrema relevância para a pesquisa como número de ordem, nome das internas, qualidade (referente à raça), tipo de filiação (se natural ou legítima), nome dos pais, residência, idade, data de entrada, data de retirada, causa da retirada e observações diversas; ainda estão relacionados os materiais que a escola detinha.

O **Livro de Atas de Exames e Promoções Finais** contém o conceito final de cada aluna, bem como o número de aprovadas e reprovadas durante o período letivo.

No **Livro de Balancete Financeiro** observamos as receitas e despesas referentes às contas do orfanato.

Além dos livros já citados, o Arquivo da Instituição conta com o **Livro de Visitas**, através do qual percebemos a forma de atuar dos inspetores de ensino, suas observações sobre a organização administrativa da instituição, bem como, questões relacionadas ao número de alunas, higiene e condições do estabelecimento.

Diante de tantas fontes vislumbramos, ainda, os **Depoimentos Orais**, pois os mesmos implicam “a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral.”²⁶ Para a construção do referido estudo foram realizadas 16 entrevistas que contemplaram 06 ex-internas, 04 ex-professoras²⁷, 04 membros da Paróquia Nossa Senhora das Vitórias e representantes da Sociedade Orfanato de São Cristóvão e 02 religiosas

²⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral** São Paulo: Edições Loyola, 1996. p.13

²⁷ A entrevista realizada com a professora Maria Paiva Monteiro, ocorreu em janeiro de 2004 poucas semanas antes de seu falecimento e foi concedida a Jornalista Denise Lermen, que gentilmente nos cedeu a fita para a audição e transcrição.

da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, ambas ex-diretoras, sendo que uma delas conduziu a Escola da Imaculada Conceição por 30 anos. Porém, apesar do número considerável de depoimentos, optamos por inserir em nosso estudo apenas 09 entrevistas. Nossa escolha se justifica pelo desejo de ouvirmos vozes que viveram na referida instituição e durante o período estudado. Assim, trabalharemos com 05 depoimentos de ex-internas, 03 de professoras (sendo que uma ainda atua) e o de uma religiosa.

Todas as entrevistas aconteceram mediante conversa prévia, para que se fosse possível criar laços de confiança. Após, o primeiro momento, os entrevistados ficavam à vontade para marcarem, dia, local e horário para a realização da mesma. Em sua maioria, optavam por seus domicílios. Apenas duas foram realizadas em um dos salões da Igreja Matriz de São Cristóvão. Todas as entrevistas foram gravadas, mediante autorização dos depoentes e transcritas na íntegra.

As **fotografias** “compreendem, pois, um objeto cultural a serviço da memória, seja ela individual/familiar ou institucional”²⁸. Representam-se assim, o conteúdo afetivo que essas fontes significam na vida das pessoas; os **jornais da congregação**, com os informes sobre a província²⁹ e sobre a pedagogia a ser desenvolvida na formação das aspirantes e noviças, além da atuação da congregação no Brasil e em outros países. Todo esse material foi recolhido e devidamente separado por ano e assunto. Em alguns encontrei lacunas quanto ao período, mas gostaríamos de ressaltar que as fontes levantadas nos arquivos da Escola da Imaculada Conceição (hoje Escola do Lar da Imaculada Conceição) e do Orfanato de São Cristóvão (atualmente Lar da Imaculada Conceição) estavam em ótimas condições de pesquisa.

Além dos Arquivos da Escola da Imaculada Conceição e do Orfanato de São Cristóvão, ainda contamos com as pesquisas realizadas no Arquivo Público Estadual de Sergipe (APES), onde tivemos acesso às **Leis e Decretos** referentes ao nosso objeto; Biblioteca Infantil Aglaé Fontes, na busca de **livros infantis** que eram lidos pelas internas nos momentos de lazer; Convento Dom Amando em Salvador-BA³⁰, Província dos Frades

²⁸ SOUZA, Rosa Fátima de. Itinerário de Pesquisa e Cultura Escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius. **Ideário e imagem da Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados. Araraquara: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. p. 19

²⁹ Expressão utilizada no meio religioso para designar o governo eclesiástico de uma ordem ou congregação religiosa.

³⁰ A pesquisa realizada no Convento Dom Amando foi possível graças ao empenho pessoal da Secretária da Congregação Irmã Dolores Oliva que disponibilizou os necrológios das irmãs religiosas da congregação que participaram do 1º grupo que assumiu a direção da instituição em 1922.

Menores Santo Antônio do Brasil em Recife-PE³¹, a procura dos **Necrológios e Histórias de Vida** de religiosos e religiosas que atuaram no Orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição; Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe (BICEN)-Setor de Documentação Sergipana, onde tivemos contato com as **Monografias** e a Biblioteca do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, onde buscamos as **dissertações citadas**, além do Instituto Histórico Geográfico de Sergipe (IHGS) e a Hemeroteca da Biblioteca Pública Epifâneo Dórea (BPED), onde localizamos os periódicos do período estudado.

Assim, após a consulta às obras desses diferentes arquivos e a análise das fontes citadas organizamos este estudo. O trabalho foi dividido em introdução, três capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo discutimos a educação feminina no final do século XIX e início do século XX, buscando refletir sobre a forma de educação pensada para as mulheres, algumas concepções que as colocavam como verdadeiras salvadoras da pátria e como as mesmas percebiam esse momento. No segundo tratamos da criação do Orfanato, da chegada das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus e da fundação da Congregação, sobre a educação ministrada por elas na cidade de São Cristóvão, a necessidade de uma escola para órfãs, a procedência familiar e os estatutos, bem como a administração da instituição. Quanto ao terceiro capítulo buscamos as Memórias das ex-internas do Orfanato de São Cristóvão, enfatizando a vida na instituição, e todo o arcabouço das práticas educativas, tais como: os castigos, currículo, avaliações, festas cívicas e religiosas, cursos oferecidos, rotina diária e as representações do período vivido.

³¹ Na busca pelo histórico dos frades fundadores do Orfanato de São Cristóvão entramos em contato com os Frades da Província Santo Antônio do Brasil em Recife- PE, tendo em vista que a mesma é responsável pela Ordem dos Frades Menores (OFM) que permaneceram na cidade de São Cristóvão até 2006. Através do Frade Roberto Oliveira, conseguimos informações sobre os necrológios dos frades Cornélio Neises, Eusébio Walter e Elias Essafeld.

CAPÍTULO I

“MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX



Figura 01: A Leitura de Pierre-Auguste Renoir (1841-1919) pastel sobre papel (Gênero impressionista) - pintado em 1889.

Súbito me encantou
A moça contraluz
Arrisquei perguntar: quem és?
Mas fraquejou a voz.
Sem jeito eu lhes pegava as mãos
Como quem desatasse um nó
Soprei seu rosto sem pensar
E o rosto se desfez em pó³²

³² HOLLANDA, Chico Buarque de. A moça do Sonho. http://letras.com.br/chico_buarque acesso em 31 de dezembro de 2010.

1.1 – Fontes para a História da Educação Feminina

Tratar de fragmentos femininos não se configura em tarefa fácil, durante anos a mulher foi vista com reservas e um tanto de vigilância; mas apesar de ser tida como fraca, frágil, incapaz de governar a si mesma, algumas conseguiram mudar sua história, fossem elas ricas herdeiras, mulheres do povo, resistentes ao casamento ou exímias esposas. Essas mulheres buscaram, ao longo do tempo, o direito a aprender e poder decidir sobre sua própria vida. Para cerceá-las muitos artifícios foram lançados; entre eles: o da loucura.

Aliás, a loucura foi também atribuída a várias mulheres que se mostravam indignas ou inconvenientes aos propósitos de seus pais, irmãos ou maridos. Para elas, a solução era o encarceramento em prisões, em asilos manicomiais ou em conventos.³³

Desse modo, várias mulheres sofreram, pois não faziam parte do que era considerado “normal”, do que era aceito, do que deveria ser o caminho natural: aprender somente o necessário para casar, cuidar dos filhos e contribuir para a formação da sociedade.

Apesar de tantas dificuldades, entre elas o analfabetismo, as mulheres encontraram um meio de demarcarem sua presença na História, mesmo aquelas cujos nomes não estão nos livros ou compêndios deixaram, de forma expressiva, suas marcas através de objetos guardados, como:

[...] baús de enxovais e arcas de madeira: os papéis que contavam nascimento e morte, as cartas de noivos, maridos e filhos nas guerras em lugares distantes, lista de tarefas domésticas, diários que registravam fatos corriqueiros ou somente sonhos femininos, cardápios de jantares, escritos irregulares com caligrafias infantis em cadernos escolares dos filhos, [...] enfim, um sem-número de pequenas coisas representativas do tempo que se viveu, da vida que se levou e de todo um universo feminino aprisionado entre a poeira dos objetos guardados.³⁴

A presença feminina, registrada nessas fontes, constroem muito da vivência das mulheres. Vale ressaltar que muitas delas acabaram por ser destruídas por suas próprias autoras. Talvez alguns registros pudessem, de alguma forma, representar uma ameaça ao que se concebia como comportamento ideal para uma mulher; por isso, a necessidade de eliminar os vestígios e de “ocultar sua vida.”³⁵

³³ LOPES, Eliane M.T.; GALVÃO Ana M. de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 74

³⁴ ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 46

³⁵ ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 46

Além das fontes citadas podemos fazer uso de fontes como os relatos de viajantes que, em sua maioria, mostram o modo de vida da população, embora “apresentam uma visão genérica da realidade observada [...] mas têm a qualidade de tratarem de anotações e reflexões externas ao contexto estabelecido [...]”³⁶; as correspondências pessoais, ou seja, as cartas trocadas entre contemporâneas, geralmente as mulheres letradas, nas quais estão registrados os trabalhos, preocupações, sonhos e dificuldades; o estudo da Literatura à medida que nos possibilita “a descoberta de outros mundos”³⁷, traz consigo muitas personagens femininas, entre elas podemos fazer referência “A Aurélia” do romance “Senhora” de José de Alencar, bem como, “Carolina” de “A Moreninha,” escrita por Joaquim Manuel de Macedo. Ambas as obras literárias retratam, de alguma forma, a sociedade em que foram concebidas:

- Em todo o caso é mais bem educada do que do que eu? - Do que você, Aurélia? Há de ser difícil que se encontre em todo o Rio de Janeiro outra moça que tenha sua educação. Lá mesmo, por Paris, de que tanto se fala, duvido que haja.[...] Você toca piano como o Arnaud, canta como uma primadona, e conversa na sala com deputados e os diplomatas, que eles ficam todos enfeitiçados.³⁸

No trecho acima o autor nos ajuda a fazer uma releitura do universo feminino de uma mulher da elite. Preocupada com o refinamento e a educação, dona de virtudes e aptidões desenvolvidas numa educação de cunho doméstico: saber tocar piano, cantar e conversar, eram habilidades que deveriam ser aprendidas pelas moças da elite, na passagem do século XIX para o século XX. O trecho abaixo ilustra outra forma de uso dos romances e como eles podem nos ajudar a ler uma época.

Morava com a Sr^a D. Ana uma pobre mulher, por nome Paula, muito estimada de todos, porque o era da despotazinha daquela ilha, de D. Carolina, a quem tinha servido de ama. Os desvelo e incômodo que tivera na criação da menina lhe sobejamente pagos pela gratidão e ternura da moça.³⁹

No romance “A Moreninha” destacamos a educação através do papel das amas⁴⁰. Essas mulheres viviam para educar as crianças da família, e geralmente eram tratadas com amor filial. A citação procura nos mostrar uma das formas de educação do período.

³⁶ VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**. A Educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005. p. XX.

³⁷ LOPES, Eliane Marta T.; GALVÃO, Ana Maria de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.85

³⁸ ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Editora Scipione, 1997. p.09

³⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. São Paulo: Editora Record, 2006. p. 121.

⁴⁰ Segundo Francisco Antônio Martins Bastos (1854), “Ayo e Amo são sinônimos de um mesmo significado [...], Amo é o mesmo que mestre, portanto seja qual for a nomenclatura – amo, aio ou ainda governantes-, constituíam-se os responsáveis pela educação de seus discípulos e eram mestres. As amas já aparecem com uma outra função, relacionada à alimentação das crianças da primeira infância, sendo conhecidas como “ amas de leite”. Eram, inicialmente sempre as pessoas mais qualificadas da nobreza que também tivessem filhos pequenos.

Os romances literários, as novelas, contos, poesias e literatura de cunho moral e religioso, assim como as peças teatrais, podem expressar, através de críticas, sátiras ou exemplos, o retrato da época vivida. Os diários íntimos,⁴¹ que muitas vezes escondem o indizível. Os diários são o lugar onde os sonhos parecem se concretizar; as emoções, as fantasias, os desejos, os pedidos e as decepções estão lá. E essas memórias são geralmente deixadas por meninas ou mulheres. Os periódicos dedicados ao público feminino, que nos proporcionam uma gama de informações sobre o cotidiano, o modo de vida, pensamento e os comportamentos vivenciados. Como exemplo, um dos conselhos recomendados às mulheres na Revista Feminina em dezembro de 1922:

O homem, com as preocupações da vida, com a luta pela existência, qual um novo Hércules que deve fazer uso da sua força, do seu vigor para destruir os obstáculos que lhes embargam o passo, precisa no entanto, nos momentos de cansaço e de desalento dos encantos da voz suave e carinhosa, das carícias das mãos brancas, do sorriso, [...] e do refrigério dos lábios vermelhos. E ao chegar ao lar, depois de um dia de trabalhos, descansar no peito amigo de sua companheira que só por ele vive. A mulher, a sua eterna aliada, vinda ao mundo só para fazer sua existência mais suave, flor do jardim da vida e jardim perene no lar perfumando-o com a sua fragrância e bondade.⁴²

O conselho transcrito nos mostra claramente qual a postura a ser mantida pela mulher em relação ao marido, retratando muito bem a forma de comportamento aceita no período.

Tal como a literatura, a música também contribui no tocante às fontes para a História da Educação Feminina. Através dela é possível expressar sentimentos, momentos ou mesmo descrever situações vivenciadas no dia a dia. A canção “Carinhoso,” de autoria de Pixinguinha e João de Barros, nos remete às relações de amor, às declarações e aos flertes:

Meu Coração/Não sei porquê/ Bate feliz, quando te vê/E os meus olhos ficam sorrindo e pelas ruas vão te seguindo/Mas mesmo assim, foges de mim.

Ah se tu soubesses/como eu sou tão carinhoso/ e muito, muito que te quero/ E como é sincero o meu amor / Eu sei que tu não fugirias mais de mim [...]⁴³

Depois passaram a ser fidalgas menos qualificadas, chegando à época de D. João V como ocupação para mulheres do povo, robustas e sadias, sendo usadas também, principalmente no Brasil, muitas escravas para esse fim. In: VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres: A Educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005. p.54

⁴¹ Segundo Eliane Marta Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira Galvão: essas fontes são muito interessantes, porém por se tratar de material pertencente à vida privada das pessoas torna-se difícil seu acesso, bem como autorização por parte dos envolvidos. Maiores informações em LOPES, Eliane Marta; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 86

⁴² Revista Feminina, nº03, dez. 1922. In: FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 83

⁴³ A canção Carinhoso foi composta por Alfredo da Rocha Viana Filho “Pixinguinha”(1897-1973) entre os anos de 1916 e 1917, seu estilo é classificado pela Música Popular Brasileira como um Choro-canção sendo sua letra composta por Carlos Alberto Ferreira Braga o “Braguinha” em 1937. Pesquisa realizada através do site <http://www.cifrantiga3.blogspot.com> acesso realizado em 04 de março de 2010.

Como perceber as marcas deixadas por determinadas canções? Quantos casais foram embalados por ela? Por que alguém fugiria de um amor que se mostra tão apaixonado? Em qual contexto algumas canções foram escritas? Todas essas perguntas podem ser respondidas, através de uma análise histórica, pois trazem consigo todo o referencial de um período, o que se pensava, dos costumes vividos e dos sonhos.

Outra reflexão a partir do uso de canções pode ser a forma como eram vistas as mulheres negras e louras na década de 30 do século XX e como se caracterizava essa relação. Quem seria tida como a mais formosa? Entre os anos de 1932 e 1934, dois grandes compositores da Música Popular Brasileira: Lamartine Babo e Braguinha compuseram e defenderam duas canções que ilustram, de forma interessante, esse momento. Lamartine Babo gravou “Linda Morena,” e seus versos diziam assim:

Linda Morena, morena/ morena que me faz penar/ A lua cheia que tanto
brilha/ Não brilha mais tanto quanto seu olhar/ Tu és morena uma ótima
pequena/ Não há branco que não perca até o juízo/Onde passas/ Sai às vezes
bofetão/ Toda gente faz questão do teu sorriso/[...]
Por tua causa já se fez revolução/Vai haver transformação na cor da lua/
Antigamente a mulata era a rainha/ Desta vez, ó moreninha a taça é tua⁴⁴

Em contrapartida, dois anos depois, Braguinha compõe “Linda Lourinha”:

Lourinha, lourinha/ Dos olhos claros de cristal/ Desta vez, em vez da vez em
da moreninha/Serás a rainha do meu carnaval/Loura boneca que vens de
outra terra/Que vens da Inglaterra/ Que vens de Paris/Quero te dar/ o amor
mais quente/ Do que o sol ardente desse meu país.
Mas tuas faces vão ficar morenas/ Como as das pequenas deste meu Brasil.⁴⁵

Observamos que, apesar da defesa realizada pelo compositor às louras, ele as deseja com as “faces morenas das pequenas” de seu país. Ao se fazer uma reflexão mais detalhada, pode-se certamente levantar algumas questões acerca das preferências, do ideal de beleza feminina vigente, entre outras.

A música também pode nos mostrar o retrato da mulher submissa, ao passo que pode nos remeter a uma mudança no comportamento dessa mesma mulher, como por exemplo, na canção “Amélia,” de Mário Lago e Ataulfo Alves, gravada em 1941.

Nunca vi fazer tanta exigência/ Nem fazer o que você faz/ Você não sabe o
que é ter consciência/ Não vê que eu sou um pobre rapaz/Você só pensa em
luxo e riqueza/ Tudo o que você vê, você quer/Aí, meu Deus, que saudades

⁴⁴ Lamartine de Azeredo Babo nasceu em 08 de março de 1904, grande compositor faleceu em 16 de junho de 1963. Uma de sua mais belas canções foi batizada de Serra da Boa Esperança” composta em homenagem a uma fã mineira que assinava por Nair Pimenta de Oliveira. Pesquisa realizada através do site <http://www.mpbnet.com.br> acesso realizado em 04 de março de 2010.

⁴⁵ Carlos Alberto Ferreira Braga, o “Braguinha” (1907-2006) compôs com grandes nomes da MPB, destacando-se com a parceria com Pixinguinha. Pesquisa realizada pelo site <http://www.cifrantiga3.blogspot.com>, acesso realizado em 04 de março de 2010.

da Amélia/ Aquilo sim é que era mulher./ às vezes passava fome ao meu lado/E achava bonito não ter o que comer/[...] Amélia não tinha a menor vaidade/ Amélia que era mulher de verdade.⁴⁶

Na primeira parte da canção os autores se queixam da mulher e de suas exigências, esse é um perfil bem diferente da mulher submissa. Já em outro momento expressam a saudade do modelo de mulher que seria ideal, afinal “Amélia” era desprovida de vaidade, não reclamava, não tinha voz ativa, essa era a mulher desejada, mas que na canção ficou apenas nos sonhos; não estava mais ao dispor masculino. A saudade deixada pela rainha do lar, também ficou registrada na canção “Emília,” de autoria de Wilson Barbosa e Haroldo Lobo, datada de 1941. A letra traz consigo o modelo de mulher doméstica “passiva e submissa, voltada para o lar e ao serviço do homem”⁴⁷, assim veremos:

Eu quero uma mulher/ Que saiba lavar e cozinhar/ Que, de manhã cedo,/ Me acorde na hora de trabalhar/ Só existe uma/E sem ela eu não vivo em paz/
Emília, Emília, Emília/ Eu não posso mais/ Ninguém sabe/ igual a ela o preparo do meu café/Não desfazendo das outras/Emília é mulher/ Papai do céu é quem sabe/A falta que ela me faz/ Emília, Emília, Emília/ Eu não posso mais.⁴⁸

Observamos, na canção acima, as mesmas queixas sobre a ausência da mulher perfeita. Porém, cabe a pergunta: onde estará Emília? Qual motivo desencadeou a separação? Ou simplesmente aquela mulher prendada, que tinha por objetivo antecipar os desejos do marido estaria cansada de exercer esse papel e resolveu viver outras personagens na vida: estudar, desbravar outros caminhos, ter uma profissão, que não se configurasse em cuidar de alguém. Seja como for, ambas as canções nos ajudam a elucidar muitas questões.

Outras fontes que muito nos ajudarão para a compreensão da educação feminina e de suas práticas, diz respeito aos cadernos de oração e cadernos de poesias que, durante muito tempo, foi um costume muito difundido entre as meninas. O caderno pode ter várias finalidades: pode ser apenas o “de anotações do aluno, que, diferentemente do caderno de rascunho, não tem estatuto acadêmico nem prescrições, estrutura ou regras formais”⁴⁹.

Dessa maneira, poesias e orações registradas em cadernos também podem nos fornecer material precioso à pesquisa:

Amo-te

Meu Jesus em teu serviço

⁴⁶ DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 270

⁴⁷ DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 269

⁴⁸ DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 270

⁴⁹ FRAGO, Antônio Viñao. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: **Cadernos à vista** escola, memória e cultura escrita. MIGNOT. Ana Chrystina Venâncio. (org.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 21

Delicioso é de viver
Quem firmou tal compromisso
Não teme do sofrer
Bom Redentor
Ardente exclamo:
Que muito te amo
Bom Redentor
Meu amor, alto proclamo
Cheio de zelo e fervor

A citada oração se encontra registrada no caderno de orações de Maria Paiva Monteiro⁵⁰ e suas anotações se iniciam em 1934. Através desse registro observamos toda a religiosidade que marcava sua vida e, conseqüentemente, a de muitas mulheres de seu tempo. Vale salientar que a mesma mantinha o hábito de colecionar orações e poesias em cadernos distintos; porém, conservava a prática de datar, principalmente as poesias, chamando atenção para a cidade, dia, mês, ano, autoria e impresso de onde a informação foi retirada. Através dessas informações podemos vislumbrar todo um período vivido, algumas das concepções transmitidas e assimiladas, principalmente pelas mulheres. Assim, encontramos o poema “No dia das árvores” de Hugo Motta, escrito no Tico-tico⁵¹ e registrado no caderno de Maria Paiva em 20 de julho de 1930:

Ser arvore, dar flor. Flor que toda perfuma. Nossa vida feliz, nossa bela existência. Ser arvore, dar fructo. Essa delicia de uma doçura ou acidez, todo o gosto e excelência [...] Arvore boa, crê, tua vida bemdigo. És berço, vindo a vida, és caixão vindo a morte.

Além dos registros nos cadernos podemos contar com as dedicatórias deixadas no verso das fotografias antigas, que expressam carinho e respeito pelo destinatário. Prática muito utilizada nos registros de dias especiais, como casamentos, batizados, aniversários, formaturas ou pelos participantes de fã clubes assim, citamos: “A querida titia e família com

⁵⁰ Maria Paiva Monteiro ou Professora Marinete Paiva como era conhecida, lecionou na Escola da Imaculada Conceição em São Cristóvão e viveu por quase sessenta anos no Orfanato de São Cristóvão. Foi aluna da Escola Normal Rui Barbosa de 1927 a 1930. O acesso ao seu caderno de orações e de poesias só nos foi possível graças ao Sr. Alexnaldo Santos Neres que os mantém em seu acervo pessoal.

⁵¹ A Revista Tico Tico foi fundada em 11 de outubro de 1905 por iniciativa de um grupo de intelectuais formado por Manuel Bonfim, pelo jornalista Renato de Castro, o poeta Cardoso Júnior, e o empresário Luís Bartolomeu de Souza e Silva. A Revista Tico Tico seguiu o modelo da revista francesa La Semaine de Suzette. O primeiro exemplar custava 200 réis e permaneceu com esse preço até 1920. A revista não contou com rivais até o ano de 1930, quando várias publicações de quadrinhos americanos chegaram ao Brasil. Apesar da decadência dos últimos anos a publicação mantinha uma tiragem de que variava entre 20 e 100 mil exemplares que chegavam a todas classes sociais. Seu conteúdo estava dividido em jogos, anúncios, poesias, histórias em quadrinhos, contos, crônicas, entre outros. Pesquisa realizada através dos sites: [www. http://pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org) e [www.http://revistainonline.com.br](http://revistainonline.com.br), acesso em 02 de abril de 2010.

todo afeto e carinho dedica sua sobrinha, Terezinha Almeida em 10 de dezembro de 1961”.⁵² A dedicatória marca as relações familiares existentes, além de mostrar algo muito comum: o registro de mensagens em fotografias.

Torna-se necessário lembrar, que nenhuma das fontes, aqui apresentadas, encerram-se em si mesmas, ou seja, cabe um estudo aprimorado, cruzamento de fontes, trabalho árduo de pesquisa, mas não podemos deixar de pensar como seria interessante analisar a trajetória feminina, através de canções, contos, poesias, revistas, enfim, tudo que nos leve a lançar uma interpretação das representações acerca do ser mulher.

Como vimos, as fontes acerca da História da Educação Feminina vem se diversificando com o passar dos anos, elas são as mais variadas possíveis e podem estar nos lugares mais inusitados: no baú no canto do quarto, nos livros de receitas de família, nas cartas de amor, nos discos na estante, nas dedicatórias em fotos antigas; enfim em tudo o que possa compor esse universo.

1.2 – ASPECTOS DA EDUCAÇÃO/INSTRUÇÃO DAS MULHERES

“Ser mulher nunca foi fácil. Esse excesso de proibições, vigilância e discurso normativos, no entanto, acabaram por [...] gerar comportamentos considerados [...] perigosos e indignos. A mulher com toda a sua fragilidade era capaz de ameaçar a sociedade”⁵³. Com isso, podemos perceber as dificuldades que cercavam o “ser mulher” e por isso estamos propondo uma reflexão sobre educar e instruir para, assim, entendermos melhor os motivos que levaram a tantas resistências quanto à instrução feminina. Segundo Ferreira, “educar” significa processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social.⁵⁴ Quanto a “instruir” corresponde ao ato ou efeito de se instruir, conhecimentos adquiridos, cultura, saber, erudição.⁵⁵ Aparentemente, ambos os conceitos podem ser considerados aproximados, mas ao analisarmos bem, eles trazem em suas essências sutilezas que os diferenciam.

⁵² A foto de Terezinha Almeida foi dedicada a sua tia materna Josefa A. Almeida, por quem nutria grande admiração, principalmente pelo fato de sua mãe haver falecido e a tia se constituir em único elo da família materna. Acervo pessoal de Georgina Almeida Siqueira.

⁵³ LOPES, Eliane Marta T.; GALVÃO, Ana Maria de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.74

⁵⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.p.234

⁵⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.p.364

Educar supunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de informações fornecidas pela instrução, implicava, essencialmente, a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social, das virtudes morais e dos valores cívico-patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade.⁵⁶

Por esse motivo, o mais adequado às meninas seria educá-las, ou seja, dar a elas as condições necessárias para desempenharem um papel social a contento, isto é, boas mães e donas de casas exemplares. Ao contrário, instruí-las estaria ligado ao conhecimento e a intelectualidade, dons dispensáveis às mulheres, uma vez que como pensavam os positivistas o mais propício seria educá-las, pois:

[...] a mulher como mãe e esposa abnegada, para quem o lar, o altar no qual depositava sua esperança de felicidade, sendo o casamento e a maternidade suas únicas aspirações. Ela era também a primeira educadora da infância, sustentáculo da família e da pátria.⁵⁷

Evidentemente algumas meninas foram instruídas⁵⁸, mas não podemos negar que seus currículos estavam cheios de disciplinas como: cuidados com o lar, corte e costura, bordado; enfim eram preparadas no lar e para o lar. Além deste aspecto havia um certo cuidado em relação à aproximação das meninas e jovens e os conhecimentos científicos, “pois o trabalho intelectual não devia fatigar o sexo feminino, nem, se constituir um risco a uma constituição frágil e nervosa”.⁵⁹

Com o advento do decreto Imperial de 15 de outubro de 1827, que dispunha sobre a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades e onde se fizesse necessário, a mulher, conseqüentemente, contará com um maior acesso à escolarização. A partir da referida lei

Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.⁶⁰

⁵⁶ SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria**. História da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009. p.83

⁵⁷ ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007. p. 71

⁵⁸ Não se pretende hierarquizar a educação e a instrução para as mulheres apenas evidenciar aspectos legais, culturais e sociais que marcaram o final do século XIX e início do século XX acerca das prescrições sobre a formação das meninas e jovens no Brasil.

⁵⁹ ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007. p. 72

⁶⁰ BRASIL, Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827. Manda Criar escolas de primeiras letras nas cidades, vilas e lugares mais populosos do Império <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br> acesso em 02 de novembro de 2010.

Para as meninas, porém, a regra seria substituir geometria pelo ensino das prendas domésticas, limitando-se, inclusive, o ensino da aritmética. Por isso a lei demarca bem os territórios de atuação da educação feminina:

Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento. As Mestras, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica.⁶¹

Apesar da lei de 15 de outubro de 1827, delimitar os papéis do aprendizado de homens e mulheres fica evidente que trouxe avanços ao admitir a presença feminina nas escolas. Embora muitas mulheres, principalmente as “bem nascidas” contassem com algum tipo de educação, dedicavam-se:

Sobretudo, às prendas domésticas e à aprendizagem de boas maneiras. Mesmo as moças privilegiadas tinham reduzido acesso à leitura, pouco ou nada sabiam de história ou geografia, possuíam vagas noções de literatura e cálculo, se dedicavam mais a aprendizagem da língua, de preferência o francês, vivendo nos estreitos horizontes domésticos, aguardando o casamento que deveria ser suprema aspiração e para o qual eram preparadas por toda vida.⁶²

Nas várias citações que seguem encontramos referências à Educação Doméstica. Para entendermos sua importância devemos nos reportar à forma como a mulher era vista, ou seja, seria de sua responsabilidade formar, criar e educar os filhos dentro dos princípios que norteavam a época. A mulher “fazia parte” e “estava à parte”. Fazia parte de um projeto que a via como redentora, salvadora da pátria e da família, alguém cuja moral deveria ser intocada, a pureza inabalada e responsável por entregar ao país verdadeiros cidadãos. Estava à parte quando o assunto era instrução. Seu horizonte deveria ser o mais restrito possível, de preferência aprendendo bons modos e os cuidados com o lar, assim a finalidade da Educação Doméstica era acima de tudo: “[...] inculcar no espírito das alunas o desejo de tornar o lar alegre e feliz, dentro dos recursos que possa dispor a família.”⁶³ A disciplina também estava

⁶¹ BRASIL, Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827. Manda Criar escolas de primeiras letras nas cidades, vilas e lugares mais populosos do Império <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br> acesso em 02 de novembro de 2010.

⁶² ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007. p. 110

⁶³ VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. p.65

ligada a outras matérias, mas nada que desse oportunidade de algum avanço educacional, por essa razão:

Tal ensino terá estreita ligação com as demais matérias, mas especialmente com a aritmética, que facilitará a aprendizagem da escrituração da receita e despesa da casa, com a geometria, que instruirá sobre avaliações e medidas, com a História Natural e Higiene, que fornecerão conhecimentos sobre alimentos, a casa e os objetos de uso doméstico, cultivo de plantas etc., com o desenho e os trabalhos manuais, que proporcionarão meios de dar a casa aspecto estético e aprazível; e ainda com a educação moral e cívica, cujos ensinamentos são imprescindíveis.⁶⁴

As idéias que propunham uma separação na educação de homens e mulheres, “não surgiram aqui, mas tinham influência dos conceitos europeus que vieram com o colonizador.”⁶⁵ Podemos observar que mesmo depois da emancipação do Brasil, em relação a Portugal, aquele manteve os mesmos pressupostos apreendidos durante os tempos de dominação, ou seja, uma mentalidade composta por rigidez, moralidade e tradicionalismo. Evidentemente, todos esses elementos deveriam fazer parte da educação feminina portuguesa, ministrada no lar e para o lar. Por esse motivo, Ribeiro Sanches⁶⁶ propõe em seu “Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII” as seguintes recomendações:

A educação das meninas, além dos ensinamentos de riscar moldes, fiar, coser e talhar, deveria contemplar também a aprendizagem da escrita, para que soubessem escrever uma carta, assentar nos livros as provisões feitas para viver seis mezes a caza, dos jornaleyros e seus salários escrever o preço de todos os comestíveis[...] de móveis da casa, de onde se fabricam ou se vendem mais barato. Para isso, seria útil que soubessem aritmética, para que sabendo calcular pudessem prever quanto trigo, vinho, carnes salgadas, doces eram necessários a sua família.⁶⁷

Para Ribeiro Sanches, fazia-se necessária a instrução feminina, porém uma instrução voltada às prendas e afazeres domésticos. Ele apresenta a necessidade do aprendizado das letras e da aritmética, um aprendizado que não instruisse para a intelectualidade, mas que a prendesse, cada vez mais, no seio familiar. Assim, estaria a mulher excluída de toda e

⁶⁴ VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. p.65

⁶⁵ VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**: a Educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005. p.172.

⁶⁶ Antônio Nunes Ribeiro Sanches nasceu em 07 de março de 1699 em Penamacor, por ser de origem judaica, deixou Portugal em 1726, aos 27 anos. Médico de formação foi convidado em 1731 para participar da Reforma dos Serviços Médicos na Rússia implementada pela Imperatriz Ana Ivanova. PINA, Luís de. Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII (no II Centenário da Publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. In: **Revista da Faculdade de Letras do Porto**, vol. I, 1968. p 09

⁶⁷ SANCHES apud VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**: a Educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005. p.172

qualquer outra atividade que não se configurasse nas práticas domésticas, tornando-se mera expectadora de seu tempo.

Não foi apenas o médico Ribeiro Sanches, mas outros tantos poetas, pensadores e escritores que se colocaram contra a instrução feminina. Assim, o português Ramalho Ortigão⁶⁸, em suas Crônicas Portuenses, se expressou sobre as mulheres que pretendiam ter o ofício de escritora:

A mulher que faz livros transcura a sua missão, desfita o alvo de seu existir, transvia-se da sua trilha, rescinde os seus direitos, deixa de ser mulher, fica sendo tão somente a fêmea do homem, ou antes, um homem-fêmea.

Quem perde neste jogo é a triste humanidade!

Eu de mim aconselharei sempre às mulheres que não escrevam...⁶⁹

Na tese defendida em 1888, pelo médico-cirurgião Manuel Ferreira Correia Lopes Barrigas, deixou claro que era totalmente contra a instrução superior feminina e propôs:

Que a mulher se instrua, sim, para melhor saber governar a sua casa, educar os seus filhos, cooperar com seu marido, colaborar nas obras sociais. E para isso sugere escolas de economia doméstica, contabilidade, corte, higiene feminina e infantil.⁷⁰

Para a defesa de sua tese, o mesmo faz uso de vários nomes da antropologia e neurologia para justificar que a mulher era detentora de capacidades, funções intelectuais e estrutura orgânica inferiores às do homem. Manuel Barrigas demonstrava-se preocupado com a recepção das novas idéias que viam, com bons olhos, a igualdade na instrução de meninos e meninas; para ele o que na “Inglaterra e Estados Unidos é já um mal, seria em nosso país uma lástima”.⁷¹

Como se vê, a educação feminina sempre esteve envolta em discussões, porém vale ressaltar que, apesar das vozes contrárias, muitas ecoaram a favor, como por exemplo, a do escritor português Eça de Queirós⁷² que defendia que “a valia de uma geração depende da

⁶⁸Jornalista e escritor, o português Ortigão Ramalho (1836-1915) foi colaborador de vários periódicos brasileiros, como a “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro, onde exercia seu estilo sarcástico. Observador e crítico social de espírito conservador, figura como um dos mais destacados integrantes da geração nacionalista lusitana. FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 108

⁶⁹ ORTIGÃO apud PINA, Luís de. Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII (no II Centenário da Publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. In: **Revista da Faculdade de Letras do Porto**, vol. I, 1968. p. 22 e 23

⁷⁰BARRIGAS, apud PINA, Luís de. Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII (no II Centenário da Publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. In: **Revista da Faculdade de Letras do Porto**, vol. I, 1968. p. 29

⁷¹ Na frase “seria em nosso país uma lástima” o autor refere-se a Portugal. BARRIGAS, apud PINA, Luís de. Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII (no II Centenário da Publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. In: **Revista da Faculdade de Letras do Porto**, vol. I, 1968. p. 27

⁷² José Maria Eça Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845 em Póvoa do Varzim- Portugal e faleceu em 16 de agosto de 1900 em Paris na França. Intelectual polêmico, abraçou a escola Realista da literatura Portuguesa,

educação que recebeu das mães”⁷³ Para ele, a mulher portuguesa de sua época seria “preguiçosa, medrosa, vaidosa, de músculos sem exercício[...]”⁷⁴ por isso a necessidade de uma instrução bem elaborada para as meninas.

Entre os pensadores brasileiros que defendiam a educação intelectual da mulher, destaca-se o sergipano Tobias Barreto de Menezes que em um dos seus estudos nos diz:

Sociedade hodierna, porém, que por um lado zomba dos conventos, e por outro lado insiste em restringir o papel feminino aos únicos misteres da vida familiar, pois que todas, ainda hoje, não recebendo destino a graça de serem esposas e, além disso se lhe contesta a *capacidade de estudar*; a sociedade hodierna acha-se em frente de uma terrível questão. Como resolvê-la? Provavelmente instituindo uma nova espécie de *noivado místico* e fazendo prostíbulo sub-rogado do convento.⁷⁵

Em “A Cultura Brasileira,” de Fernando de Azevedo, no capítulo dedicado às Instituições Escolares, o autor nos mostra que “a mulher não tinha em geral mais que uma educação doméstica [...] ocupada com o lar, o piano e a agulha”⁷⁶. Sobreviveu sem alçar vãos ou procurar outras formas de ampliar seus horizontes.

Mesmo em alguns debates nos quais vozes como a de Caetano de Campos defendia a instrução feminina quanto a sua participação no ensino secundário, vislumbramos de forma clara, que apesar desse avanço o importante para a mulher seria a educação voltada ao lar:

Caetano de Campos, intelectual reformista, convencido das idéias liberais da sua época, não fazia grandes diferenciações na formação dos futuros mestres no tocante a cada sexo, porém colocava-se a favor de educação secundária feminina que promovesse o desenvolvimento intelectual da futura da mãe de família. Em relatório apresentado em 1891, referia-se a uma mulher como “capaz de formar uma raça excepcionalmente preparada para um futuro grandioso”⁷⁷

Nos anos 40 do século XX, a Reforma Capanema defendia o ensino secundário separado para meninos e meninas. A Lei nº 4.244 de 09 de abril de 1942, apresenta, de forma

satirizou e criticou a elite portuguesa e a hipocrisia religiosa. PATRICK, Julian. **501 grandes escritores**. Trad. Lívia Almeida e Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro: Sextante, 2009, p. 210.

⁷³ QUEIRÓS, apud PINA, Luís de. Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII (no II Centenário da Publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. In: **Revista da Faculdade de Letras do Porto**, vol. I, 1968. p. 23

⁷⁴ QUEIRÓS, apud PINA, Luís de. Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII (no II Centenário da Publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. In: **Revista da Faculdade de Letras do Porto**, vol. I, 1968. p. 23

⁷⁵ MENEZES, Tobias B. Menores e Loucos. In: **Estudos de Direito II**. Rio de Janeiro. Record; Aracaju: Secretaria da Cultura e do Meio Ambiente, 1991, p. 54 (grifo do autor)

⁷⁶ AZEVEDO, Fernando de. “As origens das instituições escolares”. In: **A cultura brasileira**. Parte III – A transmissão da cultura. 6ª. Ed. Brasília: editora UNB, 1996. p. 560

⁷⁷ Anuário do Ensino do Estado de São Paulo. São Paulo, 1907/1908 p. 115 apud ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 60

clara as prescrições para a realização do ensino secundário feminino; assim em seu Título III, art. 25, informa:

1-É recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva freqüência feminina.

2-Nos estabelecimentos de ensino secundário freqüentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este processo só deixará de vigorar por motivo relevante e dada a especial autorização do Ministério da Educação.

3-Incluir-se-á, na terceira e quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica.

4-A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar.⁷⁸

Percebemos que o crescimento intelectual estaria atrelado à idéia de constituição de uma mãe dedicada e esposa extremosa e agradável. Graças a esse conceito a mulher pode continuar à margem da sociedade, longe dos centros de decisão e mantendo em seu currículo, principalmente disciplinas que privilegiassem as prendas domésticas.

Enquanto os homens disputavam poderes no espaço público, mantinha-se as mulheres na penumbra doméstica e domesticadora, confinadas em um espaço restrito que lhes tolhia a liberdade e a expansão de sua inteligência e de seu talento. Distantes dos olhares vigilantes da cidade e resguardadas pelo recato e pela própria ignorância, constituíam uma parcela do mundo social urbano que, apesar de visível nas esferas e reprodutivas dos segmentos sociais, era a grande ausente da vida pública, do campo científico e da produção.⁷⁹

Assim vislumbramos a precariedade educacional em que se encontravam as mulheres, podiam ser educadas, pois dessa forma desempenhariam bem o papel a elas imposto, porém quando se tratava de instrução vimos que “instruí-la” seria perigoso demais. A idéia de instrução foi até cogitada e defendida, mas vale lembrar que a mesma deveria ter limite. Admitia-se até um ensino secundário, desde que esse ensino a instrísse, principalmente às obrigações para com o lar. Contar, escrever; enfim, todo o aprendizado seria convergido para uma melhor execução da tarefa de mãe e esposa.

Em Sergipe, a resistência com relação à educação feminina nos vem através do relato de Maria Thétis Nunes, quando nos informa que:

O patriarcalismo dominante fizera que nunca o problema fosse enfrentado [...] como atestam os relatos dos viajantes estrangeiros que aqui passaram, e que se impressionaram com a situação da mulher reclusa no interior dos lares⁸⁰

⁷⁸BRASIL. Decreto-Lei nº 4244 de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário.<<http://www.scribd.com>>acesso em 01 de novembro de 2010.

⁷⁹ ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007. p. 109

⁸⁰ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 p. 47

Provavelmente, essa resistência fosse proveniente do temor masculino de que a mulher escapasse do seu domínio. Talvez, por esse motivo, apenas em 1831 foram criadas as primeiras cadeiras públicas para o sexo feminino em São Cristóvão, Laranjeiras, Estância e Propriá. A partir de então, segundo a historiadora, o Governo da Província tomou a responsabilidade de ministrar as Primeiras Letras à mulher sergipana.⁸¹ Para que o referido projeto fosse colocado em prática, o Conselho Governamental aprovou o chamado “Plano do Cônego Doutral José Marcelino de Carvalho” que previa:

O funcionamento de uma Casa de Educação, a ser mantida por subscrição de Beneméritos Proprietários, com o nome de Colégio Patriótico de São Cristóvão. Deveria ter internato, recebendo pensionistas e 10 órfãs ensinando-lhes as Primeiras letras pelo Método Lancaster⁸², Gramática Latina, Língua Francesa, Língua Inglesa, Música e Dança.⁸³

Mesmo sendo aprovado e tendo uma Junta Promotora constituída, o projeto não foi realizado devido às dificuldades do período e a falta de entendimento daqueles que constituíam a classe privilegiada em Sergipe. O desinteresse residiu no fato de que “seus filhos eram enviados aos centros maiores, onde pudessem cursar as disciplinas exigidas para o ingresso nas Academias do Império”⁸⁴.

A educação sergipana passou por vários entraves, mas em 1836 o Vice-Presidente em exercício, o Dr. Manuel Joaquim Fernandes de Barros através de sua fala à Assembléia Legislativa Provincial, chama a atenção à importância de uma educação profissionalizante que fosse identificada com as atividades econômicas existentes na Província. Seu modelo educacional era sugerido para homens e mulheres, sendo que para elas:

[...] seria de utilidade um estabelecimento que lhes permitissem aprender “a coser, lavar, engomar, fazer flores, cuidar de hortas e da educação dos animais domésticos”. E concluía: “Assim teríamos um viveiro, onde os camponeses achassem mulheres, filhas de pessoas pobres, ou órfãs, que lhes trouxessem em dote os ricos tesouros que se obtém com a ciência prática da economia, boa ordem e o conhecimento das cousas domésticas; e particulares, boas criadas, capazes de dirigirem suas casas [...]”⁸⁵

⁸¹ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 p.47

⁸² O método Lancaster tem sua origem na Inglaterra, praticamente dispensava a existência de muitos professores. Estes instruíam os alunos mais adiantados, que se transformavam em monitores e, em grupos, instruíam seus colegas. In: ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil**: dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores Associados, 2004. p.40

⁸³ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 p. 50

⁸⁴ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 p. 51

⁸⁵ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 p. 63

Como vemos, mesmo se apresentando como a “primeira visão global da educação em Sergipe”⁸⁶ traz fortes traços de uma educação colonial, em que ser mulher nada mais era que o sinônimo de “mãe extremosa”. A educação sugerida relegava a mulher a ser uma mera aprendiz dos afazeres domésticos. Para ela bastava “alguns rudimentos de leitura e escrita, formação religiosa e trabalhos manuais”⁸⁷

Apesar de todas as tentativas no início do século XX, Sergipe conta apenas com “quatro escolas primárias”⁸⁸ que funcionavam em prédios do próprio Estado, porém marcadas por instalações precárias e sem as mínimas condições de higiene. Outro fator determinante se configurava na má distribuição das mesmas, bem distante do proposto na lei de 15 de outubro de 1827, que propunha em seu texto: a necessidade de que em “todas as cidades, vilas e lugares mais populosos”⁸⁹ deveria haver escolas de primeiras letras. Embora a historiadora Maria Thétis Nunes nos apresente essa afirmação, a investigação realizada por Gláriston dos Santos Lima, nos informa que um número razoável de municípios sergipanos contava com aulas de Primeiras Letras na primeira metade do século XIX, inclusive com o acompanhamento assíduo e sistemático das autoridades da província. Exemplo disso eram os ofícios enviados pelos professores ao Secretário de Governo Sr. Brás Diniz VilasBoas, confirmando recebimento de materiais para uso nas referidas aulas. Dentre as localidades citadas, encontramos: Povoação de Nossa Senhora dos Campos, Vila de Lagarto, Vila de Santa Luzia, Itabaianinha, Vila de Laranjeiras, Vila de Propriá, Itaporanga, Vila de Santo Amaro.

O autor também esclarece sobre as estatísticas realizadas em 1852, onde as autoridades provinciais apresentam um número de 39 escolas primárias direcionadas ao sexo masculino e 15 para o sexo feminino. Dessa maneira, percebemos que “Mesmo nos lugares mais longínquos, o Estado concentrou esforços e conseguiu montar, pelo menos, uma aula elementar, com sentido de instruir o seu povo e construir uma nação desenvolvida.”⁹⁰

Entre o final do século XIX e início do século XX, torna-se marcante a presença dos colégios particulares, de orientação católica, e ligados primordialmente a educação feminina

⁸⁶ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 p. 62

⁸⁷ FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco** um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ NPGED, 2003. p. 25

⁸⁸ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 p. 215

⁸⁹ NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 p.41

⁹⁰ LIMA, Gláriston dos Santos. **A Cultura Material Escolar**: desvelando a formatação da instrução de Primeiras Letras na Província de Sergipe (1834-1858). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2007.p.79 (Dissertação de Mestrado)

de elite, tais como: o Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora⁹¹, Colégio Senhora Sant’Anna⁹², Colégio N. S. de Lourdes⁹³, Ginásio Patrocínio de São José⁹⁴, Colégio Sagrado Coração de Jesus⁹⁵ e o Colégio Nossa Senhora da Piedade⁹⁶. Enfim, a mulher sergipana, principalmente as de menor poder aquisitivo, como tantas outras brasileiras, percorreu um longo e penoso caminho para ter acesso à instrução, e a partir de então dando início a novas lutas e outros tantos desafios.

⁹¹ A obra Salesiana em Aracaju data de 15 de novembro de 1909 e teve no Pe. Giordano seu principal colaborador. Em 1913 transferiu-se para sua sede própria localizada à Rua Nossa Senhora das Dores em Aracaju. Maiores informações: NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

⁹² O Colégio Sant’Anna foi fundado pela Prof^a Possidônia de Santa Cruz Bragança, teve sua origem na cidade de Laranjeiras e 1899 a direção da instituição foi passada para Quintina Diniz de O. Ribeiro que no início do século XX o transferiu para Aracaju, tornando-se assim, o principal colégio feminino do período. Maiores informações, ver: RAIMUNDO, Luciana de Santana. **A educação da mulher no Colégio Nossa Senhora Santana (1848-1898)**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2000. (Monografia)

⁹³ O Colégio Nossa Senhora de Lourdes foi criado em 1903 pelas Irmãs Sacramentinas era voltado à Educação Feminina. Suas atividades vigoraram até 1973. Maiores informações, consultar: COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ UFS, 2003. (Dissertação de Mestrado).

⁹⁴ Fundado em Propriá em 15 de janeiro de 1915, sob a orientação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição, foi um colégio feminino que funcionou em regime de internato e externato. Em 1933 foi equiparada a Escola Normal do Estado, proporcionando a suas alunas receberem o diploma de professoras. RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma Educação Católica**: Um estudo sobre a Disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha (1947-1968). São Cristóvão: Núcleo de Pós – Graduação em Educação/UFS, 2008. (Dissertação de Mestrado) p.28

⁹⁵ Fundado em 07 de abril de 1940 pelas Irmãs Hospitaleiras Portuguesas, funcionou em prédio alugado até o ano de 1944 e se dedicou ao ensino primário. RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma Educação Católica**: Um estudo sobre a Disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha (1947-1968). São Cristóvão: Núcleo de Pós – Graduação em Educação/UFS, 2008 (Dissertação de Mestrado) p.28

⁹⁶ Fundado em 1947, na cidade de Lagarto adotou primeiramente o nome de Educandário Nossa Senhora da Piedade e tinha por objetivo garantir à criança e juventude uma formação baseada na moral cristã e no civismo. O referido estabelecimento é dirigido pelas Irmãs Franciscanas do Bom Conselho. RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma Educação Católica**: Um estudo sobre a Disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha (1947-1968). São Cristóvão: Núcleo de Pós – Graduação em Educação/UFS, 2008. (Dissertação de Mestrado) p.28

1.3 – “Menina que sabe muito, é menina atrapalhada. Para ser mãe de família saber pouco ou quase nada”⁹⁷



Figura 2: Tela “Limpendo Metais”, de Armando Vianna (1897-1992). Obra concebida em 1923. Óleo sobre tela, 99x81 cm, Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora (MG)

O cancionero ilustra bem o destino para o qual as mulheres deviam ser criadas e educadas: para o casamento e para as responsabilidades. Dizendo de outro modo, para que seria necessária a instrução feminina se seu caminho natural se resumiria em viver no lar e para o lar? Logo, as mulheres deveriam aprender, sim, mas somente o necessário para que pudessem comandar sua casa, cuidar de seus filhos e de seu marido e, quando muito, envolver-se em algum trabalho de filantropia.

Para alguns, havia a necessidade de que as meninas fossem instruídas, desde que essa instrução não ultrapassasse os devidos limites: de levá-las a execução de ofícios que consistiam em cuidar ou zelar do outro. Vocação, missão, cuidado, dedicação, faziam parte do universo feminino. Durante muito tempo a mulher ficou relegada, sem instrução e sem direitos. Se instruir consistia em erudição, essa não era uma perspectiva que a sociedade pensava para ela. Mesmo aquelas que puderam estudar em seus domicílios, aprendiam entre

⁹⁷ Frase típica do Cancioneiro popular. CALAZANS apud NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 50.

letras e números, as prendas domésticas e regras de etiqueta, tudo o que lhes garantissem um bom casamento, pois:

Como o casamento era a porta de entrada para a realização feminina, as prendas domésticas tornaram-se imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse casar possibilitando-as, dessa forma realizar o objetivo de vida de todas as jovens solteiras⁹⁸

Tendo em vista que toda a realização feminina se encerrava com o casamento, uma educação com propósitos tão definidos não traria transtornos ao seu futuro marido, uma vez que a mulher do final do século XIX, agora mais sociável, poderia acompanhá-lo aos mais variados eventos sociais.

O casamento e a maternidade eram a salvação feminina; honesta era a esposa-mãe de família; desonrada era a mulher transgressora que desse livre curso à sexualidade ou tivesse comportamento em desacordo com a moral cristã. Para a missão materna as meninas deviam ser preparadas desde a mais tenra idade [...]⁹⁹

Pois além das dificuldades impostas pela condição de ser mulher, devia ser educada para casar, cuidar e desenvolver a maternidade. Por esse motivo foi eleita pelo movimento higienista que, ancorado no

[...] pressuposto da inferioridade biológica e intelectual feminina levou o positivismo, no século XIX, a considerar natural o alicerçamento dos homens no poder, baseados na diferença natural entre os sexos. Essa diferença justificava a subordinação e a opressão feminina e seu alijamento da esfera pública, em que essas relações se ancoravam. Os sofismas positivistas respaldaram o movimento higienista quando os médicos sanitaristas decidiram- em nome do progresso e das necessidades profiláticas dos crescentes centros urbanos [...] principalmente São Paulo e Rio de Janeiro- reservar à mulher a responsabilidade pela higiene doméstica e os cuidados com a saúde da prole.¹⁰⁰

Graças às concepções higienistas e ao patriarcalismo, o papel da mulher se resumia cada vez mais à formação da família, criação dos filhos e cuidados com o lar. A mulher será revestida de uma “missão divina” que compreenderá, entre outras obrigações, tornar-se guardiã da família. Aparentemente essa nova postura poderia até indicar uma mudança nos costumes de uma sociedade patriarcal para uma sociedade matriarcal, porém cabia ao homem

⁹⁸ BASSANEZI, Carla apud COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão: Núcleo de Pós – Graduação em Educação/UFS, 2008 (Dissertação de Mestrado) p. 19

⁹⁹ ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007. p.66

¹⁰⁰ ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 41

a última palavra, “por ser ele o único mantenedor da família. Ela, a rainha do lar; ele, o cabeça, o chefe, o juiz”¹⁰¹.

Não foram apenas as idéias defendidas pela sociedade vigente que deu à mulher a incumbência de ser a grande redentora da humanidade, mas os preceitos religiosos, principalmente os católicos. Um exemplo disso seria o “Plano de Educação para mulher brasileira” concebido por Nísia Floresta.¹⁰² Da mesma forma que a autora luta pela igualdade de sexos, pela escolarização secundária feminina, apresenta em seu discurso um forte cunho moral e religioso, preparando, de alguma forma, a mulher para executar sua tarefa mais primordial, a de ser mãe:

À menina caberia, um dia ser mãe de família. À mulher que já o fosse, cabia-lhe assumir as responsabilidades inerentes a tal função, ou seja: amamentar, criar com desvelo, educar nos princípios morais, vigiar a filha todo o tempo, ser modelo de virtudes e, ainda, ser mestra preceptora e a responsável pela instrução completa dos filhos. Em última instância, ser única e exclusivamente mãe¹⁰³

Apesar do plano em um primeiro momento tecer críticas à forma como a mulher era educada, solicitando, inclusive, um melhor aperfeiçoamento intelectual para as professoras e aulas de educação física para as meninas, mostra-se, num segundo momento, complacente com a educação dedicada às mesmas. Desse modo, a proposta defendida por Nísia Floresta quanto à educação feminina, acabou por não obter os avanços necessários. Em suma, a mulher ficou entre a responsabilidade de desempenhar bem o seu papel de mãe e de uma educação cuja finalidade seria educar seus filhos, limitando-a assim ao recesso do lar: “As mulheres [...] deveriam instruir-se não por prazer ou para emancipar-se, mas porque um dia seriam responsáveis pela educação dos filhos”¹⁰⁴ Por isso a negação da instrução feminina era tão forte, da mesma maneira que a necessidade de inculcar na sociedade que o verdadeiro papel da mulher seria casar e ter filhos.

¹⁰¹ DUARTE, Constância Lima. A ficção Didática de Nísia floresta. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cinthya Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.p. 294

¹⁰² Nísia Floresta Brasileira Augusta nasceu em 1810 no Rio grande do Norte, autora de importantes títulos sobre a mulher, foi professora e fundou colégios destinados a educação feminina. DUARTE, Constância Lima. A ficção Didática de Nísia floresta. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cinthya Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 291

¹⁰³ DUARTE, Constância Lima. A ficção Didática de Nísia floresta. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cinthya Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 299

¹⁰⁴ DUARTE, Constância Lima. A ficção Didática de Nísia floresta. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cinthya Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 303

Se para casar não era necessário um saber mais aprofundado e científico então as mulheres deviam se apressar, uma vez que a solidão feminina não era vista com bons olhos, pois no “rigoroso modelo familiar do século XIX, pouco espaço era reservado às mulheres que não cumpriam seu destino “natural”: casar¹⁰⁵. Afinal fora do matrimônio e de uma vida dedicada ao lar, parecia não haver salvação.

Além do matrimônio, a mulher deveria estar preparada e educada para ser mãe. Mulher e maternidade confundiam-se, principalmente nos discursos defendidos em periódicos como as revistas femininas.

Abnegada e sublime, altruísta e heróica, a mulher brasileira é, antes de tudo, o modelo das mães: e aquela que exercer essa grandiosa missão, terá o bom senso de ficar na calma remançosa do lar, toda amor e carinho, devotamento e sacrifício, cuidados maternos [...] para educar patrioticamente a criança e preparar o soldado de amanhã.¹⁰⁶

A defesa de que a maternidade era a verdadeira missão feminina foi abraçada e defendida em muitos campos da sociedade, assim:

Intelectuais de todos os matizes, políticos, educadores, médicos e higienistas, juristas, reformadores – de tendência tradicional ou não – representantes da Igreja Católica, [...] todos concordavam em que a função maternal constituía valor a ser preservado e cuidado.¹⁰⁷

Evidentemente, cada grupo defendia a idéia de maternidade feminina de acordo com sua posição política, mas mediante algumas discordâncias. Todos os grupos eram unânimes em evocar o instinto maternal: como sagrada missão, lembrava o dom divino e como ação patriótica, incorporava os pressupostos de nacionalidade.

Por isso, modelos pedagógicos como o do Dr. Moncorvo Filho¹⁰⁸, proposto no início do século XX, que tinham com princípio os pressupostos da higiene e da saúde como responsabilidade individual para um bom processo educativo, colocando mais uma vez a

¹⁰⁵RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 273

¹⁰⁶RIBEIRO, Maria Rosa Moreira, apud FREIRE. Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

¹⁰⁷FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p.98

¹⁰⁸ Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo Filho (13/09/1871 a 14/05/1994), cujo pai, o Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo é considerado o fundador da pediatria científica no Brasil. Moncorvo Filho é um dos protagonistas do movimento de amparo e proteção à infância pobre, dando continuidade à obra do pai. A fundação e consolidação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI) constitui-se na iniciativa que lhe proporciona grande visibilidade, dentro e fora do país. GONDRA, José G. “Modificar com brandura e prevenir com cautela”. Racionalidade médica e higienização da infância. In: FREITAS, Marcos César de; KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na História da Infância**. São Paulo:Cortez, 2002. p. 290.

mulher no centro das discussões sobre sua missão materna, foram bem aceitos. Dessa maneira:

Informados pelos conhecimentos da eugenia¹⁰⁹ e embebidos da atmosfera nacionalista que enxergava a viabilidade brasileira através de suas crianças, tais médicos justificariam uma necessidade urgente de preparar as mulheres para ser mães. Dessa forma, conformando um grupo que se apresenta como autoridade na promoção e manutenção da saúde das crianças, iriam se dedicar a uma campanha sistemática em prol do exercício de uma maternidade de base científica, orientada pelos princípios médicos da puericultura. Em sintonia com a mentalidade da sociedade urbana da época, que atribuía exclusivamente à mulher a responsabilidade pela saúde dos seus filhos, [...] esses higienistas tomaram para si o encargo da formação do que imaginavam ser uma boa mãe de família.¹¹⁰

A idéia de maternidade feminina era reforçada de todas as maneiras. Frases como a “maternidade seria a beleza mais comovente da mulher” e “glorioso destino da mulher” eram repetidas em várias publicações, principalmente nas revistas e periódicos direcionados ao público feminino. Dessa maneira, muitas mulheres se viram atreladas a essa concepção de tal modo que o casamento passou a ser um objetivo de vida. Mas, se por ventura o matrimônio não se realizasse, ainda haveria uma saída: “seria sobretudo no desempenho de ocupações como o magistério e a enfermagem que exerceriam a maternidade espiritual”¹¹¹. Para a mulher estava reservado o papel de ser mãe, fosse de forma natural ou espiritual; para ela estava determinado o cuidar de alguém.

Não podemos deixar de mencionar que muitas vozes femininas se manifestaram contra essas práticas, embora não negassem a maternidade enquanto essência feminina. Para algumas, como a anarquista Maria Lacerda de Moura¹¹² que defendia maternidade livre e fora

¹⁰⁹ Ciência que estuda as condições mais propícias à reprodução e melhoramento da raça humana. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.p.281

¹¹⁰ FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 126

¹¹¹ FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 103

¹¹² Feminista libertária, escritora polêmica e oradora prestigiada, Maria Lacerda de Moura se destaca por uma vibrante atuação nos meios políticos, culturais e literários brasileiros, desde as primeiras décadas do século XX, destacando-se pela rebeldia que caracterizava sua experiência pessoal e os inúmeros artigos que publicou. Nascida em Minas Gerais a 16 de maio de 1887, forma-se pela Escola Normal de Barbacena, em 1904 e logo se interessa pelas idéias anticlericais e pedagógicas dos anarquistas, de modo especial as de Francisco Ferrer y Guardia (fuzilado pelo governo espanhol, em 1909). Autora de vários artigos e livros onde criticou principalmente a moral sexual burguesa, alinhando-se com os anarquistas e radicalizando a denúncia da opressão sexista sobre as mulheres pobres e ricas. Tratou de temas como a educação sexual dos jovens, virgindade, amor livre, direito ao prazer sexual, divórcio, maternidade consciente e prostituição. Em 1932 lança a Revista Renascença, voltada para a questão da formação intelectual e moral das mulheres. Entre os seus ensaios mais famosos estão: Em torno da Educação (1918); A mulher moderna e seu papel na sociedade atual (1923); Religião do amor e da Beleza (1926); Han Ryner e o amor plural (1928); Amai e não vos multipliqueis (1932); a mulher é uma degenerada? (1932); e Facismo: filho dileto da Igreja Católica e do Capital (s/d). Faleceu em 1945 no Rio

do casamento, e separava, de forma clara, os papéis de mãe e de profissional. Para Ana de Castro Osório,¹¹³ em seu artigo intitulado “mulheres e crianças”, publicado em dezembro de 1925, trazia a seguinte ponderação:

Quando dizemos que o grande, o glorioso destino das mulheres é serem as educadoras e as dirigentes morais da sociedade, por intermédio do coração das crianças, e damos à sua missão na família o mais belo lugar, não queremos impor a todas as mulheres o mesmo destino.¹¹⁴

As palavras de Ana Osório servem para informar que, apesar de todo um aparato que colocava à mulher numa situação quase imutável, de mãe e esposa, havia, segundo ela, escolhas a serem feitas, pois nem todas as mulheres nasceram para a maternidade, e isso não deveria ser instrumento de exclusão ou coerção para com elas.

Apesar dos grandes debates e entraves sobre a função materna da mulher, vislumbramos que até entre as feministas há consenso sobre o desempenho do papel da mesma, pois, ao tempo em que condenam a visão dominante de que a mulher deva ser somente mãe, também não desfaziam a vinculação da maternidade com a essência feminina, assim declarou Bertha Lutz¹¹⁵

O movimento feminino não representa uma tentativa de imitar o chamado “sexo forte”, nem [...] um abandono do lar. É um engano pensar que o feminismo afasta a mulher de casa. O que afasta a mulher do aconchego da família, o que arranca a mãe aos filhos pequeninos que necessitam do seu carinho é a dura realidade.¹¹⁶

de Janeiro. Pesquisa realizada através do site: <http://unb.br/ih/his/grfem/labry5/textos/moura.htm> acesso em 02 de abril de 2010.

¹¹³ Ana de Castro Osório nasceu em Mangualde em 18 de junho de 1872, casou-se com Paulino de Oliveira, poeta e membro do Partido Republicano. Escreveu, em 1905 “Mulheres Portuguesas”, o Primeiro Manifesto Feminista Português. Ana de Castro Osório foi pioneira na luta pela igualdade de direitos. O seu ativismo levou à criação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Colaborou com o Ministro da Justiça Afonso Costa na criação da lei de Divórcio. Defendeu até a exaustão que as mulheres não deviam ser meras peças decorativas e que a educação seria o passo definitivo à libertação feminina. Chegou ao Brasil em 1911 em companhia do marido nomeado cônsul. Escritora renomada escreveu entre outras coisas: “Lendo e aprendendo” e “Lições de História” dois manuais adotados pelas escolas portuguesas e brasileiras. Faleceu em 25 de abril de 1935. Pesquisa realizada no site: <http://www.rtp.pt> (os grandes portugueses) acesso em 02 de abril de 2010.

¹¹⁴ OSÓRIO apud FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p.101

¹¹⁵ Bertha Maria Júlia Lutz nasceu em 1894 em São Paulo e faleceu no Rio de Janeiro em 1976. Filha do cientista Adolfo Lutz e da enfermeira inglesa Amy Fowler, foi uma das pioneiras do feminismo no Brasil. Fundou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Em 1922, representou o Brasil na Assembléia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras realizada nos Estados Unidos da América. Assumiu o mandato de Deputada Federal em 1936. Bertha Lutz lutava pela mudança na legislação trabalhista com relação ao trabalho feminino e infantil e até mesmo pela igualdade salarial. Em 1937, com o advento do Estado Novo perde o mandato. Atualmente empresta seu nome ao Prêmio Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz instituído pelo Senado Federal do Brasil oferecido a mulheres que contribuíram de maneira relevante na defesa dos direitos da mulher e questões de gênero em nosso país. Pesquisa realizada através do site: http://www.senado.gov.br/comunica/bertha_lutz. Acesso em 01 de abril de 2010.

¹¹⁶ FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p.102

Diante de tantos percalços e dificuldades podemos compreender porque a instrução feminina não foi bem vista e porque se tornava necessário que ela exercesse seu papel primordial de mãe. A mulher era a peça principal para a formação da nova geração de cidadãos brasileiros, idéia acalentada desde o Brasil Império. Por esse motivo, as concepções higienistas a cercavam. Era preciso ter filhos fortes e saudáveis, e para isso caberia à mulher cuidados com a saúde e uma aprendizagem cujo alvo seria aprender a educar os filhos. Mesmo diante dessa necessidade, encontramos descasos quanto à sua escolarização:

[...] tanto as escolas normais quanto as escolas particulares de nível secundário destinadas às meninas ministravam um ensino cujo nível acadêmico era inferior ao do Colégio Pedro II, exclusivamente masculino. Tais diferenças encontravam-se sintonizadas com os debates que animavam o período republicano, quando, seguindo uma orientação de classe e gênero, discutia-se uma proposta que desenvolvesse as habilidades conforme os papéis esperados para cada grupo social.¹¹⁷

Assim, torna-se válido acrescentar que para as mulheres restariam as prendas e economia doméstica, para os homens o ensino superior. Entretanto, ao longo dos anos coube à mulher um número imenso de atribuições, em sua maioria nada que ela tenha optado; mas vale ressaltar que ao final do século XIX as mulheres passaram a ser vistas como verdadeiros seres de doçura, desprendimento, espíritos de bondade e beleza, o ser ideal para “carregar nos ombros” a responsabilidade de salvadora da pátria.¹¹⁸

Não pretendemos generalizar, mas, com certeza muitas meninas e mulheres sonharam com outras formas de vida para além dos afazeres domésticos; quantas mentes brilhantes se perderam pela negação de uma profissão, quantas mulheres tiveram o curso de sua vida transformada por um casamento que não desejavam. De maneira geral podemos dizer que tudo o que foi pensado para a mulher esteve, de alguma forma, ligada à idéia de casamento e cuidados com o lar e a família. Os discursos procuravam apresentar a mulher enquanto principal protagonista para o desenvolvimento de um processo voltado, exclusivamente, à educação dos filhos. Como vimos, vários grupos se manifestaram ao longo dos anos, cada um demonstrando seu ponto de vista sobre como deveria proceder à educação feminina; dentre esses, citamos: o dos jornalistas, o dos juristas, o dos médicos e o das feministas.

¹¹⁷ FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p.111

¹¹⁸Essa concepção tomará corpo graças à presença positivista no Brasil que no momento citado será assimilado pelos intelectuais da época. In: ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007. p.70

Para os jornalistas, principalmente os que se expressavam através dos periódicos “Revista Feminina,” de São Paulo e “Vida Doméstica”, do Rio de Janeiro, caberia à mulher procurar desempenhar bem o seu papel de mãe e esposa. Obviamente, também alertava que o papel de mãe e dona de casa seria algo tão importante que apenas aquelas que fossem capazes poderiam alcançar essa dádiva.

Quanto aos juristas, preocupavam-se em conter os “impulsos sexuais exacerbados”, pois assim o número de crimes passionais diminuiria, de forma especial os chamados crimes em “defesa da honra” que aumentavam, consideravelmente, o número de assassinatos envolvendo mulheres.

Para os médicos o principal seria orientar as mulheres quanto à maneira correta para exercer a missão de mãe. A idéia da maternidade foi assumida principalmente pelos higienistas.

Já as feministas, embora lutassem para o desenvolvimento da mulher em vários campos, ainda apresentavam resistência quanto a essa emancipação caso a mesma esbarrasse nas questões referentes à maternidade.

No Orfanato de São Cristóvão as meninas também eram educadas para a vida familiar. Aprendiam a ler e escrever, porém as prendas domésticas, a conduta moral e a religiosidade eram pontos importantes nas práticas educativas desenvolvidas naquela casa de educação.

CAPÍTULO II

“FREIRINHAS DE OLHOS DE CONTAS AZUIS”: AS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO E A EDUCAÇÃO FEMININA NO ORFANATO DE SÃO CRISTÓVÃO E NA ESCOLA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

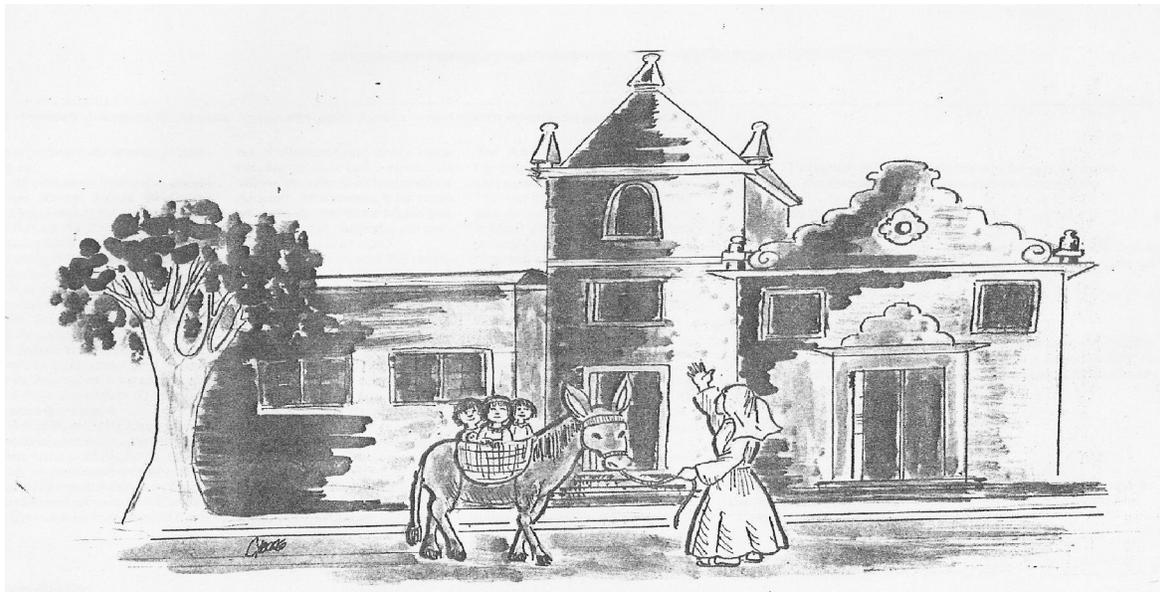


Figura 03: Primeiras crianças abrigadas no Orfanato de São Cristóvão. BARRETO, Cíntia. **Lar Imaculada Conceição de São Cristóvão completa 90 anos.** Jornal Correio de Sergipe de 06 de fevereiro de 2001. Caderno de Cultura. p.C1

Procurar levantar o ânimo e encetar as órfãs para o espírito da Igreja como catequistas, associações, Filhas de Maria, Cruzada Eucarística, Serviço Social; como militantes mães cristãs; ou santas religiosas.¹¹⁹

Partindo do princípio de que as mulheres poderiam desempenhar qualquer papel na sociedade, desde que se configurasse “cuidar de alguém”, as religiosas não ficaram alheias a esse pensamento. Por esse motivo coube a elas o exercício de algumas profissões, independente de diploma: “no fim do século XIX as freiras já se encarregavam de inúmeras tarefas necessárias à sociedade, particularmente no campo da educação, da saúde e da assistência social”¹²⁰. Desse modo, podiam exercer, tranquilamente, as funções de professora, enfermeira e assistente social. E assim foram responsáveis pela execução de vários trabalhos de promoção à vida, principalmente, num período carente desses serviços. Apesar da vida

¹¹⁹ Trecho extraído do Planejamento Anual do Orfanato da Imaculada Conceição de São Cristóvão (1964) p. 01. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

¹²⁰ NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.482

dedicada à religião demonstrar uma idéia de passividade e submissão, vale à pena lembrar que os conventos foram:

Lugares de resistência das mulheres. Também não faltaram conflitos nesses espaços onde supostamente imperavam a paz, a concórdia e a submissão: mulheres disputavam com eclesiásticos pelo direito de fundar mosteiros; [...] religiosas que se negavam a “reformatar” a vida monacal segundo normas estabelecidas por autoridades clericais.¹²¹

O fato de viverem dentro de muros não faziam dessas mulheres alheias aos seus desejos, que em muitos casos exigiam e questionavam seus direitos. A preocupação da Igreja Católica com o avanço do protestantismo e com mudanças advindas do Estado laico serviu de pano de fundo para a chegada de várias ordens femininas estrangeiras ao país, e, com elas, diversos benefícios: como cuidado com os doentes, idosos e, principalmente com a educação, pois sob a coordenação dessas instituições ocorreu a “criação de uma rede formidável de escolas católicas”¹²² que, em sua maioria estavam voltadas para a educação feminina, fosse ela destinada à orfandade ou aos grupos abastados.

Em Sergipe não foi diferente. Os embates entre católicos e protestantes demonstraram, de forma clara, a preocupação da Igreja Romana e ficaram estampados nos jornais de época, principalmente em “A Cruzada” e “O Christão”, respectivamente. As divergências foram marcadas nos artigos publicados em ambos os órgãos de imprensa. Em meio a avisos e propagandas, o jornal católico se manifestava contra a presença dos missionários norte-americanos, especialmente os Metodistas:

Os esforços que temos agora a empregar são contra a invasão norte-americana, que constitui um verdadeiro perigo para a nação e a fé cathólica. São dignos de nota a sympatia e o interesse que os norte americanos mostram para nos civilizar, quando lá em seu paiz o numero de incivilizados é maior do que os habitantes do Brasil, e para conseguirem seus fins mandonos levas e levas de missionários, fundam collegios e associações de diversas naturezas.¹²³

Os protestantes também marcavam seu território, e através de “O Christão”, exprimiam suas opiniões sobre o clero romano:

Os padres romanos, que voltam contra as escolas evangélicas a sua artilharia grossa, devem provar com factos e com os mais irrefutáveis argumentos que essas escolas são realmente más, são realmente perniciosas e merecem desprezo das pessoas de bem[...]. O Brasil está cheio de escolas e collegios

¹²¹ NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.490

¹²² NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.491

¹²³ Gonçalves, D. José Alberto. A opinião de mais um bispo brasileiro sobre a invasão Methodista norte-americana no Brasil. Jornal “**A Cruzada**”, Aracaju, ano VI, nº 08, fev. 1924.p.2

protestantes, desde a escola de primeiras letras aos mais importantes estabelecimentos de curso superior, entre os quaes avulta o conceituado Mackenzie College de São Paulo[...]. Nunca, porém, se constou que nessas escolas inclusive as que existiam em Laranjeiras e nesta capital, deixassem de receber os seus frequentadores a solida instrução que ali foram procurar.

124

Além da expansão do protestantismo, o advento da República traz consigo muitas preocupações, principalmente para os membros da Igreja Católica que temiam mudanças radicais e que, com certeza, não representariam o que há séculos era pregado. As questões relacionadas ao ensino religioso, casamento civil, secularização dos cemitérios, entre outras, provocaram na instituição grande insatisfação, principalmente no texto da Constituição de 1891, em seu art. 72, seção II - sobre “Declaração de Direitos”, através do qual torna público que:

§4º A República só reconhece o casamento civil, cuja declaração será gratuita.

§5º Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis.

§6º Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.

§7º Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados.¹²⁵

Como o próprio texto da constituição esclarece, o Estado seria laico; assim, o Regime de Padroado não mais era aceito pelo Estado brasileiro, do mesmo modo as questões relacionadas às subvenções governamentais que a partir daquele momento não fariam mais parte do numerário da Igreja Católica. Porém, nada criou tanta inquietação entre os católicos quanto à saída da Disciplina Religião dos currículos das escolas públicas, pois,

Tal determinação criou um clima de liberdade de culto religioso e possibilitou a implantação de escolas confessionais de diferentes credos religiosos, destacando, em especial, as escolas protestantes, fundadas e orientadas por norte-americanos, sobretudo, em São Paulo.¹²⁶

Apesar dos desconfortos, a Igreja no Brasil aceita o novo regime, porém se opõe fortemente contra a laicização do ensino público, pois acreditava que uma educação laica feriria a fé católica, que se manifestava na maioria da população brasileira. Um ponto decisivo nesse entrave estava relacionado à extinção do Ensino Religioso nas escolas públicas. Se de

¹²⁴ O clero romano e as escolas evangélicas. Jornal “**O Cristo**”, Aracaju, ano II, nº 32, dez.1920. p.01

¹²⁵BRASIL.Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao. Acesso em 09 de dezembro de 2010.

¹²⁶ RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma Educação Católica**: Um estudo sobre a disciplina religião no Ginásio Santa Terezinha (1947-1968). São Cristóvão: Núcleo de Pós- Graduação em Educação/UFS, 2007 (Dissertação de Mestrado) p.33

um lado, os católicos o viam como “uma arma contra o mal que assolava as nações, por cuja via a criança e a juventude eram educadas e preparadas para promover a justiça social”¹²⁷ por outro, grupos contrários, como os escolanovistas, rebatiam argumentando que “Ensino Religioso era tarefa do lar e do templo, e sua reintrodução nas escolas públicas seria um retrocesso histórico, haja vista que a escola não era o local adequado para angariar prosélitos”¹²⁸.

Após tantos entraves e contando com simpatia do Ministro Francisco Campos, que via no Ensino Religioso a possibilidade da formação moral do cidadão, a Igreja Católica enfim conseguiu, através do Decreto nº 19.941 de 30 de abril de 1931, que fosse “facultado, nos estabelecimentos de instrução primária, secundário e normal, o ensino da religião.”¹²⁹ A lei esclarece, ainda, que caberia as autoridades religiosas a organização dos programas, bem como designar os professores. Torna-se importante frisar que o ensino religioso ministrado nas escolas públicas brasileiras, nas primeiras décadas da República, era de cunho fortemente católico.

Mediante tantas mudanças, coube a Igreja no Brasil estar aberta às novas ordens e congregações religiosas, principalmente àquelas cujo projeto incluía a educação. Assim, observamos que ao expandirem essas escolas e atuarem no campo da filantropia¹³⁰, as religiosas deram um novo impulso, principalmente na formação da mulher. Graças a esse serviço muitas mulheres obtiveram acesso a uma educação de cunho formal; logo percebemos que onde o Estado não chegou, lá estavam às religiosas, e apesar das críticas de alguns pensadores liberais, essas congregações foram adquirindo força, pois contavam com o apoio de uma elite desejosa de que suas filhas obtivessem um ensino de qualidade sem que precisassem ser enviadas para outros centros e do governo que, mesmo diante do declarado na Constituição do Brasil tornava possível o estabelecimento das mesmas, e, em muitos casos,

¹²⁷ RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma Educação Católica**: Um estudo sobre a disciplina religião no Ginásio Santa Terezinha (1947-1968). São Cristóvão: Núcleo de Pós- Graduação em Educação/UFS, 2007 (Dissertação de Mestrado) p.35

¹²⁸ RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma Educação Católica**: Um estudo sobre a disciplina religião no Ginásio Santa Terezinha (1947-1968). São Cristóvão: Núcleo de Pós- Graduação em Educação/UFS, 2007 (Dissertação de Mestrado) p.36

¹²⁹ Decreto nº 19.941 de 30 de abril de 1931. Dispões sobre a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal. <<http://www2.camara.gov.br>>acesso em 12 de dezembro de 2010.

¹³⁰ Atribui-se a tarefa de organizar a assistência dentro das novas exigências sociais, políticas econômicas e morais, que nasceram com o início do século XX no Brasil. MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. (1726-1950) In: FREITAS, Marcos Cezar. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 78

contribuía com subvenções e ajudas financeiras, tornando, assim, o campo da educação católica sólido em todo o Brasil.

Em 48 anos, período compreendido entre 1872 a 1920, intensificou-se, no Brasil, a chegada de religiosas de diversos países europeus. Esse fato levou a insatisfação de alguns grupos que acreditavam não ser necessária a presença de tais ordens em nosso país, e muito menos que essa presença se tornasse forte na área educativa.

As primeiras instituições voltadas à educação de órfãs e órfãos, também contam com a mão das congregações religiosas e datam do século XVIII marcaram presença em várias cidades brasileiras. Essas instituições tinham como característica primordial o regime de funcionamento que seguia

O modelo de claustro e da vida religiosa. As práticas religiosas e o restrito contato com o mundo exterior eram características [...] dos colégios para meninos órfãos e dos recolhimentos femininos, sendo que, no segundo caso, a clausura era imposta com mais rigor.¹³¹

No século XIX, os asilos dedicados aos cuidados de meninas desvalidas e órfãs terão sua formação voltada aos trabalhos domésticos, prendas do lar, trabalhos de agulha e instrução elementar. O regime adotado por essas instituições impunha

Às internas um limitado contato com o exterior. De lá só podiam sair casadas, com dote garantido pela instituição, através de legados e doações, ou através de “favor” dos governos provinciais. Há indícios de que o destino mais comum era o de que fossem criadas em casa de famílias, nem sempre contando com o pagamento de seu trabalho.¹³²

Ainda em meados do século XX, os asilos, orfanatos e recolhimentos de menores farão uso das mesmas práticas inibidoras com relação ao contato com o mundo exterior, controle da sexualidade e comportamento, principalmente no tocante à educação feminina. No entanto, vale lembrar que também nos asilos e orfanatos cada categoria ocupava “seus espaços físicos e sociais de acordo com a rígida hierarquia social da época, com suas distinções”.¹³³ Ou melhor, de acordo com o nível social que cada menina seria educada: ou para ser mãe de família ou uma boa empregada doméstica. Porém, vale chamar a atenção para o fato que educar mulheres consistia, basicamente em torná-las mães de famílias e exímias na execução dos serviços domésticos, independente do grupo social de origem.

¹³¹ RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil:** percurso histórico e desafios do presente. São Paulo: Edições Loyola, 2004 p. 24

¹³² RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil:** percurso histórico e desafios do presente. São Paulo: Edições Loyola, 2004 p. 27

¹³³ RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil:** percurso histórico e desafios do presente. São Paulo: Edições Loyola, 2004 p. 27

Em Sergipe, a chegada de novas congregações religiosas trouxe expectativas para a população. Através da divulgação, em jornais e periódicos da época, essas instituições conseguiram atrair um público disposto a matricular suas filhas em bons colégios. Fazendo bom uso dessa forma de divulgação, citamos o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju, dirigido pelas Irmãs Sacramentinas, que estampou, em diversos jornais, anúncios que davam conta do seu corpo docente e do aprendizado proposto pela instituição.

O Colégio Nossa Senhora de Lourdes d’esta capital, em nada é inferior aos seus congêneres das cidades mais adiantadas do Brasil[...]o meio ideal para muitos paes de família que desejavam cuidar da educação physyca, intelectual e moral das suas filhas[...].¹³⁴O quadro docente era composto por professoras francesas escolhidas, dentre as principais da França para ministrar o ensino primário integral em escolas graduadas.¹³⁵

Além da divulgação em jornais, essas escolas também recebiam ajuda governamental. Utilizando, ainda, a mesma instituição, veremos que através da Lei nº 880, de 04 de novembro de 1924, o Governo do Estado, na pessoa do seu Presidente Maurício Graccho Cardoso cede ao Colégio das Irmãs Sacramentinas a área na Praça Pereira Lobo, em Aracaju para a construção do Colégio Nossa Senhora de Lourdes “o tradicional Colégio das Freiras que, durante muitos anos, é o estabelecimento de ensino preferido da classe média, principalmente burguesa”¹³⁶

Tanto apoio deixava claro que as religiosas encontraram, em Sergipe, um lugar fértil para estabelecerem seus ideais civilizatórios:

Os círculos clericais, acima de todos, tornam-se divulgadores dos costumes [...]. O controle das emoções e a formação disciplinada do comportamento como um todo [...]. A civilidade ganha um novo alicerce religioso e cristão. A Igreja revela-se como tantas vezes ocorreu um dos mais importantes órgãos da difusão de estilos de comportamento. [...] boa parte da educação se encontrava nas mãos de organismos eclesiásticos.¹³⁷

E, acima de tudo, seus ensinamentos religiosos, através da divulgação da fé cristã católica; por isso nos é possível perceber que os colégios religiosos:

¹³⁴ Correio de Aracaju. 1907. “Nossa Senhora de Lourdes” anúncio publicado na edição nº 112, ano II, em 05 de dezembro. p. 02 e anúncio publicado em 04 de janeiro de 1907, edição nº 19, ano II p. 04. In: COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão: Núcleo de Pós Graduação em Educação/UFS, 2003. (Dissertação de Mestrado) p. 31-32

¹³⁵ Jornal Folha de Sergipe. 1911. “Colégio Nossa Senhora de Lourdes”. Anúncio Publicado na edição nº 372, ano XX, de 22 de janeiro. In: COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão: Núcleo de Pós Graduação em Educação/UFS, 2003. (Dissertação de Mestrado) p.31

¹³⁶ FIGUEREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**- 2º volume. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1989.p. 42

¹³⁷ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma História dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 p.110-111.

veiculam uma educação de caráter fortemente conservador. Centrada na manutenção do modelo familiar cristão tradicional. As devoções difundidas a partir das escolas e das novas associações religiosas, das quais as mulheres são as maiores divulgadoras, têm na supervalorização da figura da Virgem Maria uma das principais características. O simbolismo da figura de Maria, virgem e mãe, é marcante para as mulheres; concentra uma ambigüidade extrema pela valorização concomitante da virgindade e da maternidade.¹³⁸

Dessa maneira, temos o modelo perfeito: educar a mulher visando, principalmente, torná-la civilizada e mantenedora da boa religião.

A partir do panorama abordado, partiremos para o processo de criação da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, sua chegada a São Cristóvão e as mudanças ocorridas, a partir desse momento na educação local e conseqüentemente, em Sergipe.

2.1 – D. Amando Bahlmann, a criação da Congregação e trajetória das pioneiras.

Para falarmos da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus¹³⁹, nos reportaremos ao histórico de seu fundador, Frei Amando Bahlmann. Nascido Agostinho Bahlmann em Bartmannsholt, Alemanha, em 08 de maio de 1862. Era filho de um professor e foi por suas mãos que aprendeu a dar valor ao trabalho, recebeu instrução preliminar e chegou à Igreja. Criado num ambiente severo, pois tanto ele quanto seu irmão Bernardo Bahlmann, sabiam que por desobediência ou teimosia seriam severamente castigados.

¹³⁸ NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.p. 495

¹³⁹ A Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus foi designada como um ramo da Ordem Concepcionista. A nova fundação foi denominada Pobres Clarissas Missionárias da Imaculada Conceição. A Regra Concepcionista foi seguida até 1922 quando a Santa Sé promulgou um decreto de reorganização que mudou a Ordem para Congregação Diocesana Apostólica sob jurisdição dos bispos das respectivas dioceses, nas quais as irmãs residiam. Em 1925, A regra da Ordem Terceira Regular de São Francisco foi adotada e, através da mediação do Bispo Bahlmann, a congregação foi agregada à Ordem Franciscana. Em 1929, a congregação recebeu o status de “Apostólica de Direito Pontifício” e a partir daí a mesma passa a adotar o nome de Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. **Projeto Político Pedagógico das Instituições Educacionais da Província de Santa Cruz das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus**, 2002, p. 5.



Figura 04: Dom Amando Bahlmann. s/d. Autoria não identificada. Fonte: Arquivo da Província de Santa Cruz – Salvador/BA.

Durante o período de ginásio sentiu o desejo de ingressar na vida religiosa. Percebeu que o ideal franciscano o atraía e logo manteve contato com o Convento de Harreveld, na Holanda. Em agosto de 1879 recebeu o hábito franciscano, sendo ordenado sacerdote em 22 de setembro 1888, em Roma. Estudioso, buscou logo o entendimento de outras línguas, pois segundo ele um missionário valia quantas línguas dominasse. Em 1890, quando a província da Saxônia foi incumbida da reforma dos conventos no Brasil, Frei Amando colocou-se à

disposição. Primeiro trabalhou em Santa Catarina e depois na Bahia, onde exerceu o cargo de Superior do Convento São Francisco. Designado para ser Prelado em Santarém, pode ver de perto as necessidades do povo. A princípio recebeu ajuda dos Padres da Sagrada Família, porém faltava-lhe ainda o auxílio de religiosas que se dispusesse ao trabalho, com os menores e os menos favorecidos.

Por esse motivo, o desejo de se criar uma congregação religiosa destinada aos cuidados com a infância e a juventude tornava-se forte; dessa forma nasceu a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, em 15 de maio de 1910. Porém, como em todo início, passou por dificuldades devido à ausência de freiras aptas ao serviço educacional. Assim, Dom Amando¹⁴⁰ solicita ajuda de quatro irmãs religiosas pertencentes à Congregação das Irmãs Concepcionistas¹⁴¹ do Mosteiro da Ajuda, no Rio de Janeiro, a saber: Madre Coleta da Imaculada Conceição, Sórora Verônica da Santíssima Trindade, Sórora Maria do Carmo do Coração de Jesus, Sórora Maria do Patrocínio de São José e uma professora primária alemã, Elisabeth Trombock (postulante da congregação e que anos mais tarde adotaria o nome de Madre Maria Imaculada de Jesus), para fundarem uma congregação missionária que atendesse aos anseios do povo. Durante alguns anos, as religiosas foram chamadas de “Pobres Clarissas Missionárias”.

Das quatro irmãs que se ofereceram para a fundação da nova congregação, apenas uma continuou sua tarefa. As irmãs Verônica da Santíssima Trindade e Maria do Carmo do Coração de Jesus abandonaram a vida religiosa, sendo que a primeira recebeu o indulto de secularização e voltou para São Paulo, onde residiu com sua família. A segunda conseguiu dispensa dos votos, através da Nunciatura Apostólica, bem como uma contribuição mensal de 100\$000 (Cem contos de Réis) para sua subsistência. Quanto à irmã Maria do Patrocínio de São José, foi recebida no Convento da Glória do Recife após desistir da missão em terras do norte do Brasil. Permanecendo no serviço da nova instituição, a irmã Coleta da Imaculada Conceição e a professora Elisabeth Trombock.

¹⁴⁰ Dom Amando Bahlmann faleceu em 05 de março de 1939, aos 77 anos de idade sendo sepultado no Cemitério dos Frades Menores em Nápolis, Itália. Em 1952 mediante pedido das Irmãs da Congregação, seus restos mortais foram trasladados para Santarém, no Estado do Pará. Nosso Bispo Fundador Dom Amando Bahlmann In: **No Jardim da Imaculada**- Informativo da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Jul. a set. 1953 p. 57. Segundo a Irmã Dolores Oliva, secretária da Província de Santa Cruz, o Informativo “No Jardim da Imaculada” existiu antes da organização da Província que ocorreu em 06 de janeiro de 1960. Em 1961, um novo informativo fora criado com o nome de “Sinfonia Provincial” (1961-1971), a partir de 1973 a Província tem um novo informativo, batizado de “Presença” que segue até os dias de hoje.

¹⁴¹ A Ordem das Irmãs Concepcionistas foi fundada em 1484 por Santa Beatriz da Silva. **Projeto Político Pedagógico das Instituições Educacionais da Província de Santa Cruz das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus**, 2002 p. 5.

Dois anos após a fundação da congregação religiosa, a Madre Coleta da Imaculada Conceição, cujo nome civil era Mercedes Cáprio, partiu para viver entre os índios nas selvas brasileiras. Foram muitos os infortúnios vividos por essa irmã, que após ficar órfã aos oito anos de idade, optou pela vida religiosa. Já contava com dezoito anos de vida consagrada quando aceitou o convite de Dom Amando para fundar uma nova congregação. Após dez anos de vida dedicada à educação indígena, Madre Coleta decide retomar a vida de clausura e já com a idade avançada, fundou dois outros mosteiros, um em Uberaba e outro em Araguari, ambos em Minas Gerais. Faleceu em 25 de outubro de 1977, aos noventa e sete anos.

Como em toda congregação religiosa, as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição



Figura 05: Madre Maria Imaculada Trombock. s/d. Autoria não identificada. Fonte: Arquivo da Província de Santa Cruz - Salvador/BA.

da Mãe de Deus, contam com uma co-fundadora ou, como era conhecido, o “braço direito de Dom Amando”; essa era Elisabeth Trombock. Filha de pais católicos, nasceu em 14 de novembro de 1887, na cidade alemã de Alhen. Em 1901, ao concluir o ensino primário, resolveu ser professora e com a permissão da mãe segue para fazer o curso de magistério em Muenster. Em 1907 concluindo o curso e, embora sentindo grande inclinação pela pedagogia, confidenciou a sua genitora o desejo de se tornar religiosa. Passado algum tempo, tenta a admissão no Convento de Muenster, no entanto não foi aceita, por falta de vagas, sendo encaminhada ao Convento das Clarissas de Duesseldorf. Neste mesmo período Dom Amando

Bahlmann solicitou uma audiência com a Abadessa das Clarissas de Duesseldorf, o então bispo vinha pedir àquela congregação a liberação de uma irmã religiosa com formação em magistério, pois embora o Papa já tivesse liberado as licenças para que as Irmãs Concepcionistas do Rio de Janeiro pudessem viver em missão no norte do Brasil, faltava ainda “uma professora, dispendo de boa formação pedagógica que, em Santarém pudesse organizar um estabelecimento de ensino”.¹⁴² Ao ouvir o pedido do bispo, a abadessa Irmã Antônia começou a lhe falar sobre Elisabeth Trombock, e dois dias depois “a jovem

¹⁴² GOLDMANN, M. A. **Madre Maria Imaculada de Jesus**. Biografia da Primeira Superiora Geral das Irmãs Franciscanas Missionárias da Imaculada Conceição. Bahia: Mensageiro da Fé, 1951.p.40.

professora apresentava-se pessoalmente a Dom Amando e lhe comunicava sua resolução de se dedicar à instrução e educação da juventude feminina de Santarém.”¹⁴³.

Mediante a aprovação do bispo, Elisabeth Trombock se junta ao grupo das quatro Irmãs Concepcionistas do Mosteiro da Ajuda do Rio de Janeiro e segue para a missão em Santarém, no Estado do Pará, chegando em 13 de novembro de 1910. As Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus¹⁴⁴ apresentam, como eixo principal, duas fontes de trabalho missionário: a educação e cuidado com os enfermos. Aqui nos deteremos ao trabalho relacionado à educação, pois a referida instituição religiosa se dedica, desde sua fundação, à educação e, de modo especial, a feminina, principalmente através da criação de orfanatos e colégios.

Quadro I – Fundações Educacionais das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus no Brasil.¹⁴⁵

Ano de Fundação	Nome da Instituição	Local
15 de agosto de 1913	Ginásio e Orfanato Santa Clara	Santarém – Pará
Setembro de 1919	Orfanato São José	Santarém – Pará
15 de abril de 1920	Educandário Imaculada Conceição	Monte Alegre- Pará
Dezembro de 1922 ¹⁴⁶	Orfanato Imaculada Conceição	São Cristóvão – Sergipe
Novembro de 1924	Educandário Santa Clara	Canindé-Ceará
Janeiro de 1929	Ginásio Imaculada Conceição	Capela- Sergipe
Abril de 1929	Educandário Santa Eufrásia	Barra do Rio Grande – Bahia
-	Ginásio Santa Bernadete	Salvador –Bahia
-	Ginásio Santa Isabel	Fortaleza-Ceará
Julho de 1930	Educandário Sagrado Coração de Jesus	Quixadá – Ceará
-	Ginásio Dom Amando	Santarém – Pará
-	Colégio Vera Cruz	Recife – Pernambuco
-	Escola Sagrado Coração de Jesus	Belém – Pará

Fonte: GOLDMANN M. A. **Madre Maria Imaculada de Jesus.** Biografia da Primeira Superiora Geral das Irmãs Franciscanas Missionárias da Imaculada Conceição. Bahia: Mensageiro da Fé, 1951.p.157

A partir do quadro descrito observamos uma preocupação com a criação de orfanatos e a educação de órfãs. Em Sergipe, a presença das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus ficou marcada no Ginásio da Imaculada Conceição no Município de Capela

¹⁴³ GOLDMANN, M.A. **Madre Maria Imaculada de Jesus.** Biografia da Primeira Superiora Geral das Irmãs Franciscanas Missionárias da Imaculada Conceição. Bahia: Mensageiro da Fé, 1951.p.40.

¹⁴⁴ A partir de 1960 a congregação foi dividida em seis províncias: Província de Santa Cruz- Nordeste do Brasil; Província do Imaculado Coração de Maria – Norte do Brasil; Província do Santíssimo Nome de Jesus – Taiwan e Filipinas; Província da Imaculada Conceição – Estados Unidos; Província São José- Alemanha e Província da Epifania do Senhor - Namíbia. **Projeto Político Pedagógico das Instituições Educacionais da Província de Santa Cruz das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus,** 2002 p.5.

¹⁴⁵ Na bibliografia referente às instituições educacionais da congregação não constam as datas de fundação do Ginásio Santa Bernadete, em Salvador; Ginásio Santa Isabel, em Fortaleza, Ginásio Dom Amando, em Santarém; Colégio Vera Cruz, em Recife e da Escola Sagrado Coração de Jesus, em Belém do Pará.

¹⁴⁶ Embora biografia da Elisabeth Trombock apresente o ano 1922 para a fundação do Orfanato de São Cristóvão, vale ressaltar que através dos livros de ata verificamos que a fundação da referida instituição ocorreu em 1911 sendo entregue aos cuidados das religiosas em 1922.

e, de modo especial, na administração do Orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição, fundada em 1923, um ano após a chegada das religiosas àquele município.

2.2 – Meninas que chegam e freiras também...: criação do Orfanato de São Cristóvão e a chegada das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus em Sergipe.

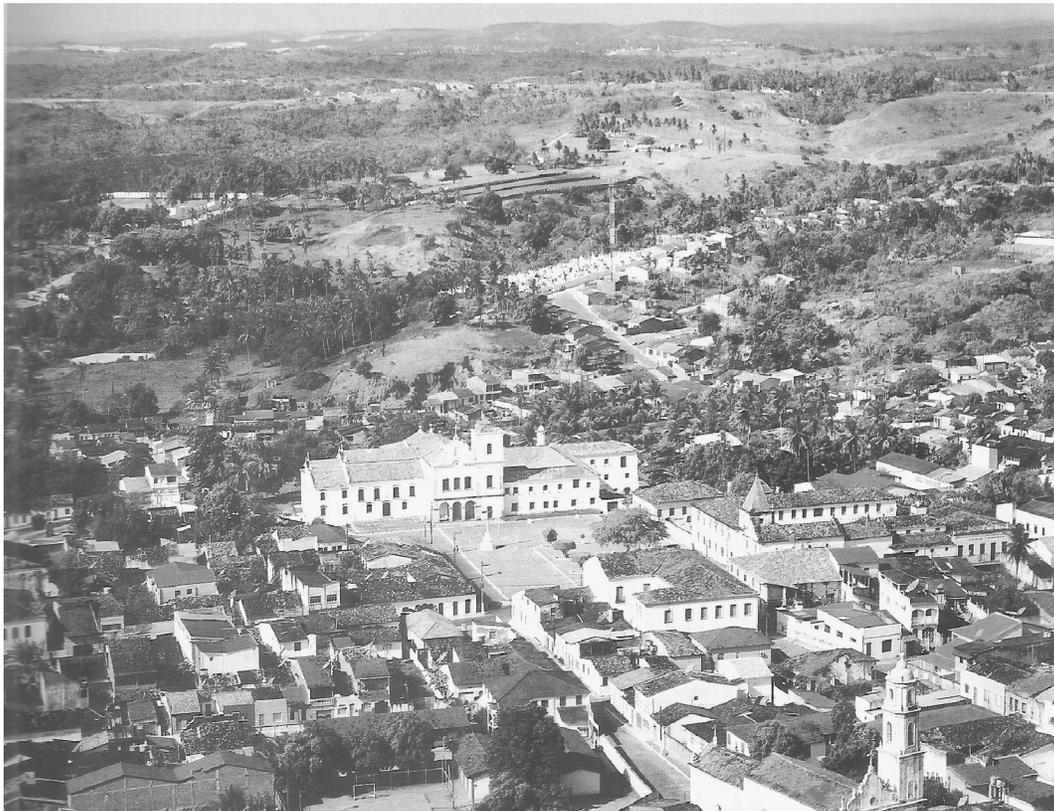


Figura 06: Conjunto Urbanístico, Paisagístico e Arquitetônico de São Cristóvão, elevado à categoria de Monumento Estadual e Nacional. Decreto-Lei nº 94, de 22 de junho de 1938. Livro de Tombo nº1-Geral – fl.2
Fonte: CARVALHO, Ana Conceição Sobral de; ROCHA, Rosina Fonsêca (org.). **Monumentos Sergipanos: Bens protegidos por lei e tombados através de decretos do Governo do Estado.** Aracaju: Sercore, 2007. p.37.

No âmbito nacional, nas primeiras décadas do século XX, a política se alternava em mineiros e paulistas, na chamada política do café com leite, por meio da qual apenas o PRP (Partido Republicano Paulista) e PRM (Partido Republicano Mineiro) detinham o poder.

No plano econômico, a estrutura dominante manteve as mesmas características, ou seja, estava baseada na produção de matérias-primas e gêneros tropicais destinados à exportação, tais como: café, açúcar, algodão, borracha, couros e peles.

No mesmo período o país passa por várias revoltas sociais, como a Revolta da Vacina (1904) que explodiu no Rio de Janeiro, como consequência do decreto do Presidente Rodrigues Alves que tornava a vacinação contra a varíola obrigatória. O decreto resultou

numa reação popular que explodiu nas ruas da cidade, onde funcionários da saúde e a polícia eram agredidos a pedradas. Outra revolta foi a da Chibata, ocorrida em 1910, durante o governo de Nilo Peçanha. Os revoltosos se manifestaram contra as péssimas condições de trabalho às quais eram submetidos, além das humilhantes punições. Entre os anos de 1912-1916 explodiu a revolta do Contestado, numa região contestada, daí o nome da revolta, entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Em tom messiânico, os revoltosos fundaram povoados conhecidos como “Monarquias Celestes”, neles havia um governo próprio, normas igualitárias e a desobediência às autoridades republicanas.

Quanto a Sergipe, nas primeiras décadas da República permaneceu atrelado ao domínio das famílias dos senhores de engenho. No aspecto econômico, o estado continuou dependente da produção açucareira e algodoeira. Além desses elementos, contamos com a pecuária que juntamente com a agricultura de subsistência ocupavam um importante papel.

No início do século XX Sergipe vivia o Governo do Dr. José Rodrigues da Costa Dória (1908-1911). Neste período o estado obteve avanços com relação ao projeto modernizador; realizou obras de abastecimento de água encanada, pagou dívidas e atendendo reclamações anteriores sobre as questões educacionais, realizou ampliações nas instalações do Atheneu, construindo, inclusive, nova sede para a Escola Normal. Criou ainda a Escola de Aprendizes Artífices, cujo objetivo era incentivar o ensino técnico. Neste período veio a Sergipe, o Professor Carlos da Silveira, um profissional de São Paulo com o intuito de promover a reforma da instrução pública; a partir de então foi realizado um levantamento sobre a população escolar, sinalizando para o ensino obrigatório.

No campo cultural, os estabelecimentos educacionais se mostraram como centros de cultura. A partir de 1910 começam a ser construídos os grupos escolares, além da divisão das turmas por séries. Entretanto, para os filhos das famílias sem recursos financeiros, as condições para um curso superior “continuavam restritas e localizadas fora do estado. De forma gratuita havia apenas as alternativas das escolas militares”¹⁴⁷. Já para os filhos de famílias de posse, o mais comum eram as “Faculdades de Direito de Recife, do Rio de Janeiro e de São Paulo ou a Faculdade de Medicina da Bahia, onde ao lado das instruções técnicas, também cultivavam-se os estudos humanísticos”¹⁴⁸

¹⁴⁷ DANTAS, José Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. p. 58

¹⁴⁸ DANTAS, José Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. p. 58

Ainda em 1910 é criada a Diocese de Aracaju, que terá como primeiro bispo Dom José Thomaz Gomes da Silva; este, em 1913 inaugura o Seminário Diocesano, onde seriam realizados os estudos de Filosofia e Teologia. Dom José Thomaz não se contentou apenas com a fundação do seminário, animava não só o clero, mas os meios católicos a uma boa formação. Com o objetivo de unir e doutrinar o povo criou também as “conferências eclesiais” nas se proferiam pregações a um grande número de fiéis. Realizou, ainda, 43 visitas pastorais, chegando a visitar praticamente todo o estado. Fundou novas paróquias e administrou muito bem as relações entre Igreja e Estado.¹⁴⁹

Em 1911, toma posse como Presidente de Sergipe, José Siqueira de Menezes (1911-1914). No campo da saúde o Estado atravessou problemas com o surto de varíola que afetou, sobretudo, os municípios de Laranjeiras, Propriá, Itabaiana, Riachuelo e Aracaju. Foram realizadas entre outras obras: o saneamento de Aracaju, serviço de água e de iluminação elétrica, construção de prédios públicos, pontes, açudes e represas.

É justamente nesse período, no ano de 1911, que por iniciativa da senhora Josefa Felizarda, enfermeira responsável pelo cuidado das últimas irmãs religiosas da Santa Casa de Misericórdia de São Cristóvão, “foi fundado o Orfanato de São Cristóvão, cujo objetivo seria amparar crianças órfãs, preferencialmente meninas”.¹⁵⁰

Em uma de suas viagens ao interior do Estado, como de costume, com o intuito de arrecadar donativos para a Santa Casa de Misericórdia, Dona Josefa Felizarda levou à presença do Frei Cornélio Neises,¹⁵¹ OFM (Ordem Frades Menores) duas órfãs¹⁵² e a partir de então, juntamente com os freis, Elias Essafeld¹⁵³ e Joaquim Benke, ambos da OFM, o orfanato processa sua organização.

Ainda no mesmo ano chegaram outras meninas, ressaltamos que “muitas eram filhas de pais [viúvos] e mães viúvas”¹⁵⁴ mas que devido à situação de seus responsáveis eram entregues aos cuidados da referida instituição. Com a chegada das novas internas, Dona

¹⁴⁹ Maiores informações ver: BARRETO, Raylane Andreza D. Navarro. **Os padres de D. José**: O Seminário Sagrado Coração de Jesus. São Cristóvão: Núcleo de Pós- Graduação em Educação/UFS,2004 (Dissertação de Mestrado)

¹⁵⁰ MONTEIRO, Maria Paiva. Relato escrito, datilografado e assinado pela professora. São Cristóvão: s.n.t. 24 de novembro de 1993.p. 01

¹⁵¹ Cornelius Neises, nasceu em Metteadorf, Alemanha em 04 de outubro de 1877, ordenou-se em 11 de agosto de 1901 na Diocese Trier, Faleceu na cidade do Recife, em Pernambuco com 58 anos e após 38 anos de vida religiosa. Arquivo da Província dos Frades Franciscanos Menores Santo Antônio do Brasil em Recife/PE.

¹⁵² Não constam nos documentos da congregação os nomes ou procedência das referidas órfãs.

¹⁵³ Frei Elias Essafeld, nasceu em Wesendorf, na Alemanha no ano de 1882, tornando-se sacerdote em 07 de abril de 1907. Faleceu em 1941 na cidade de São Cristóvão, em Sergipe com 40 anos de vida religiosa. Acervo da Província dos Frades Menores Santo Antônio do Brasil em Recife/PE.

¹⁵⁴ MONTEIRO, Maria Paiva. Relato escrito, datilografado e assinado pela professora. São Cristóvão: s.n.t. 24 de novembro de 1993.p. 01

Josefa Felizarda comunicou ao frei Cornélio Neises sobre o seu desejo de se afastar do serviço, uma vez que já não se sentia inclinada ao trabalho. Diante da situação foi convidada para a administração a senhora Maria Muniz, conhecida por Dona Mariquinhas, que juntamente com sua irmã Flora Muniz passaram a cuidar das órfãs. As dificuldades eram inúmeras, por isso tinha-se a convicção de que o número de meninas não poderia ultrapassar 15. Apesar do pequeno número, o trabalho não era fácil, por isso, um grupo de moças que formavam a Pia União das Filhas de Maria se uniu à causa, elas realizavam os mais diversos trabalhos: limpeza, costura, trabalhos manuais, dentre outros. Nesse momento, durante a administração de Dona Mariquinhas surge com o objetivo de angariar fundos para a entidade, a “Sociedade Protetora”, que, após ter elaborado o seu estatuto deu o nome de Orfanato de São Cristóvão, para aquela casa de educação¹⁵⁵.

Aos nove dias do mez de fevereiro de mil novecentos e onze, no edifício da Santa Casa de Misericórdia, desta cidade de São Christovão, sede da Sociedade Orphanato de São Christovão, onde se achava reunido grande número de cidadãos, a fim de eleger a nova directoria e reformar os estatutos da alludida sociedade [...] Mandou o senhor presidente que se procedesse a eleição, o que foi feito, dando o seguinte resultado: presidente - Frei Joaquim Benke; secretario – Frei Elias Essafeld; thesoureiro - Horacio Pio Monteiro, vogaes – Boaventura Esteves Fontes, José Leandro de Vasconcellos, Capitão Antônio Miguel do Prado e Fausto Francisco dos Santos.

Devido às muitas dificuldades a instituição contava com uma receita advinda de doações, esmolas e contribuições dos sócios. Entretanto, ao analisarmos o livro de atas, percebemos que muitos moradores da região se colocavam à disposição para arrecadarem os donativos, fato esse que trouxe muitos problemas para a instituição, uma vez que algumas pessoas começaram a usufruir das esmolas e doações. O caso mais polêmico encontra-se registrado no livro de Atas da Sociedade do Orfanato de São Cristóvão e diz respeito ao da Sr^a Josepha de Jesus Maria, conhecida como Dona Josepha Beata. Segundo os registros, a referida senhora tinha autorização para arrecadar donativos para o orfanato, porém sendo por diversas vezes chamada para a prestação de contas com o presidente da instituição, Frei Joaquim Benke, recusou-se, o que trouxe um grande mal estar para todos os membros da sociedade. Não havendo outra maneira, Dona Josepha Beata foi convocada para dar explicações diante da mesa diretora, pois muitas denúncias, envolvendo a administração da casa estavam ocorrendo em Aracaju, o que muito desagradou à diocese.

¹⁵⁵ O Primeiro Estatuto da Casa de Educação “Orfanato de São Cristóvão” não foi encontrado nos arquivos da Congregação responsável pelo mesmo, porém as primeiras atas citam sua existência, sempre trazendo a seguinte frase: “conforme o nosso estatuto”, não mencionando os artigos ou do que se tratava. Por esse motivo, faremos uso em nosso estudo do Estatuto do ano de 1957.

A senhora em questão era considerada benfeitora, e após várias recusas quanto à prestação de contas, iniciaram-se muitos comentários sobre bens adquiridos pela mesma, com valores por ela arrecadados e que deveriam ser destinados à manutenção do orfanato. Sobre as acusações, pesavam sobre ela a de ter adquirido um sítio, além de uma boa quantia em dinheiro, animais e fazendas¹⁵⁶. A reunião para esclarecimento dos fatos aconteceu em 30 de julho de 1911, no salão da instituição, onde algumas perguntas foram feitas a Sr^a Josepha, a fim de que tudo ficasse esclarecido:

O presidente numa breve alocação expoz, que o fim desta reunião era pedir umas explicações a Exm^a Sr^a Josepha Beata[...] e dar cabo a certos commentários desfavoráveis e a certas desharmonias, que pareciam existir entre aquella senhora e a Directoria do Orphanato. Assegurando ainda que entre as pessoas presentes não havia ninguém que fosse inimigo ou adversário d'aquella senhora.

Após responder trinta e seis perguntas a Sr^a Josepha se considerou inocente, embora seu depoimento fosse marcado por contradições. Admitiu que recebeu as esmolos e com esse dinheiro comprou um animal. Quanto aos tecidos afirmou tê-los recebido de presente. Coube ao Frei Joaquim Benke solicitar que a mesma registrasse suas afirmações perante um tabelião.

Desse modo, vislumbramos as dificuldades existentes no campo financeiro, principalmente quanto à arrecadação de doações e a coordenação dessas instituições.¹⁵⁷

Apesar de todas as dificuldades a Sociedade Orfanato de São Cristóvão adquiriu um sítio para receber os doentes, conforme o estabelecido nos estatutos, e decidiram “que 2/3 das orfãs devem ser orfãs propriamente dictas e meninas, que não tem pai nem mãe, e somente 1/3 pode ser meio-orfãs”¹⁵⁸. Mediante algumas decisões que levaram ao um melhor funcionamento da casa, o Orfanato de São Cristóvão processou algumas transformações que acarretariam maiores esforços e comprometimento, além de pessoas dispostas a viverem naquela casa de educação.

¹⁵⁶ A palavra “ fazenda” diz respeito aqui a “tecido” que segundo a mesa diretora do Orfanato foi doado para a confecção de roupas para as órfãs.

¹⁵⁷ Como vimos, muitos problemas foram gerados devido às questões financeiras do orfanato, porém, vale salientar que esse não era um caso isolado, pois em 1831, o diretor do Seminário dos Meninos em São Paulo foi denunciado porque “Não aparecia na casa há mais de dois meses, usava a fazenda de Santana para engordar os seus próprios animais e alugava o pasto para viajantes, sem apresentar o dinheiro arrecadado”. HILSDORF, Maria Lúcia. Os Seminários de educandos de São Paulo. In: Menezes, Maria Cristina Cristina. **Educação, Memória, História**: possibilidades, leituras. Campinas, 2004.p.230.

¹⁵⁸ Livro de Atas da Diretoria da Sociedade do Orfanato de São Cristóvão (1911-1935) p. 05. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.



Figura 07: Irmã Batista da Silva. s/d. Autoria não identificada. Fonte: Arquivo da Província de Santa Cruz - Salvador/B.

Já em outro contexto, aproximadamente dez anos depois que em 1922, com a saúde abalada e sentindo-se cansada, a então diretora Dona Maria Muniz solicitou ao vigário seu afastamento. Assim, Frei Cornélio Neises resolveu pedir ao seu confrade, Frei Amando Bahlmann, que lhe enviasse algumas irmãs da recém-criada Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus para o serviço naquela casa de educação.



Figura 08: Irmã Úrsula Luttig. s/d. Autoria não identificada. Fonte: Arquivo da Província de Santa Cruz-Salvador/BA

Atendendo ao pedido, Dom Amando Bahlmann, em 1922, enviou para continuar a missão de acolhimento às órfãs de São Cristóvão as seguintes religiosas: Irmã Batista da Silva, Irmã Úrsula Luttig, Irmã Joana Bodefelf e Irmã Scholástica Hilmer, todas neo-professas. O dia da chegada das novas irmãs foi marcado por muitas festividades:

Foi ao domingo 17 de Dezembro de 1922, que chegaram no trem bahiano, às 9 horas da manhã as primeiras Clarissas Missionárias da Imaculada Conceição em São Christóvão. Irmã Escolástica Hilmer, Ir. Joanna Bodefelf, Ir. Úrsula Lutich, Ir. Baptista da Silva vieram destinadas pela ordem da Revm^a Madre Geral a tomarem conta do Orfanato aos pedidos insistentes do Exm^o Snr. Bispo D. José e do Vigário Frei Cornélio Neises, O.F.M. Foram mui respeitosa e recebidas na estação pelo Revm^o Snr. Vigário Frei Bernardino, Dona Maria Muniz directora do Orphanato, D. Lucina digníssima Professora, 12 pequenas órfãs, muitas Filhas de Maria e outras pessoas interessadas[...] Terminada a Santa Missa seguiram a convite de D. Maria Muniz ao Lar destinado, a antiga Casa de Misericórdia[...] em que foi preparado para agradar as irmãs tanto quanto a mesa como as cellas. Depois d'uma festiva recepção com hynnos e declamações manifestando sentimentos de agradecimento a Deus, de respeito e obediência.¹⁵⁹

No início da década de 1920, o descontentamento social contra o sistema oligárquico que dominava a política brasileira crescia a cada dia. Essa situação era notada principalmente entre as populações dos grandes centros urbanos, que não estavam acostumados ao julgo dos coronéis. O clima de insatisfação chegou até as Forças Armadas, sobretudo ao grupo dos tenentes. Assim, surgiu o movimento tenentista que pretendia conquistar o poder e fazer as reformas que a sociedade necessitava: como moralização da administração pública, fim da

corrupção eleitoral, reforma na educação pública, entre outras.



Figura 09: Irmã Scholástica Hilmer. s/d. Autoria não identificada. Fonte: Arquivo da Província de Santa Cruz – Salvador/BA.

No campo cultural acontecia a Semana de Arte Moderna. Realizado entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo e propunha “abrasileirar” a cultura brasileira, desejando reagir de forma crítica à invasão cultural estrangeira. “A Semana de 22” contou com participações femininas da artista plástica Anita Malfati e da pianista Guiomar Novaes.

Nesse mesmo período Sergipe vivia um quadro político que foi se delineando sem a vigilância dos partidos de oposição. Após muitas eleições com um único aspirante, as disputas voltaram a agitar o cenário político local. Maurício

¹⁵⁹ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 01. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Graccho Cardoso assume o governo, apoiado pelo grupo Valadão-Lobo. Seu governo foi marcado pela realização do projeto embelezador do Estado. Seu objetivo consistia, principalmente, na construção de prédios públicos como os grupos escolares. Essas escolas:

Vão corresponder a nova modalidade escolar, que podemos chamar de escola republicana. Neles, o uso dos recursos didáticos modernos e de uma nova metodologia, bem como a exigência de profissionais com melhor formação (professores normalistas) visavam estabelecer os ideais e os valores republicanos¹⁶⁰

Além da construção de grupos escolares, o presidente se empenhou em mudar a face de Aracaju, bem como de outros municípios. Investiu em calçamentos e novos aterros; reconstruiu a rede de abastecimento de água; replanejou o sistema de esgotos e montou os serviços sanitários do estado. Quanto à educação “encontrou o estado com cinco grupos escolares e deixou com quatorze”¹⁶¹ enriqueceu o ensino profissionalizante, criando o Lyceu Profissional Coelho e Campos¹⁶² e o Instituto de Química Industrial¹⁶³. No ensino superior, criou a Faculdade de Direito Tobias Barreto e a Faculdade de Farmácia.

Enquanto Sergipe apresentava seus avanços, o trabalho na direção do orfanato tornou-se cada vez mais difícil. Com o passar dos anos os afazeres aumentaram e as dificuldades também. O orfanato era mantido basicamente de doações e esmolos, e o número de pedidos de ingresso na instituição crescia a cada dia. Após a recepção as irmãs foram informadas pela diretora “de tudo que era preciso saberem, fazendo logo o contrato de trabalharem com firmeza para o progresso da casa e o bem das pobres orfhanzinhas”¹⁶⁴. A cidade de São Cristóvão,¹⁶⁵ no momento da chegada das religiosas contava com uma população extremamente pobre, o que certamente fazia do Orfanato um lugar de refúgio para as filhas

¹⁶⁰ AZEVEDO, Crislane Barbosa. **Grupos Escolares em Sergipe (1911-1930)**: Cultura Escolar Civilização e Escolarização da Infância. Natal: EDUFNR, 2009 p.49

¹⁶¹ DANTAS, José Ibarê. História de Sergipe: República (1889-2000).Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,2004.p.40

¹⁶² Maiores informações ver: MALTA, Marina Oliveira. **O Ensino Profissionalizante em Sergipe**: contribuição do Instituto Profissional “Coelho e Campos” (1922-1944). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2010. (Mestrado de Dissertação).

¹⁶³ Maiores informações ver: CONCEIÇÃO, Claudileuza Oliveira da. **A Escola de Química de Sergipe**: O processo de formação de um campo profissional(1948-1967). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2010. (Dissertação de Mestrado).

¹⁶⁴ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 01. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

¹⁶⁵ A cidade de São Cristóvão está localizada na região geográfica Leste Sergipano que compreende a faixa costeira e áreas circunvizinhas e se caracteriza pela maior densidade populacional, resultante da presença da área metropolitana de Aracaju. Foi fundada em 1590 pelas tropas do português Cristóvão de Barros. A “ Cidade de Sergipe” como ficou conhecida, mudou de lugar duas vezes, antes de fixar-se na atual localização. A cidade é marcada pela presença forte da religiosidade popular e de ordens religiosas como as ordens franciscanas, carmelitas entre outras. FRANÇA, Vera L. A.; CRUZ, Maria Tereza S. **Atlas Escolar de Sergipe**: espaço geocultural. João Pessoa: Editora Grafset, 2007. p.37

dos mais necessitados. Embora contasse com a benevolência de alguns benfeitores, a maior parte de tudo o quanto era consumido, vinha da população carente do lugar, assim registra o Livro de Crônicas:

Passaram-se em seguida os dias de trabalho, em bastante pobreza [...] Sentiram-se as bênçãos do céu e nunca faltou o necessário, pois a população apesar de bastante pobre sentiam-se felizes em oferecerem pequenos presentinhos, como fructas, doces etc. Também com esmolas e donativos contribuíram para realizarem os projectos da transformação e do suplemento da Casa.¹⁶⁶

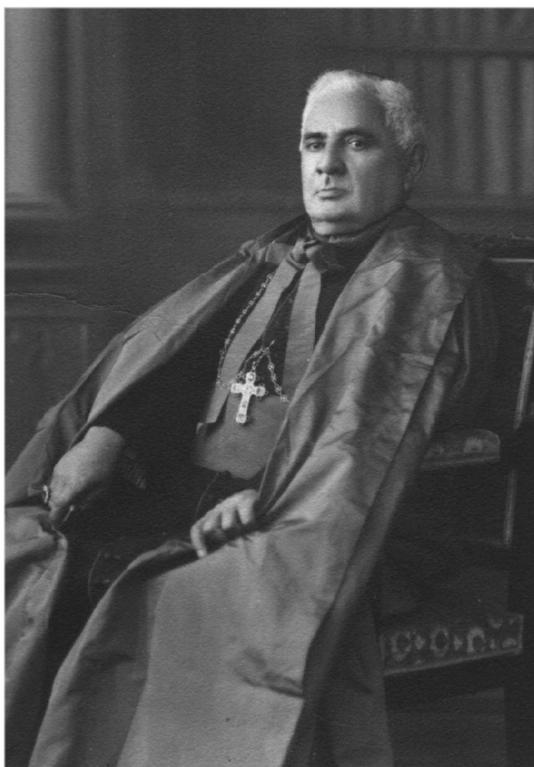


Figura 10: D. José Thomaz Gomes da Silva. s/d. Bahia. Fonte: ITBEC

No ano de 1923, o Bispo Dom José Thomaz Gomes da Silva¹⁶⁷ entregou a referida instituição aos cuidados da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus,¹⁶⁸ na pessoa da Reverenda Irmã Maria Escolástica Hilmer que na ocasião representava a Reverenda Geral da Congregação, Maria da Imaculada Conceição Trombock.

¹⁶⁶ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 02. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

¹⁶⁷ Dom José Thomaz Gomes da Silva foi o 1º Bispo da Diocese de Aracaju. Vindo do Rio Grande do Norte para sagrar-se bispo em Aracaju, foi responsável pela realização de obras na diocese, que foram desde a construção do Seminário Episcopal até igrejas. Autor de cartas pastorais de cunho disciplinador que versavam sobre o papel dos seminários, do Apostolado da Oração e sobretudo da devoção familiar ao Sagrado Coração de Jesus. SANTANA, Josineide Siqueira de. **Em novos tempos de fé...:** aspectos das mudanças da Igreja e religiosidade popular católica em São Cristóvão/SE (1911-1926). São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2000.p. 27(Monografia)

¹⁶⁸ Pelo Decreto do Exmº Sr. Bispo de Aracaju, D. José Thomaz Gomes da Silva de 27 de julho de 1923- foram transferidos em perpétuo domínio e administração de todos os bens da extinta Santa Casa de Misericórdia para as Irmãs Clarissas Missionárias da Imaculada Conceição mediante condição, de manter a Congregação a instituição de um Orfanato. Anotações retiradas do Primeiro Livro de Tombo das Clarissas Missionárias da Imaculada Conceição no Orfanato de São Cristóvão, datado de 24 de julho de 1923. Arquivo da Província da Santa Cruz da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus- Convento Dom Amando-Salvador/Bahia.

Durante estes dias, D. Amando, visitando o Exm^o Snr. Bispo de Aracaju. D. Amando trouxe de lá o documento que fossem transferidas em perpétuos domínios da nossa congregação todos os bens da Santa Casa de Misericórdia incluso o patrimônio com a única condição de manter ahi um orphanato.¹⁶⁹

Ou ainda, como destacamos nos Estatutos do Orfanato de São Cristóvão, no qual se lê que:

No caso de dissolução do Orfanato, por desistência das Religiosas a que está entregue, o prédio em que funciona e que foi doado “INPERPÉTUO” para este fim, pela Autoridade Diocesana, voltará, com todas as benfeitorias à Entidade doadora, bem como as apólices da Santa Casa de Misericórdia e as existentes e por existir em nome do Orfanato e, ainda, todas as rendas que puderem ser transferidas isto é subvenções e auxílios e, ainda, a casa onde funciona a Escola, e tudo enfim que constituía ou venha a constituir renda ou patrimônio.¹⁷⁰

Para que a instituição pudesse desenvolver bem seus trabalhos, fazia-se necessário congregar o maior número de pessoas interessadas em ajudar; por esse motivo era importante contar com um número razoável de sócios e os mesmos deveriam contribuir com uma mensalidade para o andamento da Sociedade Orfanato de São Cristóvão. Assim, foram criadas três categorias de sócios: os efetivos, benfeitores e beneméritos. Como ilustra a citação a seguir:

A sociedade terá número ilimitado de sócios e estes serão de três categorias: efetivos, benfeitores, beneméritos. Parágrafo 1º- Só mediante proposta assinada pelo proposto e pelo proponente será admitido. Parágrafo 2º- para ser considerado sócio efetivo, após a admissão, torna-se preciso concorrer ele com mensalidade nunca inferior a Cr.\$ 20,00. Parágrafo 3º - Serão considerados sócios benfeitores os que contribuirão mensalmente com importância igual ou superior a Cr.\$ 50,00 e as Irmãs da Imaculada Conceição pertencentes à comunidade do próprio Orfanato. Parágrafo 4º - Por indicação do Diretor-Presidente e aprovação da Diretoria, serão considerados sócios beneméritos pessoas que fizerem donativos de elevadas somas ou tenham prestado serviços relevantes à instituição.¹⁷¹

Ainda no mesmo documento fica estabelecido que apenas os sócios efetivos e benfeitores podem votar e ser votados, desde que estivessem de acordo com os estatutos e as mensalidades se encontrem pagas, além do mesmo ter sido admitido seis meses antes do período eletivo. Fizeram parte do grupo de sócios efetivos nomes como:

¹⁶⁹Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 04. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

¹⁷⁰Das Disposições Gerais e Transitórias - Art. 23 Estatutos do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade de São Cristóvão – 1957.p. 11. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

¹⁷¹ Estatutos do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade de São Cristóvão – 1957 (Arquivo do Lar da Imaculada Conceição) p. 04

Quadro II - Dos sócios efetivos da Sociedade Orfanato de São Cristóvão

Nome	Admissão
Horácio Pio Monteiro ¹⁷²	09 de fevereiro 1911
Antônio Miguel do Prado ¹⁷³	09 de fevereiro de 1911
Manoel Armindo C. Guaraná ¹⁷⁴	14 de janeiro 1912
Laura Amazonas ¹⁷⁵	07 de outubro de 1917
Leonor Telles de Menezes ¹⁷⁶	02 de dezembro de 1917
Etelvina Amália de Siqueira ¹⁷⁷	02 de dezembro de 1917
Francisco Pereira Lobo ¹⁷⁸	05 de janeiro de 1918
Francisco Graça Leite ¹⁷⁹	22 de setembro de 1918

Fonte: Livro de Atas da Sociedade Orfanato de São Cristóvão (1911-1935). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Como já dissemos anteriormente, havia os sócios beneméritos, aqueles que apresentavam trabalhos relevantes ou contribuições financeiras vultosas. Em assembléia geral,

¹⁷² Comerciante de São Cristóvão, membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pardos e Tesoureiro da sociedade Orfanato de São Cristóvão.

¹⁷³ Antônio Miguel do Prado era coronel e fazia parte do Conselho da Sociedade Orphanato de São Cristóvão.

¹⁷⁴ Nascido em São Cristóvão-SE em 04 de agosto de 1848. Bacharelou-se em Recife-PE, em 1871, participando do ambiente cultural de Tobias Barreto. Dedicou-se ao jornalismo, a política, magistratura e a história. Atuou em jornais, revistas e outras publicações entre 1842 e 1908. Lançado em 1925, o Dicionário Biobliográfico Armindo Guaraná (obra póstuma) reúne mais de 640 biografias. Armindo Guaraná faleceu em 10 de maio 1924. <<http://www.aracaju.infonet.com.br>> acesso em 05 de novembro de 2010.

¹⁷⁵ Laura Amazonas, nasceu em Aracaju, no dia 03 de maio de 1884. Filha de Josefa da Silveira Amazonas e Manoel Amazonas., após terminar o ensino primário muda-se para a cidade de Santos em São Paulo, retornando em 1910 já com o diploma de cirurgiã dentista. Foi educada dentro dos princípios católicos, tomando contato com a doutrina espírita provavelmente entre os anos de 1914 e 1915. Participou ativamente da fundação da União Espírita Sergipana em 1930 e desenvolveu vários trabalhos filantrópicos. Faleceu em 27 de setembro de 1968. Maiores informações: FREITAS, Anamaria G. Bueno de. A História da Educação em Sergipe e as Mulheres Diplomadas. In: VII Semana de História- A historiografia de Maria Thétis Nunes. **Anais da VII Semana de História**. São Cristóvão: DHI/Universidade Federal de Sergipe, 2004.p. 132-133

¹⁷⁶ Leonor Telles de Menezes era filha de Álvaro Teles de Menezes, major reformado do Corpo de Saúde do Exército Baiano, e de Francina Muniz Telles. Nasceu em 29 de março de 1890. Professora, seu 1º emprego foi em palmares, município de Riachão. Em março de 1933, funda o Colégio Francina Menezes, sua intenção era criar o curso secundário. Faleceu em 1976, aos 86 anos na cidade de Aracaju. Maiores informações: SANTOS, Nivalda Menezes. **O Celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS,2006. (Dissertação de Mestrado)

¹⁷⁷ Etelvina Amália de Siqueira, nasceu em 05 de novembro de 1862 em Itabaiana – Sergipe. Formou-se normalista em 11 de novembro de 1884 pela Escola Normal de Aracaju. Em 27 de setembro de 1912 passou a ser professora catedrática de Português da Escola Normal. Por algum tempo frequentadora da imprensa escrevendo sobre abolicionismo em vários jornais de Aracaju, inclusive no “Nova Era” e nos almanaques sergipanos no período de 1887 a 1902. Faleceu em 1935 em Aracaju. <<http://www.aracaju.infonet.com.br/serigysite>> acesso em 05 de novembro de 2010.

¹⁷⁸ Pertencente a família Pereira Lobo, natural de São Cristóvão.

¹⁷⁹ Francisco Graça Leite fez parte do grupo de professores que integrou o Seminário Sagrado Coração de Jesus em Aracaju, lecionando as disciplinas: Geografia, História Universal e História do Brasil.

realizada em 07 de janeiro de 1923, foi concedida à Professora Maria Muniz o título de “Benfeitora Benemérita” por seus esforços e

Que por longos anos esteve à frente desta casa, mas, devido a idade avançada e combatida por enfermidades, desejava ardentemente passar a administração interna do Instituto às mãos das Irmãs Religiosas. A Sociedade, para mostrar seu profundo reconhecimento por tudo quanto D. Maria Muniz fez por esta casa, consagrou dos seus dias e annos de sua vida a educação de crianças desvalidas com heroísmo das almas abnegadas, resolveo inserir o nome della no rol de seus maiores benfeitores.¹⁸⁰

Com a organização de um quadro de sócios, a regulamentação de algumas subvenções, as Irmãs Missionárias iniciaram o trabalho efetivo em São Cristóvão: o de educar meninas desvalidas. Surgiu, então, a necessidade da criação de uma escola exclusivamente para as órfãs, algo que foi concretizado em 1923, um ano após a chegada das mesmas a São Cristóvão.

2.3 – “Ensino Científico e Ponto de Marca”: a escola para meninas órfãs e desvalidas¹⁸¹.

Assim que receberam do Bispo D. José Thomaz os direitos sobre os cuidados com a instituição fundaram, em 1923, anexo ao prédio do Orfanato a Escola da Imaculada Conceição, com o principal objetivo de “trabalhar pela educação religiosa das crianças.”¹⁸²

Começou no dia 15 de janeiro do anno de 1923 a aula para as órphãs em que a Irmã Superiora se incumbiu do ensino. Ajudando nas lições de português D. Lucina. Conferiu-se pela manhã o ensino científico das 8 as 11 ½, pela tarde as orphãs foram emprehendidas nos trabalhos manuaes, em que principalmente se dedicaram a ponto de marca, por chegar neste ramo sempre bastante encomendas.¹⁸³

Aliadas a esse objetivo, existiam algumas questões que faziam parte do contexto vivido, a saber: “a feminização do catolicismo cada vez mais presente, principalmente nos

¹⁸⁰ Livro de Atas da Sociedade Orfanato de São Cristóvão (1911-1935) p. 68 e 69. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

¹⁸¹ Desvalido é aquele que não tem valor, sem valimento e “sem valia” encontra-se desprotegido, desamparado, desgraçado e miserável. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 217

¹⁸² MONTEIRO, Maria Paiva. Relato escrito, datilografado e assinado pela professora. São Cristóvão: s.n.t. 24 de novembro de 1993.p. 01

¹⁸³ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 02. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

manuais das congregações religiosas, ensinando a ensinar, propagando as virtudes e qualidades daquelas que irão ensinar”.¹⁸⁴



Figura 11: Vista frontal da Escola do Lar da Imaculada Conceição (Antiga Escola da Imaculada Conceição). 17 de setembro de 2010. Autoria Josineide Siqueira de Santana. Fonte: Acervo pessoal da autora.

A partir daí, notamos uma preocupação com os conteúdos a serem ensinados e, principalmente, com a formação de quem os ministraria, onde os bons modos, a educação e a fé eram ingredientes necessários a uma boa formação. Dessa maneira, o currículo “implica a idéia de regular e controlar a distribuição do conhecimento, além de estabelecer a ordem de sua distribuição [...] o currículo possui um papel regulador da prática e, portanto, regulador da prática educativa.”¹⁸⁵ Refletindo sobre esse papel regulador e a distribuição do conhecimento, percebemos, através do currículo proposto pela instituição, o que seria ensinado e que meninas deveriam ser formadas. Assim, veremos dois modelos de currículos aplicados por escolas confessionais católicas, dirigidas pelas Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

¹⁸⁴ LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001. p. 72

¹⁸⁵ SACRISTÁN apud ZOTTI. Solange Aparecida. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil**: dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores Associados, 2004. p.04

Quadro III- Das disciplinas oferecidas nas instituições de ensino católico

Escola da Imaculada Conceição- São Cristóvão Destinada a educação de órfãs e desvalidas	Colégio Imaculada Conceição Capela Destinada a educação das filhas da elite
Português	Português
Matemática	Aritmética
História de Sergipe	História
Religião	Religião
Noções de Ciências Físicas e Naturais	Geografia
Educação Moral e Cívica	Música
Geometria	Geometria
Educação Física	Violino
Canto Orfeônico	Costura
Trabalhos Manuais	Trabalhos Manuais
Prendas Domésticas	Civilidade
-	Desenho
-	Piano
Fonte: Relatório de Atividades do Orfanato de São Cristóvão (1941). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.	Fonte: SANTOS, Sandra M. dos. A Trajetória Educacional em Capela: A experiência das Missionárias da I. Conceição (1929-1954).S.Cristóvão: DHI/UFS,2002(Monografia) p.28

Vale destacar que embora ambas as instituições fossem dirigidas pela mesma congregação, observamos que seus currículos apresentavam diferenças. Mesmo priorizando as mesmas disciplinas, o currículo dirigido às alunas do Colégio Imaculada Conceição do Município de Capela apresentava certo requinte ao incluir aulas de música, piano e civilidade. Sobre o aprendizado de “civilidade”, lembramos que entre outras coisas as alunas aprendiam a portar-se diante de situações exigidas pela sociedade, por isso:

O comportamento à mesa é muito útil na compreensão dos hábitos de civilidade, porque a partir dele podemos perceber como desenvolvemos outros tantos costumes que dizem respeito à capacidade que cada indivíduo vai adquirindo no exercício do autocontrole de suas pulsões. Na verdade o que acontece à mesa é o mesmo que ocorre nos outros campos da ação humana: mudam estruturas e hábitos de comportamento, impulsos e emoções.¹⁸⁶

O exemplo sobre a educação à mesa é apenas um dos pontos uma vez que “civilização é um conceito que não se dá por acabado, é um processo sem fim que busca refinamento dos padrões gerais”¹⁸⁷.

Embora a formação voltada ao lar fosse o ponto crucial no início do século XX, para as mais abastadas o currículo oferecia opções que remetiam à ilustração; já para as alunas do orfanato, priorizava-se o currículo elementar acrescentando as aulas de Prendas Domésticas e Trabalhos Manuais. Em suma, mesmo havendo uma preparação para os cuidados domésticos em ambas as instituições, mesmo contando com um currículo mais esmerado, as alunas do colégio particular eram também preparadas para a vida no lar. Obviamente, dentro daquilo que as condições econômicas e a sociedade em que circulavam solicitavam.

Além dos currículos apresentados faremos uso de um anúncio registrado no jornal “A Cruzada”, no qual as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus comunicam que as aulas do Colégio Nossa Senhora do Carmo, em São Cristóvão terão início em 15 de fevereiro de 1925, a escola direcionada a elite feminina, traz, no pequeno anúncio uma apresentação de seu sistema de ensino:

¹⁸⁶ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Formação do Homem Civilizado. In: **Revista Educar-SE**. Aracaju: ano 1.nº 03, p.37, mar.,1997.

¹⁸⁷ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Formação do Homem Civilizado. In: **Revista Educar-SE**. Aracaju: ano 1.nº 03, p.35, mar.,1997.

Collegio Nossa Senhora do Carmo
São Christovam-SE
Internato- Semi-internato-Externato
Directoras: Irmãs Clarissas Missionárias da Immaculada Conceição-
Cursos: Primário e Secundario. – Música. Desenho. Prendas- Línguas;
Francês, Inglês e Alemão – o anno lectivo terá inicio a 15 de fevereiro.¹⁸⁸

A partir desse anúncio, percebemos que mesmo o colégio pertencendo à congregação que dirigia o orfanato, a possibilidade de aprendizado era mais ampla. Podemos constatar isso pela oferta do ensino de línguas. Para as alunas do orfanato, essa não era uma preocupação corrente no currículo da instituição; além do mais, o ensino secundário fazia muita diferença, pois para o orfanato existia apenas o ensino primário aliado às prendas domésticas. Obviamente, estamos tratando de instituições que priorizam grupos diferentes. Cabe indagar por que em escolas e colégios dirigidos por uma mesma congregação existiria tantas especificidades na diferença do ensino oferecido? Pensamos que a origem social das alunas seja uma das respostas. Com uma educação voltada para os cuidados com a casa, não haveria a necessidade de um aprendizado mais rigoroso, afinal, para que tantos saberes se acabariam enclausuradas nas cozinhas alheias ou em sua própria cozinha?

A vinculação entre os papéis de mulher, mãe e dona de casa, era tida como o caminho necessário ao andamento adequado da sociedade e por ser tratar de um instituto católico levaremos em consideração o fato de que:

Ciente de sua missão no sentido de propagar a fé católica, as congregações religiosas deviam criar todo tipo de estímulos para “formar novos fiéis”. As instituições de educação católicas sempre tiveram um papel histórico na formação cultural brasileira. Com uma forte consciência de que a conquista das almas passaria por uma base institucional na educação, a Igreja entende-se mãe e mestra.¹⁸⁹

Visando o bom desempenho da instituição, cada irmã assumia uma tarefa: Irmã Úrsula¹⁹⁰ e Irmã Escolástica¹⁹¹ eram responsáveis pela direção da casa; além disso, cabia à

¹⁸⁸ “A Cruzada” de 09 de agosto de 1924. Ano VIII, nº 10 p.03

¹⁸⁹ CHORNOBAI, Gisele Quadros Ladeira. “Respirando a Fragância da Piedade Cristã”: Considerações sobre o espaço escolar católico: a Escola Normal de Sant’Ana (1947-1960). In: BENCOSTTA, Marcus Levi A. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Editora Cortez, 2005. p.202

¹⁹⁰ Irmã Úrsula Luttig (Mathilde Luttig) nasceu em 05 de março de 1895 em Wewelburg, Westfália- Alemanha, vinda de uma família de 11 irmãos. Terminando o curso primário em 1909, continuou seus estudos no Seminário Pedagógico, recebendo o diploma de professora em 1915. Em 1920 solicitou admissão na Congregação das Irmãs Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Iniciou suas atividades no Orfanato São José em Santarém – Pará, servindo também no Orfanato de São Cristóvão. Faleceu em 15 de abril de 1984, na enfermaria da Casa Provincial em Belém, Estado do Pará. Fonte: Necrológio da Irmã Úrsula Luttig. Arquivo da Província do Coração de Maria- Belém/Pará.

¹⁹¹ Irmã Scholástica Hilmer (Josepha Hilmer) nasceu em 15 de junho de 1892 em Gimbe, Alemanha. Professou em 08 de dezembro de 1919 e no mesmo ano desembarcou em Recife/PE, seguindo para Santarém/PA. Exerceu o magistério em Monte Alegre/PA e Salvador/BA. Foi superiora do Orfanato de São Cristóvão/SE. Construiu o

primeira dar aulas de catecismo e cuidar da Irmandade dos Anjos, e à segunda dirigir a Pia União das Filhas de Maria. Quanto a Irmã Joana Bodefeld,¹⁹² por apresentar maiores dificuldades com a língua portuguesa, era auxiliada pela Irmã Batista da Silva¹⁹³ e juntas cuidavam da cozinha, dos trabalhos na horta, do galinheiro e dos afazeres domésticos.

Foi durante o governo de Maurício Graccho Cardoso que o Orfanato de São Cristóvão conseguiu alguns incentivos; por isso, em 06 de novembro de 1925, através da lei nº 925, o governo regulamentou a instituição. Através dessa lei podemos perceber que alguns aspectos são bem marcados, como por exemplo: o amparo à infância feminina e desvalida, bem como o número de meninas a serem atendidas e a importância financeira a ser destinada para o andamento de casa. Assim, o documento define:

Art. 1º – Fica o governo autorizado a regulamentar o Orfanato de São Cristóvão.

Art.2º – No sentido de amparar a infância desvalida, o Estado subvencionará o Orfanato de São Cristóvão com a importância anual de 12:000\$000 (Doze Contos de Réis).

Art. 3º – O estado poderá internar no referido Orfanato até 50 (cincoenta) meninas.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.¹⁹⁴

Com essa lei, garantindo a subvenção àquela instituição, os recursos que sempre estiveram aquém do que realmente era necessário, obtiveram uma melhoria, uma vez que as dificuldades eram imensas.

Não podemos esquecer que no ano de sua fundação, apenas 15 meninas poderiam ser aceitas, porém com o advento da lei nº 925, a casa poderia receber até 50 meninas, lembrando que as mesmas seriam enviadas através do Estado. Sobre a matrícula de meninas para ocuparem as vagas na referida instituição, podemos perceber que as indicações do governo

Ginásio Santa Bernadete, o qual foi fechado em 1969. Durante sua vida religiosa ocupou diversos cargos na congregação, tanto em âmbito nacional, quanto em âmbito internacional. Em 31 de agosto de 1975, faleceu no Sanatório Espanhol em Salvador/BA. Seu corpo foi sepultado no Cemitério Campo Santo na mesma cidade. Fonte: Necrológio Irmã Scholastica Hilmer. Arquivo: Convento Dom Amando, Salvador-BA.

¹⁹² Johanna Bodefeld, recebeu em 08 de dezembro de 1918 em Muenster, Alemanha, o hábito da congregação. Em 1920, juntou-se a dez irmãs e veio trabalhar em Santarém, no Estado do Pará. Em 1922, chegou à cidade de São Cristóvão para o trabalho no Orfanato. Depois de um período dirigindo a Comunidade de Santa Clara, no Ceará, voltou a São Cristóvão, em 1929. Após um período na administração do Seminário de João Pessoa, retornou novamente a Sergipe onde permaneceu entre os anos de 1940 a 1952. Faleceu em 05 de junho de 1959 em Dusseldorf, Alemanha. Fonte: Necrológio da Irmã Johanna Bodefeld. Arquivo Convento Dom Amando, Salvador-BA.

¹⁹³ Irmã Maria A. Batista da Silva nasceu em 24 de abril de 1905 em Pavuna, Estado do Ceará, ingressou na Congregação em 11 de fevereiro de 1921, fazendo seus votos perpétuos em 12 de agosto de 1925. Antes de seu falecimento era membro da Comunidade Santa Clara em Canindé- Ceará. Faleceu em 11 de outubro de 1990 na cidade de Canindé/CE. Necrológio da Irmã Maria A. Batista da Silva. Arquivo Convento Dom Amando, Salvador-BA.

¹⁹⁴ SERGIPE, Lei nº 925 de 06 de novembro de 1925. Regulamenta o Orfanato de São Cristóvão. Aracaju: s.n.t., 1925 (Caixa 15 – Arquivo Público de Sergipe- APES)

ocorriam através de alguns órgãos de assistência social do Estado, mas era comum que pessoas que influenciavam a política local apresentassem nomes de meninas que ficariam sob sua responsabilidade.

Chegar ao orfanato poderia ser considerado uma importante conquista, tendo em vista a grande procura pelas vagas e as “indicações” feitas por pessoas de prestígio que pediam em favor de suas protegidas, geralmente filhas ou netas das empregadas de suas residências.

Para ser admitida no orfanato e, conseqüentemente, obter uma vaga na escola, a menor deveria cumprir alguns pré-requisitos, tais como: estar na faixa-etária entre 05 e 10 anos, ser órfã de um dos genitores, comprovação de certidão de registro civil como prova da idade requerida segundo os estatutos, atestado de orfandade¹⁹⁵, certidão de batismo, atestado médico que comprovasse a ausência de doença contagiosa, atestado de vacina.¹⁹⁶ Mediante essas etapas, caberia ao Diretor-Presidente receber a requerente ou não.

Uma situação bem comum para a entrada de menores na instituição se configurava no fato de que meninas cujos genitores eram falecidos e algum familiar disponibilizasse de recursos financeiros, a mesma seria aceita cabendo ao seu responsável legal ou protetor pagar as despesas pela sua permanência:

Foi apresentado a meza uma petição do Snr. Sylvio Garcez pedindo a admissão da menor Adélia Garcez com nove annos de idade, natural de Itaporanga[...]. Foi admittida com a condição de ser o protetor obrigado a entrar com a importtancia de Dez Mil Contos de Réis (10\$000) mensalmente ao Orphanato.¹⁹⁷

Ou ainda:

Foi admittida como órfhã, a menor Maria José Siqueira Mello filha da finada Maria Luiza Mello e neta de D. Thereza Dias, com 6 annos de idade, sendo esta obrigada a entrar com a importância de Dez Mil Contos de Réis(10\$000) mensalmente, a contar da data da inscrição, para a thezouraria do Orphanato, alem do enxoval necessário.¹⁹⁸

Outros casos também chamam a atenção: o fato de que algumas meninas eram admitidas sem ter o nome revelado, a idade ou filiação, porém eram indicadas por pessoas estimadas na sociedade. Em 18 de abril de 1920 a mesa diretora do orfanato recebeu, “Do

¹⁹⁵ O atestado de Orfandade era expedido pelo delegado de polícia da capital. Encontramos a referência ao presente documento no Livro de Atas da Sociedade Orfanato de São Cristóvão (1911-1935) p. 60. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

¹⁹⁶ Estatutos do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade de São Cristóvão 1957 p.09

¹⁹⁷ Livro de Atas da Sociedade Orfanato de São Cristóvão (1911-1935) p. 64. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

¹⁹⁸ Livro de Atas da Sociedade Orfanato de São Cristóvão (1911-1935) p. 59. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Exm^o Snr. Dr^o. José Joaquim Pereira Lobo¹⁹⁹ um pedido por meio do Revm^o Director, no sentido de ser admittida neste orfanato a menor orphã.....comannos de idade, natural de.....”²⁰⁰. Ao analisarmos o caso ilustrado podemos perceber que esse tipo de artifício era utilizado como forma de “proteger a honra das famílias, escondendo frutos de amores considerados ilícitos”²⁰¹ ou até mesmo “servir para defender a honra das famílias cujas filhas teriam engravidado fora do casamento”²⁰². Essa prática será legitimada, através do Código de Menores de 1927 em seu art. 6^o, por meio qual se declara que:

As instituições destinadas a recolher e crear expostos terão um registro secreto, organizado de modo a respeitar e garantir o incognito, em que se apresentem e desejem manter os portadores de creanças a serem asyladas.²⁰³

Por esse motivo, em livros de instituições educativas voltadas à criança desvalida, omitem-se muitas vezes o nome dos pais, deixando apenas o nome dos benfeitores ou o logradouro para contatos. Dessa maneira, o direito ao sigilo era respeitado, mantendo-se em segredo os dados de qualquer menor asilado.

2.4 – Perfil familiar das internas

Quando chegavam ao orfanato, cada menina recebia um número que seria bordado em todos os seus pertences pessoais.²⁰⁴ Esse procedimento dava o tom de organização ao ambiente, pois aquela que se descuidasse dos seus objetos logo seria descoberta e sofreria as sanções previstas. “Pois o estilo de vida nos recolhimentos era totalmente conventual, expresso nas práticas religiosas, na simplicidade do vestir e no controle dos contatos com o mundo exterior”.²⁰⁵

¹⁹⁹ Joaquim José Pereira Lobo, nascido em São Cristóvão em 1864. Eleito para governar o Estado de Sergipe de 1918 a 1922, foi o último dos militares, durante a 1^a República, a administrar com o respaldo popular. DANTAS, José Ibarê. **História de Sergipe**. República (1889-2000). Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2004. p.37

²⁰⁰ O registro se encontra tal qual no livro de atas. Nele não há citação sobre o nome dos pais ou responsáveis. O nome, idade e procedência da menor também não são revelados. Livro de Atas da Sociedade Orfanato de São Cristóvão (1911-1935) p. 64. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁰¹ ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Rostos de Crianças no Brasil. In: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar crianças**: A história das políticas sociais, da legislação assistência à infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009.p.178.

²⁰² MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil (1726-1950). In: FREITAS, Marcos Cezar. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006. p.74

²⁰³ BRASIL, Decreto nº 17.934-A de 12 de outubro de 1927. Consolida as leis de Assistência e Protecção a menores. <<http://www2camara.gov.br> acesso em 04 de novembro de 2010.

²⁰⁴ Essa prática disciplinar será aprofundada no 3º capítulo dessa dissertação.

²⁰⁵ RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. São Paulo: Edições Loyola, 2004 p. 26

Um ponto importante para o entendimento das práticas realizadas no Orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição, diz respeito à análise dos livros da instituição. Observando os livros de matrícula, notamos que em 1911, Frei Joaquim Benke, OFM, ao abrir o primeiro livro destinado à inscrição de meninas solicita que sejam preenchidos alguns itens, como por exemplo: nome da órfã, nome dos pais e cor²⁰⁶ (branca ou mestiça). A partir 1933 aparecem as denominações parda, preta e morena; quanto à filiação (legítima²⁰⁷, ilegítima ou natural²⁰⁸); nome dos pais, local onde os pais residiam, idade, data de entrada e saída, motivo e observações. São acrescentadas, ainda, informações sobre os sacramentos como Batismo, Primeira Eucaristia e Confirmação.

Ao analisarmos os mesmos livros em outros períodos, como nos anos de 1948-1949²⁰⁹, 1953-1959, 1957-1961 e 1962-1964²¹⁰, percebemos mudanças quanto às características das internas e o detalhamento das mesmas.

O livro de registros de 1948-1949 está dividido em três partes: Matrícula, Frequência Diária e Aparelhamento Escolar. O mesmo contém o termo de abertura, com os dados referentes à escola, como endereço, cidade, distrito, município, data de abertura e nome e assinatura do professor regente. Os outros itens dizem respeito ao número de matrícula, data, nome do aluno, sexo, certidão do registro civil, data de nascimento (dia/mês/ ano), idade, nacionalidade, ano que vai cursar, tempo escolar (em anos) na própria escola e em demais. Procedência do aluno (de outra e tipo de escola F- federal, E-estadual, M-municipal e P-particular), aproveitamento (aprovado e reprovado), grau de aproveitamento, exclusão de aluno (dia/mês/ano), nome do responsável (tipo: pai, mãe ou responsável) residência, características dos pais (nacionalidade, profissão, instrução e religião). Ao todo eram preenchidos 34 itens.

²⁰⁶ No primeiro livro de matrícula da instituição Orfanato de São Cristóvão datado de 1911 a palavra “qualidade” designa cor.

²⁰⁷ A legitimidade indicava a necessidade de proteção do infortúnio da perda de seu protetor, o pai, que lhe poderia garantir no futuro o lugar social mais valorizado para a mulher. O asilo substitui a tutela do pai, oferecendo os meios necessários para as futuras mães de família reproduzirem o seu lugar na sociedade, tais como, a educação para o lar, o enxoval de casamento e o dote. RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 25- 26.

²⁰⁸ Referente a bastardo- que nasceu fora do matrimônio; modificado, degenerado, filho ilegítimo. FIGUEIREDO apud RIZZINI, Irene. In: **O Século Perdido: Raízes Históricas das Políticas Públicas para a Infância no Brasil**. São Paulo: Editora Cortez, 2008 p. 179.

²⁰⁹ O livro do referido período tem a denominação de Livro de Matrícula, Frequência e Aparelhamento Escolar (1953-1959). Durante a pesquisa percebemos que a partir de um determinado momento a instituição contava com livros para Matrícula e Ponto Diário e outros mais completos e detalhados, como os acima citados. Casos semelhantes nos livros de 1953 a 1959.

²¹⁰ Os livros referentes a outros períodos não foram encontrados, porém como nossa pesquisa tem como marco temporal final o ano de 1969, nos consideramos contemplada com o material encontrado.

Após os registros de matrícula, o livro traz a frequência diária com o nome das alunas, movimento diário e movimento mensal e, por fim, a relação dos móveis e utensílios da escola. Constatamos a mesma forma de organização nos livros referentes ao período de 1953 a 1959.

Vale lembrar que o material referente aos anos de 1948 a 1964, mostra uma organização mais institucional, pois esses livros diários seguiam o modelo estabelecido pela Instrução Pública. No período de 1957 a 1961, o livro de matrícula atende as especificações do Ministério da Educação e Saúde, embora o modelo usado na instituição fosse dirigido ao Serviço de Educação de Adultos. No mesmo se encontra com itens como: número e data de matrícula, nome do aluno, ano ou série que seria cursado, sexo, nacionalidade. Requisitos como: estado civil, número de filhos vivos, ocupação, foram suprimidos e substituídos por nome dos pais ou responsáveis, residência, aproveitamento, eliminação da matrícula.

Quanto ao registro escolar, referente aos anos de 1962 a 1964, o livro de matrícula continha outras partes como frequência diária, aproveitamento e comportamento. O modelo utilizado fazia parte do padrão do período, trazia na contracapa as seguintes solicitações: nome singular da escola, município, distrito, endereço, qual o material disponibilizado em sua construção, informações sobre o telhado, número de salas para aula, se dispunha de água encanada e luz elétrica e se a instituição contava com moradia para professor. Além dessas informações o livro trazia instruções para a correta escrituração do registro escolar e um indicador das principais profissões.

Através de um olhar mais direcionado desses instrumentos de registro, foi possível obter um perfil das famílias das internas. Assim, percebemos que, em sua maioria, as internas que fizeram parte do Orfanato de São Cristóvão e da Escola da Imaculada Conceição eram provenientes dos municípios sergipanos e estados vizinhos como Alagoas, Bahia e Pernambuco.

Figura 12: Mapa da Procedência das internas do Orfanato de São Cristóvão/SE



LEGENDA

- São Cristóvão
- Municípios que enviaram meninas para o orfanato de São Cristóvão
- Demais municípios do Estado

A partir do informado verificamos que a instituição não recebia apenas meninas do município, mas de muitas regiões de Sergipe, ultrapassando, inclusive, os limites estaduais. Os livros analisados não apontam como o nome da instituição conseguiu ir além do Estado, mas tendo em vista que a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus desenvolve um trabalho específico na região norte, a procura pela casa de

educação de São Cristóvão estaria justificada, até porque a congregação é fundadora do Orfanato de São José, em Santarém, no Estado do Pará.

Estando esse orfanato localizado na região norte do Brasil, poderia certamente existir uma migração de meninas desvalidas das regiões próximas para São Cristóvão. Vale lembrar que muitas meninas eram indicadas para instituições da própria congregação pelas religiosas, como no caso de algumas internas do Orfanato de São Cristóvão que após concluírem seus estudos e mediante permissão de parentes e o desejo de prosseguirem se aperfeiçoando foram enviadas para o Ginásio Santa Bernadete, em Salvador/BA ou para Colégio da Imaculada Conceição em Capela/SE.

Constatamos que quanto ao grau de instrução, os pais contavam com o curso primário, já as mães eram, em sua maioria analfabetas. No tocante às profissões vislumbramos que para os pais havia uma gama maior de atividades remuneradas; extraímos dos livros as profissões mais frequentes, são elas: lavrador, mecânico, carpinteiro, pintor, açougueiro, tropeiro, barbeiro, marceneiro, pescador, oleiro, canoieiro, padeiro, bagageiro, chauffer, caixeiro, vaqueiro, salineiro, estivador. Já às mães, as opções são mais reduzidas, tais como: cozinheira, dona de casa, costureira, engomadeira, lavadeira e tecelã. Quanto à religião, em todos os casos os responsáveis se declararam católicos.

Com um conceito elevado e sob a responsabilidade de uma congregação conceituada, muitos foram os pedidos em busca de uma vaga na referida casa. Por esse motivo, observamos que a cada período nomes tanto da política local quanto da sociedade solicitavam a entrada de meninas para viverem em regime de internato.

Nos anos de 1948 a 1949²¹¹ são realizados pedidos por parte do Dr. Maurício Graccho Cardoso²¹², Leandro Maciel²¹³, Prof. José de Alencar. De 1953 a 1959 os pedidos mais

²¹¹ Os nomes apresentados foram os mais citados nos referidos períodos. Ter acesso as informações quanto aos responsáveis pelas indicações só nos foi possível através dos livros de Matrícula, Frequência e Aparelhamento Escolar do período de 1948 a 1967, uma vez que os mesmos trazem itens que nos ajudaram a elucidar essas questões.

²¹² Maurício Graccho Cardoso nasceu em 09 de agosto de 1874 em Estância – SE. Filho do renomado Professor Brício Cardoso, seguiu o percurso da Juventude de sua época, fez parte da Escola Militar do Rio de Janeiro, optando pela carreira do Direito. Sua primeira experiência política se processa no Ceará, quando assume vários cargos políticos. Torna-se Presidente de Sergipe em 1922, realizando várias obras e dando certo impulso à educação. Participou da Constituinte de 1934. Em 1946, volta à cena política como integrante da Câmara Federal. Faleceu em 03 de agosto de 1950, durante uma sessão plenária. SANTANA, Josineide Siqueira de. Maurício Graccho Cardoso e as realizações Educacionais em Sergipe (1922-1926). In: VII Encontro Cearense de Historiadores da Educação- I Encontro Cearense de Geografia da Educação: Políticas, tempos e Territórios de Ações Educacionais **Anais VIII Encontro Cearense de Historiadores da Educação e I Encontro de Geografia da Educação**. Fortaleza: UFC, 2009. p. 01;07 (cd-rom)

²¹³ Nascido em 08 de dezembro de 1897, no município de Rosário do Catete. Filho do Bacharel Leandro de Siqueira Maciel e Ana Maynard Maciel. Ingressou na política, elegendo-se deputado federal em 1930, para um mandato até 1932. Teve atuação destacada nos pleitos de 1933/1935. Participou da formação da UDN em

freqüentes são os de Francisco Leite Neto²¹⁴ e esposa, Dr. Lourival Baptista e esposa²¹⁵, Família Franco²¹⁶, Sr. João Hora,²¹⁷ Dr. Café Filho²¹⁸, Dr. Silvério Leite Fontes²¹⁹, Dr. Niceu Dantas²²⁰, Dr. Carlos Firpo²²¹, D. Leyda Régis, SAM²²² e LBA²²³. Neste período contamos, efetivamente, com o envio de meninas feito, principalmente, pelos órgãos governamentais.

Sergipe. Elegeu-se constituinte em 1946, fazendo acordo com os comunistas. Governou Sergipe em 1954. Faleceu em Aracaju a 14 de julho de 1984. BARRETO, Luiz Antônio, **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007. p.198-202

²¹⁴ Francisco Leite Neto, nasceu em Riachuelo em 14 de março de 1907. Bacharelou-se em Direito, no Estado da Bahia, regressando a Aracaju, onde iniciou sua carreira de advogado e pensador do Direito. Foi Diretor da Penitenciária Modelo, construída em 1926, pelo governador Graccho Cadoso. Participou da Assembléia Constituinte Estadual em 1935. Além de político foi professor, escritor e orador do Instituto Histórico Geográfico de Sergipe (IHGS). Faleceu em 19 de dezembro de 1964, aos 57 anos. <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler-> acesso em 14 de dezembro de 2010.

²¹⁵ Nascido na localidade “Sítio do Meio” município de Entre Rios, Estado da Bahia em 03 de outubro de 1915. Médico de formação, atuou na Fábrica São Gonçalo no atendimento aos operários. No período de 1951-1954 foi prefeito de São Cristóvão. Integrante da ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Eleito pelo voto indireto para Governador do Estado no período de 1968-1970. BARRETO, Luiz Antônio, **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007. p.244

²¹⁶ A família Franco, representada por Adélia do Prado Franco e pelo Coronel Albano do Prado Pimentel Franco, tiveram na pessoa do filho Augusto Franco, grande influência em muitos campos da vida sergipana. A família, destacou-se principalmente na condução da Fábrica de Tecidos São Gonçalo, que empregava parte significativa da população de São Cristóvão; do Banco de Comércio e Indústria de Sergipe, da Usina São José do Pinheiro, no município de Laranjeiras – SE, produtora de açúcar e Fábrica Sergipe Industrial. No período de 1979-1982, governou o estado, sendo eleito pela ARENA. BARRETO, Luiz Antônio, **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007 p.90-92

²¹⁷ Comerciante nascido em Riachão do Dantas, em 22 de dezembro de 1906, dono da loja “A Moda” e construtor do Edifício Mayara em Aracaju, foi também um dos maiores desportistas sergipanos, que dá seu nome ao estádio do Club Sportivo Sergipe. <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler-> acesso em 14 de dezembro de 2010.

²¹⁸ Encontramos três indicações feitas pelo então Presidente da República Dr. Café Filho, em todos os registros o endereço do responsável constava apenas a “cidade do Rio de Janeiro”.

²¹⁹ Nascido em Aracaju a 06 de abril de 1924, filho de Silvério Leite Fontes e Iracema Leite Fontes. Formado pela Universidade de Direito da Bahia, professor titular e procurador da Universidade Federal de Sergipe. Escreveu sobre vários temas, entre eles citamos: “Labatut em Sergipe”, “Formação do Povo Sergipano”, “Jackson de Figueiredo – Cem Anos”. Faleceu em 06 de dezembro de 2005 na cidade de Aracaju, <http://silveriofontes.com.br/biografia.html> – acesso em 14 de dezembro de 2010.

²²⁰ O Dr. Niceu Dantas foi juiz em Sergipe nos anos 50 do Século XX.

²²¹ Carlos Alberto Menezes Firpo, nasceu em 14 de abril de 1912, em Aracaju/SE. Filho de João Firpo e Dona Antônia Menezes Firpo. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1933. Médico Obstetra, dirigiu por nove anos o Hospital Santa Isabel, onde promoveu uma total transformação com a construção de um novo centro cirúrgico. Foi prefeito nomeado de Aracaju de 1941 a 1942, na 2ª Interventoria de Augusto Maynard Gomes. Morreu assassinado em 29 de abril de 1958, com 46 anos em Aracaju. <http://linux.alfamaweb.com.br/asm/dicionariomedico> - acesso em 14 de dezembro de 2010.

²²² O Serviço de Assistência a Menores (SAM) foi criado em 1941 pelo governo de Getúlio Vargas. No decorrer de sua história a instituição teve seus objetivos desviados ao se tornar exemplo de clientelismo e “cabide de emprego”. Maiores informações Ver: RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. São Paulo: Edições Loyola, 2004. pp. 33 - 34.

²²³ A Legião Brasileira de Assistência, (LBA) surgiu em 1942 com o objetivo de promover serviços de assistência social, prestar decidido concurso ao governo e trabalhar em favor do processo de serviço social no Brasil. Maiores informações: FALEIROS, Vicente de Paula. Infância e processo político no Brasil. In: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar crianças**: A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo: Editora Cortez, 2009. p.53.

A preocupação em encaminhar as meninas foi sentida até nos meios governamentais bem antes dos períodos citados, pois em 27 de abril de 1926, dando cumprimento à Lei nº 925, de 06 de novembro de 1925, o Governo do Estado resolve:

Art.1º O governo do Estado subvencionará o Orfanato de São Cristóvão, com sede na cidade de mesmo nome, educandário de meninas órfãs e desvalidas ficando esse instituto sujeito as obrigações seguintes:

- a) Internar até 50 meninas órfãs ou desvalidas de 4 a 12 anos de idade, apresentadas pelo governo, além das admitidas pela diretoria do Orfanato.
- b) A ministrar a essas menores não só o ensino primário como o de prendas domésticas e tudo quanto interesse a boa direção da casa.²²⁴

Vale ressaltar que “tudo o quanto interesse a boa direção da casa” consistia, principalmente, nas aulas de bordados, bons modos e na prática da religião que incluía, entre outras coisas, orações e a participação diária na missa. Através desse documento podemos perceber o desejo de se associar nas primeiras décadas do século XX a educação feminina à modernização da sociedade, à higienização da família e formação dos futuros cidadãos. “A ênfase na escolarização feminina vincula-se à função social de educadora dos filhos”²²⁵

A educação feminina pretendia levar à mulher a adquirir as virtudes para ser uma boa mãe e esposa, por isso não se fazia necessário adentrar ao conhecimento de tantas disciplinas, pois, provavelmente, elas não seriam utilizadas no universo doméstico.

Outro ponto que podemos extrair da preocupação governamental diz respeito à nova forma de pensar nação e quais os indivíduos que formariam a mesma. O desejo de sanear o país, principalmente no tocante à infância, foi elaborado como parte de um projeto nacional desde os primeiros anos da República, em que se fazia necessário a construção do novo cidadão brasileiro e para que o país não fosse tomado pela desordem, imoralidade e outros males deveria proteger a criança, pois através dela o país seria salvo:

O significado social da infância circunscrevia-se na perspectiva de moldá-la de acordo com o projeto que conduziria o Brasil ao seu ideal de nação. Nas primeiras décadas do século XX, a preocupação com a infância, como problema social, refletia a preocupação futuro do país [...]. A consciência de que na infância estava o futuro da nação, tornava necessário criar mecanismos que protegessem a criança dos perigos que pudessem desviá-la do caminho do trabalho e da ordem.²²⁶

²²⁴ SERGIPE, Lei nº 931 de 27 de abril de 1926. Concede subvenção ao Orfanato de São Cristóvão: s.n.t., 1926 (Caixa 16 – Arquivo Público Estadual – APES).

²²⁵FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Pesquisando a educação feminina em Sergipe na passagem do século XIX para o século XX. In: **Revista Semestral do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe**. Volume 4. São Cristóvão: UFS/NPGED, jan/jun 2002. p. 50.

²²⁶ RIZZINI, Irene. **O Século Perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 83

Desse modo, a educação promovida pelo Orfanato de São Cristóvão estava em sintonia com o que se pregava no período. Uma educação que aparentemente apoiava o desenvolvimento intelectual de ambos os sexos, mas que demarcava com rigor os papéis de cada um.

Não podemos esquecer o papel da religião nesse processo educacional: rezar, repetir as ladainhas, freqüentar as missas diariamente e estar em dia com os sacramentos, tudo isso fazia parte do cotidiano das meninas.

A partir de suas práticas educativas com as crianças a Igreja Católica mostrava sua presença no interior das instituições que as acolhiam. A Igreja Católica não pautou sua intervenção apenas nos valores sociais, mas na difusão de valores religiosos e espirituais. Ou seja, tornar a criança o que se desejava do adulto futuro: responsável, ordeiro, trabalhador, ético e moral. Assim, aproximar-se dos esquecidos pela sociedade, principalmente quando estes eram crianças, carentes significa o “cuidar dos menos favorecidos”:

Alcançar primeiro a infância estava em consonância com a Doutrina Social da Igreja que exprimia a preocupação em atender a necessidade de educação do povo pobre, preparando-o para o futuro. As crianças representavam um segmento importante na construção do futuro, por isso incomodavam quando mendigavam pelas ruas [...] atender à criança desamparada ou carente trazia a intenção oculta de se evitar o adulto desajustado.²²⁷

Educar meninas não era uma tarefa fácil, embora o número de aulas públicas e particulares direcionadas à educação feminina em Sergipe no início do século XX poderia ser considerado satisfatório, tendo em vista o número de vagas oferecidas, através de anúncios publicados em periódicos da época. Desse modo, colégios como:

“Collegio Bôa Esperança”, “Collegio Nossa Senhora de Lourdes”, “Escola Americana”, o “Collegio Santa Cruz”, “Escola Primária de Sergipe”, “Colégio Nossa Senhora Sant’Anna”, “Internato Santa Cecília”[...] no início do ano civil, estas instituições publicavam anúncios sobre o início das aulas, o preço das mensalidades, as disciplinas ministradas, a forma de organização do currículo e características gerais de funcionamento das escolas.²²⁸

Entretanto, salientamos que para aquelas cujo poder econômico era privilegiado, a educação poderia chegar através de professoras particulares; porém independente do grupo

²²⁷ NASCIMENTO, José Mateus. Vinde a mim os pequeninos... Práticas Educativas da Diocese de Natal (1945-1955). In: PAIVA, Marlúcia Menezes de. **Igreja Católica e suas práticas culturais**. Liber Livro: Brasília, 2006. p. 68 - 69

²²⁸ FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2003 (Tese de Doutorado) p.44

social, o início do século XX foi marcado pelo discurso segundo o qual mulheres “não deveriam ser instruídas e sim educadas”.²²⁹ Basta observarmos que:

Os currículos oferecidos se baseavam quase sempre no mesmo elenco de disciplinas variando muito pouco de uma instituição para outra. A ênfase nas primeiras décadas do século XX nas escolas femininas era o estudo de Línguas Estrangeiras e de Português (Gramática e Literatura) noções de Matemática e Ciências, os trabalhos Manuais e Música.²³⁰

Pois, assim, chegariam ao que deveria ser o caminho natural: casar, ser boa esposa, mãe zelosa e guardiã de moral e caráter invioláveis.

Dar uma boa formação religiosa e educacional para aquelas crianças era o principal objetivo das irmãs responsáveis pela instituição, por isso todo o esforço empregado por elas tinha como único fim, transformar as internas em modelo de educação, bom comportamento e religiosidade, conforme o que almejava a sociedade nas primeiras décadas do século XX.

2.5 – Da administração do Orfanato de São Cristóvão e da Escola da Imaculada Conceição.



Figura 13: Vista frontal do Lar da Imaculada Conceição (antigo Orfanato de São Cristóvão). 17 de setembro de 2010. Autoria: Josineide Siqueira de Santana. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Várias podem ser as formas para se estudar a História da Educação e muitas também podem ser as fontes para esse estudo, tais como: jornais, diários, anuários, periódicos,

²²⁹FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Pesquisando a educação feminina em Sergipe na passagem do século XIX para o século XX. In: **Revista Semestral do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe**. Volume 4. São Cristóvão: UFS/NPGE, jan/jun 2002. p. 50.

²³⁰FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2003 (Tese de Doutorado) p.44

relatórios, dentre outros. Neste tópico, optamos pela análise dos relatórios porque a partir das informações neles apresentadas, bem como nas atas, planejamentos e outros documentos estes nos revelam uma forma de compreensão do currículo escolar e das necessidades vividas pela instituição.

Produzidos em cumprimento a determinações legais, professores, diretores de escolas, inspetores e secretários de educação registram descrições, muitas vezes minuciosas, da organização administrativa e didático-pedagógica das instituições educativas, das ocorrências profissionais, os eventos comemorativos e os problemas do ensino público²³¹.

Assim, os relatórios de ensino nos proporcionam um excelente material para o entendimento da cultura escolar e práticas educativas nas instituições de ensino. Tomando por base a importância dessa fonte e o olhar provocado por ela, objetivamos apresentar os aspectos norteadores da educação de órfãs em Sergipe, bem como o cotidiano e as práticas educativas ocorridas no Orfanato de São Cristóvão.

Com o passar dos anos a Escola da Imaculada Conceição ou simplesmente a Escola do Orfanato, como era conhecida, se tornou uma instituição respeitada e consolidada, devendo cumprir com todas as exigências impostas tanto pelo fato de ser um instituto confessional quanto pela instrução pública que garantia não só seu funcionamento, mas o recebimento de subvenções dos órgãos públicos, uma vez que além da escola, a instituição era formada também pela casa de órfãs.

O prédio do Orfanato de São Cristóvão estava localizado no Largo da Praça de São Francisco, esquina com a Rua Erundino Prado, no centro da cidade, e nele funcionava a Antiga Santa Casa de Misericórdia de Sergipe.²³² O terreno onde estava localizado o prédio tinha uma área de 3.311 m², sendo que 1.184 m² constituía a parte edificada que era composta por dois prédios: um deles com um andar superior, dez compartimentos sanitários, e duas salas de aulas. Anexo ao prédio havia a Capela de Santa Isabel ou da Visitação de Maria, batizada, anos depois, com o nome de Capela da Imaculada Conceição, provavelmente pela devoção das novas moradoras.

²³¹ SOUZA, Rosa Fátima de. Itinerário de Pesquisa e Cultura Escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius. **Ideário e Imagem da Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados. Araraquara: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. p. 11

²³² A Santa Casa de Misericórdia de Sergipe foi construída no século XVII (1629), no século XX passou a ser o Orfanato de São Cristóvão, mediante doação “ad perpetuo uso” às Irmãs da Congregação da Imaculada Conceição da Mãe de Deus em 24 de junho de 1923. A Igreja e a casa onde funciona a instituição foram tombadas como Patrimônio Artístico Nacional pelo Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Fonte: História da Província da Santa Cruz das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Arquivo do Convento Dom Amando- Salvador-BA.



Figura 15: Hall de entrada do Lar Imaculada Conceição. 17 de setembro de 2010. Autoria: Josineide Siqueira de Santana. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Quanto à escola, continha duas salas de aulas e um teatro. As aulas eram ministradas geralmente por uma professora leiga e envolvia o aprendizado de duas turmas. O espaço em que as meninas circulavam, embora fosse uma escola, estava impregnado de concepções e ideais religiosos; por esse motivo:

A arquitetura religiosa trata de dar forma a algo não terreno, onde se deve representar o espírito, seja por meio do símbolo, da forma, da cor, da luz ou da obscuridade. A realidade divina se faz consciente em nós, como uma sensação de impotência e insignificância [...] Em uma palavra, se ativa o processo completo de relações divino-humanas.²³³

A administração, formada por uma Diretoria Geral do Orfanato de São Cristóvão estava assim composta: pelo Diretor – o Vigário da Paróquia de São Cristóvão; Diretora ou Provedora – Superiora da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, a quem é confiada à educação das órfãs; Tesoureiro; Secretário e quatro Vogais²³⁴ eleitos anualmente em sessão previamente convocada para esse fim.

Art.5º - O Orfanato terá a assistência direta das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, a quem caberá a responsabilidade de guiar, educar, vigiar e encaminhar as órfãs, [...] Além da Diretoria, haverá

²³³ LIZENBACH apud CHORNOBAI, Gisele Quadros Ladeira. “Respirando a Fragância da Piedade Cristã”: Considerações sobre o espaço escolar católico: a Escola Normal de Sant’Ana (1947-1960). In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Editora Cortez, 2005. p. 205 e 206.

²³⁴ Segundo Ferreira “Vogal” significa pessoa que tem voto em assembléia.

um Assistente Eclesiástico, a quem compete a assistência moral e religiosa das órfãs.²³⁵

Os relatórios nos proporcionam uma visão do funcionamento geral da instituição, dentre outras coisas, o número de internas, acompanhamento sanitário e educacional, as despesas e problemas, tais como: “a falta de fazendas, calçados e, sobretudo a escassez de espaço no dormitório”²³⁶. Devido à falta de espaço as irmãs passaram a utilizar a “enfermaria, quando desocupada ou juntar as camas,”²³⁷ atitudes como essa iam de encontro a tudo o que pregavam as práticas de higiene, uma vez que um dos principais objetivos das práticas higienistas, seria evitar doenças e criar hábitos saudáveis para a sociedade.

Essas práticas deviam ser cultivadas “desde a infância, por isso atribui-se à escola primária o papel de disseminação dos bons hábitos higiênicos.”²³⁸ Tendo em vista o orfanato ser uma instituição voltada à educação de meninas a preocupação aumentava, pois existia todo um projeto que reservava “à mulher a responsabilidade pela higiene doméstica e aos cuidados com a saúde da prole.”²³⁹ Logo, educar meninas seguindo as práticas higienistas seria educar as futuras mães, para assim tornar melhor os homens.

No tocante ao Estado Sanitário, a instituição apresentava muitas dificuldades, pois ocorreram dois casos suspeitos de gripe e impaludismo,²⁴⁰ o que ocasionou muita apreensão a todas as moradoras do orfanato. Segundo análise documental, as menores só foram aceitas porque a moléstia “não se tinha generalizado quando apresentaram atestados de saúde, na data de entrada”.²⁴¹ Com o objetivo de sanar esse problema as meninas foram enviadas para Aracaju, onde se submeteram a exames: uma delas apresentou resultado positivo e, por esse motivo, foi internada no isolamento do Hospital Santa Isabel; já a outra foi posta em tratamento rigoroso e, uma vez recuperada voltou ao convívio com as demais.

Temendo novos problemas de saúde, a direção da casa solicitou ao Sr. Hormindo Menezes, diretor do Serviço Luz e Força, uma “marinete para o transporte de todas as órfãs a

²³⁵ Estatuto do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade de São Cristóvão (1957) p. 5. Arquivo do Lar Imaculada Conceição.

²³⁶ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t. 1941.p. 2. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²³⁷ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t.1941.p.2 Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²³⁸ AZEVEDO, Crislane Barbosa. Higienismo e Educação: Práticas Higienistas nas Escolas Primárias Graduas de Aracaju no início do século XX. In: VII Semana de História- A Historiografia de Maria Thétis Nunes. **Anais da VII Semana de História**. São Cristóvão, 2004, p.29

²³⁹ ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007 p. 74

²⁴⁰ Impaludismo correspondente à Malária.

²⁴¹ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t. 1941. p. 01 Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

Aracajú, onde no Palácio Serigí, o Dr. Lourival Bonfim prestou-se a atendê-las, examinando-as pelo Raio X.²⁴² Após uma série de exames e nada sendo constatado a direção da instituição permitiu às internas que fossem de férias à casa de parentes e protetores.

Outros casos referentes à saúde foram registrados nos livros da instituição escolar, por exemplo, o caso da aluna Maria José de Menezes que foi afastada da escola em 1937. Geralmente, os livros não dão conta do nome da moléstia, apenas informam o motivo do afastamento. Já no caso da aluna Rachel, o livro de Crônicas narra seu falecimento. As causas da morte não são apresentadas, nem há nenhum registro do tipo de moléstia que, por ventura tivesse acometido a aluna ou a outras internas:

Aos 21 dias do mesmo mez, falleceu uma orphã, a nossa pequena Rachel, quasi nos deixando surpresas, pois esteve poucos dias adoentada. O seu ataúde todo coberto de flôres alvas foi levado até o cemitério, por suas companheiras do orphanato. Antes de baixar a sepultura, a órphansinha, fez o Revmº Padre Guardiãõ Frei Norberto, a encommendação, em presença das Irmãs e meninas do Orphanato, da pequenina morta, que em trajes de anjo, já estava preparada para seguir a sua última morada.²⁴³

Como vimos na narrativa acima, é citado que a interna estava enferma, porém as religiosas se mostram “quase surpresas” com o falecimento, tendo em vista que a mesma se encontrava, a poucos dias, adoentada. A afirmação nos leva a pensar que o mal que acometeu a menor não seria de alta gravidade, mas pode ter se agravado mediante as condições do ambiente. Mais uma vez a moléstia não é descrita nos relatos.

No livro de Atas da Sociedade do Orfanato de São Cristóvão, encontramos o seguinte relato:

Pelo que existem presentemente 65 orphãs e educandas, destas uma se acha no Hospital de Cirurgia de Aracaju. Em 1928, não foi lizonjeiro o estado sanitário das meninas que foram acometidas de moléstia de pelle. A falta d’água, escassa durante o anno, foi atribuída a moléstia de pelle que sofreram as crianças.²⁴⁴

A situação de higiene e saúde foi, muitas vezes criticada pelo excesso de meninas que eram enviadas pelos órgãos governamentais àquele instituto, por isso encontra-se registrado no livro de Crônicas da Congregação, do ano de 1927 que: “Por causa de muitas meninas tão

²⁴²WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t. 1941. p.2. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

²⁴³ Livro de Crônicas da Congregação das irmãs missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 57. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

²⁴⁴ Livro de Atas da Sociedade do Orfanato de São Cristóvão (1911-1935). p. 77. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

pobres que entraram pelo governo faltaram as camas necessárias no dormitório.”²⁴⁵ As reclamações tinham procedência, uma vez que já existia todo um movimento em prol do higienismo que pregava, dentre outras questões:

Que o domínio da organização escolar deveria abranger a profilaxia de todas as moléstias do homem na idade dos estudos primários; a regulamentação escrupulosa das medidas essenciais contra as doenças transmissíveis[...] nesse sentido, a escola seria o ambiente adequado para se vacinar e revacinar os jovens.²⁴⁶

As questões relacionadas à higiene se mostravam uma preocupação constante, nos relatórios analisados a partir da década de 40 do século XX, encontramos registros sobre as doenças que mais ocorriam no orfanato. Vale ressaltar que as informações sobre o estado sanitário da instituição, serão mais detalhadas a partir desse momento, devido, provavelmente, ao convênio estabelecido com o SAM (Serviço de Atendimento ao Menor) e posteriormente com a FUNABEM (Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor). Desse modo, são citadas como principais doenças: gripe, sarampo, catapora, coqueluche e verminoses. As dificuldades financeiras são apresentadas como um dos principais fatores para as limitações no estado sanitário, tanto que em 1967, através de registro em relatório, os sócios são informados das dificuldades para a manutenção do trabalho:

Devido ao alto custo de vida e aos poucos recursos para a manutenção, era nosso desejo reduzir o número de internas, porém é quase impossível visto a situação desesperadora de muitos que aqui chegam para deixar seus protegidos de modo que vemos a casa cheia e nos angustiamos com poucos recursos que temos para satisfazer a todas as necessidades das pequeninas.²⁴⁷

Logo, apesar dos problemas para a devida continuidade dos trabalhos, as religiosas optam por permanecerem à frente da administração do orfanato. Nos relatórios analisados, além das questões sanitárias nos é possível entender como se processava a educação das internas: a mesma era pautada no Curso Primário Fundamental com quatro anos de duração; as aulas eram ministradas pela normalista diplomada, Maria Paiva Monteiro, professora primária de 1ª Entrância²⁴⁸ e contava com o auxílio da Irmã Religiosa Natália Vieira. Todos

²⁴⁵ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 19. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

²⁴⁶ GONDRA, José G. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**: Belo Horizonte: Autêntica, 2003.p.533.

²⁴⁷ MONTEIRO, Maria Paiva. Relatório das Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade de São Cristóvão, relativo ao exercício de 1966, apresentado na Reunião da Assembléia Geral em 29 de janeiro de 1967. s.n.t. 1967. p. 2. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁴⁸ Depois de formada, a normalista deveria iniciar a carreira no interior, primeiramente em uma escola de primeira entrância, situada em um povoado. Passaria depois a lecionar em uma vila considerada segunda entrância. Em seguida, para a terceira entrância, uma escola situada na cidade. FREITAS, Anamaria Gonçalves

os trabalhos desenvolvidos na Instituição eram voluntários, exceto o da professora Maria Paiva Monteiro, que recebia seus rendimentos dos cofres do Estado.

Ainda sobre a educação, destacamos o Currículo Escolar que seguia as determinações da Instrução Pública Estadual, sendo ministradas as disciplinas obrigatórias, além de dois cursos complementares: Trabalhos Manuais “que dura todo o tempo do internato e cujas lições vão sendo graduadas à medida do gosto e capacidade das alunas;”²⁴⁹ e Artes Domésticas “ em que as meninas se preparam para as atividades da vida futura por uma constante prática dos trabalhos caseiros assistidas pela direção das irmãs”.²⁵⁰ O currículo do curso de Trabalhos Manuais apresentava as seguintes disciplinas: Corte e Costura e bordado, dando ênfase ao ponto de marca; já o curso de Artes Domésticas consistia no aprendizado de lavagem de roupa, goma, culinária, asseio da casa e jardinagem. Ambos eram ministrados por uma “irmã mestra diplomada em escola oficial do Estado da Baía”²⁵¹.

A partir dos cursos complementares que faziam parte do currículo observamos a preocupação com a educação feminina, principalmente, nas instituições ligadas à Igreja Católica, na qual se fazia “necessário que as mulheres fossem educadas para que o lar, marido e filhos com isso se beneficiassem”²⁵². Assim se tornariam exímias guardiãs da moral e dos bons costumes, especialmente no caso de órfãs, o rigor seria ainda maior, pois a educação oferecida pretendia prepará-las para as tarefas de cunho materno e doméstico, afinal ao saírem do orfanato essas meninas precisariam ser acolhidas por famílias ou pelos futuros maridos. Por isso, embora o currículo contasse com as chamadas disciplinas elementares “dedicavam-se, sobretudo às prendas domésticas e aprendizagem de boas maneiras”.²⁵³

Apesar da preocupação com a aprendizagem dos afazeres domésticos, o orfanato estava empenhado em adquirir uma máquina de escrever para que as meninas pudessem aprender datilografia e mecanografia, aumentando, assim, o número de cursos complementares oferecidos pela instituição.

Bueno de. **Vestidas de azul e branco:** um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). (Coleção Educação é História) São Cristóvão, 2003.p.148-149

²⁴⁹ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t.1941 p.03. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁵⁰ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t.1941 p.03. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁵¹ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t.1941 p.03

²⁵² ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras:** por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007 p. 82

²⁵³ ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação:** a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.p.56

A preocupação com o desenvolvimento da Língua Portuguesa, serviu de incentivo para que as alunas do 2º, 3º e 4º ano criassem um jornal escolar, intitulado “Memórias Infantis.”²⁵⁴ O periódico circulou mensalmente durante todo o ano letivo e, segundo as informações apresentadas no Relatório de Atividades de 1941, tinha por objetivo “desenvolver-lhes a capacidade intelectual e o gosto pela leitura e escrita em nossa língua”²⁵⁵.

Para a realização de suas atividades estudantis, a Escola da Imaculada Conceição dispunha de mobiliário, utensílios e material didático. Através de levantamento do inventário da escola, foi possível conhecermos quais eram os materiais que a mesma dispunha, a quantidade e se eram renovados para um melhor aproveitamento da aprendizagem.

²⁵⁴ O referido jornal escolar não foi encontrado em nenhuma das instituições que seguem: Instituto Histórico Geográfico de Sergipe (IHGS), Hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dórea (BPED) e no Arquivo da Escola do Lar da Imaculada Conceição.

²⁵⁵ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t. 1941 p.03. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

Quadro IV – Mobiliário, Utensílios e Material Didático de uso permanente da Escola da Imaculada Conceição.

Nº	Quant.	Caracterização do objeto	Estado de conservação	Valor	Entrada	Procedência
01	27	Carteiras de Paraná 0,95x0,31m	Regular	Cr\$ 70,00	11/02/25	-
02	10	Carteiras de canela 1mx0,30m	Bom	Cr\$100,00	16/07/41	Braz Nilo de Souza
03	02	Mesas de canela envernizada 1mx0,60m	Bom	Cr\$ 250,00	02/02/42	Braz Nilo de Souza
04	01	Relógio de parede	Regular	Cr\$200,00	11/02/25	-
05	01	Quadro negro 1,01x1,22m	Bom	Cr\$ 50,00	25/03/23	-
06	01	Quadro negro 0,91x1,33m	Bom	Cr\$ 50,00	15/08/23	-
07	01	Quadro negro 0,74x0,97m	Bom	Cr\$50,00	08/09/19	-
08	02	Armários de Cedro 0,53x0,29m	Bom	Cr\$ 150,00 (cada)	21/11/42	Tito José de Amorim
09	02	Cadeiras de couro 0,33x0,29 m	Regular	Cr\$ 30,00 (cada)	02/02/43	-
10	01	Mapa Mundi 0,76x1,11m	Regular	Cr\$ 20,00	05/08/37	-
11	01	Mapa Geral do Brasil 0,98x0,92m	Regular	Cr\$ 20,00	05/08/37	-
12	01	Mapa do Brasil 1,03x1,08m	Regular	Cr\$ 20,00	13/06/46	Departamento do Café
13	01	Mapa da América do Sul 1mx0,71m	Mau	Cr\$ 20,00	08/12/24	-
14	01	Mapa da Oceania 0,95x1,25m	Mau	Cr\$ 20,00	15/09/25	-
15	01	Mapa Mundi 0,96x1,25m	Mau	Cr\$ 20,00	15/09/25	
16	01	Mapa da Ásia 0,95x1,25m	Mau	Cr\$ 20,00	15/09/25	
17	01	Mapa de Sergipe 0,70x0,71m	Regular	Cr\$ 15,00	07/10/45	Departamento de Educação
18	01	Mapa do esqueleto Humano 0,68x0,45m	Regular	Cr\$ 10,00	08/09/32	-
19	01	Carta de Parker 0,79x0,51m	Regular	Cr\$ 60,00	19/03/35	Livraria Regina
20	01	Carta de Ensino-intuitivo 0,79x0,57m	Regular	Cr\$ 50,00	-	Companhia Melhoramentos
21	01	Carta de Linguagem 0,74x0,56m	Regular	Cr\$ 60,00	21/06/44	Livraria Regina
22	01	Globo Terrestre	Regular	Cr\$ 20,00	26/07/25	-
23	01	Bureau	Bom	-	18/05/55	Sr. Humberto Azevedo
24	07	Carteiras 0,95x0,31m	Bom	-	25/10/56	-

Fonte: Livro de Matrícula, Frequência e Aparelhamento Escolar (1948-1949) e (1953-1959). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Com relação aos materiais que compunham o aparelhamento escolar da instituição, faremos um comparativo entre os materiais considerados necessários ao funcionamento escolar e os materiais da Escola da Imaculada Conceição. Segundo Rosa Fátima de Souza, para tudo era necessário material:

Para o ensino da aritmética, do sistema métrico decimal e da geometria: cartas de Parker, compassos, contadores mecânicos, quadro de geometria, tabuinhas, contador de mão e pé, caixa de formas geométricas, cadernos de aritméticas. Para o ensino da linguagem: coleção de abecedários e cartões parietais para leitura, ardósias, cartas de alfabeto, caderno de caligrafia. Para o ensino de geografia e história: globo terrestre, tabuleiros de areia, quadros de história do Brasil, mapas. Para o ensino de ciências físicas e naturais: laboratórios, museus, quadros, estampas, quadros de história natural, esqueleto humano, bússola, microscópios, peças anatômica.²⁵⁶

Desse modo, mesmo sendo a Escola da Imaculada Conceição direcionada à educação de meninas órfãs, contava com materiais didáticos diversificados, o que demonstra uma preocupação com a qualidade do ensino. Os mapas utilizados para o ensino da Geografia e das Ciências, bem como as Cartas de Parker²⁵⁷ são um bom exemplo disso. Apesar dos materiais em alguns casos não se encontrarem com qualidade satisfatória, podemos dizer que os mesmos se encontram em acordo com o previsto para o desenvolvimento das aulas.

De acordo com os livros analisados, novos materiais só farão parte do mobiliário da instituição a partir de 1955, com chegada de carteiras e um birô. Observamos um esforço para que todo o mobiliário fosse conservado, mesmo que não apresentasse as melhores condições de uso.

O Orfanato de São Cristóvão apresentava como característica principal o regime de filantropia, e para realizar o proposto em seu estatuto recebia provimentos que vinham:

Dos juros das apólices da Santa Casa de misericórdia e as do próprio Orfanato;
Dos auxílios e subvenções que forem concedidas pelos governos: federal, estadual e municipal;
Dos donativos de particulares;
Da contribuição de sócios;

²⁵⁶ SOUZA, Rosa Fátima de, História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. IN: BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas Escolares, sabres e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p.175-176.

²⁵⁷ Francis Wayland Parker (1837-1902) desenvolveu um sistema pedagógico que o fez reconhecido por John Dewey como “pai da educação progressista”, inspirando também mais tarde Granville Stanley Hall. Em 1872 fez uma viagem de estudos à Europa; na Alemanha se familiarizou com a pedagogia de Herbart. Em 1875 retornou aos estados Unidos, onde fora superintendente das escolas da cidade de Quincy, em Massachusetts. Parker elaborou diagramas numéricos fundamentados no Método Grube. Estes diagramas foram chamados de Cartas de Parker (Mapas aritméticos) e representam a forma de tratar o ensino de Aritmética de modo intuitivo. Maiores informações, consultar: COSTA, David Antônio. **A Aritmética Escolar no Ensino Primário Brasileiro (1890-1946)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, 2010. (Tese de Doutorado) p. 122-123.

Da venda de trabalhos confeccionados no Orfanato;
De juros de patrimônio ou de quaisquer outras fontes.²⁵⁸

Além dos meios já citados, a congregação contava com outros meios de arrecadação de fundos, como as esmolas: “em maio a Revm^a. Irmã Superiora foi esmolar em Penedo onde demorou-se mais de quinze dias”²⁵⁹. Ou ainda:

Basta dizer-vos que, no fim do ano, para a própria subsistência, tivemos de fazer exaustivas caminhadas, de porta em porta em Aracaju, pedindo a esmola da generosidade daquele povo sempre a nos servir, com atenção e carinho, que nos comove, compreensivo do nosso trabalho e da finalidade deste orfanato. Foi assim que conseguimos a apreciável importância de cerca \$80.000,00²⁶⁰

Outra prática muito comum era apresentação de dramas e peças teatrais. A renda obtida com a venda dos ingressos era revertida para a casa, como veremos:

A affluencia do povo era tanta que a sala não cabia e foi preciso prometter uma segunda apresentação no domingo seguinte. Agradou-se imensamente a todos o tocante drama “Day” como também a “escrava da moda”, pessoas comoventes e dansas engraçadas como mosquitinhos[...]a apothose final, artisticamente representada, [...] Fora da impressão agradável que deixou no povo lucrou-se uma quantia inesperada.²⁶¹

Ou ainda a realização de conferências e palestras como a que ocorreu em 1927.

Chegou nestes dias uma alma caridosa que fez uma conferência na sala do Convento de S. Francisco em favor do Orphanato, a Exm^a Sñr^a D. Ítala da Silva²⁶², de Bahia, fallando sobre o thema: A Creança. A sala encheu-se até o último lugar e o bom resultado foi 680\$000 Réis que foi entregada como graciosa offerta as orphanzinhas.²⁶³

Mesmo com inúmeras formas de arrecadação de recursos, a instituição contava, sempre que possível, com ajuda de seus associados para a organização de eventos que

²⁵⁸ Estatuto do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade de São Cristóvão (1957) p.3-4. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁵⁹ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 27. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁶⁰ AZEVEDO, Irmã Maria Geralda. Relatório das Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição, Relativo ao Exercício de 1959, apresentado na Reunião da Assembléia Geral em 10 de janeiro de 1959. s.n.t. p. 01. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁶¹ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 08. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁶² Ítala Silva de Oliveira (1897-1984), nasceu em Aracaju, filha de Silvano Auto de Oliveira e de Marcionila Silva de Oliveira. Iniciou o magistério logo após sua formatura no Colégio Atheneu, onde lecionou Português, Francês e Aritmética. Sua atuação na imprensa, como colaboradora assídua em jornais locais, começou um pouco antes, assim como seu envolvimento em causas beneficentes e filantrópicas. Em 1921, segue para Salvador a fim de fazer o curso de Medicina. Maiores informações: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política** sergipanas no início do século XX. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2003 (Tese de Doutorado) p.75;133.

²⁶³ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 19. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

pudessem angariar fundos. Por esse motivo, com o objetivo de sanar alguns problemas financeiros da instituição, em 1941, a Sr^a Helena Azevedo, uma das amigas da casa, organizou um festival em agosto do mesmo ano, que teve como saldo final a importância de Dez Contos de Réis (10:000\$000): quatro contos (4:000\$000) em dinheiro e (6:000\$000) em conta corrente. Além da ajuda financeira a instituição foi agraciada com um bom provimento “de roupas de cama, fazendas, toalhas, biscoitos,”²⁶⁴ dentre outros itens.

D.Helena de Azevedo, com seu coração generoso, magnânimo, organizou uma grande festa em benefício das orfãs, constando de Bailadas, mesas postas com diversos eguarias, cada pessoa que comprava a mesa com o valor de 100\$000 tinha o direito de servi-se de qualquer coisa da mesa. Ela saiu pedindo pelo Comercio: fazendas, doces e demais coisas, nas casas de famílias. A festa foi pomposa, todas as pessoas que assistiram, dizem, que jamais houve uma igual em Sergipe! No dia 11, as 2/2 da tarde tivemos a honrosa visita da Exm^a Snr^a D. Helena com seus filhos [...] por fim entregou a superiora, a importância de 10:000\$000.²⁶⁵

Sanadas as questões financeiras, o diretor Frei Eusébio Walter²⁶⁶ informou a todos que “o superávit indicado será empregado nas realizações inadiáveis e de conforto para as pobres abrigadas”²⁶⁷. Sobre as reformas implementadas no prédio, nos chama a atenção a ênfase dada às que ocorreram nas salas de aula “carecidas que estavam de uma adaptação conveniente.”²⁶⁸ Para isso, foram refeitos o piso em mosaico, abertas janelas cujo objetivo seria arejar o espaço, buscando, assim, cumprir os ideais higienistas que viam a educação como um “elixir responsável pela instalação de uma nova era.”²⁶⁹ Assim, não só as reformas no prédio, mas a compra de novas carteiras podiam proporcionar “as órfãs aprenderem com mais conforto e eficiência.”²⁷⁰ Cada órfã era assistida nas seguintes despesas: asseio e higiene, farmácia, dentista, serviços médicos e roupas em geral. Além dessas despesas existiam as relacionadas ao bom andamento da casa, tais como: manutenção de camas, armários, bancos da Igreja, roupas de cama, talheres, pratos, copos e lençóis.

²⁶⁴ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t.1941 p. 03

²⁶⁵ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 72-73. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁶⁶ Frei Eusébio Walter (Afonso Michael), nasceu em 26 de fevereiro de 1906 em Fechenheim – Alemanha ordenou-se frei em 29 de novembro 1931. Faleceu aos 48 anos em Unter-Deufstaetten- Alemanha, vítima de ataque cardíaco durante uma viagem em 03 de dezembro de 1954. Fonte: Necrológio do Frei Eusébio Walter. Arquivo da Província dos Frades Menores Santo Antônio do Brasil- Recife/PE.

²⁶⁷ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t.1941 p. 03. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁶⁸ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t.1941 p.04. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁶⁹ GONDRA, José G. Medicina, Higiene e Educação Escolar. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte**: Autêntica, 2003.p.530

²⁷⁰ WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t.1941 p.4

No dia 21 do mesmo mez, dia da Assunção de Nosso Senhor, recebemos a visita do Excmº Snr. Dr. Eronides de Carvalho, D.D. Governador do Estado, que offereceu ao Orfanato um valioso presente para o uso das órfãs, de 70 copos de ágathe²⁷¹ para o serviço de café, 70 pratos da mesma louça e 70 colheres, movido pelos sentimentos caridade ante a nossa pobreza, que agora observará de perto. Para o dormitório, deu também uma colcha de flanela para cada cama.²⁷²

Visando contribuir para a economia da casa as religiosas procuravam atenuar as despesas incumbindo-se, elas mesmas, quanto o possível, de vários trabalhos domésticos. Dessa maneira, trabalhos mais pesados ficavam por contas das irmãs e das internas: “Determinou a diretoria que [...] cada semana uma das orfhãs mais velhas ajudasse nos trabalhos de cozinha, porém de tal forma, que não lhe fique impossibilitada a freqüência da escola.”²⁷³ Assim, estava organizado o Orfanato de São Cristóvão, entre prestações de contas, eventos beneficentes, recebimento de donativos e divisão do trabalho da casa.

No período compreendido entre o Governo de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar, algumas mudanças ocorreram no tocante à infância no Brasil. A implantação do Serviço de Assistência à Infância (SAM), visava muito mais a ordem social que a assistência à infância propriamente dita. A instituição surge com o intuito de

Orientar e fiscalizar educandários particulares, investigar os menores para fins de internação e ajustamento social, proceder o exame médico-pedagógico, abrigar e distribuir os menores pelos estabelecimentos, promover a colocação de menores, incentivar a iniciativa particular de assistência a menores e estudar as coisas do abandono.²⁷⁴

Porém, apesar de seus objetivos o SAM passou a ser alvo de críticas, tanto por parte de políticos e magistrados quanto por grupos ligados à Igreja Católica. Problemas relacionados à falta de estrutura, condições precárias de higiene, alimentação inadequada, ensino em discordância com o estabelecido, dentre outros tornaram a situação insustentável, principalmente porque alguns juízes a classificavam com “Fábrica de Delinquentes”²⁷⁵

Nos anos 60 do século XX, o Brasil mergulha na chamada Ditadura Militar. Com a queda do presidente João Goulart, processou-se o mais longo período ditatorial brasileiro. Nos

²⁷¹ Significa “ferro esmaltado”. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988. p. 22

²⁷² Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 55. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁷³ Livro de Atas da Sociedade Orfanato de São Cristóvão (1911-1935) p. 15. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁷⁴ FALEIROS, Vicente de Paula, Infância e processo no Brasil.. In: **A arte de governar**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009. p. 54

²⁷⁵ FALEIROS, Vicente de Paula, Infância e processo no Brasil.. In: **A arte de governar**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009. p. 61

21 anos em que o Brasil foi dominado pelos militares, cinco generais assumiram a presidência do país. Durante o regime militar a sociedade brasileira viveu um período de sanções e a censura estabelecida pelo novo governo calava toda e qualquer manifestação popular. No campo econômico, o país esteve atrelado aos interesses estrangeiros, pois as gigantescas obras do chamado “milagre brasileiro” consumiram bilhões de dólares, dinheiro investido sem levar em consideração o desenvolvimento social do país. No âmbito dos cuidados com a infância, o governo militar delibera a extinção do SAM e a criação de uma nova instituição de apoio à infância.

Em Sergipe, o governador João de Seixas Dórea foi preso e conduzido à cidade de Salvador/BA e, alguns dias depois, encaminhado à prisão em Fernando de Noronha. Em seu lugar toma posse, o vice- governador Sebastião Celso de Carvalho. O período foi marcado por dificuldades no âmbito econômico-financeiro. Já no campo social “pelos idos de 1968, alguns incidentes sociais levaram setores da Igreja Católica, sob a liderança do seu Arcebispo D. Luciano Duarte a implantar a PRHOCASE (Promoção do Homem do Campo em Sergipe),”²⁷⁶ que num período de dez anos promoveu a reforma agrária em Sergipe. O campo cultural é marcado pelo surgimento da Universidade Federal de Sergipe, que assinala um novo momento no ensino superior do Estado.

No mesmo período, organismos como o UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e FAO (Organização para a Alimentação e a Agricultura), dão início a um discurso no qual se priorizavam a criação de Centros de Recreação, Clubes de Mães e trabalhos com a comunidade; este último contou com o apoio de setores da Igreja Católica. Em meio a tantas críticas foi proposta a criação da Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM), através da Lei nº 4513, de 1º de janeiro de 1964; estava extinto o SAM (Serviço de Atendimento ao Menor²⁷⁷) e a nova lei, em seu artigo 7º, apresentava as competências do novo órgão:

- I – Realizar estudos, inquéritos e pesquisas para desempenho da missão que lhe cabe, promovendo cursos, seminários e congressos, e procedendo ao levantamento nacional do problema do menor.
- II – Promover a articulação das atividades de entidades públicas e privadas;
- III – Propiciar a formação, o treinamento e o aperfeiçoamento de pessoal técnico e auxiliar necessário a seus objetivos;

²⁷⁶ DANTAS, José Ibarê. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. p. 209

²⁷⁷ Menor- crianças e jovens infratores ou abandonadas, provenientes das situações de pobreza. In: PASSETI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 362

IV – Opinar, quando solicitado pelo Presidente da República, pelos Ministros de Estado ou pelo Poder Legislativo, nos processos pertinentes à concessão de auxílios ou de subvenções, pelo Governo Federal, a entidades públicas ou particulares que se dediquem ao problema do menor;

V – Fiscalizar o cumprimento de convênios e contratos com ele celebrados;

VI – Fiscalizar o cumprimento da política de assistência ao menor, fixada por seu Conselho Nacional;

VII – Mobilizar a opinião pública no sentido da indispensável participação de toda a comunidade na solução do problema do menor;

VIII – Propiciar assistência técnica aos Estados, Municípios e entidades públicas ou privadas, que a solicitarem.²⁷⁸

O novo órgão trazia como proposta a modernização de um sistema que há muito apresentava carências. Para isso, a proposta se mostrava da seguinte forma: um departamento nacional regido por um conselho e que contava com departamentos regionais nos estados da federação, conhecidos como FEBEM (Fundação de Bem-Estar do Menor). As unidades estaduais estariam ligadas à unidade nacional, através de diversos programas de “desenvolvimento econômico e social, dimensionando as necessidades afetivas, nutritivas, sanitárias e educacionais.”²⁷⁹

Buscando sanar as necessidades educacionais, a FUNABEM, manteve convênios com várias entidades particulares, fossem elas confessionais ou não. O Orfanato de São Cristóvão foi uma das instituições contempladas pelo órgão.

Ao analisarmos os relatórios desse período, veremos claramente que muitas meninas serão indicadas por esse órgão, recebendo o orfanato uma quantia para a manutenção das mesmas aos seus cuidados. Os relatórios apresentados à FUNABEM eram anuais e neles deveriam constar tudo o que fosse referente ao desenvolvimento da casa, como: número de matriculadas (controle de entrada e saída de meninas); quanto à educação e instrução (cursos oferecidos: artes domésticas, bordado à máquina, corte e costura, arte culinária, trabalhos manuais, noções de puericultura, curso de liderança e boas maneiras), construções e reparos; renda e aplicação; solenidades cívico-sociais, saúde e resultado final (número de aprovações e reprovações.)

²⁷⁸ BRASIL. Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964. Autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a ela incorporando o patrimônio e as atribuições do Serviço de Assistência a Menores, e dá outras providências. <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis-> a cesso em 15 de dezembro de 2010.

²⁷⁹ PASSETI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 364.

A partir das novas políticas implementadas pela FUNABEM, surge à orientação para a mudança de nome da instituição educacional. Assim, em Ata de 29 de janeiro 1967, a Diretora Irmã Maria Nazária:

apresentou a sugestão da Diretoria da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, para que se mude o nome desta casa de – Orfanato- para “Lar” seria então “Lar da Imaculada Conceição”. Consideram os dirigentes da Fundação do Bem Estar do Menor que o nome –Orfanato- deprime as crianças, mas sabemos das dificuldades que acarretam uma mudança de nome, principalmente num meio pequeno como o nosso, de uma obra de 56 crianças. Conclui-se que deve ser feita uma consulta às autoridades superiores se tal mudança não pode ser dispensada.²⁸⁰

A partir do mesmo podemos considerar que as religiosas estavam relutantes quanto à mudança da nomenclatura, devido aos gastos provenientes com a documentação exigida. Porém, em 1969, a assembléia geral do orfanato se reuniu com o objetivo de mudar o nome da instituição, que deveria passar a se chamar “Lar da Imaculada Conceição” e não mais “Orfanato de São Cristóvão”, como há anos era conhecido. A concepção de um lar naquele momento era a mais apropriada de acordo com as orientações do Conselho Nacional da Fundação do Bem-Estar do Menor. Dessa maneira, diz a ata de 05 de janeiro de 1969:

A Revda. Irmã Maria Vitória Gomes dos Santos fez ciente à Assembléia de que por determinação do Conselho Nacional, deveria desaparecer a designação “Orfanato” àquela instituição, sugerindo, desta data em diante, o Orfanato de “ São Cristóvão” passasse, chamar-se para todos os efeitos de “ Lar da Imaculada Conceição”, o então “Orfanato da Imaculada Conceição”, também chamado de “Orfanato de São Cristóvão”.²⁸¹

A ideia de lar se apresentava como “família”, lugar seguro. Já orfanato trazia em seu bojo as representações de abandono, esquecimento e impotência diante tantas situações. Do mesmo pensamento compartilhavam as religiosas, segundo o depoimento da ex-diretora do orfanato, Irmã Maria Teresa Mendonça, as mesmas defendiam que:

Orfanato é triste para as crianças, porque são órfãs, vem para aqui, não dá! Então, Dona Leyda²⁸² disse: bote “Lar” que é uma coisa que acolhe a pessoa,

²⁸⁰ Ata da Assembléia Geral para prestação de Contas, eleição e posse dos membros elegíveis da Diretoria do Orfanato da Imaculada Conceição da cidade de São Cristóvão 29 de janeiro de 1967.p.02. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁸¹ Ata da Assembléia Geral do Orfanato da Imaculada Conceição para prestação de contas, mudança do nome do Orfanato da Imaculada Conceição da cidade de São Cristóvão em 05 de janeiro de 1969. s.n.t. p. 01. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

²⁸² Leyda Régis (1904-1999). Nasceu em 23 de fevereiro de 1904. Foi a quarta de oito filhos de João Francisco Régis e Amélia Régis. Ingressou na Escola Normal, formando-se em 1920. Fez parte da 1ª turma formada em Perito Contador, em 1925. Leyda Régis pertenceu a várias instituições importantes em Sergipe no Século XX, como Club Sportivo Feminino, Liga Feminina de Combate ao Câncer, Escola de Aprendizes Marinheiros, Orfanato de São Cristóvão e Oratório Festivo São João Bosco. Maiores informações, consultar: ALMEIDA, Marlaine Lopes. **Leyda Régis**: Reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2009 (Dissertação de Mestrado) p. 27; 32 ; 45.

é como a casa delas [...]Até que Irmã Hilária conseguiu mudar, porque Dona Leyda era a tesoureira daqui do orfanato e era uma pessoa muito conhecida. Tanto ela como a irmã queriam muito bem ao orfanato.²⁸³

Diante das discussões e da ajuda de pessoas influentes no período, a mudança de nome da instituição ocorreu mediante o solicitado pelos órgãos competentes. Mas para as ex-internas entrevistadas, a mudança na nomenclatura não trouxe muitas transformações para suas vidas, uma vez que aquele espaço desde sua fundação, continuou e continua sendo visto como o “Orfanato”, e suas ex-moradoras como as “meninas do Orfanato”. Meninas que fizeram de sua passagem por aquele lugar, uma forma de melhorar de vida, de aprender, de esquecer as privações e o abandono.

Também fizeram travessuras, amizades, rezaram, bordaram muito e saíram. Algumas com a idade permitida, outras porque não se adaptaram às normas da casa e outras, ainda, foram chamadas pela necessidade de assumir a família e criar irmãos, mas todas desejavam dias melhores, um marido amável e filhos felizes. Dessas memórias vividas e das práticas educativas, trataremos no capítulo a seguir.

²⁸³ MENDONÇA, Maria Teresa Almeida. Entrevista concedida a autora em 14 de outubro de 2008.

CAPÍTULO III

MEMÓRIAS DE MENINA: REVIVENDO AS HISTÓRIAS DE VIDA E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ORFANATO DE SÃO CRISTÓVÃO



Figura 16: Professora Maria Paiva Monteiro e as alunas do Orfanato de São Cristóvão. s/d. Autoria não identificada. Acervo pessoal de Izabel Cristina Paiva M. da Anunciação.

Sente e vive intensamente.

Aprende e continua aprendiz.

Cozinha tudo, costura,

já fez boneca de pano e brinco para a orelha,

bolsa de couro, namora e é amiga.

Procura o amor e quer ser mãe,

tem lençóis e tem irmãs.

Tédio não passa nem por perto,

é infinita, sensível, linda...²⁸⁴

²⁸⁴ Trecho retirado da canção Gerânio. MARISA MONTE. Universo Particular. Direção de produção: Leonardo Netto. Rio de Janeiro: EMI,2006. Cd (35'42'')

3.1 – “Tenho comigo as lembranças do que eu era²⁸⁵”: Memórias de menina.

A fim de tratarmos desse capítulo, buscamos rememorar as experiências de vida das ex-internas e ex-alunas do Orfanato de São Cristóvão e da Escola da Imaculada Conceição, como as vivências, cotidiano, castigos, família, dentre outros aspectos. Para isso nos reportaremos ao conceito de Memória, utilizado por Michael Pollak. Segundo ele:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...] A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que faz por meio da negociação direta dos outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de grupo.²⁸⁶

Sobre os acontecimentos que marcaram a vida das meninas que viveram no Orfanato de São Cristóvão e foram alunas da Escola da Imaculada Conceição, buscamos as lembranças e a importância atribuída a cada um delas, como cada recordação influenciou positiva ou negativamente a vida dessas mulheres, quais personagens passaram por suas vidas e que mensagens deixaram, os lugares, enfim, tudo o quanto pudesse recontar um pouco dessas trajetórias. Por isso, partimos do princípio de que:

Além dos acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens [...] Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar nas férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa.²⁸⁷

À procura desses lugares e personagens, adentramos na “caixinha de surpresas” de cada uma. Assim, procuramos tecer nosso bordado, Através do qual avesso sempre tem muito a dizer. Muitas das internas do Orfanato de São Cristóvão chegaram até lá devido à ausência de um dos genitores.

Eu sou a mais nova de quatro irmãos eu e minha irmã mais velha fomos criadas no orfanato. Meus dois irmãos foram criados na Cidade dos Menores. Meus irmãos e minha irmã foram para o internato quando minha mãe faleceu[...]. Ela morreu muito nova, com 38 anos, e eu fiquei com meu

²⁸⁵ Trecho extraído da canção “Nos bailes da vida”. MILTON NASCIMENTO. Travessia. Direção de Arte: Gê Alves Pinto. Rio de Janeiro: Polygram, 1998. Cd (55’31”)

²⁸⁶ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992, p. 204.

²⁸⁷ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992, p. 202

pai. Depois meu pai adoeceu e, segundo Dinha Marinete²⁸⁸ [madrinha], foram dizer que eu andava muito na rua. Aí ela foi lá e pediu a meu pai para ir lá no orfanato. Então meu pai foi ao juiz pedir o termo de tutela, porque ele era “embarcação;” naquele tempo dizia assim, ele era pescador. Saía na segunda e voltava no sábado, dependendo da pescaria. Então o juiz deu a guarda dos quatro para ela. Como os meninos já estavam na Cidade dos Menores e minha irmã já estava lá, ela resolveu deixar por isso mesmo. Ela continuou no orfanato e lá cuidava da gente.²⁸⁹

O que marcava a chegada das meninas ao orfanato é a ausência, o abandono e a falta de recursos. O caminho nem sempre era ameno, dependendo da necessidade, entravam em cena os favores representados pela vontade política. Porém, essa chegada sempre foi marcada pela necessidade de se estar ali.

Minha mãe começou a trabalhar no “Hotel Comercial”. Que hoje já não existe. Minha avó costurava as fardas da Polícia Militar, mas tinha outros netos de minha avó, de minha tia que morava no Rio de Janeiro, e minha avó tomava conta deles. Minha mãe, vendo todo esse trabalho [...], pediu a Dr. Leandro Maciel para mim morar no orfanato. Eu vim para o orfanato com 9 anos e fiquei até os 13 porque, na época, o orfanato só dava até a 4ª série e minha mãe queria que eu estudasse mais. E aos 13 anos eu saí do orfanato e fui para Aracaju para terminar meus estudos.²⁹⁰

A situação acima nos mostra a necessidade que a mãe tinha de trabalhar e a dificuldade em criar sua filha sozinha, apesar de contar com a ajuda da avó materna. Para outras, a situação de pobreza foi o fator primordial:

Não tinha pai; minha mãe, doméstica sem poder pagar aluguel de casa [...]. Quando minha mãe teve meu 3º irmão, ela ficou sem trabalhar. Antigamente quem trabalhava como doméstica não tinha nada. Eu tinha que sair para pedir [...]. Para mamãe tudo era muito difícil, muito, muito mesmo; basta lhe dizer isso! Minha mãe era doméstica, aí estava na casa da patroa, mas não podia ficar com os filhos. Aí a patroa disse: a menina eu vou botar no orfanato [...]. Fui para o orfanato e fiquei lá oito anos e só saí para ajudar mamãe a criar meus irmãos [...]. Com 15 anos criei quatro irmãos. Quatro irmãos eu criei!²⁹¹

Outros casos nos reportam às questões familiares como decisivas para o internamento no orfanato:

²⁸⁸ Maria Paiva Monteiro era professora da Escola da Imaculada Conceição e viveu no prédio do Orfanato junto às religiosas por aproximadamente 60 anos. Recebeu a tutela dos quatro filhos do Sr. Rafael Rodrigues, na época viúvo. No ano de 1955 o Sr. Rafael Rodrigues veio a falecer, fato este que levou o juiz de menores a passar a guarda dos menores de forma definitiva para a mesma. Maiores informações SANTANA, Josineide Siqueira de; SANTOS, José Vasconcelos; BONIFÁCIO, Nadja Santos. *Minha Querida Professora: aspectos biográficos da professora Maria Piva Monteiro*. In: III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica-CIPA. (Auto) Biografia: Formação, territórios e saberes. **Anais do III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica- CIPA**. Natal, 2008, p.09.

²⁸⁹ SÃO PEDRO, Maria Aparecida. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

²⁹⁰ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

²⁹¹ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

Eu fui à primeira vez com 03 anos, porque minha mãe morreu e meu pai fazia questão que eu não morasse com minha avó. Então me colocou no orfanato com 03 anos. Eu era pequenininha demais. As freiras achavam que eu dava muito trabalho. Então, eu saí e em 1953 eu voltei novamente, aos 07 anos. Para entrar no orfanato a gente tinha uma protetora da Igreja, aquelas beatas; se eu me lembrasse o nome dela...[...]. Ela era muito da Igreja e ligada as freiras e aos padres; aí vó falou com ela e ela conseguiu.²⁹²

No orfanato, a disciplina era rígida e por isso mesmo era considerado item de suma importância para o desenvolvimento das menores; logo, as coisas mais simples deveriam acontecer da forma mais organizada possível, como por exemplo: o sentar-se à mesa: “cada dia era uma pessoa que arrumava. Botava o pratinho de plástico, o canequinho do lado, a colher, era assim [...], ensinava a levantar e colocar a cadeira, não podia arrastar a cadeira. Bons modos à mesa.”²⁹³ a educação ao falar, a delicadeza dos gestos, a compostura, a responsabilidade e organização com os pertences individuais; até o tipo de diálogo era controlado, nem tudo deveria ser dito ou pronunciado. Tudo era devidamente observado pelas irmãs que, ao perceberem algum deslize, não hesitavam nos castigos.

Fazia-se necessário que novos hábitos fossem adotados, daí a importância da disciplina nesse processo, contribuindo para moldar os comportamentos, muitas vezes adquiridos fora daquele ambiente. Assim “a escola era, deste modo, um espaço de civilidade que formava hábitos de comportamentos juntamente com as lições e os manuais de leitura e escrita.”²⁹⁴

A necessidade de adoção de novos hábitos traz consigo todo um aparato disciplinar. É esse aparato que conduzirá, de forma mais eficaz, às mudanças tão desejadas. “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações dos corpos, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas”²⁹⁵.

Viver num ambiente com características conventuais provavelmente colocou as internas em contato direto com esse controle minucioso. Daí todo o regramento, as obrigações e normas que deveriam ser seguidas.

²⁹² NASCIMENTO, Eliene Ferreira. Entrevista concedida à autora em 03 de novembro de 2006.

²⁹³ CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

²⁹⁴ NASCIMENTO, Jorge Carvalho. **Memórias do Aprendizado**: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió:Edições Cataventos,2004. p.211

²⁹⁵ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.133

Para alguns, a disciplina só poderá ser atingida através dos castigos, por esse motivo “as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação”²⁹⁶

Segundo as internas, os castigos aconteciam de diversas formas: “Se fosse mal comportada, apanhava, isso ninguém pode mentir. Ninguém pode estar cobrindo e é o certo, eu não acho errado. Eu acho errado é não apanhar.”²⁹⁷

O depoimento anterior nos mostra que apesar dos castigos, a depoente acredita que esse foi um meio eficaz para sua educação. Entretanto, outras formas ficaram guardadas na memória de algumas internas: “Era castigo! Irmã Dileta mesmo batia na gente: palmatória²⁹⁸; ficar trancada o dia todo no quarto. Fazia as refeições, mas ficava trancada. Elas batiam.”²⁹⁹ Os castigos fizeram parte de muitas de instituições ligadas aos cuidados com as crianças, geralmente com um objetivo, a disciplina. Com relação aos castigos, outros depoimentos marcam essa parte da vida das meninas.

Tinha um quatinho escuro, que minha irmã disse que ficou lá uma vez. Era um quarto escuro [...]. Nunca fiquei lá não, mas sei que era um quatinho escuro [...]. Na hora que via que a pessoa fez a mal-criação, trancava lá, embora fosse aqui o quatinho e ali um pátio enorme[...]. Irmã Angelina chamava de “cafua” de tão escuro que era. Eu me lembro que Zete disse uma vez; parece que ela brigou com alguém e Irmã Vitória colocou ela no quarto. Eu não soube, naturalmente. Eu devia estar com Dinha porque ela, de vez em quando me levava para a Matriz, para eu não dar muito trabalho. [...] Eu era muito apegada a Zete, que por sinal era a cara da minha mãe. E na hora de dormir eu dizia: Quero Zete! Quero Zete! E não é que Irmã Vitória esqueceu Zete no quatinho escuro. Graças a Deus as menores eram mandadas para a cama mais cedo e as mais velhas ficavam até 20h30, 21 horas. Então a minha ida era certa. E cadê que eu não dormia e abri o berreiro: Quero Zete! quero Zete! quero Zete! Aí ela lembrou [Ir. Vitória] que ela estava sem lanche, sem comida, na cafua. Zete disse que a salvação dela fui eu. Se não, até hoje...³⁰⁰

Além do quarto escuro, outras formas de castigo são relatadas.

Tem aquele pátio que foi mudado, que hoje fizeram tipo uma casinha lá no meio. Ali era uma cisterna na minha época, que era só a tampa. Ali era livre,

²⁹⁶ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.133

²⁹⁷ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

²⁹⁸ A palmatória e o castigo físico eram condizentes com a única forma social reconhecida de manifestação da autoridade, espelhava a brutalidade nas relações de domínio da época. Era uma forma de impor uma disciplina rígida, e para o professor, a maneira mais rudimentar, e também mais espetacular e fácil, de colocar sua autoridade em prática. Assim, nem sempre o uso da palmatória era associado à memória e nem mesmo ao mau professor. Maiores informações ver: SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Decorar, lembrar e Repetir: o significado de práticas escolares nas escolas brasileiras no final do século XIX. In: SOUSA, Cynthia Pereira de. (org.) **História da Educação**. Processos, práticas e saberes. São Paulo. Escrituras, 2003. p.86

²⁹⁹ NASCIMENTO, Eliene Ferreira, Entrevista concedida à autora em 03 de novembro de 2006.

³⁰⁰ SÃO PEDRO, Maria Aparecida de. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

inclusive as meninas que urinavam na cama passavam a manhã toda com o colchão na cabeça, era rígido mesmo!³⁰¹

Sobre o mesmo fato, outra ex-interna nos fala dos métodos para que o problema fosse sanado, porém sem sucesso.

Tinha outra coisa também: quem mijava tinha que passar o dia todo com o colchão na cabeça. Mas não tinha jeito: não bebia água e não bebia café, mas não tinha jeito. Aí tinha que ficar o dia todo com o colchão na cabeça, para ver se a gente deixava de fazer xixi, mas não tinha jeito.³⁰²

Ou, ainda, no relato de algumas meninas que durante um período ficaram responsáveis por tomar conta dos dormitórios, uma prática comum, uma vez que os trabalhos da casa eram divididos entre as freiras e as internas.

Nunca vi uma coisa daquelas. Era só deitar e urinar. Aí começava a noite inteira urinando. Eu ia, levantava, antes eu dizia: vamos todo mundo para o banheiro, daqui a pouco estavam urinando. Não era para deixar urinar [...]. Era um sofrimento. Nem eu podia dormir direito. Ter que levantar, ter que acordar, não deixar aquelas meninas conversarem. Eu não queria que elas urinassem porque de manhã dava um trabalho danado para enxugar aquele chão. Mas era interessante que ninguém tinha lembrança para dizer assim: a pessoa não urina porque quer.³⁰³

Além do mais, a disciplina exercida, através dos horários determinados, trabalhava o corpo modificando e o acostumando aos deveres.

Até mesmo a rotina diária deveria ser obedecida com rigor; desse modo, cada horário do dia era reservado a uma atividade. Os horários tinham seu lugar de honra na instituição, tudo era realizado segundo o tempo estabelecido. A ele cabia “três grandes processos-estabelecer as censuras, obrigar as ocupações determinadas, regulamentar os ciclos de repetição.”³⁰⁴ Como tratamos de um orfanato não podemos esquecer que as ordens religiosas, durante “séculos foram mestras em disciplinas.”³⁰⁵ Assim, qualquer indivíduo que se encontrasse sob sua guarda ou responsabilidade estaria automaticamente ligado à sua rotina.

³⁰¹ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³⁰² CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

³⁰³ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³⁰⁴ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.144

³⁰⁵ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.144

Quadro V – Rotina das internas do Orfanato de São Cristóvão

Horário	Rotina
5	Levantar
5,25	Oração da Manhã. Laudes. Meditação
6	Santa Missa (Completar a meditação)
7	Café
8	Aulas
9,30	Merenda
11,30	Término das aulas (Prima e terça, exame particular)
12	Almoço
1	Repouso
2-3	Trabalhos Manuais
3	Merenda
3,30- 4,20	Trabalhos Manuais
4,30 – 5,30	Matinas e Meditação
5,30	Estudo
6,30	Jantar
7,15	Recreio
8,30	Oração da noite – Completas
8,30	Recolhimento e Silêncio

Fonte: Rotina do Orfanato de São Cristóvão aprovada em 30 de março de 1965 pela Superiora Provincial Madre Emília Rosa de Seixas Barros. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

No orfanato, a rotina dos horários era cumprida à risca, por isso algumas alunas informam como se processava o cumprimento dos mesmos:

Era a sirene. Às vezes a gente estava no dormitório, aí apertava a sirene. Na hora que acabava a aula tinha sirene, aí você já sabia que acabava e que você já ia para o refeitório para poder almoçar. Quando acabava você ficava por ali, daqui a pouco a sirene de novo, você sabia que ia para o manual.³⁰⁶

Mesmo com a consciência de que a rotina não deveria ser quebrada, uma das internas nos diz como se sentia aliviada quando isso ocorria:

Me lembro uma coisa do orfanato que até hoje eu tenho: uma cicatriz que depois vou te mostrar. Tinha uma gangorra e a gente, brincando lá, machuquei o joelho. Essa época foi boa para mim. Porque foi boa? Porque eu não ia para a missa, não tinha que acordar cedo porque estava doente, com a perna inflamada: na época não tinha “ponto”, se tivesse ponto eu não teria essa cicatriz. Só não ia para missa quem estivesse com febre.³⁰⁷

Observamos que o motivo que a levou a ser dispensada da missa causava-lhe dor, mas para ela isso não era tão incômodo quanto à obrigação de participar das missas todos os dias.

³⁰⁶ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³⁰⁷ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

Podemos considerar que o fator cuidado também possa ter contribuído para que essa época ficasse marcada, pois uma vez enferma, além de ser dispensada das atribuições diárias, também contava com o cuidado das irmãs que incluía desde a mudança na alimentação até mais atenção; por isso, ao fim desse diálogo registra: “Por isso que quando eu fui acidentada, eu disse a você que eu gostei, porque eu comia a comida das freiras”³⁰⁸.

A disciplina sempre foi um traço marcante na educação oferecida pelo orfanato, aliada à idéia de ordem produzia nas meninas um senso de organização, mas vale ressaltar que tanto a disciplina quanto a organização estavam pautadas na vigilância pois, “vigiar torna-se então uma função definida mas deve fazer parte integrante do processo de produção, deve duplicá-lo em todo o seu comprimento,”³⁰⁹ a mesma era exercida sobre as meninas, de diversas formas; uma delas, através do recebimento de um número pelo qual seriam identificadas.

Elas deram meu número, 64. Na roupa 64 ninguém pegava. Cada uma tinha um armário bem grande, o que tivesse ali 64 era meu. 59 da minha prima; 55 de Natalinha; 56 da irmã de Natalinha; 74 de Cristovina; ninguém pega.³¹⁰

Ou:

E outra coisa também: toda criança que estava no orfanato, cada uma tinha seu número para marcar suas roupas. Então meu número era 19. Então tudo meu era marcado e assim todo mundo. Era lençol de cama, era toalha, era tudo.³¹¹

A prática de utilização de números na identificação de internos, não ocorria apenas no Orfanato de São Cristóvão, mas em outras instituições, como por exemplo, no Patronato São Maurício, onde:

O regime disciplinar do Patronato São Maurício era bastante rígido, inspirado em corporações militares, e adotava práticas como a de identificar seus alunos por intermédio de número que lhes eram atribuídos e não pelos nomes civis [...]. A prática de numerar alunos era mais um mecanismo de controle disciplinar rígido, uma vez que a numeração atribuída ao estudante era marcada na roupa e em todos os objetos.³¹²

A vigilância se mostrava nas mínimas coisas, desde um número bordado em todas as peças das internas, no controle dos diálogos e até no cumprimento dos ritos religiosos

Eu fui falar..., eu nem sei se eu disse essa palavra, mas uma Teresa (eu guardei até o nome)... Eu estava embaixo da janela da cozinha, varrendo o quintal com uma menina chamada Norma, que me ajudava a pegar o lixo. A Teresa disse que escutou quando eu disse: - Você tem sutiã? E levou essa

³⁰⁸ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³⁰⁹ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.168.

³¹⁰ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³¹¹ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³¹² NASCIMENTO, Jorge Carvalho. **Memórias do Aprendizado**: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió: Edições Cataventos, 2004. p.198

conversa para a freira e a freira me chamou atenção. Só por que eu perguntei se você tinha sutiã? Isso era imoralidade naquele tempo em 1952. Falar de sutiã era imoralidade!³¹³

Podemos perceber no diálogo acima que a imoralidade não estava no fato de saber se a outra interna usava ou não sutiã, mas, a pergunta podia ser interpretada como curiosidade sobre sexualidade. Daí, a manifestação da vigilância através da correção oral. O observar atentamente também era exercido nas obrigações diárias relativas à religião, no dever da confissão semanal e o cuidado em não cometer faltas.

Conversar na hora que estava almoçando [...], só se fosse impossível deixar para depois. Murmurando no ouvido da outra [...], além de ser falta de educação, é pecado, tem que confessar. Toda quinta-feira tinha confissão. E aí de quem não fosse. Ela queria saber porquê você não foi se confessar, aí eu ia me confessar. Depois que fiz a primeira comunhão eu ia me confessar toda quinta. Eu sei os pecados que eu dizia até hoje. Chegava para o padre e dizia: - Padre, dai-me vossa benção porque pequei, tem oito dias que me confessei. Eu menti, respondi as irmãs e falei na Igreja. Eu tinha esses três pecados. Toda quinta eu ia contava esses três pecados e voltava, mesmo que eu não tivesse feito, mas aí deixava Irmã Vitória feliz e pronto [...]. As meninas diziam que quando chegava ela chamava uma que ela achava que era mais danada, que tinha feito algum pecado [...]. Ela ficava satisfeita se a menina fosse muito danada e se ela passasse um minuto e meio de joelho rezando, quer dizer, a penitência foi bem, né?³¹⁴

Ou:

A gente saía do silêncio para outro silêncio, mas só em atravessar o orfanato para o Convento de São Francisco, valia à pena fazer; tinha aquela fila enorme. Toda quinta-feira, tinha que confessar. Do orfanato para o São Francisco e só e depois voltava todo mundo.³¹⁵

Estar sempre atentas era uma das características das religiosas responsáveis pelos cuidados com a instituição. Para a Igreja Católica, “mandamento” é algo obrigatório, o que difere de recomendações. É a partir da obrigatoriedade que a mesma conduz seus fiéis, assim:

O caráter obrigatório dessas leis positivas promulgadas pelas autoridades pastorais tem como fim garantir aos fiéis o mínimo indispensável no espírito de oração e no esforço moral, no crescimento do amor de Deus e do próximo.³¹⁶

O ato de confessar os pecados está contido nos Mandamentos da Igreja Católica Apostólica Romana e foi criado pelo Concílio de Latrão, em 1215, visando à absolvição dos pecados e a reconciliação do homem com Deus. Por esse motivo, a necessidade da confissão.

³¹³ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³¹⁴ SÃO PEDRO, Maria Aparecida de. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

³¹⁵ SÃO PEDRO, Maria Aparecida de. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

³¹⁶ Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana. Parágrafo 2941 - Sobre o Mandamento da Confissão ou Penitência. < <http://www.catequista.net/catecismo/conteúdo> > acesso em 21 de dezembro de 2010.

Além de servir de instrumento de controle, uma vez que “esse exame é colhido numa relação de autoridade, numa relação de poder que é ao mesmo tempo estrita e exclusiva. Deve-se contar tudo ao diretor, é verdade, ou contar tudo ao confessor, mas só a ele,”³¹⁷ pois através da prática penitencial, as meninas teriam um reforço em determinadas condutas e execrariam possíveis desvios ou faltas. Logo, teremos na confissão uma forte aliada contra os futuros vícios e, principalmente, “entre os rituais mais importantes de que se espera a produção da verdade”³¹⁸

Faz-se necessário perceber que a confissão, enquanto instrumento de controle, e disciplinador, não consistia apenas no ato de se revelar tudo, mas está rodeado de significações. Não se fala tudo a qualquer um, “só se deve contar no confessor, no âmbito do hábito da penitência ou do procedimento da direção de consciência,”³¹⁹ ou seja, tudo pode ser dito desde que se cumpra certas condições, dentre elas: revelar somente à pessoa adequada, inserido em determinado ritual. Daí a necessidade da confissão na vida das internas. Através dela os diálogos curiosos podiam ser contidos, pois apenas ao sacerdote caberia o papel de ouvinte das faltas praticadas, as orientações para uma boa conduta e o elo entre o perdão e o pecador.

Até nas poucas saídas, que em sua maioria se configuravam em participar da missa, procissões ou de algum momento de lazer em especial, a disciplina era seguida à risca. Sem conversas, sem murmúrios, apenas mirando o lugar onde se deveria chegar:

Tinha uns dias, no dia de domingo a gente ia para a Igreja, tudo de mãozinha dada, parecia uma corda de caranguejo, a fardinha, eu ainda me lembro era azul: a saia de xadrezinho azul, a blusa branca. Naquela época a gente não via o olho da rua. Era uma Semana Santa, lá dentro. Quando a gente saía era agarradinha à mão e era tudo com medo, parecendo bicho do mato.³²⁰

Além do cumprimento da rotina diária, as internas ainda desempenhavam os chamados “ofícios”, ou seja, os trabalhos que cada menina desenvolvia durante o dia para a manutenção da casa. “As boas maneiras eram fundamentais para higienizar o ambiente combatendo todas as doenças. Além do mais, os novos hábitos contribuía para disciplinar o comportamento”³²¹ Assim, atividades como lavar, passar roupas, ser cuidadosa com as coisas do lar, aprender a bordar eram obrigatórias para futuramente exercerem a função de esposas carinhosas e mães extremosas.

³¹⁷ FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 256

³¹⁸ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**- a vontade de saber. São Paulo: Editora Graal, 2007. p.66

³¹⁹ FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 256

³²⁰ CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

³²¹ NASCIMENTO, Jorge Carvalho. **Memórias do Aprendizado**: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió:Edições Cataventos, 2004. p.211

Eu não lembro... mas todo mundo tinha o que fazer. Eu me lembro que até as pequenas pegavam a vassourinha e varriam, outras iam capinar; a gente lavava até o lençol. Não sei hoje, mas antigamente era assim. Cada qual lavava suas roupas e quarava seus lençóis; se mijasse, então, tinha que lavar e com pressa, viu! Porque tinha que ir para o colégio ainda.³²²

Em outro depoimento veremos que o trabalho deveria fazer parte da vida de todas. A cada período havia um remanejamento de ofícios, ou seja, como todas teriam que aprender de tudo um pouco, não havia uma atividade fixa para cada menina:

Com 07 anos já limpava aquele pátio todo. A área do recreio quem limpava era eu, com apenas 07 anos de idade. Toda manhã era 5h. Quando passei para os 13 anos fui lavar 100 calcinhas por manhã. Eram 100 meninas, [...] depois eu tomava banho, depois tomava café e ia para a escola [...] Eu era muito para trabalho, muito, muito mesmo. Eu lavava sete banheiros de manhã, sete sanitários, sempre eu tive esse jeito.³²³

Vale observar que no depoimento acima, as funções vão mudando: primeiro cabe a ela limpar o pátio, depois cuidar da lavagem de roupas íntimas, em seguida já a encontramos em outra atividade, limpando os sanitários. Segundo outra ex-interna, todas eram informadas sobre os ofícios a serem realizados durante o mês, mediante divulgação de uma lista de afazeres.

Cada uma tinha suas atividades para fazer, suas obrigações. Todas as médias e as grandes, todas tinham suas obrigações que na época a gente chamava de ofício. Aí quando chegava o final do mês [...] já saía a lista com os ofícios de cada uma, e a gente cumpria na íntegra, tudo certinho.³²⁴

A instituição mantinha uma divisão própria para a realização dos trabalhos: as internas eram divididas por grupo e a partir daí o trabalho era determinado. Dessa maneira, as meninas eram assim classificadas: “as menores- até a 1ª menstruação; as médias – da 1ª menstruação até os 15 e 16 anos; e as grandes- dos 17 aos 18 anos.”³²⁵

Embora questões ligadas à sexualidade não fizessem, em hipótese alguma, parte dos ensinamentos da instituição, a educação oferecida pretendia prepará-las para tarefas de cunho materno e doméstico, afinal, ao saírem do orfanato estas meninas precisariam ser acolhidas por familiares ou pelos futuros maridos. Por isso, embora o currículo contasse com as chamadas disciplinas elementares, “dedicavam-se sobretudo às prendas domésticas e à aprendizagem de boas maneiras.”³²⁶

³²² CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

³²³ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³²⁴ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³²⁵ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³²⁶ ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação** a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 56

Para além dos castigos, da vigilância constante e dos ofícios desempenhados, havia também as saudades de quem ficou e os momentos de reencontro. Algumas recebiam visitas todos os fins de semana; outras, quando o tempo ou o dinheiro davam; E aquelas, cujo momento de reencontro só aconteceria no dia da saída definitiva:

Ela trabalhava a semana toda, só ficava em casa, coitada! Dia de domingo e ela ia lavar roupa, costurar. Então, meu irmão ia me visitar. Eu tinha uma saudade tão grande de minha mãe. Quando eu ouvia aquela música: “Receba as flores que lhe dou”, aí eu chorava, numa escadaria que tinha lá, aí eu ficava sozinha, escutando aquela música e lembrando da minha mãe.³²⁷

A saudade e a espera eram componentes do cotidiano de muitas internas, conforme o depoimento a seguir:

A visita era pouquinha, ela chegava umas três horas, passava um pedacinho e saía. Mamãe não podia, porque primeiro, mamãe ficou em Aracaju, depois ela veio para São Cristóvão e continuou trabalhando na casa de Dona Everilda, que me colocou lá; depois mamãe foi morar numa fazenda. Ela vinha quando podia ser; Eu lembro muito. Um dia ela disse: - Filha eu só trouxe essas três bolachinhas. Ela, na casa da patroa, teve vergonha de pedir e por isso levou as três bolachinhas. Ela dizia: - Minha filha se comporte, fique quieta.³²⁸

Outras, contavam com a presença materna de forma mais efetiva:

Minha mãe vinha e se informava. Falava com Dinha Marinete, com a diretora, meus estudos como estavam. Eu passava aquela tarde com ela porque tinha o trem; ela vinha de trem. Voltava quando o trem vinha de Salvador, então ela passava o dia inteiro praticamente comigo. Eu tive também uma assistência muito grande da minha mãe, que minha mãe toda semana estava lá, levava lanche para mim. Minha mãe levava goiabada. Essas coisas ficavam guardadas no armário. Na hora do lanche quem não tinha nada para lanchar, lanchava, no caso, o do orfanato: uma banana, abóbora com leite, o que tivesse, para isso elas se esforçavam muito.³²⁹

3.2 – “Todo dia ela faz tudo sempre igual³³⁰”: Educação feminina, sexualidade e casamento.

A mulher sempre vigiada e cercada por compromissos, como a missão de levar a casa, matrimônio e a educação dos filhos, tal qual uma profissão de fé fazia parte da educação transmitida pelo Orfanato de São Cristóvão. Eram meninas educadas para o casamento, ou pelo menos para desenvolver algum trabalho doméstico, caso não fossem afortunadas com o

³²⁷ CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

³²⁸ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³²⁹ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³³⁰ Trecho retirado da canção “Cotidiano”. CHICO BUARQUE. Chico Buarque Perfil. Seleção de Repertório: Sérgio Motta. Rio de Janeiro: Polygram, 1993. Cd. (60’9’’)

matrimônio. Embora o desvelo em torná-las boas mães e esposa, faltava-lhe a informação, sobre tudo que fosse relacionado à sexualidade. A relação matrimonial exigiria, conseqüentemente, uma intimidade que ninguém ousaria falar. As questões sexuais e os desejos incitados por ele era o que se temia.

É preciso não esquecer que a pastoral cristã, fazendo do sexo aquilo que por excelência devia ser confessado, apresentou-o sempre como enigma inquietante [...] o que é próprio das sociedades modernas não o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem se devotado a falar dele sempre valorizando-o como segredo.³³¹

O tom de segredo imputado ao sexo talvez fosse tenha sido o maior obstáculo para o conhecimento do mesmo. As conversas proibidas, perguntas não respondidas, a curiosidade em torno de alguns assuntos, enfim, muito do que se desejava saber por algum motivo não deveria ser dito. Se por um lado havia as dúvidas quanto às atribuições femininas no casamento, por outro existia o medo da solidão e das conseqüências enfrentadas por àquelas que não contraíssem o matrimônio; para essas, havia o desprezo disfarçado de compaixão.

As mulheres eram, então, persuadidas de que não casar era um insucesso. Fazia diferença entre a solteirona – rejeitada para o casamento – e a solteira, ainda não escolhida, mas casável. As primeiras ficavam conhecidas como formais, deselegantes e retraídas. “Cair no Barricão” designava “ficar para tia”. Pior. Era uma forma de descensão social, que deprimia as moças maduras. Só lhes restava amores ridículos ou socorro sobrenatural.³³²

Além do receio da solidão cabia à mulher ser a “esposa virtuosa [...] prescreveu-se para ela complacência e bondade, para prever, satisfazer e até adivinhar os desejos do marido”³³³. Todo esse conjunto de afazeres, prescrições e desejos fazia parte do universo feminino e, por esse motivo, a necessidade de um melhor entendimento sobre as questões relacionadas aos comportamentos femininos, casamento e sexualidade. No início do século XX, os médicos higienistas se propunham à “conscientização sobre a necessidade de educação sexual entre os jovens. A inocência e a ignorância de muitas eram contrabalançadas pela brutalidade de muitos. O primeiro contato sexual podia ser desastroso para o resto da vida de um casal.”³³⁴

Falar ou tratar de sexualidade era algo proibido, pois estando as meninas em um ambiente religioso, esse não seria um assunto a ser tratado ou comentado.

³³¹FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I** - a vontade de saber. São Paulo: Editora Graal, 2007. p.41 e 44.

³³²DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.p. 254.

³³³DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.p. 254.

³³⁴DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.p. 255.

O auto-controle dos impulsos tem sido acompanhado de um crescente sentimento de vergonha em relação à vida sexual. Nesse campo, a sociedade tem extrema dificuldades em explicar às crianças o problema da sexualidade humana, atribuindo a razões de natureza biológica esses bloqueios.³³⁵

Aliás, o silêncio sobre questões de cunho sexual e o cuidado em torno do “ser mulher” gerou uma queixa profunda em algumas das ex-internas. Para elas, a ausência de conversas sobre os referidos assuntos foram determinantes para que os relacionamentos futuros não prosperassem.

Tinha que ser aquela mulher submissa, as irmãs não davam assim, aula de namoro, nem de nada, não. E nem ninguém falava nada disso, não! Era trancada, trancada mesmo. Estou te dizendo. [...] Você tinha que casar [...] era preparada para ser boa dona de casa, ser cuidadosa, jeitosa. Quem vai para a cozinha, vai para a cozinha.³³⁶

Importante perceber a forma como as internas sentiam-se vigiadas, pois até durante o sono “todo mundo ia para a cama e antes de todo mundo pegar no sono, elas passavam pelos dormitórios para ver se estava todo mundo dormindo como num quartel”³³⁷. A vigilância não ocorre apenas a olho nu, quando todos podem vê-la, nem tão pouco de forma esporádica. Sempre estará por perto, à espreita, incansável e observante. No Orfanato de São Cristóvão, o poder apresentava, enquanto característica a “vigilância”, essa muito bem exercida pelas religiosas, de forma

Permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Deve ser um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção milhares de olhos postados em toda a parte, atenções móveis e sempre alerta [...] o que é assim registrado são comportamentos, atitudes, virtualidades suspeitas- uma tomada de contas permanente do comportamento dos indivíduos.³³⁸

Uma vigilância através da qual nada escapasse, tudo fosse possível de observação, até o sono. Vale lembrar que no orfanato os quartos das meninas se encontram no mesmo corredor, próximo aos quartos das religiosas:

Eu ficava lá, deitada, e não podia conversar porque Irmã Vitória ficava na sala, mas de vez em quando ela abria a porta e dava uma surpresa. A cela dela era aqui e tinha um do outro lado que era o “Santo Anjo da Guarda” que cabia, acho, umas 60 pessoas ou mais. Era o maior de todos. Aí ela saía assim, de mansinho, para ver se tinha alguém sentada, alguém acordada; era para dormir mesmo.³³⁹

³³⁵ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Formação do Homem Civilizado. In: **Revista Educar-SE**. Aracaju: ano 1.nº 03. p.39, mar.,1997.

³³⁶ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³³⁷ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³³⁸ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.202

³³⁹ SÃO PEDRO, Maria Aparecida. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

Assim “os quartos eram repartidos ao longo de um corredor como uma série de pequenas celas.”³⁴⁰ Através desse método, até as conversas noturnas não teriam oportunidade de acontecer, pois sempre haveria um olhar a registrar quaisquer atitudes suspeitas, desvios e diálogos não oportunos.

Apesar de tantos cuidados havia uma necessidade em saber mais sobre as questões que envolvessem namoro e afeto:

Elas aí não ensinavam o que era namorar, o que era marido. É tanto que depois que a gente saía de lá é que tinha mais liberdade, porque a gente era muito trancada. Era só saí, arranjava um namorado, nem escolhia. Porque elas não ensinaram a gente o que era o mundo, que não era assim como era. Nesse ponto a gente era inocente [...]. Quem quiser que falasse de homem, Ave Maria! O mundo caía, o teto caía. Ninguém podia falar em homem, ninguém sabia o que era homem [...]. Ninguém falava, era tudo “coisa feia”, tá falando “coisa feia”. Eu acho que devia ser a época, a educação. Não falava de namoro, de sexo, de nada. Ninguém tocava no assunto.³⁴¹

Talvez a repressão sexual tenha induzido algumas dessas meninas a contraírem um relacionamento afetivo de forma precoce. O depoimento é reforçado pelo de outra ex-interna que nos informa sobre a falta de diálogo que envolvesse sexualidade.

Olhe, eu não sei não, você ficar menstruada e ter que se dirigir à freira. Ia lá e dizia: - Irmã, já estou precisando. Ninguém nunca perguntou: - Você já tem isso? Porque se soubessem dessa história, era “coisa feia”. Mas ninguém conversava nada, todo mundo já sabia as normas.³⁴²

Vale lembrar que nem sempre assuntos como sexualidade eram tratados de forma tão secreta, pois somente

No século XIX se difundiu o hábito de transformar em sigiloso tudo o que dissesse respeito à vida sexual, transformando-a em um tabu para adultos e crianças. À medida que crescia a distância entre adultos e crianças. O esclarecimento de questões inerentes à atividade sexual se transformava em problema.³⁴³

Para a ex-diretora do Orfanato de São Cristóvão, todas as advertências foram dadas, porém, faltou às meninas o bom senso na hora da escolha:

Homem presta, elas que não souberam escolher. Por que qualquer coisinha é o amor, é aquele amor. Eu sempre dizia: vocês querem casar? E o que vocês vão dar para o filho de vocês? Isso eu dizia. Eu falava sobre isso, quando casar, vão dar o que para os filhos de vocês, principalmente em educação: nada! nada!³⁴⁴

³⁴⁰ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.166

³⁴¹ NASCIMENTO, Eliene Ferreira, Entrevista concedida à autora em 03 de novembro de 2006.

³⁴² SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³⁴³ NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Formação do Homem Civilizado. In: **Revista Educar-SE**. Aracaju: ano 1.nº 03. p.39, mar.,1997.

³⁴⁴ MENDONÇA. Maria Teresa Almeida. Entrevista concedida à autora em 14 de outubro de 2008.

Apesar da referida advertência, as contestações sobre o assunto, são fato:

A única coisa que eu achei ruim no orfanato foi das freiras não ter explicado o que era homem, que homem não prestava, sabe? Que tinha que escolher a dedo, como nós devíamos escolher um rapaz. Naquele tempo não era agora que a pessoa namora toda hora. Agora você tá aqui com um namorado, volta com outro e naquele tempo não era assim. Todas nós fizemos um mau casamento, não tem uma menina do meu tempo, de 1950 para cá, que tenho feito um casamento que preste, tudo com vagabundo. O primeiro que aparecia pegava. Eu não sei se era a pobreza, eu não sei o que era, eu sei que ninguém prestou, ninguém acertou no casamento. É só o defeito que tem no orfanato. Não podia conversar de namoro que era coisa feia. Falar em namoro [...] era imoralidade. Nós saímos e todas deram o passo errado, não tem uma! Elas não souberam dizer isso para gente. Será que todas deram o passo errado? Eu pergunto. Alguma coisa faltou! Quando eu encontro com as meninas, quando elas chegam aqui eu digo: - Mas o que foi isso? Que todas fizeram isso errado, ninguém conseguiu acertar. Para mim foi ótimo e se elas tivessem me ensinado o que era homem aí que era bom! Aí era o céu! Essa foi a falta; tem que ensinar que homem é truculento, que homem é como “caju” – por melhor que seja no fim tem o ranço.³⁴⁵

Não podemos deixar de destacar que embora vivessem em um ambiente restrito em que lhes eram impostos horários, rotinas, tarefas e onde as conversas eram cerceadas, essas meninas buscavam outras coisas, tinham outros desejos. Queriam fazer suas próprias escolhas, mas desejavam ser conduzidas. Não só para os cuidados domésticos, mas, para o mundo além dos muros do orfanato.

Evidentemente se torna necessário considerar as dificuldades vivenciadas pelas religiosas quanto ao trato com determinados assuntos. Falar sobre sexualidade, casamento, que não fosse de uma forma na qual a “mulher fosse submissa” ao marido, apresentava, sim, seus problemas.

Mulheres educadas pela Igreja para se tornarem servas fiéis e com votos a ser cumpridos, provavelmente optassem pelo silenciamento em alguns temas, pois “as formas de comportamento das religiosas deveriam ser diferentes para marcar essa distinção do mundo.”³⁴⁶ Dessa maneira, como trabalhar assuntos tão delicados num período onde nem tudo deveria ou poderia ser dito? O comportamento das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus não foge à regra do que era vivido no momento, pois religiosas em uma escola confessional destinadas à educação de meninas órfãs e desvalidas,

³⁴⁵ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³⁴⁶ NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.495

consequentemente, apresentariam algum tipo de resistência no tratar de alguns diálogos. Até porque sua formação não permitia abertura a determinado tipo de assunto.

3.3 – “A cada pirueta que você dá³⁴⁷”: práticas educativas, travessuras e brincadeiras.

Como se processavam as práticas educativas? Quais as travessuras e brincadeiras? E as leituras? O que essas meninas liam e que mensagens deveriam ser absorvidas nessas leituras? Mediante tantas interrogações tentaremos obter as respostas a partir das vozes de quem vivenciou esse período. Por isso, trataremos das práticas educativas com o seguinte olhar:

As práticas escolares repetem-se ao longo dos tempos e dos espaços, com diferenças que surgem as “variações-sobre-um-tema”, como fizeram alguns compositores. Tal como se folheássemos um livro de figuras: o pedagogo que leva o menino a algum lugar, mãos dadas, olhos nos olhos, ensina. Vemos um clérigo e meninos com tabuinhas apoiadas no colo, assentados em um banquinho, onde não há quadro negro, nem verde; jovens rapazes lotam um anfiteatro e acenam lenços e chapéus para o mestre posto em uma cátedra brandindo um livro e a palavra; meninas uniformizadas em fila, saias compridas, blusas brancas engomadas e ornadas de fitas e cruces sob o comando da professora-freira em longos e severos trajes negros [...] No pátio de recreio, uns espicam os outros, correm, brincam, fazem grupos, se batem. Há jogos e lutas; há namoros, beijos clandestinos, troca de bilhetes; afetos e de grosserias.³⁴⁸

Sendo as Práticas Educativas esse conjunto de tantos fazeres pedagógicos, veremos como as mesmas se manifestavam no ambiente investigado.

Todo mundo já sabia o seu lugar. O meu lugar é esse, então eu ficava o ano todo. Era tudo em regime militar. Levantava quando chegava uma pessoa. E mais, quando a gente queria ir ao banheiro tinha uma pedra, você pegava aquela pedrinha para ir ao banheiro. Era uma pedra só, deixava aqui no birô dela. Se eu quisesse ir no sanitário eu pegava aquela pedra, ia no sanitário, me servia e, colocava no lugar. Se outra colega quisesse ir no sanitário e a pedra não estivesse lá, não podia.³⁴⁹

As internas eram treinadas em seu ambiente escolar. As alunas identificavam todos os símbolos e sinais, conheciam e respondiam aos estímulos apresentados, pois

³⁴⁷ ³⁴⁷ Trecho retirado da Canção “Bailarina”. DJAVAN. Vaidade. Direção de Produção: Djavan. Rio de Janeiro. Luanda Records Brasil, 2004.Cd.(49’9”)

³⁴⁸ LOPES, Eliane M. Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001 p. 17 - 18.

³⁴⁹ GOES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

O treinamento das escolares deve ser feito da mesma maneira: poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais- sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre³⁵⁰

As meninas do orfanato conheciam muito bem esse treinamento: o simples ato de levantar para cumprimentar a professora ou outra pessoa que adentrasse à sala de aula; A simples ausência de uma “pedra” no birô da professora, que era o indicativo que ninguém deveria levantar para solicitar a ida ao banheiro.

Já sobre a realização das provas:

No meu tempo era assim, era prova escrita. Era o dia da prova! Todo mundo de farda, como se fosse para uma missa, era coisa séria; aquela folha de papel, dois lápis, já estava ali tudo escrito era só responder. Você terminando, entregando e saindo. Não olhava para o lado, ou sabia ou não sabia. E a prova oral era com Dona Zélia, Dinha Marinete e Dinha Paulina. Chamava a gente na frente e fazia as perguntas; até hoje eu sei porque passei em terceiro lugar. Até hoje eu sei o erro: “Não” – advérbio de negação. E eu só dizia: substantivo concreto³⁵¹

A realização das provas era um momento tenso, envolvia todo um rito que acabava amedrontando as internas, além de ser uma manifestação de poder. Através das provas, as meninas seriam classificadas, não apenas pelo número que já cabia a cada uma delas, mas agora pela nota adquirida, o que, de alguma forma, podia excluí-la ou exaltá-la diante do grupo a que pertenciam.

O ato de examinar, através de provas escritas, nada mais era que um

controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade.³⁵²

Enquanto isso durante as aulas: “Tinha sabatina, 2+2= 3, aí pá, castigo. Tinha castigo, vamos supor duas semanas sem recreio. Você ficava lá sentada sozinha.”³⁵³

Além, da sabatina havia o “malfadado ditado” e os “benditos verbos” que se transformaram no pesadelo de muitas.

Todos os dias, contar, somar, diminuir, multiplicar e dividir. Todos os dias o tal ditado. Cópia, também, no caderno de caligrafia, tinha que fazer tudo bem certinho. Tinha que conjugar o tal do verbo, presente, passado, futuro.

³⁵⁰ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.160

³⁵¹ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³⁵² FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.177.

³⁵³ CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

Vixe! que coisa ruim! Como era ruim. Aquilo era horrível e não era para errar.³⁵⁴

Como vimos, o aprendizado era marcado por uma série de práticas que primavam pela repetição dos conteúdos, buscando, assim, o aperfeiçoamento educacional.

A escrita ou a caligrafia é praticada a partir de cópias e ditados. Da reprodução de sentenças, trechos e textos os exercícios evoluem para a produção própria do aluno [...] a caligrafia constitui atividade educativa que molda comportamentos. Escrever com correção e letra legível (preferencialmente cursiva e com traçados elegantes) é demonstrar a posse de uma cultura elegante, grande ênfase foi dada à caligrafia concebida no mesmo sentido de escrita ou como arte de escrever bem [...] A taboada é recitada “de cor”, é saber que aspira a automação rápida. Ela é tomada em argüições e verificada nos exercícios praticados no caderno e no quadro negro. Vícios como o uso dos dedos nos cálculos aritméticos, são cuidadosamente corrigidos e evitados (nada é mais particular da escola que a cadência da recitação da tabuada: três vezes três, nove, três vezes quatro,doze...). Contar, calcular, medir [...] o cálculo mental é o coroamento do raciocínio estimulado partindo da resolução de problemas fáceis evoluindo para os mais difíceis.³⁵⁵

Por isso, a insistência em alguns conteúdos. Mas nem só de aulas e provas viviam as meninas do orfanato, mas também de uma gama de peraltices, travessuras e brincadeiras que nem sempre acabavam bem. Muitas vezes as responsáveis pela desordem eram descobertas e penalizadas. Além de estenderem a punição ao restante do grupo, como no caso que segue:

Quando as meninas saíam era de olho assim, prá ver se Irmã Angelina tava lá. Mas Irmã Angelina sempre foi mais sabida do que as meninas, se escondia. Eu acho que ela se escondia, eu que imagino. Quando as meninas subiam que tiravam o mamão todinho, ela: “psiu”. Ela já tava por ali saindo pela clausura. Tem a cigarra por que não tinha telefone, “trummm” Irmã Vitória acordava, pegava, descia e ficava esperando as meninas subir. Eu me lembro que uma vez a merenda foi mamão de vez, botou pra todo mundo: eu gostava, quem gostou comeu, as danadas que faziam isso, bateram o pé: - Mamão de vez não é merenda e se ainda fosse maduro ? [...] Irmã Vitória disse: - “Mas vocês não roubam?” – “Mas mamão roubado é mais gostoso”.³⁵⁶

As histórias envolvendo teimosia não eram raras, principalmente no intervalo entre o almoço e os trabalhos manuais, pois era sabido que as freiras se recolhiam também, assim, esse seria o momento propício para as travessuras. Era o momento da desobediência entrar em cena:

Quando as freiras dormiam Delza e Creuza, mais umas quatro ou cinco meninas, se esquivavam porque o dormitório não ficava fechado de chave e

³⁵⁴ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³⁵⁵ SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria**: História da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 104 a110.

³⁵⁶ SÃO PEDRO, Maria Aparecida de. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

tinha uma horta imensa. Iam roubar mamão de vez, era coco, era amendoim. Quando Seu Antônio, que era o moço que tomava conta, plantava, elas tiravam o amendoim e deixavam a folhagem por cima. Aí, coitado, nesse ano não teve amendoim³⁵⁷

Ou ainda:

Eu era muito teimosa. Não era para ir tirar mamão. Eu ia e subia no mamoeiro e tirava. Na horta, não era para tirar e eu tirava. Só podia apanhar, porque desobedecia. Um dia Irmã Vitória disse: “Não é para molhar esse jardim agora”. Eu disse: “Vou e molho”. Fui e molhei. Levei seis bolos de palmatória na mão.³⁵⁸

Abrir as janelas do convento, durante a noite, para dar uma “olhadinha” que fosse, acarretaria duras penas, mas nem isso, intimidava as suas moradoras: “Um dia o povo fazia serenata na praça, em 1950 e pouco, aí a gente ia para a janela e subia escondido; quando a irmã acendia a luz todo mundo corria. Se pegassem, a gente apanhava.”³⁵⁹

O fato de ser surpreendidas, em alguns casos não desencorajava as meninas que, por vezes, inventavam até “simpatias” para tentar destruir ou fazer desaparecer, de forma miraculosa, alguns objetos, como a temida palmatória que atendia pelo nome de “estar às ordens”.

A palmatória tinha umas rachaduras. Inventaram, duas irmãs baianas [internas] que matavam a freira de raiva, que se botasse piolho de cabeça, se botasse no burquinho da palmatória que era aqui [na cintura] em Irmã Vitória, a palmatória quebrava. Estava às ordens, qualquer coisa me dê a mão! Eu acho que levei umas palmatórias de Irmã Vitória, não me lembro de muita dor, acho que ele deve ter dado com muito cuidado.³⁶⁰

Provavelmente nenhuma das meninas quis correr o risco de tentar retirá-la dos cuidados de sua protetora. Entretanto, as tentativas ficaram como registro de tantas travessuras. Travessuras essas que, em sua maioria, acabavam sempre em castigos: “batia muito, deixar sem recreio, ficava assim no canto, olhando todo mundo brincando, mas sem poder brincar. Sem falar, sem dar uma palavra, vai depender, horas ou dias que ela quisesse deixar”³⁶¹.

Contudo, mesmo em um ambiente de tantas regras e restrições, também havia espaço para brincadeiras. Brincadeiras de meninas que marcaram suas vidas.

Eu brincava de bonecas, pular cordas, balanço... muito balanço. Eu mesmo gostava de brincar. Tinha um pé de seriguela enorme, dentro daquela área;

³⁵⁷ SÃO PEDRO, Maria Aparecida. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

³⁵⁸ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³⁵⁹ NASCIMENTO, Eliene Ferreira. Entrevista concedida à autora em 03 de novembro de 2006.

³⁶⁰ SÃO PEDRO, Maria Aparecida. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

³⁶¹ SÃO PEDRO, Maria Aparecida. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

parece que cortaram! Eu tirava aquelas seriguelas, e as folhas eram tão azedinhas e colocava nas panelinhas para brincar; era a comida.³⁶²

Havia também as brincadeiras mais agitadas que movimentavam o pátio do orfanato, nesse momento os gritos e a correria ocupavam o lugar do silêncio.

A gente não era de sair muito de lá. Todas as brincadeiras eram lá mesmo, era dentro daquele espaço. Queimado, de se esconder; boneca, se alguém tivesse a gente podia brincar; de pedra, macacão, porque a gente desenhava no chão. Lá em baixo tem uma quadra bem grande, até hoje tem e tinha um balanço que a gente brincava muito; depois ele se acabou e não teve mais nada.³⁶³

A educação das crianças consistia também no incentivo à leitura. O livro mais lido entre as internas era João Bolinha, de autoria de Vicente Guimarães.³⁶⁴

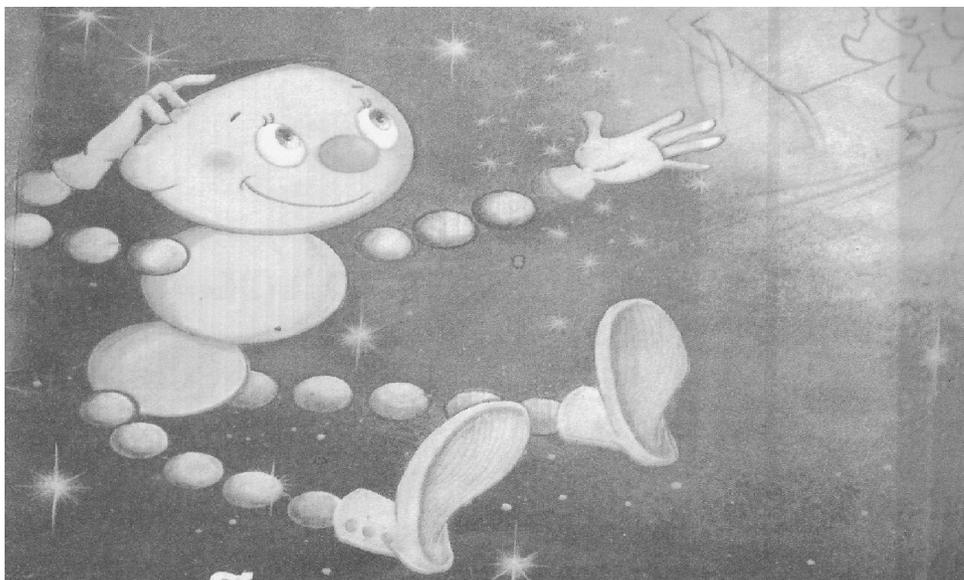


Figura 17: Capa da obra “João Bolinha virou gente” (1981).

A leitura, segundo alguns depoimentos, ocorria durante o período da Semana Santa, pois como mandava a tradição católica, esse deveria ser um tempo de reflexão e descanso, assim as meninas com o tempo mais livre, cujos familiares não tinham condições de levá-las para casa, poderiam se dedicar a outras leituras de cunho mais lúdico.

A gente lá no orfanato, na época, lia muito João Bolinha. Não era uma história em quadrinhos, era história corrida. E a gente se levantava assim, na

³⁶² CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

³⁶³ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida a autora em 12 de maio de 2006.

³⁶⁴ Vicente Guimarães, nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais. Foi o fundador das revistas infantis “Caretinha” e “Era uma vez”, em Belo Horizonte, e “Sesinho”, no Rio de Janeiro. Publicou muitos livros infantis e a Coleção Vovô Felício, em 6 volumes. Em Belo Horizonte, fundou a Biblioteca Infantil “Caio Martins”, onde contava histórias aos sábados, dentre outras tarefas dirigiu o “Lar dos Meninos” para crianças desamparadas.

Sexta-Feira da Paixão, não falava com ninguém, era só aquelas revistas. Você ficava no canto, lendo.³⁶⁵

A principal personagem do livro é o boneco João Bolinha,³⁶⁶ que se apresenta como um “Pinóquio à brasileira”. A personagem surge a partir do convite recebido pelo autor, para ser paraninfo de uma turma de 3º período do Jardim de Infância. Em vez de um discurso, Vicente Guimarães optou por contar uma história, na qual João Bolinha era um boneco que tinha um desejo: o de virar gente. Porém, quando consegue, se esquece que as pessoas devem cumprir com muitas obrigações, entre elas a de estudar.³⁶⁷

Embora a leitura seja lúdica, a obra apresenta muitas lições de cunho moral.

Nessa passagem da leitura instrutiva para a leitura não desapareceu, mas introduziu novas práticas, novas partilhas na paisagem pedagógica. No modelo formativo, portanto, pequenas histórias relacionadas ao cotidiano infantil substituem os conteúdos escolares; no entanto, observa-se nas lições a mesma preocupação com as prescrições de normas e comportamento, de civismo e da conduta desejável da criança em relação à família, à escola e à sociedade.³⁶⁸

No capítulo 5, cujo título é “João Bolinha não quer estudar”, encontramos muitos conselhos como, por exemplo, sobre a preguiça: “[...] João Bolinha!... Vejam só: está no quarto! Que vergonha, João Bolinha! Deitado debaixo das cobertas a esta hora! Levante-se e venha cá.”³⁶⁹ Outros, sobre as travessuras que o novo menino realizava.

Certa vez, parece que João Bolinha amanheceu enfeitado. Cedo, foi ao escritório do papai e entornou o tinteiro, derramando toda a tinta na mesa e no chão. Depois do almoço, sem pedir licença, tirou doce de leite do armário e quebrou uma travessa grande do aparelho de jantar da mamãe. Mais tarde, com uma caixa de fósforos, furtada da cozinha, pôs fogo no quarto da empregada. Se o jardineiro não acudisse depressa, todo o barracão arderia em chamas.³⁷⁰

Além das travessuras, João Bolinha se recusava a estudar, o que fazia com que o pai fosse enérgico com ele.

O papai ficou zangado [...] e resolveu fazê-lo estudar. Ou ele indireitaria ou ficaria preso todos os dias. Não queria saber de menino vadio, em casa. No dia seguinte, bem cedo, tirou-o da cama, deu-lhe uma cartilha, lápis e

³⁶⁵ GÓES, Maria Madalena Carvalho de. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³⁶⁶ A 1ª edição data de 1943. Em 1979, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, lançou o selo comemorativo, aos 43 anos de dedicação de Vicente Guimarães a Literatura Infantil.

³⁶⁷ As informações foram citadas por Vilma Guimarães Rosa e estão contidas na contra capa da obra “João Bolinha virou gente” de Vicente Guimarães. (1981).

³⁶⁸ CHARTIER, Anne-Marie apud SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria**: História da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009.p. 109.

³⁶⁹ GUIMARÃES, Vicente. **João Bolinha virou gente**. 7ª edição, Belo Horizonte: Lemi S/A, 1981. p.35.

³⁷⁰ GUIMARÃES, Vicente. **João Bolinha virou gente**. 7ª edição, Belo Horizonte: Lemi S/A, 1981. p.38.

caderno e levou-o para a biblioteca, trancado-o lá dentro, sozinho. Supunha que assim ele estudaria as lições marcadas pela professora.³⁷¹

Torna-se interessante pensarmos que muitas das situações ilustradas no livro, apresentam algumas semelhanças com as vividas no orfanato, e também com aquelas que deveriam ser banidas do convívio, tanto na instituição, quanto fora dela. A preguiça não era uma boa companhia, principalmente para futuras donas de casa; as travessuras só demonstravam rebeldia e má educação, nada aconselhável à vida em sociedade e o “não querer estudar”, mais um empecilho a uma boa formação, pois, a futura mãe deveria educar e instruir seus filhos.

3.4 – É dia de festa...: As comemorações no Orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição.

São Cristóvão era uma cidade onde se festejava todo dia. Tinham os dias santos e dias cívicos, dias de guarda e dias em que as máscaras enfeitavam as ruas. Assim, não podemos ver as celebrações realizadas no orfanato, dissociadas das celebrações da cidade. Evidente que para as meninas sair daquele ambiente era algo difícil, mas o próprio ritmo festivo da cidade se manifestava além dos muros do orfanato, mesmo que longe, mesmo que acompanhando pelas frestas das antigas janelas ou as vivenciando, sempre que possível.

Ao apresentar o conceito de Cultura Escolar, Viñao Frago remete, entre outras coisas, aos *“hábitos y ritos – historia cotidiana del hacer escolar”*³⁷²

Como tratamos de festas, chamamos atenção para os ritos que, por sua vez, podem ter o cunho sacro ou simbólico, que seguem determinados preceitos já estabelecidos.

No Orfanato de São Cristóvão havia muitas comemorações, por isso buscando um melhor entendimento dessas comemorações, elas foram organizadas a partir de seus significados: festas cívicas e festas religiosas.

Algumas festas estavam articuladas a comemorações cívicas e a eventos necessários ao funcionamento das atividades produtivas [...]. Entretanto, tais festas exprimem sentimentos de brasilidade de pertencimento à comunidade dos brasileiros confirmando um conjunto de valores que nos fazem parecer iguais. Além disso, as festas cívicas divertem e emocionam através da difusão de valores e virtudes reguladores da vida social.³⁷³

³⁷¹ GUIMARÃES, Vicente. **João Bolinha virou gente**. 7ª edição, Belo Horizonte: Lemi S/A, 1981. p.40

³⁷²FRAGO, Antonio Viñao. Historia de La educación y historia cultural: posibilidades, problemas e cuestiones. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo:nº 0 Set/Out/Nov/Dez. 1995p. 68

³⁷³ NASCIMENTO, Jorge Carvalho. **Memórias do Aprendizado**: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió:Edições Cataventos, 2004. p.235

As comemorações cívicas nas escolas primárias tinham por objetivo dar notoriedade às atividades escolares e divulgar a administração pública. Assim, essas comemorações ajudaram a firmar a idéia de nacionalidade brasileira, à medida que trabalhavam os valores morais, cívicos e patrióticos vinculados à República e à construção de uma memória nacional:

Para o espaço sagrado da pátria convergiam as finalidades da instituição escolar e todas as atividades educativas [...] Assim a pátria, mãe, entronizada no hino nacional – “Terra adorada! Entre outras mil, és tu Brasil, ó Pátria Amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada Brasil!” - encontrava na escola primária o amparo seguro e incontestável de suas virtudes. O sentimento nacional nutria-se na veneração aos símbolos nacionais e aos heróis, exemplos de coragem, probidade e abnegação como José Bonifácio – O Patriarca da Independência; Duque de Caxias, o patrono do exército brasileiro; Tiradentes o mártir da Inconfidência; Zumbi dos Palmares, o rei do Quilombo, Princesa Isabel, a redentora.³⁷⁴

As festas cívicas encontraram um campo fértil nas escolas, principalmente nas primárias, pois a busca por uma identidade nacional, trazia consigo o culto aos chamados heróis e, baseado em suas virtudes, as crianças seriam educadas. Ou seja, o ideal do homem íntegro, de boa índole, ficaria perpetuado através dessas ações, despertando, assim, a “idéia de um sentimento patriótico, nacionalista e convergente, que justificaria o trabalho em prol da pátria e até mesmo sacrifício supremo por ela.”³⁷⁵

3.4.1 – “Marcha soldado, cabeça de papel”³⁷⁶...: As celebrações cívicas na Escola da Imaculada Conceição

As celebrações cívicas em São Cristóvão ocorrem há muito tempo. As mais concorridas eram as de 07 de Setembro e 24 de Outubro, através das quais

bandos representando as antigas escolas, cujos alunos vestiam chambres com um grande quarta-passo de forte papelão a tira-collo, trazendo nas mãos um mesmo pedaço do mesmo papelão[...]onde se achava escripto em letras maiúsculas A.B.C.³⁷⁷

³⁷⁴ SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria**: História da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009.p. 109

³⁷⁵ FONSECA, Thaís Nívia de Lima. Os Heróis Nacionais para crianças: Ensino de História e Memória Nacional. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. (orgs.) **A Escrita da História Escolar**: Memória e Historiografia.Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p.118.

³⁷⁶ Cancioneiro Popular (Domínio Público)

³⁷⁷ SANTIAGO, Serafim. **Anuário Cristovense ou Cidade de São Christóvão [manuscrito]**. São Cristóvão:Editora UFS,2009. p.270

A animação das festas da Independência se misturavam com o culto à Nossa Senhora das Vitórias, a quem a cidade era consagrada e cuja data era muito comemorada pelos moradores, assim: “no dia 31 de agosto tinha começo as novenas de N. S. da Victoria, nossa padroeira, até dia 8 de setembro, quando se celebrava a grande festa”.³⁷⁸



Figura 18: Desfile Cívico da Escola da Imaculada Conceição. s/d. Autoria não identificada. Fonte: Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Estando a festa tão presente na sociedade são-cristovense, o orfanato não estaria alheio, a tantas comemorações, por isso embora a instituição se caracterizasse como instituição religiosa, as homenagens às figuras históricas era algo presente em seu cotidiano. Exaltar, enobrecer, enfim, divulgar às suas alunas os atos de bravuras desses vultos históricos fazia parte da dinâmica da instituição.

Para cada data havia uma cerimônia a ser planejada e um ritual a ser seguido. Por isso, não apenas as datas ligadas aos grandes heróis eram lembradas, mas também as relacionadas às comemorações esporádicas, como por exemplo, os centenários da Princesa Isabel, do escritor Tobias Barreto e a Promulgação da Constituição Brasileira de 1946. Desse modo, encontramos nos registros do Livro de Ponto Diário da Escola da Imaculada Conceição as seguintes anotações quanto a essas festividades, no mês de setembro de 1946: “O dia 29 foi feriado em homenagem ao centenário da Princesa Isabel, filha de D. Pedro II e d. Tereza

³⁷⁸SANTIAGO, Serafim. **Anuário Cristovense ou Cidade de São Christóvão [manuscrito]**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009. p.268

Cristina,”³⁷⁹ ou ainda: “No dia 18 foi promulgada a nova constituição brasileira.”³⁸⁰ As festas cívicas mais comemoradas no Orfanato de São Cristóvão foram:

Quadro VI – Festas Cívicas comemoradas no Orfanato de São Cristóvão

Festividade	Data	Programação
Dia do Soldado	25 de agosto	Preleção e vacinação de todas as alunas
Dia do Marinheiro	25 de agosto	Preleção e execução dos Hinos à Bandeira e Nacional
Independência do Brasil	07 de setembro	Desfile Cívico
Dia da Árvore	21 de setembro	Preleção e Recital de Poesias
Dia do Aviador	23 de outubro	Preleção e Execução do Hino Nacional

Fonte: Livro de Ponto Diário Escola da Imaculada Conceição (1940-1948). Arquivo da Escola do Lar da Imaculada Conceição.

A partir dos anos de 1960, outras festas cívicas foram incorporadas ao calendário da instituição como: Revolução do Dia 31 de março de 1964,³⁸¹ Dia das Mães e dos Pais, Dia de Tiradentes, Dia do Trabalho, Dia da Proclamação da República e Dia da Bandeira. Embora nos relatórios analisados não façam menção às comemorações ao Dia da Criança, encontramos registros que informam a realização de passeio anual ao “Sítio Bom Presente,” doado aos cuidados das Religiosas Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, pelo Sr. Lourival Baptista, em 1956:

Foi inaugurada a casa do Sítio Bom Presente, iniciando com a benção da mesma, presidida pelo Revm^o Frei André, estando presentes algumas Irmãs do Carmo e o Snr. Dr. Lourival Batista doador da propriedade, após a benção foi oferecida um lanche aos assistentes.³⁸²

Enquanto algumas datas contavam com a explicação da professora que geralmente ocorria na própria sala de aula, outras, porém, apresentavam maior visibilidade, pois não envolviam apenas o universo escolar, mas a comunidade como um todo, além de representar, para as internas, a oportunidade de demonstrar as habilidades adquiridas durante as aulas.

³⁷⁹ SERGIPE. Livro de Ponto e Frequência Diária da Escola da Imaculada Conceição. São Cristóvão: s.n.t. setembro de 1946 p.16. Arquivo: Escola do Lar da Imaculada Conceição.

³⁸⁰ SERGIPE. Livro de Ponto e Frequência Diária da Escola da Imaculada Conceição. São Cristóvão: s.n.t. setembro de 1946 p.20. Arquivo: Escola do Lar da Imaculada Conceição.

³⁸¹ Há datas históricas no calendário das efemérides nacionais que não se adaptam a comemorações, mas que servem, antes de tudo, para refletirmos acerca de seu significado e repercussão na história do país. Uma dessas datas é o 31 de março de 1964, alusiva ao golpe civil-militar que destituiu o presidente João Goulart e instaurou a ditadura no Brasil, que durou 21 anos (1964-1985). Maiores informações ver: ORIÁ, Ricardo. 31 de março de 1964: golpe de 1964. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **Dicionário de Datas da História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p.73.

³⁸² Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 122. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

Em 25 de agosto de 1942, “dia consagrado à memória do Duque de Caxias, foi feriado, houve preleção e foram vacinadas e revacinadas todas as alunas.”³⁸³

Observamos que as festividades em memória ao Duque de Caxias foram marcadas pelo ato de “vacinar e revacinar todas as alunas;” isso nos chama a atenção para a preocupação existente com as práticas “higienistas” que objetivavam evitar doenças, bem como criar hábitos saudáveis para a sociedade.”³⁸⁴ Assim, nada melhor do que a participação da escola nesse processo que visava, dentre outras coisas, moldar a sociedade, através das crianças, principalmente das meninas, cujo futuro papel de mães seria fundamental no modelo educacional vigente, evitando vícios e alimentando uma vida com hábitos saudáveis.

Logo, percebemos que “a educação feminina tornava-se um ponto chave para a medicina, pois através dela pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país.”³⁸⁵ Com base nesses preceitos as meninas do Orfanato de São Cristóvão eram educadas e as festas cívicas se tornavam uma boa oportunidade para o aprendizado das mesmas.

Em 25 de agosto de 1948, o orfanato parou novamente para festejar as figuras de Duque de Caxias e Almirante Barroso. A comemoração contou com a preleção feita pela professora Maria Paiva Monteiro que, entre outras coisas, exaltou os feitos e a bravura de ambos. Após esse momento houve a execução do Hino à Bandeira e do Hino Nacional. Tudo isso pode ser observado na descrição feita pela professora, na Ata de comemoração do Dia do Soldado e do Marinheiro, datada de 25 de agosto de 1948:

Aos vinte e cinco dias do mês de agosto de mil novecentos e quarenta e oito, no salão onde funcionam as aulas do 2º, 3º e 4º anos da Escola do Orfanato Imaculada Conceição desta cidade, teve lugar a solenidade Cívica em Homenagem ao Duque de Caxias e ao Almirante Barroso. Cantado o hino à Bandeira, expliquei às alunas o que foi para a Pátria Brasileira o valor de Caxias, pacificador por excelência, lembrando os seus feitos, pelo que é considerado Patrono do Exército Brasileiro. Digno de igual admiração, historiei a bravura do Almirante Barroso, do mesmo modo consagrado Patrono da nossa Marinha. Encerrando a solenidade, erguemos vivas à memória dos dois grandes vultos patrícios e, para terminar, foi cantado o Hino Nacional.³⁸⁶

³⁸³ SERGIPE. Livro de Ponto e Frequência Diária da Escola da Imaculada Conceição. São Cristóvão: s.n.t, 1946. p. 20. Arquivo: Escola do Lar da Imaculada Conceição.

³⁸⁴ AZEVEDO, Crislane Barbosa. Higienismo e Educação: Práticas Higienistas nas Escolas Primárias Graduadas de Aracaju no início do século XX. **Anais da VII Semana de história**. São Cristóvão, 2004, p.29

³⁸⁵ MATOS apud Almeida, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p.41

³⁸⁶ MONTEIRO, Maria Paiva. Ata Comemorativa ao dia do Soldado e do Marinheiro. São Cristóvão: s.n.t, 25 de agosto de 1948.

Os festejos relacionados ao dia 07 de Setembro tinham seu auge no desfile cívico pelas ruas da cidade. Esse era um dia especial, pois era uma das poucas ocasiões em que as internas saíam da instituição. O desfile acontecia em conjunto com as outras escolas, o que proporcionava às meninas ter acesso, mesmo que de modo restrito, a outras pessoas:

Em setembro, no dia 7, data em que se comemora a Independência do Brasil, as orfãs foram saudar a Bandeira da Pátria, o Auri-verde Pavilhão Brasileiro, hasteado no prédio da Intendência, e ao regressar, foram acompanhadas pela Banda de Música da Cidade, até aqui ao nosso orfanato.³⁸⁷

As comemorações do Dia da Árvore eram marcadas por apresentações de poesias e palestras sobre a importância da natureza e a relação entre a criação e o Criador. O mesmo era visto nas comemorações do dia do Aviador, no qual a inteligência do “pai da aviação” era exaltada e apresentada como um modelo a ser seguido.

As festividades escolares que aconteceram no Orfanato de São Cristóvão contribuíram, no tocante ao civismo, para a difusão dos ideais republicanos e tudo o que fazia parte dele, como os “valores cívicos e patrióticos.”³⁸⁸ As freiras apresentavam todo um cuidado com relação à participação do orfanato nos desfiles cívicos, por isso o fardamento era inspecionado; nada poderia estar em desacordo. Afinal as meninas do Orfanato eram reconhecidas pela organização e disciplina. Além disso, o ideal cívico era trabalhado em todo o ano, reforçando, assim, o patriotismo nas internas:

Todo o tempo tinha o hino para cantar. Um dia na semana tocava-se o hino e hasteava a bandeira, porque dentro do orfanato tinha o lugar para hastear a bandeira. Tinha o Hino da Independência, tinha o Hino da Bandeira e o da Proclamação da República.³⁸⁹

As festas cívicas serviam para criar, além de exemplos de boa conduta, mulheres disciplinadas, capazes de conduzir, de forma organizada, o lar, o marido e a educação dos filhos. Daí, a necessidade de ensinar as meninas, através de vultos históricos, características como diligência, honestidade e ordem, conceitos facilmente assimilados através dos discursos utilizados pela escola. Exemplo disso, era a forma como se falava das personagens históricas, enfatizando esta ou aquela característica. A partir da apreensão desses valores, a interna poderia, enfim, cumprir sua tarefa, que consistia em dar ao país novos cidadãos, pessoas

³⁸⁷ Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 57. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

³⁸⁸ SOUZA, Rosa Fátima de. Itinerário de Pesquisa sobre Cultura Escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius. **Ideário e Imagem da Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados. Araraquara: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. p.10

³⁸⁹ SANTOS, Vanda dos. Entrevista concedida à autora em 06 de setembro de 2009.

orientadas com uma boa base moral, permanecendo, desse modo, afastadas de todo e qualquer distúrbio ou perturbação.

3.4.2 – “Orai por nós”: celebrando a religiosidade.

Mesmo a cidade apresentando uma forte característica festiva, nada era mais marcante que as festas religiosas. Praticamente todos os meses do ano algum santo ou santa era referenciado. Seguindo a dinâmica da cidade, o orfanato também se manifestava.

As festividades religiosas eram realizadas nos chamados dias santificados. É possível encontrar, nos registros dos Livros de Ponto Diário da referida instituição, a suspensão das aulas devido às comemorações de cunho religioso, como aconteceu em 15 de agosto de 1944, dia dedicado a Assunção de Nossa Senhora. Outro momento que nos chamou a atenção foi a suspensão das aulas, no dia 01 de novembro do mesmo ano. Neste dia a Igreja comemorou a festa de “Todos os Santos”.³⁹⁰ As festividades religiosas comemoradas no Orfanato de São Cristóvão eram:

Quadro VII – Festas Religiosas comemoradas no Orfanato de São Cristóvão

Festa Religiosa	Data	Programação
Ascensão de Cristo	06 de maio	Missa
Corpus Christi	Data móvel	Missa e procissão
Morte e Ressurreição de Cristo	Data móvel	Cortejo, celebrações, ladainhas
Coroação de Nossa Senhora	Último domingo de maio	Missa
Festa de São João Batista	24 de junho	Missa e festejos
Assunção de Nossa Senhora	15 de agosto	Missa, ofícios e ladainhas
Todos os Santos	01 de novembro	Missa e ladainhas
Nossa Senhora da Conceição	08 de dezembro	Missa e procissão
Natal	25 de dezembro	Missa, autos e festejos

Fonte: Livro de Ponto Diário do Lar da Imaculada Conceição (1940 – 1948). Arquivo da Escola do Lar da Imaculada Conceição.

As comemorações religiosas eram muitas, pois seguiam o calendário litúrgico da Igreja Católica, por isso não podemos atribuir um grau de importância para esta ou aquela festividade. Porém, algumas recebiam maior atenção, como por exemplo, as relacionadas à figura de Nossa Senhora. Essa predileção se justifica pelo fato da congregação responsável pela instituição ser consagrada à figura da mãe de Jesus.

³⁹⁰ SERGIPE, Livro de Ponto Diário da Escola Imaculada Conceição. São Cristóvão: s.n.t., 1944.p. 31. Arquivo: Escola do Lar da Imaculada Conceição.

Por esse motivo, dias como a “Assunção,” 15 de agosto, ou “Imaculada Conceição,” 08 de dezembro, eram esperados por todos que faziam parte do orfanato. A programação era composta de missas, orações diárias, recitação das ladainhas e cânticos. Às internas cabiam, além da participação, apresentar o uniforme de maneira impecável. Desse modo, a saia azul marinho plissada e a jardineira abaixo do joelho, identificavam as alunas de uma das mais respeitadas instituições de ensino da cidade.

O fardamento tinha sua função pautada não só na distinção, mas auxiliava na disciplina, pois o uniforme igualava a todas. A farda devia estar sempre impecável: limpa, bem engomada e sem amassados. O mesmo valeria para as meias e os sapatos.

Das festividades religiosas, uma tornou-se o ponto alto, não por ser mais importante que as outras, mas porque, de alguma forma, mexia com o imaginário das internas: a chamada “Coroação de Nossa Senhora,” que geralmente acontecia no último domingo de maio, pois todas as alunas sonhavam em ser anjos ou as responsáveis pela coroação. Essa solenidade contava com a presença das freiras que dirigiam o orfanato, das professoras, das alunas e da comunidade em geral.

Os festejos que se costumavam effectuar em São Christovão em Maio – Mez Mariano- Nenhum outro nome encerra ou encobre uma sagração tão solemne, tão real como seja o chamar-se a este mez- das flores[...]. No dia primeiro começam as solemnidades do Mez Mariano na antiga Matriz da velha cidade. Era crescido o numero de Senhoritas e jovens cantores, que alegremente tomava parte activa nas referidas solemnidades. As Senhoritas mais pobres empregavam-se em auxiliar ás floritas ali residentes, preparando grinaldas de flores de laranjeiras (artificiaes) com que circundavam as frentes, [...] preparavam da mesma forma seus lindos vestidos de cambraia de linho ou cassa transparente, enquanto as mais ricas mandavam vir das lojas estes ornatos de fino setim já confeccionados³⁹¹

A celebração da Coroação de Nossa Senhora ou Mês das Flores, movimentava e muito a cidade, inclusive dando a oportunidade às internas, de saírem do espaço em que viviam, uma vez que as saídas eram raras e nestes dias santos, afinal “o mês de maio era o mês de oferta flores a Maria,”³⁹² a cidade estava em festa; assim elas poderiam contemplar melhor os enfeites, as roupas, o casario, enfim, tudo se transformava em novidade.

Dentre as internas, algumas eram escolhidas para participarem da cerimônia como “anjos”, apenas duas elevavam a coroa à cabeça da imagem e as outras eram encarregadas de ofertarem rosas para Nossa Senhora. Essa comemoração acontecia na Igreja Matriz de São Cristóvão: “sempre quem coroa Nossa Senhora eram as duas meninas do orfanato. Todas

³⁹¹ SANTIAGO, Serafim. **Anuário Cristovense ou Cidade de São Christóvão [manuscrito]**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009. p.232

³⁹² SANTOS, Maria Efigênia dos Vales. Entrevista concedida à autora em 03 de agosto de 2006.

levavam flores! E em todo mês de maio se escolhia o dia do orfanato, e as meninas coroavam.”³⁹³ Nessa ocasião, todas as alunas cantavam o hino de entrada, cuja estrofe, dizia assim: “Virgem Mãe, Mãe de Deus, toda cheia de graça e de luz! Pois és Tu que nos leva a Jesus!”³⁹⁴

Em outro relato, encontramos:

Inclusive eu já fui anjo. Já coroei, uma vez, Nossa Senhora, que até teve umas colegas que disse que só botaram a mim porque eu era branca. E na hora que fui botar a coroa eu não tava vendo o buraquinho e fui com o dedo para puder coroar Nossa Senhora. Porque tem um furuzinho para puder encaixar a coroa.³⁹⁵

Outra festividade marcada pela participação das internas do Orfanato de São Cristóvão era a “Procissão do Senhor Morto” que acontecia às 15 h, na Sexta-Feira da Paixão. Todas as meninas participavam do cortejo que acontecia pelas principais ruas da cidade. A referida procissão foi assim descrita:

Às três da tarde da Sexta-Feira Santa tinha, assim, uma procissão do Senhor Morto. Na época o padre daqui era o Frei André e aí ele fazia aquela procissão e tirava a imagem da cruz e parecia que ele estava morto. Quando tirava os cravos das mãos, descia como se fosse o braço de uma pessoa. E era assim, aquela procissão, com tanto respeito e ninguém dava uma palavra.³⁹⁶

Compreendemos como as meninas eram educadas; o silêncio era um companheiro permanente. Durante a Semana Santa o ambiente do orfanato deveria permanecer em silêncio. Para algumas alunas esse era um bom momento, pois possibilitava o descanso das atividades diárias.

Apesar das festividades de cunho mais solene o orfanato também contava com celebrações mais animadas, como as em homenagem a São João que, embora fossem de cunho religioso, eram marcadas pelo lúdico, o que muito alegrava às internas. “Neste dia tinha quadrilha, pipoca e drama no teatrinho do orfanato”³⁹⁷.

São João era maravilhoso. Tinha uma festa junina; a gente tomava café mais cedo, umas 17h, na véspera de São João. Tomava café normal, para dar tempo lavar tudo e depois tinha a canjica. Hoje eu acho que eu, e muita menina do orfanato, só come canjica fria porque colocava nos pratos e 20h era a festa, aí a gente brincava de tirar a canjica e colocar na mão, porque ficava dura. E sabe quem da tudo do orfanato? Dona Cezartina³⁹⁸ e a Família

³⁹³ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

³⁹⁴ SANTOS, Lourdes Tavares. Entrevista concedida à autora em 24 de abril de 2004.

³⁹⁵ GOÉS, Maria Madalena Carvalho. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³⁹⁶ GOÉS, Maria Madalena Carvalho. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

³⁹⁷ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2009.

³⁹⁸ Cezartina Régis de Amorim (1890-1980). Professora e Farmacêutica, sua presença como sócia fundadora em diversas associações científicas, profissionais, culturais e esportivas foi muito relevante. Foi uma das primeiras

Régis. Fogos, nunca deixamos de ter; a fogueira ardia de 23 de junho até acabar São Pedro. Aquele mastro ardia o tempo todo, dentro do orfanato. Tinha quadrilha [...] com aquelas roupas maravilhosas. Eu mesmo saí de homem, de bigode.³⁹⁹

As festas juninas do orfanato eram marcadas pela alegria que contagiava a cidade pois, cada morador já sabia muito bem o que fazer para “agradar os santos de junho”. Primeiro as trezenas para Santo Antônio, Nas quais as moças iam pedir casamento, depois comemorações para o primo de Jesus, São João Batista, e, por último, seu fiel discípulo, São Pedro: “erguia-se na porta da casa de sua residência o alto mastro. O mez de junho é o mez das fogueiras e dos mastros[...]Celebra-se nelle, Santo Antônio à 13; São João Baptista, à 24; São Pedro à 29; as fogueiras são levantadas na vespera. O alegre mez commemorava em festa”⁴⁰⁰.

Quanto ao Natal era um momento muito esperado. As meninas iam à celebração da missa que era realizada na Igreja da Imaculada Conceição (anexo ao prédio do orfanato), na qual participavam do coral. Ao final todas se dirigiam para a instituição e à meia-noite as freiras presenteavam todas as internas, cada uma recebia uma bolsinha com “pasta de dente, sabonete, óleo de lavanda e um santinho, meia-noite todas as alunas desciam cantando hinos religiosos.”⁴⁰¹

Foi celebrada a S. Missa em nossa capela as 6 horas da manhã pelo nosso Vigário Frei Domingos. Após a santa missa, qual não foi a surpresa para as nossas órfãs, na mesa continha em cada lugar doces, brinquedos, bolas e bonecas, a radiola acompanhava festivamente os hinos apropriados de Natal e as meninas com os olhos brilhantes de alegria, renderam graças ao Divino Infante⁴⁰²

Além das festividades citadas, as freiras ainda organizavam outros eventos como uma feirinha de artesanato que além de apresentar à comunidade o aprendizado das internas, no tocante aos trabalhos manuais ainda servia para arrecadar verbas para a manutenção da instituição, uma vez que os recursos eram poucos.

Algumas comemorações também merecem ser citadas. Embora não fizessem parte do corpo de festejos permanente da Instituição, mas são encontradas como forma de registro nos

mulheres a ser nomeada para a Escola de Aprendizes e Artífices e também no Instituto Profissional” Coelho e Campos” na década de 1920. In: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, 2003. (Tese de Doutorado) p.05

³⁹⁹ SÃO PEDRO, Maria Aparecida de. Entrevista concedida a autora em 14 de junho de 2007.

⁴⁰⁰ SANTIAGO, Serafim. **Anuário Cristovense ou Cidade de São Christóvão [manuscrito]**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009. P.240-244

⁴⁰¹ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida a autora em 26 de setembro de 2006.

⁴⁰² Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958) p. 131. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

livros da escola, são elas: Dia de São Francisco (04 de outubro), aniversário das freiras, aniversário de profissão das irmãs, Dia de Finados (02 de novembro).

As festividades religiosas tinham como objetivo a difusão do ideal católico. Para muitos era impossível educar meninas sem contar com o apoio do braço forte da Igreja. Embora a República não priorizasse o catolicismo como religião oficial do Estado, ele continuava a ser a referência quanto à educação moral. Dessa maneira, as meninas eram educadas a partir dos preceitos católicos que consideravam, dentre outras coisas, boa conduta e perfeição moral.

Portanto, rezar, repetir ladainhas, participar das missas e confissões, tudo isso fazia parte da construção do que se desejava para as mulheres, ou seja, esposa extremosa e mãe piedosa: qualidades bem ressaltadas na educação dessas meninas. Enfim, essas comemorações faziam parte do “fazer escolar” como muito bem nos lembra Viñao Frago, e através delas as alunas do Orfanato de São Cristóvão adquiriram não só os valores cívicos ou religiosos mais a vivência de momentos especiais, como recitar poesias, cantar, fazer a leitura em voz alta, dramatizar, mostrar à comunidade tudo o que foi aprendido na sala de aula.

3.5 – “Começaria tudo outra vez⁴⁰³” ...: a vida longe do Orfanato.

Enfim, chegou o dia. A vida no orfanato tinha seu tempo de duração, embora o estatuto da instituição deixasse claro, em seu capítulo 5º, artigo 19º, que: “a menina que chegada à idade limite não tiver quem a ampare, poderá continuar no orfanato, até que lhe seja possível meio de subsistência honesto”⁴⁰⁴ Mesmo que o abrigo pudesse ser estendido até os 18 anos, muitas meninas saíam bem antes do previsto.

Várias poderiam ser as razões. Analisando os livros de matrícula, encontramos os mais diversos motivos que vão desde a má conduta, falta de aproveitamento, desobediência ao regulamento da casa, por motivo de trabalho, dentre outras coisas.

No destratar, palavreado feio. Palavrões a gente não usava. Se não quisesse atender às freiras. Tudo isso era má conduta. Não ficava não! Convidavam, chamavam a família, explicava o motivo e tirava. É aquela história uma “laranja podre” não ficava lá junto para não estragar as outras. Se você não fosse sadia, também não ficava. Tinha o exame de fezes que você fazia

⁴⁰³ Trecho extraído da Canção “Começaria tudo outra vez.” GONZAGUINHA. Meus Momentos. Direção Artística: João Augusto. São Paulo: EMI/ODEON, 1983. Cd (45’34”).

⁴⁰⁴ - Estatuto do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade de São Cristóvão(1957) p.10. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

sempre; cada época a gente fazia e tomava muito aquele óleo, óleo de rícino.⁴⁰⁵

A expulsão no orfanato era uma prática característica desde sua fundação, pois em 07 de junho de 1912, a diretoria da casa informa, em reunião do conselho diretivo, da impossibilidade de continuar abrigando interna de nome Ritta:

Vendo a directoria, que a orphã Ritta, apezar dos esforços e a da paciência de mais de 10 mezes e não obstante, as exorthações sem numero, não quer sujeitar-se à obediência e que além disso pelas más conversas, que a dita orphã tem o costume de fazer. Ella constitue um perigo serio para a moralidade das mais orphãs, julgam necessária a expulsão de Ritta.⁴⁰⁶

De acordo com os livros de matrícula analisados no período de 1911 a 1967, algumas alunas foram afastadas do Orfanato pelos mais variados motivos:

Quadro VIII– Relação das saídas e expulsões do Orfanato de São Cristóvão

Nome	Ano	Motivo
Julietta Rodrigues	1937	Má conducta
Iracema Pinto	1937	Conducta incorrigível
Diva Bezerra do Carmo	1941	Desobediência ao regulamento da casa
Maria dos Santos	1940	Por ser mui tola ⁴⁰⁷
Alzira de Oliveira	1942	Falta de aproveitamento
Genete Jorge	1953	Trabalho
Marieta de Santana	1953	Trabalho
Inês Cavalcante	1954	Mau comportamento
Maria Lenita Ramos	1955	Mau comportamento
Odisséia Braga	1956	Ter completado a idade
Isaura Ribeiro Matos	1965	Por completar os estudos
Maria Reis Vasconcelos	1965	Medida disciplinar
Ana Cristina Simões	1965	Não retornou das férias

Fonte: Livros de Matrícula do período de 1911 a 1967. Arquivo: Escola do Lar da Imaculada Conceição.

⁴⁰⁵ GOÉS, Maria Madalena Carvalho. Entrevista concedida a autora em 12 de maio de 2006.

⁴⁰⁶ Livro de Atas do Orfanato de São Cristóvão (1911-1935). 07 de julho de 1912, p. 15. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição.

⁴⁰⁷ Utilizaremos como hipótese a classificação de Henry Goddard (1866-1957). Goddard começou a testar as crianças por meio de tarefas de laboratório semelhantes às que estavam sendo usadas por Casttel. Ao buscar novos métodos, Goddard descobriu o trabalho de Binet durante uma visita a instituições européias para débeis mentais em 1908. Num encontro promovido em 1910, propôs um aprimoramento do sistema de classificação existente, baseado no conceito de Binet de nível mental, que àquela altura está sendo chamado de idade mental. Os idiotas seriam a partir daí definidos como os que se classificassem como possuidores de idade mental de 1 ou 2 anos, e os imbecis seriam os de idade mental entre 3 e 7. Quanto a terceira categoria- os “fracos” de Binet – Goddard argumentou que era importante situar essas crianças numa categoria claramente identificada, a “ fim de fazer o público entender que existe um, grupo especial de crianças que necessitam de ajuda especial.” E propôs que se usasse o termo “ moron” derivado da palavra grega “moronia”, que significa tolo. Esses seriam os de idade mental entre 8 e 12 anos. GOODWIN, C. James. **História da Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 2005.p.263-264.

Da relação acima constatamos que uma parte considerável das internas será desligada do orfanato devido ao mau comportamento, algo não admitido em instituições ligadas ao cuidado de menores, muito menos em instituições confessionais, onde a disciplina não é apenas uma característica, mas uma obrigação. Portanto, o mau comportamento rompia o que a disciplina prezava “instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades [...] para conhecer, dominar e utilizar.”⁴⁰⁸

Faz-se necessário lembrar que o ato de não voltar das férias sem a devida comunicação às religiosas, implicava no desligamento da instituição. Além das questões ligadas à conduta, muitas internas deixaram o orfanato, por motivos como: as necessidades advindas de problemas familiares, cuidado dos irmãos menores ou até mesmo continuação dos estudos. Muitas alunas da Escola da Imaculada Conceição eram encaminhadas para outras escolas da mesma congregação, como, por exemplo, o Colégio da Imaculada Conceição, em Capela, que oferecia, além do curso primário o curso ginásial e o curso normal; este último equiparado ao fornecido pela Escola Normal Rui Barbosa em Aracaju. A obtenção do título ocorreu em 1935, sendo consolidada em 1936.⁴⁰⁹

Além do Colégio da Imaculada Conceição de Capela, as meninas poderiam ainda ser enviadas para o Colégio Santa Bernadete, em Salvador, na Bahia, para aperfeiçoarem seus estudos. Apesar das possibilidades, muitas internas terminaram por não dar continuidade aos estudos.

Mamãe era muito pobre, pobre como Jó! Mamãe era pobre como Jó. Eu dizia: Meu Deus! Por que eu não estudei, mas como? Tirei o primário no orfanato. Não pude estudar e fui criar meus quatro irmãos. Foi muito pesado, a responsabilidade foi muito grande. Saí e fui trabalhar para criar meus irmãos, na fábrica de tecidos de Pedro Amado. Gostei muito do orfanato; só saí de lá porque fui criar meus irmãos. Se não eu teria ido para Capela, estudar, que era assim que o orfanato queria, que eu fosse estudar. Elas tiravam daqui e mandavam para Capela, estudar; mandavam para Salvador, estudar. A pobreza não deixou, eu tinha que ajudar mamãe. Mamãe sofreu muito. A gente que não tem pai é a pior coisa, sofre muito. Aí é que você vê as barreiras. Saí por necessidade, tive que ajudar minha mãe, minha mãe sozinha, sofrendo. Pronto ; trabalhei e criei meus irmãos⁴¹⁰

⁴⁰⁸ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.p.138.

⁴⁰⁹ Maiores informações sobre o Colégio da Imaculada Conceição de Capela ver: SANTOS, Sandra Maria. **A Trajetória Educacional em Capela: a experiência das Missionárias da Imaculada Conceição (1929-1954)**. São Cristóvão: Departamento de História/ UFS, 2002 (Monografia). p. 35 -37.

⁴¹⁰ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 26 de setembro de 2006.

O compromisso firmado com a criação dos irmãos mais novos e os cuidados com um dos genitores vinham em primeiro lugar quando era preciso decidir, entre estudo e trabalho. Muitas, apesar dos esforços das religiosas e da vontade em continuar os estudos, se viram diante da dura realidade: trabalhar para a subsistência da família.

Outras, no entanto, contaram com a estabilização financeira da família, o que lhes proporcionou saída para dias melhores.

Tinha pessoas, colegas minhas que também tinham uma situação de vida razoável, mas você há de convir que todo mundo tem uma fase ruim; foi a época em que a minha mãe passou. Depois, eu com 13 anos, eu fui estudar em colégio particular, em Aracaju. Minha mãe já estava estruturada e tudo mais, então eu estudei no Colégio Jackson de Figueiredo; na época era um super colégio.⁴¹¹

Ou, então, por uma falta de adaptação às normas impostas pela instituição:

Eu saí porque eu quis e não estudei mais. Eu não gostava de estar muito presa. Porque ali era presa demais. Eu não queria mais ficar lá. Com 14 anos, aí eu disse a minha avó que não queria mais voltar. Eu estava concluindo a 4ª série.⁴¹²

Algumas afirmam que voltariam, apesar do regime da instituição, porém ressaltam que a decisão incluiria a presença de algumas pessoas que foram fundamentais para em suas histórias.

Com Irmã Nazária, com Irmã Suzana, Irmã Pancrácia e com Dinha eu voltaria. Se elas não estivessem lá eu não voltaria não. Eu não sei se tem que ter sempre alguém má para educar, mas na minha concepção era exagero, até hoje eu acho um exagero.⁴¹³

E justamente quando a porta do Orfanato se abria pela derradeira vez, muitas lembranças vieram à tona: os conselhos, a vivência, a saudade e o que ficou. Ou seja, ficou um pouco do orfanato em cada menina que por ali passou.

Tudo de bom ficou. Eu agradeço muito ao orfanato. Sei onde é o meu lugar, sei o que vou dizer; a pior coisa é não enfrentar o outro com palavras. Se eu precisasse internar meus filhos no orfanato eu internaria, mas graças a Deus eu não precisei. Uma coisa que elas ensinavam foi não roubar; isso eu gravei. Outra coisa que me ensinaram muito: não humilhar ninguém. Eu tenho muito cuidado para não ofender. Isso eu gravei, não humilhar, não roubar e não ficar anarquizando o outro.⁴¹⁴

Ou:

⁴¹¹ GOÉS, Maria Madalena Carvalho. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

⁴¹² NASCIMENTO, Eliene Ferreira. Entrevista concedida à autora em 03 de novembro de 2006.

⁴¹³ SÃO PEDRO, Maria Aparecida de. Entrevista concedida a autora em 14 de junho de 2007.

⁴¹⁴ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 26 de setembro de 2006.

Na época de hoje, se fosse para mim voltar eu não voltaria. Mas me sinto assim orgulhosa pela disciplina, pelo estudo, por tudo, pela criação que foi sadia. Eu não sinto esta vergonha. Eu agradeço o tempo que passei lá.⁴¹⁵

Os agradecimentos pelo tempo vivido são encontrados em todas as falas. Para elas a vida seria muito difícil sem a presença do orfanato em suas trajetórias:

Eu agradeço muito a Deus, porque eu não fumo, não bebo, não danço, porque lá fui criada assim, trancada, assim sem sair de casa. Tinha baile, tinha cinema a gente não ia mesmo. Hoje eu não gosto de andar à toa. Apesar do pouco tempo que eu passei lá. Se eu pudesse, eu voltaria de novo, eu gostei muito de lá. E castigo a gente precisa para ser alguém.⁴¹⁶

Ou ainda:

Ficou tudo de bom, foi ótimo; teve algumas coisas, mas foi bom! Eu não vou dizer... foi bom! É porque a gente quando é nova não vê, mas agora eu vejo que foi bom. Antes, quando a gente é nova, nada é bom. Mas depois que o tempo vai passando a gente vai vendo as coisas.⁴¹⁷

É importante ressaltar, que apesar da saída do orfanato, muito se levou na bagagem. Não apenas as poucas roupas, mas a forma como foram incorporadas as experiências vividas naquele ambiente.

Até hoje eu sou chata! E eu sempre digo: eu sei o que eu aprendi no orfanato. Muita limpeza, cuidado com tudo, não se pode deixar nada de fora do lugar, cada um na sua cama, seu camisã, cada um no seu lugar, debaixo do travesseiro, sua roupinha no seu cabidezinho pendurado. Eu me torno chata para os meus filhos, porque eu digo: é para chegar tal hora em casa. Eu me torno chata. Era horário para tudo, ninguém comia fora de hora, todo mundo tinha horário, todo mundo sabia seu lugar. Aqui ninguém come diferente, se não gostar come puro.⁴¹⁸

O relato acima nos dá conta de como as ex-internas do Orfanato de São Cristóvão se apropriaram do vivenciado naquele espaço. Mesmo anos após a saída definitiva da instituição educativa, elas conservam semelhantes costumes, gostos e formas de organização. Continuam rezando muito, primando pela organização da casa, delimitando espaços e horários na criação dos filhos, conservando e transmitindo os mesmos conselhos: “hoje eu ainda carrego muita coisa de lá: horários, comportamentos, tratamento às pessoas, porque eu aprendi e convivi com isso no orfanato”⁴¹⁹. Conversando com essas mulheres nos é possível perceber como foi viver naquele lugar. Mesmo os castigos, a rigidez, as travessuras, nada conseguiu apagar as lembranças e as experiências daquele tempo. Na correria do pátio, em hora de recreio; no

⁴¹⁵ GOÉS, Maria Madalena Carvalho. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

⁴¹⁶ CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

⁴¹⁷ NASCIMENTO, Eliene Ferreira. Entrevista concedida à autora em 03 de novembro de 2006.

⁴¹⁸ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 26 de setembro de 2006.

⁴¹⁹ GOÉS, Maria Madalena Carvalho. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

despertar depois da primeira oração do dia e nas broncas e beliscões, essas mulheres foram se moldando a que seu tempo exigia e permitia. Porém, conservaram os sonhos e os desejos de não repetirem com os filhos os mesmos caminhos antes trilhados.

Começariam tudo outra vez? Algumas talvez sim, outras não. O importante é perceber que cada menina chegou ao orfanato levando apenas uma pequena mala (quando se tinha) e saíram de lá com outra bagagem, ou seja, muito do que elas levaram foi transformado. Quando não se tem muito aonde ir ou a quem recorrer, o que resta é a mão que acolhe. Muitas vezes a acolhida oferecida não é como nos sonhos. Não haverá uma mãe por perto todos os dias, nem brinquedos maravilhosos no Natal; e aquele príncipe, provavelmente, só existirá nas músicas do Nilton César e nos contos de fadas.

Mas, era só o que restava para aquelas meninas. Levantar cedo, cumprir suas obrigações, rezar, bordar e sonhar.

Talvez por isso que muitas delas afirmem que voltariam, pois “a pobreza é feia”⁴²⁰ e para uma criança ela se torna mais feia ainda. A vida em qualquer instituição é difícil, mas em algumas histórias, a vida se tornaria muito mais difícil, longe delas.

As narrativas de abandono, dificuldades, saudade e solidão com certeza seriam mais marcantes caso essas “meninas” não tivessem chegado até o orfanato. Lá de tudo se tinha um pouco e também se aprendia. As religiosas fizeram o que a época permitira: educaram dentro dos preceitos e com as condições que se tinha. Existiram erros e acertos, entretanto, no final, o saldo nos leva a refletir que uma geração de mulheres, formadas pelo Orfanato de São Cristóvão, carregam consigo as dores e as delícias daquele tempo.

⁴²⁰ SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 26 de setembro de 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a educação feminina, de modo especial em um orfanato, traz à tona muitas descobertas, dentre elas, como as mulheres que viveram nestas instituições traçaram suas vidas e seus caminhos a partir da educação recebida.

Educadas para o lar e o casamento, as mulheres tiveram que passar pelo crivo de opiniões diversas. Desde médicos, advogados e até feministas que se opunham à educação feminina ou acreditavam que elas eram “frágeis” demais para optarem por algo que exigisse muito delas. Afinal, o excesso de trabalho intelectual poderia fatigar os “nervos tão sensíveis”.

Entre o fim do século XIX e o início do século XX, as mulheres conseguiram avanços no tocante à educação, porém, o cuidar de alguém, estaria sempre em primeiro lugar. A elas foram conferidos os títulos de “salvadora da pátria”, “rainha do lar”, “mãe extremosa”, dentre outros.

É imbuído desse pensamento que no início dos anos 10 do século XX, surge o Orfanato de São Cristóvão, com o objetivo de amparar meninas órfãs. Em 1922, chegam à cidade as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, e um ano depois é aberta a Escola da Imaculada Conceição. Nesta escola, as menores acolhidas pelo orfanato seriam educadas. Embora o currículo oferecido, priorizasse as disciplinas formais, o mesmo dava forte ênfase aos trabalhos domésticos; desse modo, os bordados, as prendas domésticas e os cuidados com lar, faziam parte dos ensinamentos. Afinal, caso não chegassem ao casamento, pelo menos teriam garantido um emprego como doméstica. Assim, “entre cadernos, bordados e orações”, as internas foram tecendo suas histórias.

A orientação feminina para a época previa a formação de uma mulher sem muitas possibilidades, principalmente àquelas cujo destino não foi generoso. Ser órfã ou “meio órfã”, não havia diferença, pois a necessidade as fez chegarem até lá.

O Orfanato de São Cristóvão e a Escola da Imaculada Conceição imprimiram em suas práticas formativas, cuidado como o lar e os filhos. Essas práticas acompanharam aquelas meninas além dos muros da instituição.

Para melhor contemplarmos essas práticas, buscamos, nas vozes das moradoras daquela casa, a dinâmica de suas vidas. O regramento, a religiosidade, o cumprimento dos horários, a rigidez, os castigos e os momentos de comemoração. Todas essas experiências foram decisivas, porém, uma produziu marcas difíceis de apagar: as relações de afeto. A

busca por um matrimônio, nem sempre contou com um “final feliz”, pois desejavam a autonomia e o não confinamento do lar.

Em 1950 as revistas femininas já se sobressaíam como conselheiras amorosas. Testes de bom senso, conselhos sobre comportamento para moças de família e como proceder durante um flerte, namoro ou noivado recheavam as páginas dos periódicos. Tudo isso alimentava a idéia do príncipe encantado que uma década depois tomaria corpo, principalmente na chamada “Biblioteca das Moças,” publicada pela Editora Nacional, onde os textos não só incentivavam a chegada do homem perfeito, como também ressaltava as virtudes que deviam conter a mulher; entre elas estavam: o caráter nobre e a moral católica.

Após uma vida de tantos afazeres e obrigações, essas meninas buscavam o mínimo de liberdade que não encontraram fora dali. Porém, apesar das decepções vividas, seguiram em frente trabalhando, erguendo suas casas, criando seus filhos.

Com a pesquisa foi possível perceber que o Orfanato de São Cristóvão e a Escola da Imaculada Conceição, não são apenas construções imóveis na praça principal da cidade, mas estão dentro de cada menina/mulher que por ali passou. Acreditamos que há muito por se descobrir; a instituição, após os anos 60 do século XX, passou por mudanças, aceitou meninos, se transformou em externato. O estudo desenvolvido no Orfanato de São Cristóvão nos apresenta outras possibilidades, tais como: aproximar as práticas vivenciadas na referida instituição com outras práticas desenvolvidas no Brasil em institutos similares, analisar as trajetórias de vida das ex-internas que foram expulsas, uma vez que apenas foram ouvidas as vozes de quem ficou; como se processou a chegada dos meninos à Escola da Imaculada Conceição; quais mudanças foram necessárias para recebê-los, uma vez que a instituição fora pensada para a educação feminina; como as mudanças na legislação que cuidava da assistência à infância pobre e desvalida vão se adequar ou promover transformações nas práticas educativas que ocorriam nesses locais.

Enfim, ficam as sugestões como “flores que lhe dou...”⁴²¹, de continuidade da pesquisa. Contudo, meninas em melhores condições de vida, também apresentem descontentamento com a forma como foram educadas pelos pais. As experiências vividas anteriormente são decisivas para formar, consciente ou inconscientemente, as concepções de pessoa, de educação e sociedade.

⁴²¹ Trecho da Canção “A namorada que sonhei” composição de Osmar Navarro, eternizada na voz de Nilton César. <http://www.niltoncesar.com-> acesso em 27 de janeiro de 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ALMEIDA, Marlaine Lopes. **Leyda Régis**: Reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2009. (Dissertação de Mestrado)

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Rostos de Crianças no Brasil no Brasil. In: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar crianças**: A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009.p.153-202.

AZEVEDO, Crislaine Barbosa. Higienismo e Educação: Práticas Higienistas nas Escolas Primárias Graduas de Aracaju no início do século XX. In: VII Semana de História - A historiografia de Maria Thétis Nunes. **Anais da VII Semana de História**. São Cristóvão: DHI/Universidade Federal de Sergipe, 2004. p. 22-31.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. **Grupos Escolares em Sergipe (1911-1930)**: Cultura Escolar Civilização e Escolarização da Infância. Natal: EDUFNR, 2009.

AZEVEDO, Fernando de. “As origens das instituições escolares”. In: **A cultura brasileira**. Parte III – A transmissão da cultura. 6ª. Ed. Brasília: Editora UNB, 1996.p. 545-601.

BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.

BARRETO. Raylane Andreza D. Navarro. **Os padres de D. José**: O Seminário Sagrado Coração de Jesus. São Cristóvão: Núcleo de Pós- Graduação em Educação/UFS, 2004 (Dissertação de Mestrado)

BISPO, Alessandra Barbosa. **A Educação da Infância Pobre em Sergipe**: a Cidade dos Menores Getúlio Vargas (1942- 1974). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado)

BONIFÁCIO, Nadja Santos; SANTANA, Josineide Siqueira de. Leitura, Escrita, Cantos e Orações: A formação de meninas no Oratório Festivo São João Bosco. In: **Anais II Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão: UFS, 2008. p.1-11.

- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- CARVALHO, Ana Conceição Sobral de; ROCHA, Rosina Fonsêca (org.). **Monumentos Sergipanos:** Bens protegidos por lei e tombados através de decretos do Governo do Estado. Aracaju: Sercore, 2007.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CHORNOBAI, Gisele Quadros Ladeira. “Respirando a Fragância da Piedade Cristã”: Considerações sobre o espaço escolar católico: a Escola Normal de Sant’Ana (1947-1960). In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar.** São Paulo: Editora Cortez, 2005. p. 192-219.
- CONCEIÇÃO, Claudileuza Oliveira da. **A Escola de Química de Sergipe:** O processo de de formação de um campo profissional(1948-1967). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2010. (Dissertação de Mestrado).
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Pedagogia de internar:** uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão/SE (1934-1967) São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado)
- COSTA, David Antônio. **A Aritmética Escolar no Ensino Primário Brasileiro (1890-1946).** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, 2010. (Tese de Doutorado).
- COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração:** as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973) São Cristóvão: Núcleo de Pós – Graduação em Educação/ UFS, 2003. (Dissertação de Mestrado)
- DANTAS, José Ibarê. **História de Sergipe:** República (1889-2000). Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2005.
- DUARTE. Constância Lima, A ficção Didática de Nísia floresta. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 291-324.
- EGITO, Philipe H. Teixeira. A Instrução feminina na capital da Província da Parahyba do Norte. PINHEIRO, Antônio Carlos F; FERRONATO, Cristiano. **Temas sobre a Instrução no Brasil Imperial (1822-1889).** João Pessoa: Editora Universitária, 2008. p. 125-144.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Uma História dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FALEIROS, Vicente de Paula, Infância e processo político no Brasil. In: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009. p. 33-96.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

FIGUEREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**- 2º volume. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1989.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. Os Heróis Nacionais para crianças: Ensino de História e Memória Nacional. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. (orgs). **A Escrita da História Escolar**: Memória e Historiografia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p.107-126.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**- a vontade de saber. São Paulo: Editora Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de La educación y historia cultural: posibilidades, problemas e cuestiones. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: nº 0 Set/Out/Nov/Dez. 1995. p. 63-82.

FRAGO, Antônio Viñao. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. MIGNOT. Ana Chrystina Venâncio. (org.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 15-33.

FRANÇA, Vera L. A.; CRUZ, Maria Tereza S. **Atlas Escolar de Sergipe**: espaço geocultural. João Pessoa: Editora Grafset, 2007.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREITAS, Anamaria G. Bueno de. A História da Educação em Sergipe e as Mulheres Diplomadas. In: VII Semana de História- A historiografia de Maria Thétis Nunes. **Anais da VII Semana de História**. São Cristóvão: DHI/Universidade Federal de Sergipe, 2004.p. 131-142.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2003. (Tese de Doutorado)

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Pesquisando a educação feminina em Sergipe na passagem do século XIX para o século XX. In: **Revista Semestral do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe**. Volume 4. São Cristóvão: UFS/NPGED, jan/jun 2002. p. 45-65.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). (Coleção Educação é História) São Cristóvão, 2003.

GOLDMANN, M. A. **Madre Maria Imaculada de Jesus**. Biografia da Primeira Superiora Geral das Irmãs Franciscanas Missionárias da Imaculada Conceição. Bahia: Mensageiro da Fé, 1951.

GONDRA, José G. “Modificar com brandura e prevenir com cautela”. Racionalidade médica e higienização da infância. In: FREITAS, Marcos César de; KUHLMANN JR, Moysés. **Os intelectuais na História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p.289-318.

GONDRA, José G. Medicina, Higiene e Educação Escolar. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 518-544.

GOODWIN, C. James. **História da Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 2005.p.263-264.

GUIMARÃES, Vicente. **João Bolinha virou gente**. 7ª edição, Belo Horizonte: Lemi S/A, 1981.

HILSDORF, Maria Lúcia. Os Seminários de Educandos de São Paulo. In: MENEZES, Maria Cristina. **Educação, Memória, História**: possibilidades, leituras. Campinas: 2004.p.213-263.

JULIA, Dominique “A cultura escolar como objeto histórico” In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados nº 01, jan/jun. 2001.p.9-43.

LE GOFF, Jacques. História. In: **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.p.525-541.

LIMA, Gláriston dos Santos. **A Cultura Material Escolar**: desvelando a formação da Instrução de Primeiras Letras na Província de Sergipe (1834-1858). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado)

LOPES, Eliane Marta T.; GALVÃO, Ana Maria de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. São Paulo: Editora Record, 2006.

MALTA, Marina Oliveira. **O Ensino Profissionalizante em Sergipe**: contribuição do Instituto Profissional “Coelho e Campos” (1922-1944). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2010. (Mestrado de Dissertação).

MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. (1726-1950). In: FREITAS, Marcos Cezar. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 53 -78.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MELO, Valéria Alves. **As filhas da Imaculada Conceição**: um estudo sobre a educação católica (1915-1970) São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado)

MENEZES, Tobias B. Menores e Loucos. In: **Estudos de Direito II**. Rio de Janeiro: Record; Aracaju: Secretaria da Cultura e do Meio Ambiente, 1991, p. 10 - 98.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Formação do Homem Civilizado. In: **Revista Educar-SE**. Aracaju: ano 1.nº 03. p.37- 51, mar.,1997.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado**: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió:Edições Cataventos, 2004.

NASCIMENTO, José Mateus. Vinde a mim os pequeninos... Práticas Educativas da Diocese de Natal (1945-1955). In: PAIVA, Marlúcia Menezes de. **Igreja Católica e suas práticas culturais**. Liber Livro: Brasília, 2006.p.66-99.

NERY, Marco Arlindo Amorim. **A regeneração da infância pobre sergipana do século XX**: o Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado)

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In:DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.p. 482-509

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ORIÁ, Ricardo. 31 de março de 1964: golpe de 1964. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **Dicionário de Datas da História do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.p.73-76.

PASSETI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p.347-375.

PATRICIO, Solange. **Educando para o trabalho**: a Escola de Aprendizes Artífices em

- PATRICK, Julian. **501 grandes escritores**. Trad. Livia Almeida e Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- PINA, Luís de. Plano para a educação de uma menina portuguesa no século XVIII (no II Centenário da Publicação do Método Ribeiro Sanches) Cale. In: **Revista da Faculdade de Letras do Porto**, vol. I, 1968. p. 09 – 50.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.
- RAIMUNDO, Luciana de Santana. **A educação da mulher no Colégio Nossa Senhora Santana (1848-1898)**. São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2000. (Monografia)
- RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliane M.T; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 269-290.
- RIZZINI, Irene. **O Século Perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma Educação Católica**: Um estudo sobre a Disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha (1947-1968). São Cristóvão: Núcleo de Pós – Graduação em Educação/ UFS, 2008. (Dissertação de Mestrado)
- SANTANA, Josineide Siqueira de. **Em novos tempos de fé...**: aspectos das mudanças da Igreja e religiosidade popular católica em São Cristóvão: SE (1911-1926). São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2000. (Monografia)
- SANTANA, Josineide Siqueira de. Maurício Graccho Cardoso e as realizações Educacionais em Sergipe (1922-1926). In: VII Encontro Cearense de Historiadores da Educação e I Encontro Cearense de Geografia da Educação: Políticas, Tempos e Territórios de Ações Educacionais. **Anais VIII Encontro Cearense de Historiadores da Educação - I Encontro Cearense de Geografia da Educação**. Fortaleza: UFC, 2009. p. 01-10. (cd-rom)
- SANTANA, Josineide Siqueira de. O Orfanato de São Cristóvão e a educação de órfãos em Sergipe: um olhar a partir do Relatório de Atividade de 1941. In: II Seminário Internacional de Educação: A pesquisa em Educação- abordagens e a questão da inclusão social. **Anais do II Seminário Internacional de Educação. São Cristóvão-Sergipe**. Editora da UFS, 2007 v.01. p. 1-7.
- SANTANA, Josineide Siqueira de; SANTOS, José Vasconcelos; BONIFÁCIO, Nadja Santos. Minha Querida Professora: aspectos biográficos da professora Maria Paiva Monteiro. In: III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica- CIPA.(Auto) Biografia: Formação,

territórios e saberes. **Anais do III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica-CIPA.** Natal, 2008.p.01-13 (cd-rom).

SANTIAGO, Serafim. **Anuário Cristovense ou Cidade de São Christóvão [manuscrito].** São Cristóvão: Editora UFS,2009.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O Celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX:** uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes.São Cristóvão: Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS,2006. (Dissertação de Mestrado)

SANTOS, Sandra Maria. **A Trajetória Educacional em Capela:** a experiência das Missionárias da Imaculada Conceição (1929-1954). São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2002. (Monografia)

Sergipe (1911-1930). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Decorar, lembrar e Repetir: o significado de práticas escolares nas escolas brasileiras no final do século XIX. In: SOUSA, Cynthia Pereira de. (org.) **História da Educação:** Processos, práticas e saberes. São Paulo. Escrituras, 2003.p.83-93

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria:** História da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-189.

SOUZA, Rosa Fátima de. Itinerário de Pesquisa sobre Cultura Escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius. **Ideário e Imagem da Educação Escolar.** Campinas: Autores Associados. Araraquara: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. p. 03-28.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa de Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa.**O Legado Educacional do Século XX no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2004. p. 109-161.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres:** a Educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VIDAL, Diana G.; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história:** estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil**: dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores Associados, 2004.

ENTREVISTAS

CRUZ, Joelina da. Entrevista concedida à autora em 08 de setembro de 2006.

GÓES, Maria Madalena Carvalho. Entrevista concedida à autora em 12 de maio de 2006.

MENDONÇA, Maria Teresa Almeida. Entrevista concedida à autora em 14 de outubro de 2008

NASCIMENTO, Eliene Ferreira. Entrevista concedida à autora em 03 de novembro de 2006.

SANTOS, Lourdes Tavares. Entrevista concedida à autora em 24 de abril de 2004.

SANTOS, Maria Efigênia dos Vales. Entrevista concedida à autora em 03 de agosto de 2006.

SANTOS, Marieta. Entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2006.

SANTOS, Vanda dos. Entrevista concedida à autora em 06 de setembro de 2009.

SÃO PEDRO, Maria Aparecida de. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2007.

FONTES

Ata da Assembléia Geral para Prestação de Contas, Eleição e Posse dos Membros Elegíveis da Diretoria do Orfanato da Imaculada Conceição da cidade de São Cristóvão 29 de janeiro de 1967.p.02. Arquivo do Lar da imaculada Conceição.

AZEVÊDO, Irmã Maria Geralda. Relatório das Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição, Relativo ao Exercício de 1959, apresentado na reunião de 10 de janeiro de 1959. s.n.t. p. 01. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil. 24 de fevereiro de 1891.<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao.> acesso em 09 de dezembro de 2010.

BRASIL. Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827. Manda Criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares populosos do Império.<<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br>> acesso em 02 de novembro de 2010.

BRASIL. Decreto nº 17.934-A de 12 de outubro de 1927. Consolida as leis de Assistência e Protecção a menores. <<http://www2camara.gov.br>> acesso em 04 de novembro de 2010.

BRASIL. Decreto nº 19.941 de 30 de abril de 1931. Dispões sobre a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal. <<http://www2.camara.gov.br>> acesso em 12 de dezembro de 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244 de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. <<http://www.scribd.com>> acesso em 01 de novembro de 2010.

BRASIL. Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964. Autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação nacional do Bem –Estar do Menor, a ela incorporando o patrimônio e as atribuições do serviço de Assistência a Menores, e dá outras providências.<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis-> a cesso em 15 de dezembro de 2010.

Estatutos do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade São Cristóvão (1957). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

GONÇALVES, D. José Alberto. A opinião de mais um bispo brasileiro sobre a invasão Methodista norte-americana no Brasil. Jornal “**A Cruzada**”, Aracaju, ano VI, nº 08, fev. 1924.p.2.

Livro de Atas da Sociedade Orphanato de São Cristóvão (1911-1935). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Livro de Crônicas da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus (1922-1958). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Livro de Tombo das Clarissas Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus no Orfanato de São Cristóvão –SE (1923). Arquivo da Província de Santa Cruz da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada conceição da mãe de Deus- Convento Dom Amando em Salvador/BA.

MONTEIRO, Maria Paiva. Ata comemorativa ao dia do Soldado e do Marinheiro. São Cristóvão s.n.t. 25 de agosto de 1948.

MONTEIRO, Maria Paiva. Relato escrito, datilografado e assinado pela professora. São Cristóvão: s.n.t. 24 de novembro de 1993.

MONTEIRO, Maria Paiva. Relatório das Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição da Cidade de São Cristóvão, relativo ao exercício de 1966, apresentado na reunião da

Assembléia Geral em 29 de janeiro de 1967. s.n.t.1967. p. 2. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Necrológio da Irmã Johanna Bodefeld (1889-1959). Arquivo da Província da Santa Cruz da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus – Salvador/BA

Necrológio do Frei Cornélius Neises (1877-1935). Arquivo da Província dos Frades Franciscanos Menores Santo Antônio do Brasil – Recife- Pernambuco.

Necrológio do Frei Elias Essafeld (1882-1941). Arquivo da Província dos Frades Franciscanos Menores Santo Antônio do Brasil – Recife- Pernambuco.

Necrológio do Frei Eusébio Walter (1906-1954). Arquivo da Província dos Frades Menores Santo Antônio do Brasil- Recife/PE.

Necrológio Irmã M. Batista da Silva (1920-1990). Arquivo da Província da Santa Cruz da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus – Salvador/BA

Necrológio Irmã Scholastica Hilmer (1892-1975). Arquivo da Província da Santa Cruz da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus – Salvador/BA

Necrológio Irmã Úrsula Luttig (1895-1984). Arquivo da Província do Imaculado Coração de Maria da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus- Belém/PA.

Nosso Bispo Fundador D. Amando Balhmann In: **No Jardim da Imaculada:** Informativo da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. jun a set. 1952 p. 44 a 57.

O Clero Romano e as Escolas Evangélicas. Jornal “**O Cristão**”, Aracaju, ano II, nº 32, dez.1920.

Planejamento Anual do Orfanato da Imaculada Conceição de São Cristóvão (1964) pp. 01-03. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

Projeto Político Pedagógico das Instituições Educacionais da Província de Santa Cruz das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, 2002. p.01-15

Rotina do Orfanato de São Cristóvão aprovado em 30 de março de 1965 pela Superiora Provincial Madre Emília Rosa de Seixas Barros. Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

SERGIPE. Lei nº 925 de 06 de novembro de 1925. Regulamenta o Orfanato de São Cristóvão. Aracaju: s.n.t. 1925. (Caixa 15 – Arquivo Público de Sergipe - APES).

SERGIPE. Lei nº 931 de 27 de abril de 1926. Concede subvenção ao Orfanato de São Cristóvão. Aracaju: s.n.t. 1926. (Caixa 16 – Arquivo Público Estadual – APES).

SERGIPE. Livro de Inscrição de Meninas do Orfanato de São Cristóvão (1911-140). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

SERGIPE. Livro de Matrícula do Orfanato da Imaculada Conceição (1964-1967). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

SERGIPE. Livro de Matrícula do Orfanato de São Cristóvão (1937-1942). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

SERGIPE. Livro de Matrícula do Orfanato de São Cristóvão (1953-1958). Arquivo do Orfanato do Lar da Imaculada Conceição.

SERGIPE. Livro de Matrícula, Frequência Diária e Aparelhamento Escolar (1953-1959) da Escola do Orfanato da Imaculada Conceição. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição. (Antigo Orfanato de São Cristóvão).

SERGIPE. Livro de Matrícula, Frequência Diária e Aparelhamento Escolar (1948-1949) da Escola do Orfanato da Imaculada Conceição. Arquivo: Lar da Imaculada Conceição. (Antigo Orfanato da São Cristóvão).

SERGIPE. Livro de Ponto Diário da Escola Primária nº 01 da Escola da Imaculada Conceição (1947-1956). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

SERGIPE. Livro de Ponto Diário da Escola Primária nº 01 do Orfanato da Imaculada Conceição (set. 1945 a mai 1947). Arquivo do Lar da Imaculada Conceição.

SERGIPE. Livro de Registro Escolar, Matrícula, Frequência Diária, Resumo do Movimento Mensal, Aproveitamento e Comportamento da Escola da Imaculada Conceição (1962-1964). Arquivo da Escola da Imaculada Conceição.

SERGIPE. Livro Ponto Diário do Lar da Imaculada Conceição. São Cristóvão: s.n.t. 1939 – 1940.

SERGIPE. Livro Ponto Diário do Lar da Imaculada Conceição. São Cristóvão: s.n.t. 1940 - 1943.

SERGIPE. Livro Ponto Diário do Lar da Imaculada Conceição. São Cristóvão: s.n.t. 1945 – 1947.

WALTER, Eusébio. Relatório de Atividades do Orfanato da Imaculada Conceição (Antigo Orfanato de São Cristóvão) s.n.t. 1941.

FONTES ELETRÔNICAS

- <<http://www.cifrantiga3.blogspot.com>> acesso em 04 de março de 2010.
- <<http://mpbnet.com.br>> acesso em 04 de março de 2010.
- <http://www.senado.gov.br/comunica/bertha_lutz> acesso em 01 de abril de 2010
- <<http://www.pt.wikipédia.org>> acesso em 02 de abril de 2010.
- <<http://www.revistaonline.com>> acesso em 02 de abril de 2010.
- <<http://umb.br/ih/his/grfem/labry5/textos/moura.htm>> acesso em 02 de abril de 2010.
- <<http://www.rtp.pt>> acesso em 02 de abril de 2010.
- <<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital>> acesso em 07 de dezembro de 2010.
- <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao.> acesso em 09 de dezembro de 2010.
- <<http://www.catequista.net/catecismo/conteudo>> acesso em 21 de dezembro de 2010.
- <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br>> acesso em 02 de novembro de 2010.
- <<http://www.aracaju.infonet.com>> acesso em 05 de novembro de 2010
- <<http://www2.camara.gov.br>> acesso em 12 de dezembro de 2010.
- <<http://silveriofontes.com.br/biografia.html>> acesso em 14 de dezembro de 2010.
- <<http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler>> acesso em 14 de dezembro de 2010.
- <<http://linux.alfamaweb.com.br/asm/dicionariomedico>> - acesso em 14 de dezembro de 2010.
- <http://letras.com.br/chico_buarque> acesso em 31 de dezembro de 2010.
- <<http://www.niltoncesar.com>>- acesso em 27 de janeiro de 2011.

FONTES DIGITAIS

CHICO BUARQUE. Chico Buarque Perfil. Seleção de Repertório: Sérgio Motta. Rio de Janeiro: Polygram, 1993. Cd. (60'9'')

DJAVAN. Vaidade. Direção de Produção: Djavan. Rio de Janeiro: Luanda Records Brasil, 2004.Cd.(49'9")

GONZAGUINHA. Meus Momentos. Direção Artística: João Augusto. São Paulo: EMI/ODEON, 1983. Cd (45'34").

MARISA MONTE. Universo Particular. Direção de produção: Leonardo Netto. Rio de Janeiro:EMI,2006. Cd (35'42")

MILTON NASCIMENTO. Travessia. Direção de Arte: Gê Alves Pinto. Rio de Janeiro: Polygram, 1998. Cd (55'31")

FONTES ICONOGRÁFICAS

Tela "A Leitura" de Auguste Renoir (1841-1919) pastel sobre papel (gênero impressionista). Obra pintada em 1889.

Tela: "Limpendo Metais" de Armando Vianna, 1923. Óleo sobre tela, 99 x 81 cm, Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora – Minas Gerais. Fonte: CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Perdidas nas molduras: Armando Vianna retrata a mulher negra pós- abolição: limpando metais e pensando na vida. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, nº 55, p.70-79, abr 2010.

Gravura "Primeiras crianças abrigadas no Orfanato de São Cristóvão". BARRETO, Cíntia. **Lar Imaculada Conceição de São Cristóvão completa 90 anos**. Jornal Correio de Sergipe de 06 de fevereiro de 2001. Ano I, nº 0014. Caderno de Cultura. p. C1

Conjunto Urbanístico, Paisagístico e Arquitetônico de São Cristóvão, elevado à categoria de Monumento Estadual e Nacional. Decreto-Lei nº 94, de 22 de junho de 1938. Livro de Tombo nº1-Geral - fl. 2 Fonte: CARVALHO, Ana Conceição Sobral de; ROCHA, Rosina Fonsêca (org.). **Monumentos Sergipanos: Bens protegidos por lei e tombados através de decretos do Governo do Estado**. Aracaju: Sercore, 2007. p.37.

Plano Urbanístico de São Cristóvão/ Setor Central. Fonte: CARVALHO, Ana Conceição Sobral de; ROCHA, Rosina Fonsêca (org.). **Monumentos Sergipanos: Bens protegidos por lei e tombados através de decretos do Governo do Estado**. Aracaju: Sercore, 2007.

Mapa da Procedência das internas do Orfanato de São Cristóvão/SE. Elaborado em 2010 por Patrícia Batista Santos.

PERIÓDICOS

Jornal A Cruzada em 24 de fevereiro de 1924. Ano VI nº 09 p. 03. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Pública Epifâneo Dórea.

ANEXOS

Lista de Anexos

Anexo I – Capa de Livros Didáticos.

Anexo II – Capa de livros de Registro Escolar.

Anexo III – Ata Comemorativa do Dia do Soldado.

Anexo IV – Estatuto do Orfanato de São Cristóvão.

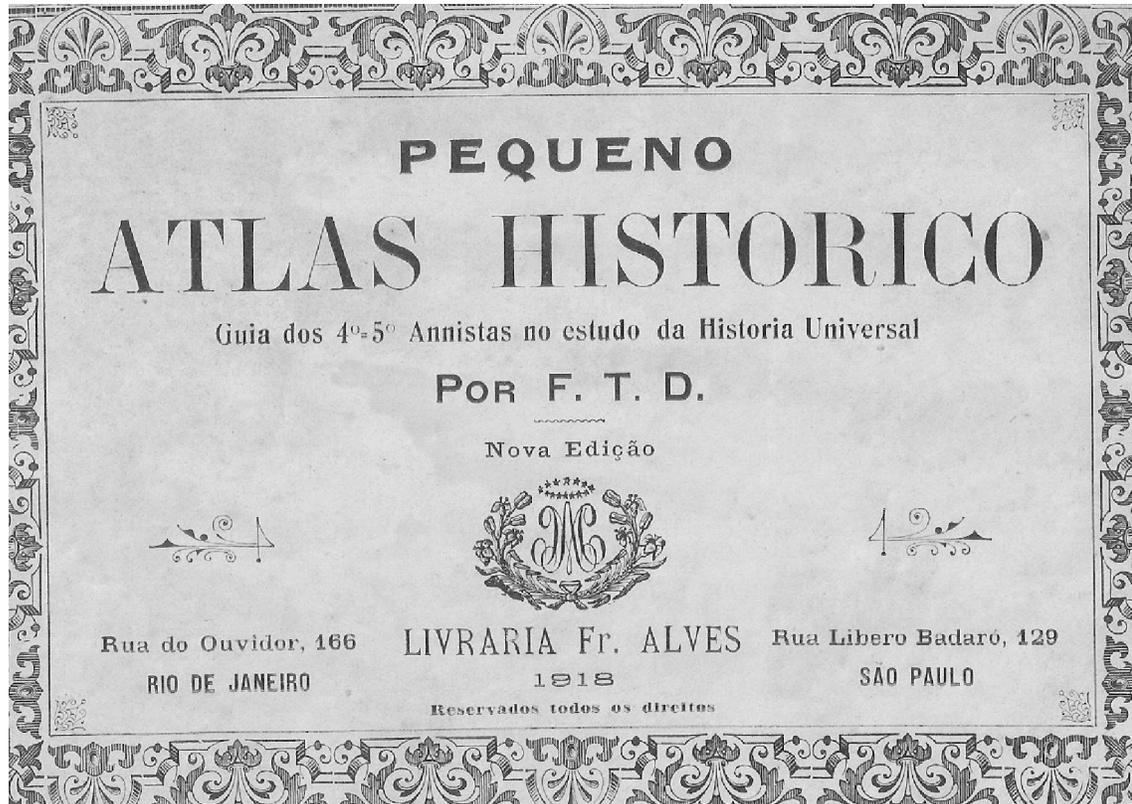
Anexo V – Roteiro de Entrevistas para as ex-internas do Orfanato de São Cristóvão e ex-alunas da Escola da Imaculada Conceição.

Anexo VI – Roteiro de Entrevistas para ex-professoras da Escola da Imaculada Conceição.

Anexo VII – Roteiro de Entrevista para ex-diretoras da Escola da Imaculada Conceição.

Anexo VIII – Calendário do Ano Letivo de 1968 do Orfanato de São Cristóvão.

Anexo IX – Planejamento do Orfanato da Imaculada Conceição para o ano de 1965.



Autuiza o Escriturário *Praymundo Joaquim de Carasão*
a legalizar este livro que se presta para escritu-
ras escolares. Diretoria Geral do Departa-
mento de Educação, Aracajú, 28 de outubro de
1943.

Rob. D. G. G.
Doutor em Direito
Assistente Técnico Geral

TERMO DE ABERTURA

Servirá este livro para Ponto Diário na escola primária
com sede no Campanile da Unacademia Lencineas,
município de *Aracajú* ao qual vai por mim rubricado
com a rubrica *Praymundo Joaquim de Carasão* de que faço uso,
trazendo no fim o termo de encerramento.

Secretaria da Diretoria Geral do Departamento de Educação,
Aracajú, 28 de outubro de 1943.

Praymundo Joaquim de Carasão
ESCRITURÁRIO

Ata da Comemoração do Dia do Soldado e do Marinheiro.

Aos vinte e cinco (25) dias do mês de Agosto de mil novecentos e quarenta e oito (1948), no salão onde funcionam as aulas do 2º, 3º e 4º anos da Escola Orfanato Imaculada Conceição desta cidade, teve lugar a solenidade cívica em homenagem ao Duque de Caxias e ao Almirante Barroso. Cantado o hino à Bandeira, expliquei às alunas o que foi para a Pátria Brasileira o valor de Caxias, pacificador por excelência, lembrando os seus principais feitos, pelo que é considerado Patrono do Exército Brasileiro. Digno de igual admiração, historicamente a bravura do Almirante Barroso, do mesmo modo consagrado Patrono da nossa Marinha. Encerrando a solenidade, erguemos vivas à memória dos dois grandes vultos pátrios e, para terminar, foi cantado o Hino Nacional. Do que, para constar, eu Maria Paiva Monteiro, lauro a presente ata que vai por mim assinada.

São Cristóvão, 25 de Agosto de 1948

Maria Paiva Monteiro

Professor Primário classe D, com exercício na Escola Orfanato Imaculada Conceição.

A Cópia foi enviada à Legião Auxiliadora da Marinha Brasileira, à rua Siqueira Bueno, 1215 S. Paulo.

ESTATUTOS

1957

SÃO CRISTÓVÃO — SERGIPE

LEI Nº 100
DO
ORFANATO DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA CIDADE
DE SÃO CRISTÓVÃO
ESTADO DE SERGIPE

CAPÍTULO I

Da Instituição

Art. 1.º — O Orfanato da Imaculada Conceição, também chamado Orfanato de São Cristóvão, instituição assistencial e educativa, com personalidade jurídica, fundado em 9 de fevereiro de 1911, na cidade de São Cristóvão, onde possui sede e fóro, tem por finalidade abrigar órfãs ou meninas desamparadas, dando-lhes a conveniente educação e instrução.

Art. 2.º — Para atender à finalidade prescrita no antecedente, serão aplicadas as rendas :

- a) — dos juros das apólices da Santa Casa de Misericórdia e as do próprio Orfanato;
- b) — dos auxílios e subvenções que forem concedidos pelos governos: federal, estadual e

- municipal e pelas instituições de assistência social;
- c) — dos donativos de particulares;
 - d) — da contribuição de sócios;
 - e) — da venda de trabalhos confeccionados no Orfanato;
 - f) — de juros de patrimônio ou de quaisquer outras fontes.

CAPÍTULO II

Dos Sócios

Art. 3.º — A sociedade terá número ilimitado de sócios e estes serão de três categorias:

efetivos
benfeitores
beneméritos

Parágrafo 1.º — Só mediante proposta assinada pelo proposto e pelo proponente será o sócio admitido.

Parágrafo 2.º — Para ser considerado sócio efetivo, após a admissão, torna-se preciso concorrer êle com mensalidade nunca inferior a Cr.\$ 20,00.

Parágrafo 3.º — Serão considerados sócios benfeitores os que contribuírem mensalmente com importância igual ou superior a Cr.\$ 50,00 e as Irmãs da Imaculada Conceição pertencentes à Comunidade do próprio Orfanato.

Parágrafo 4.º — Por indicação do Diretor-Presidente e aprovação da Diretoria, serão considerados sócios beneméritos pessoas que fizerem donativos de elevadas somas ou tenham prestado serviços relevantes à Instituição.

Art. 4.º — Somente os sócios efetivos e benfeitores podem votar e ser votados, devendo cumprir estes Estatutos, as deliberações da Assembléa Geral e pagar as mensalidades devidas.

Parágrafo único — Para que o sócio tenha direito a votar e ser votado, é necessário que tenha sido admitido seis meses antes das eleições e esteja quites com sua mensalidade.

CAPÍTULO III

Da Administração

Art. 5.º — O Orfanato terá a assistência direta das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, a quem caberá a responsabilidade de guiar, educar, vigiar e encaminhar as órfãs, tendo uma Diretoria para fim social, composta de um Diretor-Presidente, um Secretário, um Tesoureiro e quatro Vogais.

Art. 6.º — Além da Diretoria, a que se refere o artigo anterior, haverá um Assistente Eclesiástico, a quem compete a assistência moral e religiosa das órfãs.

Art. 7.º — O cargo de Diretor-Presidente cairá, sempre, na pessoa da Superiora do Orfanato e, no seu

impedimento, será substituída, automaticamente, por sua primeira Assistente, designada pela Revda. Madre Geral da Congregação e seu Conselho.

Art. 8.º — Os demais membros da Diretoria serão ocupados por sócios eleitos em Assembléa Geral, de três em três anos, realizada na primeira domingo de janeiro.

Parágrafo único — No caso em que dois ou mais sócios votados para um cargo da Diretoria obtenham igual votação, considera-se eleito o candidato mais idoso.

Art. 9.º — O cargo de Assistente Eclesiástico, nas condições do Art. 6.º, será exercido pelo Revm.º Vigário da Freguezia ou por Sacerdote de livre escolha da Autoridade Diocesana.

Art. 10.º — Compete ao Diretor-Presidente :

- a) — Velar pela observância dos presentes Estatutos, particularmente, no que diz respeito ao amparo e formação das órfãs, a fim de torná-las capazes de viver honestamente, quando deixarem o Orfanato;
- b) — autorizar despêsas, requerer e receber subvenções e auxílios, assinando documentos e correspondências e os poderes da administração, em geral;
- c) — convocar, sempre que julgar necessário, a Diretoria;
- d) — transferir a reunião de Assembléa Geral para outra domingo do mês de janeiro,

— 7 —

quando, por motivo imperioso, não puder realizar-se no tempo determinado;

- e) — Nomear um dos sócios para o cargo de Secretário ou Tesoureiro nas faltas e impedimentos de ambos;
- f) — apresentar, anualmente, na sessão de Assembleia Geral, um Relatório das atividades do ano findo;
- g) — encaminhar relatório e comprovantes de despesas às Entidades que subvencionam o Orfanato;
- h) — admitir as crianças no Internato;
- i) — dispensar, em casos urgentes, os documentos necessários como também os limites da idade requerida para admissão das meninas.

Art. 11.º — Ao Secretário compete :

- a) — lavrar as atas das reuniões;
- b) — fazer a correspondência;
- c) — coleccionar todos os documentos do Orfanato e entregá-los à guarda do Diretor-Presidente;
- d) — substituir o Tesoureiro em suas faltas e impedimentos;
- e) — votar e ser votado para os cargos eletivos.

Art. 12.º — Compete ao Tesoureiro :

- a) — ter em dia a contabilidade e os documentos comprovantes das despesas efetuadas;

- b) — satisfazer as despesas autorizadas pelo Diretor-Presidente;
- c) — apresentar, na reunião de Assembléa Geral, prestação de contas do movimento financeiro do ano social findo;
- d) — substituir o Secretário em suas faltas e impedimentos;
- e) — votar e ser votado para os cargos eletivos.

Art. 13.º — Cabe aos Vogais:

- a) — dar parecer, na prestação de contas apresentada anualmente;
- b) — tomar parte nas decisões da Diretoria;
- c) — votar e ser votados para os cargos eletivos.

Art. 14.º — Ao Assistente Eclesiástico compete:

- a) — orientar os casos de difícil solução, no tocante à disciplina;
- b) — prestar assistência moral e religiosa às órfãs, cooperando com a Diretoria para a formação e o preparo a uma vida laboriosa, independente e honesta das mesmas;
- c) — tomar parte nas reuniões de Assembléa Geral e da Diretoria com direito a votar e a emitir opiniões nas discussões.

Art. 15.º — A Assembléa Geral, órgão deliberativo, reunir-se-á, ordinariamente, na primeira

— 9 —

dominga de cada ano, afim de tomar conhecimento da prestação de contas do ano social.

CAPÍTULO IV

Da Admissão das meninas

Art. 16.º — No Orfanato serão admitidas as meninas (veja Cap. I, Art. I), que não tenham parentes ou pessoas que se encarreguem de sua subsistência e conveniente educação; contando a idade de 5 a 10 anos.

Art. 17.º — Para a admissão de uma menina, deve o responsável requerer ao Diretor-Presidente, juntando os seguintes documentos:

- a) — certidão do registro civil, que prove a candidata ter a idade requerida pelos Estatutos;
- b) — certidão de batismo;
- c) — atestado médico, que prove não sofrer moléstia contagiosa;
- d) — atestado de ter sido vacinada dentro de um ano.

Parágrafo único — Em face destes documentos, o Diretor-Presidente aceitará ou não a candidata, dependendo das possibilidades econômicas do Orfanato, variando, pois, o número de abrigadas com as condições financeiras da Instituição.

Parágrafo 18.º — A menina recolhida, quando tiver completado 18 anos de idade, será entregue ao seu

responsável, que se obrigará a assegurar-lhe um futuro decente.

Parágrafo único — No caso de pessoas da família ou responsável poder manter e educar, convenientemente, a menina, antes mesmo de atingir a idade requerida por este Artigo, poderá o Diretor-Presidente consentir na sua retirada, bastando requerer à mesma Entidade, acompanhado de autorização do Juiz de Menores, com declaração de suas intenções de respeito ao futuro da órfã, documentos que serão levados ao conhecimento da Diretoria, na 1.^a reunião.

Art. 19.^o — A menina que, chegada a idade limite não tiver quem a ampare, poderá continuar no Orfanato, até que lhe seja possível meio de subsistência honesto.

Art. 20.^o — A menina que tiver saído do Orfanato só poderá voltar, a critério do Diretor-Presidente, se queira prestar serviços, sem remuneração.

Art. 21.^o — Se uma menina recolhida não puder continuar no Orfanato por sua conduta incorrigível, prejudicando a disciplina e corrompendo suas companheiras, o Diretor-Presidente entrega-la-á ao responsável ou dará ciência ao Juiz de Menores para as devidas providências, no caso de não ter a órfã quem por ela se responsabilize.

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 22.^o — O Orfanato expedirá um Diploma de Benemérito a toda pessoa, instituição ou autoridade que concorrer direta ou indiretamente para sua subsis-

— 11 —

tência de um modo efetivo, por meio de trabalhos, e donativos consideráveis.

Art. 23.º — No caso de dissolução do Orfanato, por desistência das Religiosas a que está entregue, o prédio em que funciona e que foi doado "INPERPETUO", para este fim, pela Autoridade Diocesana, voltará, com todas as benfeitorias à Entidade doadora, bem como as apólices da Santa Casa de Misericórdia e as existentes e por existir em nome do Orfanato e, ainda, todas as rendas que puderem ser transferidas isto é, subvenções e auxílios e, ainda, a casa onde funciona a Escola, e tudo, enfim que constitua ou venha a constituir renda ou Patrimônio.

Parágrafo único — A Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus se reservará o direito de posse dos móveis e utensílios adquiridos, posteriormente, com o auxílio da Caixa Geral da referida Congregação.

Art. 24.º — Os presentes Estatutos podem ser modificados pela Diretoria em reunião convocada especialmente para este fim pelo Diretor-Presidente. Tais alterações entrarão em vigor após a leitura perante a Assembléia Geral.

Art. 25.º — Os presentes Estatutos do Orfanato da Imaculada Conceição, também chamado Orfanato de São Cristóvão, foram aprovados em reunião da Diretoria realizada no dia 2 de junho de 1957, especialmente convocada para este fim e receberam a aprovação da Autoridade Diocesana e da Superiora Geral da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada

— 12 —

Conceição da Mãe de Deus, na pessoa da Revda. Madre M. Isabel Daniel S.M.I.C., Vigária Geral, devendo entrar em vigor após a sua publicação e leitura perante a Assembléia Geral.

Frei Cirilo Haas oím — Vigário
Madre M. Isabel Daniel, S.M.I.C. — Vigária Geral
Irmã M. Nazária de Morais, S.M.I.C. — Presidente
Irmã M. Geralda Azevedo S.M.I.C. — Diretor-Presidente
Leyda Regis — Tesoureiro
Maria Paiva Monteiro — Secretária
José Valença Freire — Vogal
Erundino Prado Filho — Vogal
Manuel Ferreira Santos — Vogal
José Bispo dos Santos — Vogal

Roteiro de Entrevistas para ex-internas do Orfanato de São Cristóvão e ex-alunas da Escola da Imaculada Conceição.

- 1)Qual o seu nome?
- 2)Atualmente qual a sua idade?
- 3)Como chegou ao Orfanato de São Cristóvão?
- 4)A senhora estudou em outra escola antes de ingressar no Orfanato de São Cristóvão?
- 5)Com que idade começou a freqüentar as aulas?
- 6)Como a senhora se relacionava com suas colegas de classe?
- 7) No período de visitas, alguém de sua família a estimulava a cumprir os deveres da escola?
- 8) Na escola havia formação de grupos ?
- 9)O que acontecia quando alguma aluna cometia atos de transgressão?
- 10)Lembra de alguma professora em especial?
- 11)Como era organizado o se dia no Orfanato? Havia uma rotina a ser cumprida?
- 12)Quais suas aulas preferidas? Por quê?
- 13)Como a senhora se comportava durante as aulas?
- 14)Que tipo de material a senhora levava para a escola?
- 15)Quais os espaços da escola e do Orfanato eram mais freqüentados?
- 16)Como era arrumação do Orfanato?
- 17)Havia festas, que as organizava?
- 18)Quais as outras atividades que eram desenvolvidas no Orfanato?
- 19)Por que a senhora saiu do Orfanato?
- 20)Depois que saiu do Orfanato continuou estudando?
- 21)O que significou para a senhora ser aluna e interna do Orfanato?

Roteiro de Entrevistas para ex-professoras da Escola da Imaculada Conceição.

- 1)Nome?
- 2) Qual a idade da senhora atualmente?
- 3)Por que a senhora decidiu ser professora?
- 4)Como ocorreu seu processo educacional?
- 5)A senhora foi Normalista?
- 6)Como a senhora chegou até a Escola da Imaculada Conceição do Orfanato de São Cristóvão?
- 7) Na sua época quem dirigia a instituição?
- 8)Qual disciplina a senhora lecionava?
- 9)Como eram suas aulas?
- 10)Quais os conteúdos desenvolvidos?
- 11)A disciplina era um ponto crucial no desenvolvimento das atividades da escola e do orfanato?
- 12) Como eram as festividades?
- 13)Quais as outras práticas desenvolvidas pela escola que auxiliavam o desenvolvimento das meninas?
- 14)Existiam castigos para as alunas mal-comportadas?

- 15)A senhora ensinou em todas as turmas?
- 16)Em sua opinião o Orfanato foi importante na educação das meninas órfãs em São Cristóvão?

Roteiro de Entrevistas para ex-diretora da Escola da Imaculada Conceição

- 1)Qual o seu nome?
- 2)Qual sua data de nascimento?
- 3)Fale um pouco sobre seu percurso de vida até chegar à Congregação?
- 4)Com ocorreu sua formação profissional?
- 5) Na infância, quais suas brincadeiras preferidas? Tinha algum sonho em especial?
- 6)Por que a senhora decidiu ser freira?
- 7)Por que escolheu a congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Mãe de Deus?
- 8) Fale um pouco da história da congregação?
- 9)Por qual motivo São Cristóvão foi escolhido para receber o Orfanato?
- 10)Por que a escolha por educar meninas?
- 11)Como eram divididas as tarefas diárias?
- 12)A senhora tinha problemas relacionados a disciplina das meninas.
- 13) Como era a rotina da casa?
- 14) Quais eram os conteúdos básicos que deveriam ser ensinados as alunas?
- 15)Existia fardamento? Pode descrevê-lo?
- 16) Para as alunas indisciplinadas havia algum tipo de punição?
- 17) Que tipos de materiais as alunas levavam para a escola?
- 18) Como era o relacionamento entre alunas e freiras?
- 19) A escola recebia subvenções do governo? Como esses recursos eram distribuídos?
- 20)Como eram as festas escolares?
- 21)Em sua opinião qual o papel do Orfanato de São Cristóvão para a formação educacional de meninas órfãs do município?

OBS: As diretoras entrevistadas são religiosas da referida congregação, sendo que uma permaneceu por 30 anos à frente da instituição e a outra por 7 anos.

Comunidade Comunidade
- DE -
São Cristóvão - Sergipe

C A L E N D Á R I O - ANO DE 1968

- Janeiro: 1º - Ano Bom
24-31 - Retiro anual (Primeira turma)
- Fevereiro: 2 - Festa da Purificação de N. Senhora. Festa da Profissão Simples no convento do Carmo. Participação das Irmãs da Comunidade.
11 - Nossa Senhora de Lourdes.
11-17 - Retiro anual (segunda turma)
- Março: 1º - Matrícula das crianças da nossa Casa.
10 - Abertura das aulas em nossa Escola.
19 - Festa de S. José, Santa Missa celebrada pelas Irmãs da Comunidade.
- Abril: 7 - Semana Santa. Participação dos atos litúrgicos na Igreja Matriz.
14 - Páscoa.
16 - Renovação dos votos da comunidade.
22 - Comemoração antecipada do falecimento da nossa fundadora Madre Maria Imaculada de Jesus. Inauguração da Biblioteca Infantil. Singela festinha com participação dos alunos das Escolas da Cidade.
23 - Passeio à praia de Atalaia. Irmãs, professoras e / crianças da nossa Casa.
- Maiο: 1º - Mês consagrado a Nossa Senhora.
6-10 - Solene novena em nossa Capela.
12 - Dia das Mães. Comemoração festiva.
23 - Ascensão.
31 - Encerramento do mês de Nossa Senhora. Participação das crianças aos atos da Paróquia.
- Junho: 2 - Pentecostes. Onomástico da nossa Madre Provincial.
13 - Festa do SS. Corpo de Deus. Missa solene e procissão na Igreja Matriz. Participação da Comunidade e nossas crianças.
24 - Animada festa junina; quadrilha, etc.
29 - São Pedro. Homenagem à Família Regis.
- Julho: 1º - FÉRIAS.
16 - Festa de Nossa Senhora do Carmo.
- Agosto: 1º - Retorno das nossas crianças para mais um período de labores escolares.

continuação: São Cristóvão - Sergipe

- 15 - Assunção de Nossa Senhora. Missa pela comunidade.
- Setembro: 7 - Independência do Brasil. Comemoração especial.
- 8 - Festa da Padroeira da Paróquia: Nossa Senhora da Vitória. Participação da Missa solene e procissão na Igreja Matriz.
- 14 - Exaltação da Santa Cruz. Dia da nossa Província. Paraliturgia .
- 24 - Onomástico da ex-superiora Geral. Missa festiva.
- Outubro: 4 - Festa de S. Francisco. Participação dos atos litúrgicos na Matriz.
- 12 - Nossa Senhora Aparecida. Padroeira do Brasil.
- 27 - Festa de CRisto Rei. Primeira Comunhão das nossas crianças.
- Novembro: 1^o - Festa de Todos os Santos.
- 2 - Visita ao túmulo das nossas Irmãs falecidas. Finados.
- 14 - Onomástico da Revida. Madre Geral. Comemoração festiva.
- 15 - Proclamação da República. Comemoração com as crianças
- 30 - Encerramento das atividades escolares. FÉRIAS.
- Dezembro: 8 - Festa da Imaculada Conceição, Padroeira da nossa Congregação. Missa solene na Igreja Matriz. Participação da Comunidade.
- 25 - Natal. Comemoração festiva com as crianças que permanecem conosco durante as férias.
- 31 - Encerramento do ano com a Adoração ao SS. Sacramento e Santa Missa, na Matriz.

São Cristóvão, 11 de maio de 1968.

Irmã M. Vitória Gomes
Irmã M. Vitória Gomes - Superiora.

Orfanato da Imaculada Conceição
São Cristóvão - Sergipe

PLANEJAMENTO DO ORFANATO DA IMACULADA CONCEIÇÃO
para o ano de 1965.

- 1ª parte - Aprimoramento da vida religiosa.
- Objetivo geral - Realização do reino de Deus em nós.
- Objetivos específicos -
- a) Intensificação da vida de oração.
 - b) Vivência perfeita dos votos.
 - c) Incrementar a caridade entre os membros da Comunidade.
- Meios:
- Retiros. Conferência mensal. Revisão de vida. Participação em cursos.
- 2ª parte - Atuação apostólica.
- Objetivo geral - Conquistar almas para Deus.
- Objetivos específicos - Atingir -
- a) Crianças internadas.
 - b) Empregados.
 - c) Pobres e necessitados.
 - d) Crianças, famílias e doentes da paróquia.
 - e) Moças do Município e do Interior.
- Meios:
- a) Instrução. Entrevistas. Aulas de formação e doutrina. Jogos. Passeios. Sessões cinematográficas. Festinhas.
 - b) Aulas de formação e catequética.
 - c) Fornecimento de alimentos, roupas e remédios.
 - d) Aulas de religião e formação. Contactos pessoais. Fornecimento de roupa, remédios e alimentos. Promoção de internamento em hospitais, enfermagem.
 - e) Aulas de corte e costura. Bordado à máquina e à mão. Arte plástica.
-